UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRASE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

CARLOS HENRIQUE ALVES VIEIRA

OS ELEMENTOS LÉXICO-GRAMATICAIS DE ATITUDE EM COMENTÁRIOS DE BLOGS PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS

CATALÃO-GO
2016

sistema de bibliotecas ufg

UFG

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **[x] Dissertação** **[ ] Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Nome completo do autor: Carlos Henrique Alves Vieira

Título do trabalho: Os elementos léxico-gramaticais de atitude em comentários de blogs para o ensino de português

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [ ] NÃO[1]

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

CARLOS HENRIQUE A. VIEIRA Data: 14 / 12 / 16

Assinatura do (a) autor (a) [2]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

[2] A assinatura deve ser escaneada.

CARLOS HENRIQUE ALVES VIEIRA

OS ELEMENTOS LÉXICO-GRAMATICAIS DE ATITUDE EM COMENTÁRIOS DE BLOGS PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS

Dissertação apresentada a banca de defesa do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem como pré-requisito para a obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem.

CATALÃO-GO

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Alves Vieira, Carlos Henrique
Os elementos léxico-gramaticais de atitude em comentários de blogs para o ensino de português [manuscrito] / Carlos Henrique Alves Vieira. - 2016.
CCLXXVI, 276 f.: il.

Orientador: Prof. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2016.
Bibliografia. Anexos.
Inclui abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Ensino de Português. 2. Blogs. 3. LSF. 4. Sistema de Avaliatividade. I. Sartin Dutra Parreira Almeida, Fabíola Aparecida, orient. II. Título.

CDU 81

MESTRADO
em Estudos da Linguagem

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

UFG

Ata de Defesa Pública de Dissertação

Defesa: nº 54

Aos seis dias do mês de dezembro de dois mil e dezesseis realizou-se, na sala de Reuniões (sala cento e oito) no Bloco Adminstrativo, a Defesa Pública de Dissertação intitulada "Os elementos léxico-gramaticais de Atitude em comentários de *Blogs* para o ensino de português", de autoria do mestrando Carlos Henrique Alves Vieira. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em Estudos da Linguagem, composta pelas docentes: Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida [Orientadora], professora da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza, professora da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Edna Cristina Muniz da Silva, professora da Universidade de Brasília – UNB. A sessão teve início às quatorze horas, sendo presidida pela Professora Orientadora, que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, a Presidente da sessão passou a palavra ao discente que teve vinte minutos para apresentar seu trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra às componentes da banca que tiveram cada uma, trinta minutos para expor suas questões e observações sobre a dissertação apresentada, tendo o mestrando igual tempo para responder. Após o término da arguição, a Presidente da sessão solicitou que o candidato e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse avaliar a Dissertação. Após a conclusão dos trabalhos, as arguidoras atribuíram o seguinte resultado: Aprovado. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata que vai assinada pelas Senhoras membros da Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos seis dias do mês de dezembro de dois mil e dezesseis.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida – Orientadora Dutra

Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza (UFG/RC)

Profa. Dra. Edna Cristina Muniz da Silva (UNB) Por Vídeo Conferência Dutra

“Sou um pouco de todos que conheci, um pouco dos lugares que fui, um pouco das saudades que deixei e sou muito das coisas que gostei!”

— Antoine de Saint-Exupéry

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado vida, saúde e a capacidade física e intelectual para aqui estar. Sem Ele, nada seria possível.

Aos meus pais, João Alves Vieira (*in memoriam*) e Maria Alice Vieira, que foram essenciais na formação do meu caráter e me ensinaram a lutar, persistir sempre no bom caminho, independentemente dos obstáculos e desafios. A minha força vem deles!

Aos meus seis queridos irmãos e à minha cunhada, que sempre me apoiaram emocionalmente e sei que torcem por mim. Aos meus amáveis sobrinhos. A força que veio de todos foi fundamental, pois, para estar aqui, tive de sacrificar muitas coisas da vida pessoal, inclusive sair de Brasília e me privar da convivência diária com eles.

Aos meus mestres, com os quais formei toda a minha base de cientista da linguagem, que foi fundamental para chegar até aqui. Sem eles, não veria a Linguística com tanta paixão, em especial Dalva Del Vigna e Maria Madalena da Silva de Oliveira (*in memoriam*).

A todos os amigos, que, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu sucesso. Agradeço, especialmente, aos amigos que me apoiaram incondicionalmente em muitos sentidos durante o curso de mestrado em Catalão: Nerilda Mesquita Rezende e André Rezende, os quais agradecer uma vida toda seria pouco, pois foram importantíssimos nessa jornada com todos os seus préstimos e, fundamentalmente, carinho e amizade. Sem palavras! Letícia Rodrigues, pelo empréstimo do computador e pela amizade. Priscila Rodrigues, por tudo e mais um pouco, uma amizade, um presente do destino, uma amiga pra sempre.

À minha orientadora, Fabíola Sartin, por toda confiança, ajuda e incentivo. Mostrou-me que não é fácil, mas também não é impossível. Com ela, aprendi que estar aqui é para poucos, não somente no sentido de conseguir entrar, mas principalmente no de conseguir terminar. Ela foi precisa, elogiou e admoestou na hora certa. Consegui me adaptar ao seu jeito de lidar com as coisas, que, muitas vezes, não entendia. Aos poucos, fui percebendo que ser mestrando é ser forte, sem momentos para murmurar, já que foi uma opção de crescimento profissional/acadêmico e uma escolha dessa proporção tem um preço muito alto, que nem todos encaram.

Aos meus companheiros de mestrado e amigos Marilda Lúcia Miranda e Cléber César da Silva, que quero levar comigo para sempre, pois demonstraram muito carinho por mim, o que em meio acadêmico é raro, além de terem me auxiliado em vários sentidos. Pessoas assim são inesquecíveis!

Ao PPGEL, que me acolheu muito bem e sempre foi de ótima disposição para auxiliar seus discentes. À Patrícia Rocha, que assumiu recentemente a secretaria e tem contribuído com muita boa vontade, na reta final do curso, para nos auxiliar nas questões burocráticas.

Às professoras Maria Helena de Paula e Grenissa Bonvino Stafuzza pelas contribuições acadêmicas, ótima recepção no PPGEL e o incentivo de sempre. À professora Edna Cristina Muniz da Silva pela participação nas bancas de qualificação e defesa e também pelas contribuições para o melhor desenvolvimento deste trabalho. Ao professor Ariel Novodvorski pela ótima recepção como aluno especial em sua disciplina na Universidade Federal de Uberlândia, bem como pelos muitos conhecimentos compartilhados, aprendizados e pelos demais préstimos.

À CAPES pelo auxílio financeiro.

RESUMO

Esta pesquisa de mestrado tem como objetivo a descrição e análise dos recursos léxico-gramaticais de atitude em comentários, a fim de compreender como o público de blogs para o ensino de Língua Portuguesa avalia esse processo de ensino-aprendizagem em seus mais diversos aspectos, sobretudo os que se relacionam diretamente à questão do ensino neles oferecido. Essas avaliações são fundamentais para entender, em linhas gerais, o funcionamento dos blogs educativos não institucionais para o ensino de língua materna, pois somente os participantes podem mensurar a qualidade desse processo, necessariamente por serem o público-alvo desses blogs. Para a realização dessa descrição, foi utilizada fundamentalmente, como base teórica e analítico-descritiva, a Linguística Sistêmico-Funcional, em especial Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004) e O Sistema de Avaliatividade de Martin e White (2005). Foi também essencial o uso dos recursos da Linguística de *Corpus*, mais especificamente do programa computacional WordSmith Tools 6.0 (última versão) para a identificação e contextualização dos elementos léxico-gramaticais de atitude nas mais de vinte e uma mil palavras corridas que formam o *corpus*. O Sistema de Avaliatividade proporcionou a identificação de todos os possíveis tipos de atitude (afeto, julgamento e apreciação) referentes aos aspectos educativos encontrados nos blogs, incluindo o sentimento dos próprios participantes diante desses modernos e inovadores canais de educação linguística. A partir das avaliações realizadas pelo público e do método de análise proposto, foi possível identificar, selecionar e analisar, com margem segura, os dados coletados, que contêm autoavaliações, avaliações sobre outros participantes, blogueiros e a sua capacidade didática para o ensino de português em blogs, conteúdos postados e blogs. Foi possível concluir com esta pesquisa que os blogs para o ensino de português podem ser muito úteis no aprimoramento linguístico dos variados públicos que buscam caminhos alternativos de aprendizado, sobretudo na internet. Este estudo também serve de contribuição para o desenvolvimento de outras pesquisas que tenham como objeto questões relacionadas à intersecção entre educação linguística e tecnologia, à avaliação no discurso e à Linguística Sistêmico-Funcional de modo geral.

Palavras-chave: Ensino de Português. Blogs. LSF. Sistema de Avaliatividade.

ABSTRACT

This master's research aims to describe and analyse the lexical-grammatical features of attitude in comments in order to understand how the public blogs for Portuguese teaching evaluate the process of teaching and learning in its various aspects, especially those that relate directly to the issue of education offered in them. These assessments are fundamental to understand, in general, the operation of non-institutional educational blogs for mother tongue teaching, for only the participants can measure the quality of this process, necessarily to be the target audience of these blogs. To carry out this description, was used primarily, as a theoretical and analytical-descriptive basis, the Systemic Functional Linguistics, particularly Halliday (1994), Halliday and Matthiessen (2004) and the Appraisal System of Martin and White (2005). It was also essential to use the resources of Corpus Linguistics, more specifically the computer program WordSmith Tools 6.0 (latest version) for identification and contextualization of lexicogrammatical elements of attitude in the most twenty one thousand words races that make up the corpus. The Appraisal System provided the identification of all possible types of attitude (affect, judgment and appreciation) for the educational aspects found in blogs, including the feeling of the participants themselves before these modern and innovative channels of language education. From the evaluations carried out by the public and the proposed analysis method, it was possible to identify, select and analyze, with safe margin, the collected data, which contain self-assessments, reviews of other participants, bloggers and their teaching skills for teaching Portuguese blogs, posted content and blogs. It was concluded with this research that blogs for Portuguese teaching can be very useful in the linguistic improvement of varied audiences seeking alternative ways of learning, especially on the Internet. This study also serves as a contribution to the development of other studies that have as their object matters related to the intersection between language education and technology, assessment in speech and Systemic Functional Linguistics in general.

Keywords: Portuguese Teaching. Blogs. SFL. Appraisal System.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: A utilidade do computador na escola. Brasil 29
Tabela 2: a informática na escola 30
Tabela 3: O computador e as boas propostas para a aprendizagem 35
Tabela 5: Estatísticas sobre Blogs no Brasil..... 55
Tabela 6: Relação entre teorias de base e perguntas de pesquisa 97
Tabela 7: Exemplo de transcrição de comentários e categorização dos elementos de atitude . 98

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sistema de Estratos 61
Figura 2: Contexto de Cultura e Contexto de Situação 62
Figura 3: Variáveis do Contexto de Situação 64
Figura 4: O Sistema de Atitude 81
Figura 5: O Julgamento 86
Figura 6: Apreciação 88
Figura 7: Síntese da análise 99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Variáveis do contexto de situação e as metafunções 66
Quadro 2: As circunstâncias 74
Quadro 3: Funções de fala, modos oracionais, propostas e proposições 76
Quadro 4: Sistema de Modo 77
Quadro 5: O sistema de Avaliatividade 79
Quadro 6: Afeto como processo 103
Quadro 7: Afetos de Felicidade/infelicidade nominalizados 106
Quadro 8: Afetos de felicidade expressos pelo processo rir 107
Quadro 9: Afetos de felicidade e infelicidade por atributos 109
Quadro 10: A palavra "certo" como afeto de segurança e insegurança 114
Quadro 11: A palavra correto (a) como afeto de segurança e insegurança 116
Quadro 12: Processo relacionais que sugerem segurança e insegurança 119
Quadro 13: Perífrases verbais realizando afetos de segurança e insegurança 121
Quadro 14: Obrigado e Valeu como afeto de satisfação 125
Quadro 15: Subtipos de Julgamento 126
Quadro 16: Julgamentos referentes aos blogueiros 127
Quadro 17: A palavra parabéns como julgamento de capacidade 129
Quadro 18: Autoavaliações dos participantes 130
Quadro 19: Julgamento sobre outros participantes 131
Quadro 20: Respostas de solidariedade sobre os blogs 135
Quadro 21: Atitude sobre a didática dos blogueiros e conteúdos 137
Quadro 22: Os BENIS e o Contexto de Cultura 142
Quadro 23: Avaliatividade nos BENIS e o Contexto de Situação 143

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentuais de autoavaliações e julgamentos negativos sobre outros participantes 144
Gráfico 2: Total de atitudes positivas e negativas 144
Gráfico 3: Afeto, Julgamento e Apreciação 147
Gráfico 4: Números de apreciação 152

LISTA DE ABREVIATURAS

BEIs- Blogs Educativos Institucionais

BENIs- Blogs Educativos Não Institucionais

EaD- Educação a Distância

GSF-Gramática Sistêmico-Funcional

GT- Gramática Tradicional

LC- Linguística de *Corpus*

LSF- Linguística Sistêmico-Funcional

PB- Português Brasileiro

PE- Português Europeu

SA- Sistema de Avaliatividade

TICs- Tecnologias da Informação e Comunicação

Sumário

INTRODUÇÃO **18**

CAPÍTULO I **21**

A TECNOLOGIA E A EDUCAÇÃO **21**

1.1-A RELAÇÃO DAS TECNOLOGIAS/MÍDIAS COM A EDUCAÇÃO **22**

1.2- A RELAÇÃO TECNOLOGIAS E LÍNGUA/CULTURA **26**

1.3- O COMPUTADOR E A INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO **29**

1.4- O ENSINO NO CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO **31**

1.5- O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS SOBRE AS TICS NO ENSINO? **34**

1.6- BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERNET **40**

1.6.1- A internet e um novo conceito de ensino 42

1.6.2- O ensino de língua materna e a internet 46

1.7- O QUE É UM BLOG? **53**

1.7.1- Blogs: aspectos funcionais e estatísticas de uso 54

1.7.2- O blog como veículo de educação na escola e na web 55

1.8- O ENSINO DE PORTUGUÊS EM *BLOGS* DA WEB **57**

CAPÍTULO II **58**

SOBRE A BASE TEÓRICA **58**

2.1- A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL **59**

2.2- A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL **60**

2.2.1- O CONTEXTO DE CULTURA E O CONTEXTO DE SITUAÇÃO **62**

2.3- AS METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM **65**

2.4- O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE **67**

2.4.1- Os papéis de transitividade na GSF 68

2.5- O SISTEMA DE MODO **75**

2.6- O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE (Appraisal) **77**

2.6.1- O (sub)sistema de atitude 80

CAPÍTULO III 91

SOBRE O MÉTODO 91

3.1- CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA 92

3.2- O *CORPUS* 92

3.3- OS PARTICIPANTES 93

3.4- CRITÉRIOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA 93

3.5-INSTRUMENTO DE ANÁLISE 94

3.6- PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE 95

CAPÍTULO IV 100

SOBRE O PROCESSO DE ANÁLISE 100

4.1- OS BLOGS SELECIONADOS 101

4.2- IDENTIFICANDO OS TIPOS DE ATITUDE NOS COMENTÁRIOS 102

4.2.1- Avaliações por afeto nos BENIs indicando felicidade/infelicidade 102

4.2.2- Afeto como processo indicando felicidade/infelicidade 102

4.2.3- Afetos de felicidade/infelicidade nominalizados 105

4.3-AFETO COMO QUALIDADE INDICANDO FELICIDADE/INFELICIDADE . 108

4.3.1- Avaliações por afeto nos BENIs indicando segurança/insegurança 112

4.3.2-Atributos e outros elementos como afeto de segurança e insegurança 113

4.4- Afetos de segurança e insegurança expressos por processos relacionais 118

4.4.1- Afetos de segurança/insegurança realizados por perífrases verbais 120

4.4.2- Afetos por satisfação/insatisfação 122

4.5- ATITUDES POR JULGAMENTO 125

4.5.1- Julgamentos referentes aos blogueiros 126

4.5.2- Autoavaliações dos participantes 129

4.5.3- Julgamentos sobre outros participantes 130

4.6- ATITUDES POR APRECIAÇÃO 131

4.6.1- Atitudes sobre os blogs 133

4.7- ATITUDES SOBRE A DIDÁTICA DOS BLOGUEIROS E OS CONTEÚDOS APRESENTADOS NOS BLOGS 136

4.7.1- Atitudes sobre a didática do professor virtual (blogueiro) 136

4.7.2- O Sistema de Avaliatividade e os Contextos de Cultura e Situação 141

4.7.3- RESULTADOS E DISCUSSÕES 143

4.7.3.1- Autoavaliações de (in)segurança e julgamentos sobre outros participantes 143

4.7.3.2- Atitudes positivas por afeto, julgamento sobre os blogueiros e apreciação 147

CONSIDERAÇÕES FINAIS 158

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 166

ANEXOS 173

INTRODUÇÃO

O mundo moderno exige que estejamos preparados para o uso dos mais diversos avanços e recursos tecnológicos disponíveis, pois eles são cada vez mais essenciais nas nossas vidas e práticas sociais. Com o passar do tempo e da evolução tecnológica, o homem se viu "obrigado" a dominar novos modelos comunicativos, que estão diretamente associados às práticas sóciodiscursivas exigidas na contemporaneidade. Essa tecnologia difundiu-se por quase todos os setores das sociedades, e é impossível dissociá-la, hoje, de situações cotidianas como o trabalho e a educação, por exemplo.

A relação entre educação e tecnologia teve início com a EaD e foi evoluindo com a chegada dos mais modernos recursos, sobretudo a internet, que disponibilizou um imensurável contingente das mais variadas informações, inclusive as educativas. Dentro desse contexto, encontram-se os blogs educativos não institucionais disponíveis na web, que propõem o ensino informal (extraclasse) de conteúdos escolares de todas as modalidades. O crescimento do número desses blogs chama a atenção, visto que são muito procurados por um público de grande heterogeneidade.

A procura por esses canais se deve basicamente à busca pelo aprimoramento de conhecimentos escolares/acadêmicos, que são imprescindíveis para a ascensão do indivíduo em sua sociedade. É mais do que esperada uma acirrada disputa por melhores condições de trabalho, emprego e melhores salários, o que leva o cidadão, para ter vantagem nessa competição, à necessidade de se profissionalizar ou adquirir conhecimentos, com nível de escolarização cada vez maior. Entretanto, nem sempre é possível dispor de recursos financeiros e tempo para essa aquisição, e o estudante precisa encontrar métodos alternativos de estudo mais acessíveis para a sua formação, que estão cada vez mais disponíveis e em voga, especialmente com o advento da internet e da informática.

Como graduado e especialista no ensino de língua materna, compreendi que o conhecimento é, muitas vezes, construído conjuntamente, tendo o professor, ao contrário do que muito se pensa, como um mediador, como preconiza lei específica da Reforma do Ensino (cf. capítulo I) e o aluno como um questionador do que se ensina na escola. Com a minha prática de ensino de Língua Portuguesa na Rede Pública do Distrito Federal por quatro anos, nos Ensinos Médio e Fundamental, vivenciei todas as dificuldades de ensinar Língua Portuguesa, especialmente a variante padrão, por isso refleti e reflito até hoje sobre caminhos para resolver ou minimizar essa problemática.

A aquisição de conhecimentos linguísticos da própria língua materna sempre foi um problema na escola (cf. capítulo I), não somente pela imposição da norma padrão como "realidade linguística absoluta", mas principalmente pelos métodos insuficientes para ensiná-la, tais como os tradicionais, que ainda prevalecem nos dias de hoje e não favorecem a formação de uma competência linguística global, que precisa incluir necessariamente a formação de uma competência sólida no uso das muitas variáveis textuais.

Em termos de tecnologia e educação, somente o acesso à internet não torna o aprendiz incluído, pois a inclusão digital se baseia em critérios mais amplos devido às necessidades sociais do uso das tecnologias da comunicação, como, por exemplo, os gêneros digitais (cf. MARCUSCHI, 2004) e (cf. SILVA, 2010).

Por isso, considero fundamental nessa prática o incentivo à autonomia educativa do aluno. E hoje a internet oferece muitos recursos para que essa independência seja possível. Os blogs são apontados pelos especialistas em tecnologia e educação como um dos mais interessantes instrumentos para esse fim. No entanto, os teóricos, quase sempre, fazem referência somente aos blogs institucionais, ou seja, aqueles criados pelo próprio professor e pelos alunos para serem utilizados no contexto de sala de aula e fora dela, mas sempre com a mediação do docente da própria instituição.

Nas pesquisas sobre educação e tecnologia, não encontrei trabalhos específicos abordando a questão do ensino de Língua Portuguesa nos blogs não institucionais, fato que me despertou o interesse de compreender como se processa o ensino de língua mãe nesse contexto. Assim, resolvi concentrar minha pesquisa nesse âmbito, o que foi possível a partir dos próprios participantes desses espaços digitais de ensino, ou melhor, da avaliação que eles fazem de questões diretamente envolvidas nessa situação.

A participação e o diálogo entre o público e os blogs são essenciais, assim como nos casos dos blogs institucionais entre o docente e os alunos, pois só essas relações podem mensurar o sucesso e a efetividade desses blogs educativos. Por meio do Sistema de Avaliatividade disponível em Martin e White (2005) e dos demais teóricos, pude procurar por respostas às seguintes questões de investigação que nortearam a pesquisa:

1. O que os participantes dos blogs avaliam?

2. Como avaliam?

3. Como são discutidos os aspectos léxico-gramaticais da Língua Portuguesa nas avaliações feitas?
4. Quais sentimentos referentes ao processo de ensino-aprendizagem de português os participantes têm ao entrarem em contato com os blogs?

5. O que essas avaliações sobre aspectos linguísticos dos blogs revelam em relação à qualidade funcional dos blogs?

6. De acordo com as avaliações dos participantes, como os blogs educativos não institucionais podem contribuir efetivamente para o processo de ensino-aprendizagem de língua materna?

7. Qual a relevância desta pesquisa para o ensino-aprendizagem da língua materna, considerando o contexto dos recursos tecnológicos aliados ao ensino?

Este trabalho está divido em quatro capítulos, a saber: **I) A tecnologia e a Educação**, no qual é contextualizada toda a questão que envolve a relação entre tecnologia e ensino, como também a relevância da informatização no ensino; **II) A Linguística Sistêmico-Funcional**, em que é feita uma resenha da teoria de base, partindo dos conceitos básicos da teoria sobre língua e passando pelos Sistemas de Transitividade, Modo e Avaliatividade; **III) Sobre os Métodos**, nesta seção é descrita a metodologia utilizada para a seleção, identificação e análise dos dados; **IV) Sobre o processo de análise**, capítulo composto pela apresentação, identificação, análise, resultados e discussões sobre os dados extraídos do *corpus*.

CAPÍTULO I

A TECNOLOGIA E A EDUCAÇÃO

1.1-A RELAÇÃO DAS TECNOLOGIAS/MÍDIAS COM A EDUCAÇÃO

Neste capítulo, situarei a educação no contexto das mídias e tecnologias da informação e comunicação, partindo dos primeiros momentos de estabelecimento dessa relação, que foi evoluindo gradativamente com o passar do tempo e com desenvolvimento do homem. O meu foco é contextualizar, neste presente capítulo, o ensino de língua portuguesa em *blogs*, para entender como esse processo efetiva-se. No capítulo reservado à análise do *corpus* em questão, o ensino de língua materna em *blogs* será investigado objetiva e especificamente, com suporte da teoria base e seus recursos analítico-descritivos, para fins de categorização e melhores entendimentos acerca desse contexto educativo.

Nos dias de hoje, é praticamente um consenso entre os principais estudiosos e pesquisadores que as tecnologias da informação/comunicação (doravante TICs) têm crucial importância na vida do homem moderno. Exatamente por isto, segundo Rodrigues (2009), há uma exigência contemporânea de que as práticas educacionais estejam aliadas às tecnologias e aos seus sistemas comunicativos como forma de inovação nas práticas didáticas, oferecendo mais recursos para o processo de ensino- aprendizagem. E também como preparação dos discentes para as muitas práticas sociais que envolvem a tecnologia.

A relação entre tecnologia/mídia e educação não se trata de um acontecimento recente, remonta à década de 1910, tendo maior desenvolvimento (em termos expansão e de tecnologia) entre 1940 e 1970, período no qual se efetivou a formação não presencial no país, antes do uso expansivo da informática. Por isso, Neves (2003) ratifica a ideia de que a Educação a Distância (doravante EaD) é a precursora de todo o processo de ensino-aprendizagem mediado, hoje, pelas TICs, o que será melhor demonstrado mais à frente.

No início da EaD, o uso das mídias disponíveis à época foi a ponte para o encontro de milhares de estudantes com o ensino e a oportunidade de uma formação escolar básica e profissional fora do ambiente escolar.

Rodrigues (2009) enfatiza que, embora tenhamos esta ideia, o uso das TICs na educação não tem uma relação necessária com a expansão da internet, que é utilizada como mais um dos tantos recursos que a antecederam nessa situação específica. Dentre tais recursos, podemos mencionar as revistas/apostilas de conteúdos e exercícios (entregues pelos correios), jornais, o telefone, a TV (telecursos), o rádio, o vídeo.

Alves (2011) esclarece que o jornal foi o primeiro recurso midiático utilizado na educação, pois em 1904 o Jornal do Brasil anunciou a Profissionalização em Datilografia por

correspondência. Em 1923, de acordo com Niskier (1993, p. 40), a EaD no país tem início efetivo com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que transmitia vários programas com fins educativos e de formação, a exemplo de Literatura, Línguas Estrangeiras e Português, Literatura Infantil, Silvicultura, Radiotelegrafia e Telefonia.

Novos modelos de EaD foram utilizados com maior destaque, funcionalidade e formalidade a partir de 1939, pois garantiam educação formal e promoção de nível escolar com grande expansão, seguindo modelos de outras partes do mundo. Um relevante exemplo desse período, como descreve Alves (2011), é a criação do Instituto Monitor, o primeiro a oferecer sistematicamente cursos profissionalizantes a distância e por correspondência. Já em 1941, surge o Instituto Universal Brasileiro, que formou mais de quatro milhões de pessoas em todo o país por correspondência.

Neves (2003) destaca esse processo evolutivo de recursos utilizados na educação, que, pela possibilidade de formação não presencial, foram cada vez mais ganhando relevância na interface ensino-aprendizagem, justamente pelo oferecimento de oportunidades e promoção educacional àqueles que, por alguma razão, não podiam frequentar a escola presencial e regularmente. A autora descreve, sinteticamente, as três fases ou gerações pelas quais a EaD passou, que podem ser compreendidas assim:

- ✓ **Primeira Fase ou Geração**

Aquele na qual se utilizavam materiais impressos para a educação. Apostilas, livros, exercícios e provas, que eram entregues pelos correios, como exemplo o Instituto Universal Brasileiro. O rádio também era nessa época um recurso da EaD. Esse período pode ser compreendido entre os anos de 1904 e 1978.

- ✓ **Segunda Fase ou Geração**

Esta diz respeito à época dos recursos tecnológicos acessíveis em casa, antes do uso efetivo da internet e de outros recursos a ela adjacentes. Esses recursos são a televisão, fitas de áudio e vídeo e o telefone. Como exemplo, temos o Telecurso, criado pela Rede Globo de Televisão em 1978, que, segundo o site g1.com (2000-2015), ainda está em vigência e oferece o programa de educação e formação nos segmentos Médio, Fundamental e Profissionalizante, com provas e certificação oferecidas pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação de alguns estados.

- ✓ **Terceira Fase ou Geração**

A autora destaca que é nesta fase ou geração que nos encontramos. Hoje, dispomos de muitos recursos para uso na EaD, principalmente os provenientes da internet: o e-mail, as conferências e aulas ao vivo via internet, o acesso às salas de aula virtuais e aos seus conteúdos, o uso de *hardwares*, enfim, recursos oriundos da mais alta tecnologia digital, muito à frente do que se tinha em outras fases da EaD.

Como reflete Santos:

> Com as ferramentas da Educação a Distância (EaD), o paradigma da centralização do ensino tradicional, antes visto como a única forma legitimada de saber, passou a ser substituído por um novo modelo, no qual as instituições tradicionais convivem com as atividades geradas pelas Tecnologias Educacionais. A EaD teve seu início nas primeiras décadas do século XX, com os cursos técnicos por correspondência. De forma ainda rudimentar e focando apenas o repasse de conteúdos, esta modalidade de ensino não despertava a interação entre os participantes e tinha o professor como única autoridade na transmissão de conhecimentos, feita através de cartas, e centralizada, quase que exclusivamente, no sistema tradicional de postagem. (SANTOS, 2012, p. 18).

Como se percebe nas palavras da autora, o ensino tradicional da EaD foi modificando-se em gradação, porque os seus métodos e abordagens didáticas já não eram tão interessantes. Assim, o surgimento de novos recursos foi crucial para a sua realização e sobrevivência. Essas mudanças foram refletidas no ensino presencial tradicional, fomentando novas concepções didáticas, especialmente aquelas relacionadas, como destaca a autora, às tecnologias da informação, tais como a computador e a informática.

É importante frisar que, em termos de conteúdo (bases curriculares preconizadas para o ensino), não houve alterações, já que os novos modelos destacados pela autora referem-se necessariamente ao uso de novos suportes para o ensino, que dispõem de recursos tecnológicos e facilitam o ensino-aprendizagem por sua versatilidade e desvinculação, cada vez mais notória, dos métodos tradicionais: livro, etc.

O uso da informática como recurso didático não é também um assunto recente, pois na década de 1970, já se discutia a relevância da informática no ambiente escolar. Rodrigues (2009) diz que, como resultado dessas discussões, já havia um projeto para a tentativa de integração da escola com a informática no início da década de 1980, sendo a Unicamp um dos polos desse projeto, mais precisamente denominado EDUCOM.

Projetos desse tipo nasceram sob influência das universidades, que foram as primeiras instituições de educação a experenciar o uso de computador para o ensino e pesquisas. Segundo Valente (1999, p. 18), no início da década de 1970, o Brasil já realizava uma conferência sobre uso de computadores no ensino de Física, que aconteceu em 1971 na Universidade Federal de São Carlos. No mesmo ano, é a vez da UFRJ sediar o I CONTECE (Conferência Nacional de Tecnologia em Educação Aplicada ao Ensino Superior). A partir desses primeiros eventos sobre informática, as pesquisas, seminários e desenvolvimento de *softwares* foram propagados em muitas universidade brasileiras.

Depois de muitas pesquisas e seminários, que eram realizados em universidades brasileiras de vários estados, o computador já era considerado um promissor recurso para a educação no início dos anos de 1980:

> Existiam no início dos anos 80 diversas iniciativas sobre o uso da Informática na Educação, no Brasil. Esses esforços, aliados aos que se realizavam em outros países e ao interesse do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) na disseminação da Informática na sociedade, despertaram o interesse do governo e de pesquisadores das universidades na adoção de programas educacionais baseados no uso da Informática. Essa implantação teve início com o primeiro e o segundo Seminário Nacional de Informática em Educação, realizados, respectivamente, na Universidade de Brasília (UNB) em 1981 e na Universidade Federal da Bahia em 1982 (Seminário Nacional de Informática na Educação 1 e 2, 1982) (VALENTE, ibid., p. 19).

O autor também esclarece que o EDUCOM, citado acima, foi um dos projetos resultantes do Seminário Nacional de Informática na Educação e possibilitou a formação de pesquisados das universidades e de profissionais das escolas públicas. Estas, em parceria com o MEC, promoveram várias ações destinadas ao incentivo da implantação da informática na educação do Brasil, tais como: concursos nacionais de *softwares* educacionais (1986, 1897, 1988); implementação do FORMAR- Curso de Especialização em Informática na Educação (1987 e 1989); e a instituição dos CIEds[1] nos estados a partir de 1987. Por fim, em 1989, criou-se o Proninfe[2] na Secretaria Geral do MEC, expandindo o FORMAR para estados como GO e SE, além de levar os Centros de Informática Educativa para as Escolas Técnicas Federais.

Valente (1999, p. 21) ainda argumenta que o maior desafio de todas essas ações acima descritas era a mudança no conceito educacional, passando da educação centrada no professor

[1] Centro de Informática em Educação.
[2] Plano Nacional de Informática Educativa.

e no ensino para aquela em que o aluno pudesse desenvolver outras habilidades e efetivamente aprender com esse novo recurso tecnológico. O computador já era, à época, a promessa de uma grande revolução tecnológica, que mudaria em definitivo a vida do homem em variados aspectos, nos quais a cultura de um modo geral e a educação certamente estavam inclusas, pelo que foi descrito acima de acordo com o pesquisador.

1.2- A RELAÇÃO TECNOLOGIAS E LÍNGUA/CULTURA

Já inicio este assunto com uma pergunta: é possível dissociar as tecnologias da informação/comunicação da cultura ou de elementos culturais como a língua? A intenção aqui é exatamente responder a esta questão, que serve como norte para o desenvolvimento dessa discussão.

Muito se tem falado sobre as tecnologias e todas as alterações que causaram na vida das sociedades, das evoluções trazidas por elas, que imprimiram um novo ritmo nas relações sociais como um todo. Todavia, vale lembrar que há muitas questões subjacentes a esse evento de revolução tecnológica. Consoante Ribeiro (2005), é mais do que certo que as tecnologias não surgiram “do nada” ou são neutras, isto quer dizer que foram criadas por alguém e com algum propósito. Esta é a premissa.

Como diz Silva (2010), o desenvolvimento tecnológico surgiu conjuntamente com o das ciências e a revolução industrial do final do século XIX e a ideia de progresso humano foi propagada pela corrente filosófica positivista. Tal fato denota que essa ideia não era mera ilusão do positivismo e sim projeções do que estava por vir no tocante ao surgimento de novas tecnologias, consequentemente de suas muitas implicações na vida do homem em sociedade. A revolução industrial, por exemplo, teve profundos impactos na vida social à época que persistem até hoje, pois o homem deu lugar às máquinas, tornando-se um operário, uma nova classe social, que suscitou muitas discussões posteriores acerca dos efeitos positivos e negativos da industrialização e da tecnologia na sociedade.

Considerando essas informações, projeta-se uma questão central sobre a abordagem: o desenvolvimento tecnológico e científico absolutamente inter-relaciona-se com a vida social. Passando do final do Século XIX para o início do XXI, fica a interrogativa: como isso está hoje? Muitos teóricos no assunto são quase unânimes em opinião sobre essa relação entre

tecnologia e sociedade, que necessariamente envolve fatores culturais e todas as suas adjacências, em especial as linguísticas.

Lyons (2009, p. 224) define cultura como "todo o conhecimento adquirido socialmente" (uma definição antropológica do termo) e faz uma absoluta relação da cultura com a língua ao dizer que esta é necessariamente estabelecida por aquela. Com feito, evidencia-se que outros tipos de conhecimentos também são produzidos, diga-se assim, culturalmente, pois são estabelecidos como hábitos, crenças, usos e costumes convencionados em sociedade e que nela se manifestam. Assim, as novas tecnologias da informação são conhecimentos e, portanto, produzidas social e culturalmente e, hoje, dominam o processo interativo entre os homens e suas sociedades:

> O computador mudou a natureza da nossa vida linguística. Nos primeiros anos e idade, tudo o que podíamos fazer era ouvir e falar. Por volta dos cinco anos, aprendíamos a ler e escrever. E era assim. Com o tempo vieram os computadores e os telefones celulares. Agora, milhões e milhões de pessoas usam teclados maiores e menores para se comunicar eletronicamente com todo o mundo. Até as crianças mais novinhas. Conheço o caso de várias, com três anos de idade, que conseguem encontrar as letras de seu nome num teclado e enviá-las para a tela do computador. Ainda não sabem escrever, mas já sabem digitar (CRYSTAL, 2012, p. 195).

Não obstante, a língua sobrepõe-se aos demais conhecimentos culturais por ser "forma de pensamento", pois, como problematiza Mexias-Simon (2012), a língua não é uma finalidade em si mesma, mas um meio ou um recurso de comunicação pertencente ao homem como materialidade da expressão, além de acompanhar cada fato social, caracterizando-o por seu sistema de codificação.

Culioli (1997) corrobora com essa concepção de língua ao dizer que a linguagem verbal é um modo de pensamento, um sistema de representação entre os outros sistemas de representações e funciona com propósitos comunicativos, visto que é estável interindividualmente. Isto significa, em outras palavras, que a língua tem como função a estabilidade do processo interativo entre os homens, a troca de informações e conhecimentos, que inclui o aspecto cultural e a sua transmissão/difusão.

Com a globalização e o desenvolvimento tecnológico, as culturas particulares naturalmente foram difundidas pelos meios mais diversos de comunicação. Com efeito, a tecnologia dos países desenvolvidos difundiu-se globalmente não somente como um fator de

progresso humano, mas principal e fundamentalmente como um processo cultural que se estabilizaria na humanidade como um todo.

Sobre a relação entre tecnologia, sociedade e cultura nos dias de hoje, Lévy (1999) fala em uma "comunidade virtual", que designa grupos de pessoas correspondendo mutuamente por meio de computadores interconectados a uma rede mundial, a internet. É nesta que a comunicação se processa mais velozmente no novo mundo da comunicação, de acordo com o autor.

Todo esse esquema envolve múltiplas questões (sociais, econômicas, culturais, linguísticas, antropológicas, políticas, etc.), pois revolucionou definitivamente a vida das civilizações, favorecendo as relações do homem e suas trocas sociais no seu papel de comunicar-se. Para Lévy (1999), a tendência é que sejamos hoje membros de um produto cultural maior, global, que se sobrepõe às divisões culturais relacionadas a nacionalidades, raça, sexo, etc., e ele é produto definitivo da tecnologia, em especial da internet:

> Como uso diversas vezes os termos "ciberespaço" e "cibercultura", parece-me adequado defini-los brevemente aqui. O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 15-16).

Para o autor, essa nova "tendência cultura de todos" é baseada em diferentes conceitos e práticas sociais que envolvem novos pensamentos e valores, novos modelos de informação e comunicação, chamada por ele de cibercultura. Esta se efetiva, em termos práticos, na e pela internet, que seria o outro conceito, o ciberespaço. Assim, tem-se a noção de que os dois conceitos estão inerentemente associados.

A questão linguística está evidentemente associada a esse contexto, pois é impossível imaginar a criação e a difusão tecnológica sem o pensamento, que é estruturado na e pela linguagem. Além disso, a própria tecnologia é baseada em códigos e semioses, que, por sua vez, são reflexos de um sistema semiótico maior, a linguagem verbal. Isso é bem verdade se se considera que, por exemplo, a internet é constituída por textos verbais e outras formas de significação: desenhos, imagens, sons, etc., muitas vezes, com uma associação dessas múltiplas semioses.

Estamos diante de constantes e novas práticas linguísticas (escrita e leitura) como bem destaca Lévy na citação acima, uma vez que a comunicação está no cerne dos propósitos tecnológicos e da internet. Como resume Vilaça e Araújo (2012): "a internet transformou-se em lócus de diversas práticas sociais, praticas estas mediadas essencialmente pelo discurso". O discurso, nesse caso, sempre associado aos múltiplos gêneros e semioses virtuais.

1.3- O COMPUTADOR E A INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

Como este trabalho tem como objeto maior de estudo o ensino de Língua Portuguesa em *blogs*, faz-se necessário deslindar a relação entre a informática/computador e a educação.

A partir de determinado momento, o recurso tecnológico mais promissor, estudado e desejado para a prática pedagógica era informática, o computador, como visto na seção anterior. De acordo com a transcrição de Valente (1999, p. 42), a informática tem na escola duplo papel. O primeiro refere-se à comunicação da escola com pesquisadores e membros externos do sistema educacional, isto é, estar "informatizada" de modo geral. O segundo trata da prática pedagógica em si, funcionando como suporte e recurso tecnológico para o evento educativo, a formação e o desenvolvimento das habilidades que são fundamentais na sociedade do conhecimento[3].

Os PCNs (1998a) destacam em lista todas as habilidades que podem ser desenvolvidas pelo aluno com uso da informática na escola. Farei agora uma adaptação dessa lista em tabelas, a fim de facilitar a compreensão dos benefícios da informatização na escola.

Tabela 1: A utilidade do computador na escola. Brasil (1998, p. 174)

1) Construir objetos virtuais, ou seja, construir imagens, plantas de casas, cidades hipotéticas etc., que existem potencialmente na tela do computador;
2) Modelar fenômenos, planejando e realizando experiências químicas e físicas, por meio da simulação de situações, que se modificam em função de diferentes variáveis;
3) realizar cálculos complexos com rapidez e eficiência, utilizando-se planilhas de cálculo;

[3] Sociedade do conhecimento é uma terminologia empregada para categorizar a relação do homem contemporâneo com os novos modelos comunicativos, os quais possibilitam, principalmente por meio da internet, um leque incomensurável de conhecimentos, que são compartilhados simultaneamente, situação nunca vista em outros tempos (PEREIRA E SILVA, 2010).

4) editar textos de jornais, revistas, livros, utilizando recursos sofisticados de construção, diagramação e editoração eletrônica.

Brasil (1998, p. 174)

Tabela 2: a informática na escola

1) Favorece a interação com uma grande quantidade de informações, que se apresentam de maneira atrativa, por suas diferentes notações simbólicas (gráficas, linguísticas, sonoras etc.). As informações são apresentadas em textos informativos, mapas, fotografias, imagens, gráficos, tabelas, utilizando cores, símbolos, diagramação e efeitos sonoros diversos;
2) Pode ser utilizado como fonte de informações. Existem inúmeros softwares que oferecem informações sobre assuntos em todas as áreas de conhecimento. Além disso, é possível utilizar a Internet como uma grande biblioteca sobre todos os assuntos. Algumas pessoas descrevem a Internet como um tipo de repositório universal do conhecimento;
3) Possibilita a problematização de situações por meio de programas que permitem observar regularidades, criar soluções, estabelecer relações, pensar a partir de hipóteses, entre outras funções;
4) Favorece a aprendizagem cooperativa, pois permite a interação e a colaboração entre alunos (da classe, de outras escolas ou com outras pessoas) no processo de construção de conhecimentos, em virtude da possibilidade de compartilhar dados pesquisados, hipóteses conceituais, explicações formuladas, textos produzidos, publicação de jornais, livros, revistas produzidos pelos alunos, utilizando um mesmo programa ou via rede (BBS, Internet ou correio eletrônico);
5) Favorece aprendizagem ativa controlada pelo próprio aluno, já que permite representar ideias, comparar resultados, refletir sobre sua ação e tomar decisões, depurando o processo de construção de conhecimentos;
6) Desenvolve processos metacognitivos, na medida em que o instrumento permite pensar sobre os conteúdos representados e as suas formas de representação, levando o aluno a “pensar sobre o pensar”;
7) Motiva os alunos a utilizarem procedimentos de pesquisa de dados — consulta em várias fontes, seleção, comparação, organização e registro de informações — que manualmente requerem muito mais tempo e dedicação; e também a socializarem informações e conhecimentos, uma vez que as produções dos alunos apresentam-se de forma legível e com boa aparência (a qualidade da apresentação convida à leitura);
8) Oferece recursos rápidos e eficientes para realizar cálculos complexos, transformar dados, consultar, armazenar e transcrever informações, o que permite dedicar mais tempo a atividades de interpretação e elaboração de conclusões;

9) Permite simular reações químicas e físicas, operações matemáticas etc. O computador simula situações artificiais que reproduzem as características mais relevantes de uma situação, para focalizar nas relações causais básicas — diferentes combinações que geram consequências também diversas. O aluno pode fazer inúmeras tentativas, variando as condições. Permite uma atividade que coloca o aluno diante do computador como um manipulador de situações que imitam ou se aproximam de um sistema real ou imaginário. Não substituem o trabalho de laboratório, mas podem ser complementos importantes, para visualizar fenômenos do mundo microscópico e dos que envolvem grandes dimensões, como, por exemplo, o sistema solar;
10) Por meio da linguagem de programação, o aluno pode refletir sobre o resultado de suas ações e aprender criando novas soluções. É o aluno que passa informações ao computador, e, para isso, ele deve utilizar conteúdos e estratégias para programar o que o computador deve executar. Na construção de um programa é possível ao aluno propor e coordenar uma variedade de conteúdos e formas lógicas (o grau de complexidade varia em função do domínio do usuário), propor questões, formular problemas, definir objetivos, antecipar possíveis respostas, levantar hipóteses, buscar informações, desenhar experimentos, testar pertinência e validar respostas obtidas;
11) Permite realizar situações concretas, pela aplicação de conceitos da mecânica, eletrônica, robótica etc., utilizando linguagens de programação e interfaces de comunicação;
12) Oferece recursos que permitem a construção de objetos virtuais, imagens digitalizadas, e que favorecem a leitura e construção de representações espaciais;
13) Permite múltiplas revisões e correções, entre a primeira versão e a última, devido à facilidade para modificar o texto, o gráfico ou o desenho: inserir mais informações, alterar partes, mudar a sequência de apresentação das informações etc.;
14) Torna possível a publicação de jornais, livros, revistas, folhetos, mantendo as características de uso social, por meio de softwares que permitem a editoração eletrônica.

Brasil (1998a, p. 147-149)

Foi, como destacado acima, a partir da EaD que a educação ganhou novas concepções didático-metodológicas, suscitando a implementação de novos modelos, bem diferentes do que ainda se encontra tradicionalmente nas escolas, devido a variados fatores, que serão discutidos na sequência. O uso das TICs, em especial do computador, mostra-se totalmente relevante nesse processo, pois, como ver-se-á na próxima seção, a educação seguramente acompanha a evolução humana, principalmente se se considera que ela é "um produto" do homem, assim como os avanços tecnológicos.

1.4- O ENSINO NO CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO

As tecnologias da informação/comunicação oferecidas nos dias de hoje facilitaram a aquisição de informações e conhecimentos de modo incontestável, pois se as imaginássemos, por exemplo, até mesmo na década de 1980, seria uma realidade inconcebível. A velocidade das informações permite ao homem muita praticidade na realização das atividades pertencentes à sua vida social.

Para Pereira e Silva (2010), esse veloz processamento de informações caracteriza a sociedade contemporânea como a "Sociedade da Informação e do Conhecimento". As TICs ocasionaram profundos impactos na vida do homem moderno, modificando as suas relações sociais, políticas, econômicas e proporcionando um alto estágio de desenvolvimento nessas atividades, oriundo dos sistemas comunicativos modernos. Como resultado disso, o homem, na sociedade pós-moderna, passou a necessitar cada vez mais desses sistemas em quase todos os setores do seu cotidiano para melhor desenvolver as suas relações sociais e atividades nelas envolvidas:

> As TICs compõem um fator preponderante para o desenvolvimento. São modelos desse crescimento a Europa Ocidental, os EUA e o Japão. As TICs apresentam também influência na vida social. A sociedade estabelece contato, direta ou indiretamente, com novas tecnologias quando, por exemplo, assistimos à televisão ou utilizamos serviços bancários on-line etc. Outro ponto de destaque das TICs está relacionado ao processo de ensino. As Tecnologias têm possibilitado a utilização das ferramentas de comunicação no segmento educacional permitindo o início e a ascensão da Educação a Distância (EaD) (PEREIRA E SILVA, 2010, p. 155).

Encontram-se na citação pontos que permitem reiterar a concepção dos autores sobre a importância das TICs para o desenvolvimento humano, já que elas estão envolvidas nas mais diversas atividades sociais e até pessoais, facilitando a vida direta ou indiretamente: assistir TV, utilização/solicitação de bens e serviços e também na educação. Sobre esta última, várias pesquisas apontam para a sua relação cada dia mais estreita com as TICs, uma vez que a aquisição de conhecimentos e informações educacionais, a partir delas, nunca mais foi a mesma, especialmente pela inserção de novas ferramentas de comunicação no processo de ensino-aprendizagem, como destacam os autores.

A EaD é destacada na citação acima, mas o uso das TICs no âmbito educativo não se restringe somente a ela. Os computadores, as mídias sociais e toda a tecnologia digital disponível são recursos muito em voga na escola, na formação presencial, e também recomendada por especialistas em educação.

Como argumenta Benakouche (2007), tanto a capacitação dos docentes para lidarem com essa nova realidade sociotécnica contemporânea quanto a inserção da tecnologia como recurso didático-pedagógico são essências para o processo de educação atual. Para a autora, não se trata apenas de uma renovação pedagógica em si, mas de uma inserção sociocultural e socioeducativa do discente no mundo globalizado, visto que as relações sociais do homem são hoje extremamente baseadas na tecnologia, incluindo as de trabalho e de promoção sua promoção.

Embora a introdução de tecnologia na educação seja um fator prognosticamente positivo para a vida no geral e para o processo de ensino-aprendizagem, alguns especialistas apontam a necessidade do uso cauteloso desses recursos, principalmente quando se fala em questões ligadas a "possíveis comercializações da educação", realizadas por meio de recursos tecnológicos, como no caso dos crescentes números de instituições de EaD.

Blikstein e Zuffo (2003) acreditam que os recursos tecnológicos de comunicação podem ser utilizados para o oferecimento de uma formação profissional sem qualidade, que visa somente o faturamento de certas instituições de ensino, exatamente pela facilidade de abertura de cursos de EaD, principalmente por causa das TICs. No entanto, Rodrigues (ibid., p. 5) refuta este pressuposto quando diz que, muito antes das instituições de EaD, o conhecimento científico e tecnológico já era comercializado em algumas áreas das universidades.

Já na situação do uso das TICs na escola ou como fonte de pesquisa e estudo recomendados pelos professores, Vilaça e Araújo (2012) ressaltam que o uso das tecnologias deve ser empregado com cautela e consciência, que deve ter aval e a recomendação do docente. É preciso que o professor tenha um controle e conhecimento do que recomenda aos seus alunos em termos de estudos e pesquisas na internet ou mesmo para implementar o uso das TICs dentro do espaço escolar, como explica Freitas (2009).

Embora o uso das tecnologias no processo educativo tenha algumas ressalvas, os próprios autores também reconhecem a validade e a pertinência das TICs para a educação no mundo globalizado. Vilaça e Araújo (ibidem), por exemplo, defendem o seu uso integrado ao ensino, porquanto dizem que hoje são fundamentais ao ingresso do homem no mundo do desenvolvimento sociotecnológico do capitalismo e da cibercultura[4]. Blikstein e Zuffo (2003) também destacam os muitos benefícios das tecnologias da informação ao afirmarem que a

[4] O termo é definido, de acordo com Lévy (1999), como "a era da cultura digital", isto é, o momento da humanidade em que a maior parte das atividades socioculturais, socioeducativas e socioeconômicas são realizadas por meio da internet. Será retomado mais adiante.

internet elimina as distâncias geográficas entre as pessoas, descentraliza os conhecimentos, etc.

1.5- O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS SOBRE AS TICS NO ENSINO?

As TICs são no ensino, além de uma necessidade, uma revolução didático-metodológica como apontam a maioria das fontes. Embora sofram algumas críticas negativas, os benefícios proporcionados pelo seu uso são motivo de se repensar as práticas educativas em nossa sociedade, suscitando mudanças que nelas devem ser programadas e efetivadas. O uso das tecnologias tem seguramente prioridade nesse esquema.

Os PCNs (1998a) fazem recomendações ao uso das tecnologias na escola, já que as consideram essenciais para dar ao ensino um novo horizonte, que, fundamentalmente, esteja atrelado os novos modelos comunicativos e que permita ao educando conhecê-los:

> Os meios eletrônicos de comunicação oferecem amplas possibilidades para ficarem restritos apenas à transmissão e memorização de informações. Permitem a interação com diferentes formas de representação simbólica — gráficos, textos, notas musicais, movimentos, ícones, imagens —, e podem ser importantes fontes de informação, da mesma forma que textos, livros, revistas, jornais da mídia impressa. Entrevistas, debates, documentários, filmes, novelas, músicas, noticiários, *softwares*, *CD-ROM*, *BBS* e Internet são apenas alguns exemplos de formatos diferentes de comunicação e informação possíveis utilizando-se esses meios. Na escola, podem ser usados para obter, comparar e analisar informações, de diferentes naturezas, sobre períodos da História, fenômenos naturais, acontecimentos mundiais, usos da linguagem oral e escrita etc., por meio de uma apropriação ativa da informação, que gere novos conhecimentos (BRASIL, 1998a, p. 141).

Esta citação é apenas um reflexo de como os PNCs vislumbram a pertinência do uso das TICs nas escolas e na formação dos estudantes da educação básica, como também de outras modalidades, pois argumentam que além das informações trazidas pelas tecnologias da comunicação, há muitos ganhos em diversas especificidades, que produzem múltiplos conhecimentos ligados às experiências humanas, especialmente as de cognição e da atuação do homem sobre o seu meio e sobre si mesmo.

De acordo com a tabela abaixo, tem-se uma noção de como a escola pode trabalhar com a informática para um processo efetivo de aprendizagem mediado pelo computador.

Tabela 3: O computador e as boas propostas para a aprendizagem

1) Na elaboração de uma proposta de trabalho com o meio informático, é interessante incluir a realização de um levantamento sobre os alunos e professores que já têm familiaridade com computadores. Tanto para os professores como para os alunos que não estão familiarizados com a utilização de computadores, é importante prever um tempo para exploração do *software*, site ou *CD-ROM*, antes de iniciar o trabalho propriamente dito;
2) Oferecer roteiros de trabalho, quando o número de alunos é muito grande, pode ser um bom encaminhamento para garantir que todos recebam as instruções básicas para utilizar a máquina e para saber o que será realizado durante a aula;
3) Embora o computador pessoal seja feito para um usuário de cada vez, é possível formar parcerias de trabalho (duplas ou trios), que servirão também para promover a troca de informações sobre o tema de estudo e de procedimentos para utilizar a máquina. Basta estabelecer algumas regras para o trabalho, como o revezamento e a divisão de tarefas.
4) A socialização das produções dos alunos também é um procedimento interessante para que os outros colegas possam conhecer e comparar procedimentos utilizados pelos outros, trocar experiências e ideias. Pode-se propor que todos os alunos circulem nas outras máquinas explorando o que os colegas realizaram, ou propor a troca entre dois ou três colegas ou grupos de trabalho. Também é possível socializar as produções por meio de disquetes[5], pela rede de computadores ou por material impresso;
5) O computador permite que cada aluno, ou grupo, conduza o processo de aprendizagem, pois o próprio aluno, ou grupo, pode tomar decisões em função das respostas que o computador dá para suas ações. O professor orienta e articula os diferentes processos de elaboração e construção, dando sugestões, resolvendo dúvidas, propondo novos problemas;
6) Gravar o trabalho realizado (salvar ou fazer backup) permite retomar posteriormente o que foi feito, e também ajuda o professor a avaliar e acompanhar o processo de cada aluno, ou grupo de trabalho. É possível criar diretórios para cada turma de alunos, e subdiretórios para cada aluno na memória do computador.
7) A utilização dos computadores também permite que os alunos tenham outros interlocutores para suas produções, por meio de *BBS* ou Internet, em várias formas de comunicação — correio eletrônico, salas de bate-papo (chat), grupos de alunos que discutem determinados assuntos etc. Na própria escola também é possível socializar as produções, deixando-as disponíveis para outros alunos conhecerem;
8) Para que o professor possa propor boas situações de aprendizagem utilizando os computadores, é fundamental conhecer o *software* que pretende utilizar para problematizar conteúdos curriculares; por isso, cada *software* deve ser explorado pelos professores, com o objetivo de identificar as possibilidades de trabalho pedagógico. Atualmente existem vários tipos de softwares, mas vale lembrar que constantemente estão surgindo novos ou novas versões dos já existentes, que oferecem recursos mais sofisticados e outras possibilidades de trabalho e de comunicação;

[5] O termo disquete usado no texto de 1998 refere-se a um disco removível para o armazenamento de arquivos e informações. Hoje, encontra-se em desuso devido principalmente ao surgimento de novos modelos de mídia de armazenamento, como os cartões de memória e os Pen Drives.

9) A qualidade de interação com as informações varia em função do tipo de programa. Utilizar um só tipo pode ser entediante e pouco desafiador. Além disso, cada *software* pode ter distintas utilizações no processo de ensino e aprendizagem. É importante refletir sobre as possibilidades de cada *software*, em relação aos diferentes momentos de aprendizagem, pois quanto mais conhecimento o aluno tiver sobre o programa e sobre o conteúdo de aprendizagem, mais ele poderá explorar os recursos do *software*;
10) A utilização de um *software* não é, por si só, condição suficiente para garantir a aprendizagem dos conteúdos escolares. O professor deve exercer um papel importante, instigando a curiosidade e o desejo de aprender, solicitando relações, comentando, dando informações, criando novos problemas;
11) Os jogos podem ser muito úteis para explorar e desenvolver noções de proporção, medidas, conceitos físicos, relações geométricas, diferentes possibilidades e relações;
12) Os jovens têm muita facilidade para aprender a utilizar os recursos tecnológicos, por isso rapidamente tornam-se especialistas no uso de determinadas aplicações do computador, muitas vezes superando o conhecimento tecnológico dos professores. Alguns alunos destacam-se mais do que outros em relação ao conhecimento das possibilidades de utilização de recursos de *software e hardware*, e podem ser fontes valiosas de informação para os outros colegas — instrutores ou tutores de outros. Também é possível criar situações em que alunos de uma série ensinem outras séries;
13) Alguns procedimentos básicos de informática devem ser ensinados e constantemente relembrados com os alunos: gravar repetidamente na memória do computador ou em disquete o trabalho que está sendo realizado; usar sempre um antivírus nos disquetes que serão utilizados; evitar que o computador seja ligado com disquete dentro do *drive*, fazer cópia em disquetes dos arquivos e programas do seu computador; não desligar o computador sem antes fechar todos os aplicativos; explorar os comandos dos programas sem receios, pois os *softwares* são planejados para sempre pedir confirmação do usuário; não colocar o dedo diretamente no monitor quando for apontar algo na tela; não comer ou beber enquanto estiverem próximos às máquinas.

Brasil (1998a, p. 150-152)

Para os PCNs, a tecnologia da informação está presente na maior parte dos setores que realizam o funcionamento da vida social, mas, muitas vezes, nem nos damos conta disso. Desse modo, enfatizam que (ibid., p. 137) as novas tecnologias são fundamentais no desenvolvimento de qualquer país e, exatamente por isto, devem passar por um processo de democratização cada vez maior, como uma forma de popularizar o conhecimento, o poder, o acesso ao mundo do capital, que são reflexos hoje, das novas tecnologias, ou melhor, do acesso e domínio delas.

Existem muitas pesquisas realizadas por especialistas da educação sobre a integração das TICs à educação, mais especificamente em como os professores da educação básica podem e devem integrar à sua didática os recursos tecnológicos ou TICs. A internet é o

recurso em maior voga nesse contexto devido às suas versáteis potencialidades comunicativas e todo o seu papel transformador no mundo moderno. No entanto, será que o seu uso é plenamente organizado como propõe os PCNs? Será a acessibilidade uma realidade da população escolar? Tentarei agora responder a essas questões.

Como ressalva Moran (2001), a questão não é meramente a do uso compulsório da tecnologia na educação, pois educar tecnologicamente não significa isso. O mais importante é que as tecnologias sirvam para gerar conhecimento, o qual muitas vezes não é alcançado devido ao grande número de informações desorganizadas que o mau uso das TICs pode trazer. Quando foi citada a questão da monitoração do docente nas atividades envolvendo as tecnologias, houve um esboço para a demonstração de como o papel do docente é importante nesses momentos e de como as TICs podem ser úteis em muitos momentos, inclusive nos de imprevisto.

Para exemplificar isso, usarei o relato de experiência do professor Moran (2001) da USP, que teve de fazer uma viagem pessoal e de urgência à Espanha durante o período letivo e precisava avaliar, no prazo de um mês, duas turmas de graduação e uma de pós-graduação:

> Então, eu disse que iria à Espanha e tentaríamos encaminhar as atividades programadas para a última etapa. Todos os alunos estavam conectados através de e-mail, tínhamos as e onde nos falávamos, trocávamos materiais. Ao mesmo tempo em que estava com a minha família, entrava todo dia no computador do meu irmão, numa cidade pequena no noroeste da Espanha, Vigo, perto de Santiago de Compostela com uns 350.000 habitantes. Entrava em contato com a página da USP, lia as mensagens dos alunos, enviava respostas, propunha algumas atividades para cada grupo, para continuar pesquisando. Recebi os trabalhos, avaliei-os e enviei as notas para a secretaria. Enquanto estava com a minha família, também desenvolvia atividades acadêmicas que permitiam ampliar o conceito de aula presencial. Estávamos ensinando e aprendendo de uma outra forma. A dez mil quilômetros, eu tive a clara percepção de que o meu papel se modificava, ampliava. Era um professor em contato, gerenciador de processos, não o informante, o que "dá aula", mas o que "gerenciava atividades a distância". O conceito de aula muda porque, mesmo distante, o processo de aprendizagem pode acontecer (MORAN, 2001.p. 20).

A experiência do professor Moran demonstra-nos que, além do uso das TICs como recurso necessário ao contexto pedagógico, é fundamental que haja uma boa organização da sua aplicabilidade, pois de nada adiantaria, como nas palavras do próprio autor, a disponibilização de um número infinito de informações hoje se não houver um direcionamento de como melhor se utilizar a tecnologia sempre de modo favorável.

Para o professor (ibid., p. 21), esse tipo de aplicabilidade é muito mais consistente no ensino de graduação, na qual a gama de propostas com aparato tecnológico será muito mais abrangente do que na escola básica. Nesta, é preciso, para o autor, ainda mais cautela e planejamento; procedimentos como o descrito na citação, por exemplo, são impossíveis de se realizar na pré-escola.

Fica clara a ideia de que o autor deixa implícitas questões como a sensibilidade do docente, a consciência dele como mediador dessas tarefas, ou seja, ele deve possuir *know-how* para gerenciar novas e modernas propostas de ensino-aprendizagem, adaptando-as a cada público específico, pois como ele mesmo salienta: há, hoje, muitas mudanças no conceito de aula e consequentemente no agir docente (MORAN, 2001, p. 19).

Moran (2013, p. 36) informa que o maior problema está em selecionar e avaliar todas as informações que acessamos, já que na internet podemos encontrar de tudo, do que é necessário ao que é desnecessário e prejudicial em vários aspectos, assim como é difícil saber o grau de confiabilidade dos conteúdos. Por isso, há medidas de precaução para minimizar os problemas oferecidos pela internet, que, como outros sistemas, tem as suas fragilidades. Esse assunto será retomado posteriormente.

Já com relação ao processo de democratização das TICs citado em parágrafo anterior, é preciso a criação de políticas públicas mais eficazes para implantação ostensiva de informatização nas escolas. De acordo com dados do Inep sobre o Censo Escolar de 2013 e divulgados pelo site g1.globo.com (2014), apenas metade das instituições públicas de ensino têm acesso a computadores conectados à internet, enquanto nas instituições privadas o percentual atinge os 90%.

Chamo a atenção para esse fato, pois, como bem disseram Blikstein e Zuffo (2003), o acesso à tecnologia é um modo de expandir e descentralizar o conhecimento, tanto o curricular quanto o tecnológico. Esse percentual esclarece sobre O que se percebe nos dados acima é exatamente o contrário em relação ao ensino público. É fundamental que a escola disponha, antes de tudo, desses recursos para oportunizar aos seus alunos o caminho do desenvolvimento intelectual e tecnológico na maior amplitude possível, para a tentativa de adequação do ensino às exigências da sociedade tecnológica.

Digo sim “tentativa”, já que essa não parece ser a única problemática que envolve o processo de inclusão digital[6], termo muito utilizado, que é, no geral, estritamente ligado à

[6] Termo utilizado para designar o processo de democratização do uso das tecnologias da informação e comunicação.

concepção de aquisição de computadores, de implantação de laboratórios de informática nas unidades educativas.

Entretanto, alguns autores vão além dessa acepção mais geral transmitida por esse termo. Para Valente (ibid., p. 42), não é a simples compra de equipamentos sofisticados que fará a diferença nesse processo de popularização do conhecimento tecnológico, mas sim como o computador pode ser utilizado para atender a essas novas necessidades de conhecimento. De Luca (2004) também parte dessa premissa quando considera que o processo de inclusão digital deve capacitar o indivíduo, principalmente quando lhe oferece autonomia de ação e consciência de como, quando e para quê utilizar o conhecimento digital.

Os PCNs também discorrem sobre o assunto e estão em consonância de opinião com os autores do parágrafo anterior. Ressaltam que de nada adianta a chegada do computador se a escola não está devidamente preparada para pôr em prática a ampla gama de utilidades que ele pode oferecer ao ensino.

Dizem ainda que a escola já deve ter previamente um planejamento para tais atividades, que devem seguir os paradigmas e procedimentos em vigência, uma vez que eles preconizam métodos bem elaborados para o manejo dos recursos tecnológicos na educação. Não sendo assim, certamente os recursos como a internet não serão eficazmente empregados, comprometendo a educação do jovem nesse sentido e, consequentemente, em sua formação geral (BRASIL, 2000, p. 59-60).

Pode-se finalizar esta seção com a apreensão de que a escola, para estar capacitada digitalmente no atendimento à sua comunidade e nos seus procedimentos didático-pedagógicos, precisa tanto dos recursos físicos e tecnológicos (salas, equipamentos, acesso à rede, etc.) quanto da capacitação de seus profissionais (professores, técnicos em laboratório e informática) para lidarem com as exigências da educação do novo mundo. É possível dizer que a união desses dois atributos é que possibilitará, na escola, o pleno processo de inclusão digital.

As informações dos PCNs sobre o uso da informática na educação disponíveis nas tabelas acima devem ser pensadas considerando-se o contexto tecnológico/digital dos dias de hoje, pois muito se evoluiu em quase vinte anos de constantes processos de renovação tecnológica. Devem estar presentes, pois, nessa inclusão, além do computador/informática com todas as suas alterações até os dias atuais, os novos dispositivos e aplicativos que vêm revolucionando a comunicação do homem pós-moderno, tais como os aparelhos celulares smartfhones, uma vez que representam não somente um meio moderno de se comunicar, mas fundamentalmente recontextualizações da linguagem, Fairclough (2006), ligadas de modo

intrínseco a aspectos como: discurso e linguagem; poder; relações sociais; práticas sociais; instituições e rituais; crenças, valores e desejos (VIEIRA e SILVESTRE, 2015, p. 30).

1.6- BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERNET

A internet surgiu para modernizar/ dinamizar a aquisição e a troca de informações das mais diversas naturezas. De acordo com Oliveira (2008, p. 55), são muitas as suas utilidades funcionais na vida em sociedade, que são até difíceis de serem enumeradas, mas ainda assim podemos ter uma noção de como é hoje parte inerente às nossas relações sociais em múltiplos âmbitos. A autora (ibid., p. 55) disponibiliza uma lista desses principais usos, serviços e funções que a internet abriga:

- ter acesso por meio da World Wide Web às informações de jornais, revistas, bibliotecas, comunidades acadêmicas, sites em geral, programas, músicas, vídeos e jogos;
- enviar e receber correspondências através do correio eletrônico;
- dispor de salas virtuais, os chats, para bate-papo com pessoas que tenham interesses afins;
- organizar reuniões com pessoas geograficamente distantes por meio de programas de videoconferência
- trocar mensagens de texto ou áudio em tempo real por meio de ferramentas como o MSN ou Skype;
- publicar conteúdos produzidos em diferentes formatos (texto, som, imagem, vídeo) em sites e portais;
- fazer a transferência de arquivos de um computador para outro;
- efetuar transações bancárias;
- realizar a compra de venda de produtos diversos;
- fazer cursos de idiomas, graduação, pós-graduação e outros;
- participar de fóruns de discussão sobre temas do interesse;
- criar diários virtuais, os chamados blogs ou ainda os álbuns de fotos virtuais, os fotologs;

- estabelecer uma rede de amigos (antigos e novos) e de contatos profissionais utilizando como, por exemplo, o *Orkut*[7];
- criar espaços abertos e cada vez mais interativos para a produção de conteúdos de maneira colaborativa.

Moran (1997) explica que nem mesmo a televisão pode fazer frente ao poder de comunicação da internet, tendo em vista que ela é muito mais democrática na busca de informações, pois oferece incomensuráveis opções para a informação sem a necessidade de horários específicos, seleções de conteúdo por questões de censura, entre outras coisas. Ou seja, a informação depende muito mais do usuário do que do próprio sistema, pois este dá ao seu participante muito mais liberdade de escolha na informação que deseja consumir.

O autor ainda ressalta que, além disso, o usuário tem a autonomia de criar o seu próprio canal de informação e comunicação por meio de revistas, rádio e televisão sem quaisquer ônus e licenças vinculadas ao Estado.

Essas novas práticas condicionaram o homem a um agir social mais prático e dinâmico, com profundas alterações em seu sistema comunicativo e de aquisição de conhecimentos. Pelas breves considerações feitas neste tópico, pode-se ter o entendimento de que não há muitas ressalvas no que diz respeito ao uso de tecnologias, em especial da internet, isto é, a internet é o sistema de comunicação mais completo até então, pois unifica várias características de outros sistemas de comunicação anteriores a ela, como a televisão, o correio, o telefone.

Como dizem Vilaça e Araújo (2012), a internet chegou como parte "indissociável" do nosso cotidiano, visto que, ora ou outra, em alguma atividade da nossa vida social, teremos de fazer o seu uso. Isto fica bem explicitado na relação feita por Oliveira (2008) sobre os usos da internet. A sua relação com a educação parece cada dia mais estreita. Para Lévy (ibid., p. 16), não há dúvidas de que a cibercultura é o ponto de partida para uma necessária reforma no conceito de educação e ensino. No próximo tópico, falarei especificamente disso.

[7] Esta rede social foi extinta. Hoje, o *Facebook* é a rede social que a ela faz equivalência.

1.6.1- A internet e um novo conceito de ensino

A pesquisa é uma prática pedagógica não recente e é fruto de uma tentativa de descentralização da transmissão de conhecimentos referentes ao professor, que, pelas práticas pedagógicas mais tradicionais, era autoridade máxima e incontestável em relação aos conhecimentos, ao processo de ensino-aprendizagem, como analisam Queiroz e Moita (2007, p. 3). Assim, não era possível discutir, questionar, problematizar os conceitos, pois as aulas eram realizadas com base nos livros didáticos, exercícios de fixação, memorização e provas, característica própria da pedagogia liberal-tradicional implantada pelos jesuítas no Brasil e que vigorou durante muito tempo de acordo com as autoras.

Esse papel destinado ao professor foi aos poucos sendo modificado até o surgimento de tendências que viam no aluno o centro de todo esse processo. Nomes como Jonh Dewey, Carl Rogers e Piaget são destaques dessa nova tendência pedagógica, conhecida genericamente por liberal-renovada. Entretanto, com relação à prática pedagógica em si, as mudanças nesse sentido foram acontecendo gradativamente (QUEIROZ e MOITA, ibid., p. 6).

De acordo com Oliveira (2008, p. 65), só no ano de 1971 que essa renovação pedagógica começa, ao menos em termos legais. A Reforma do Ensino instituiu em uma de suas leis (5.692) a obrigatoriedade da pesquisa, a fim de contextualizar o ensino, que deveria passar do foco na transmissão oral de conteúdos para a elaboração e coordenação de atividades educativas centrada na participação, interesses e questionamentos dos alunos.

Entretanto, esse aparato legal não foi tão bem absorvido pelas práticas pedagógicas no país, pois, consoante Oliveira (ibid., p. 65), a falta de capacitação e entendimento maiores sobre pesquisa fizeram dessa prática uma atividade mecanizada, sem significativas renovações, tais como as que propunham a pedagogia liberal-renovada, perdurando, ainda assim, por muito tempo.

Essa contextualização sobre a inserção da pesquisa na prática pedagógica é muito importante neste momento, pois nos demonstra que a pesquisa é indispensável à construção de conhecimentos do aluno. Contribui significativamente para o desenvolvimento dos seus potenciais cognitivos e do seu poder discursivo, pois, como avalia Oliveira (2008, p. 66), a pesquisa só é satisfatória quando há a possibilidade de desconstrução e reconstrução dos textos, ou seja, baseada em processos efetivamente críticos e argumentativos dos alunos.

Na educação moderna, a internet é um grande facilitador para o exercício da pesquisa na prática didático-pedagógica, disso não restam dúvidas, especialmente quando se considera situações como o relato e as argumentações de Moran (2001), as palavras dos PCNs (1998a) e alguns outros pontos, que me levam, enquanto docente, a refletir sobre a prática pedagógica moderna e sua necessária intersecção com a tecnologia, a internet, a cibercultura.

Ainda utilizo-me das palavras de Lévy para tentar delimitar, teoricamente, essa relação. O ciberespaço comporta, concomitantemente, diversas tecnologias intelectuais que fazem emergir e ampliar as funções cognitivas do homem, relacionadas à memória, percepção, imaginação, raciocínio. Essas tecnologias possibilitam de acordo com Lévy (1999, p. 156):

A) novas formas de acesso à informação: navegação por hiperdocumentos, caça à informação através de mecanismos de pesquisa, knowbots[8] ou agentes de *software*, exploração contextual através de mapas dinâmicos de dados,

B) novos estilos de raciocínio e de conhecimento, tais como a simulação, verdadeira industrialização da experiência do pensamento, que não advém nem da dedução lógica nem da indução a partir da experiência.

Essa descrição do autor acerca dos benefícios trazidos pela tecnologia na educação reiteram as concepções dos PCNs (1998a), já relatadas acima, sobre a interface tecnologia/educação, mas, neste caso específico, fala necessariamente da internet e da sua relação com os processos de cognição.

Volto a Moran (1997), neste momento, para discorrer sobre as questões mais práticas que envolvem o ensino e a internet, pois o pesquisador oferece subsídios muito consistentes sobre essa relação, especialmente no tocante à relação teoria/prática.

Ele inicia enfatizando a grande vantagem que a internet possui em relação a pesquisas tantos de docentes quanto de discentes e o grande diferencial em relação às outras fontes de pesquisas, já que podemos realizar a busca dos conceitos por tópicos maiores e depois por subtópicos, por exemplo, respectivamente: guerra, guerra e religião[9]. Do mesmo modo, a pesquisa pode já ser direcionada para um tema ou conteúdo específico: guerra civil ou guerra civil espanhola[10].

Outra situação favorável hoje é que os conteúdos podem ser direcionados para sítios em língua portuguesa, levando, por consequência, aos endereços que tenham essa língua

[8] É um programa de busca por sites da internet automaticamente e reúne informações deles de acordo com a especificação do usuário (ROUSE, 2005).
[9] Exemplo construído a partir de (MORAN, 1997).
[10] Exemplo construído a partir de (MORAN, 1997).

predominantemente. Assim como já existem sites que traduzem automaticamente os textos em língua estrangeira.

Entretanto, o autor não vê somente facilidades na busca por informações na internet para fins escolares. Avalia que há também "um excesso" de informações, que muitas vezes podem ser repetidas e com alterações de um site para outro e deixam o usuário confuso. Segundo ele, para evitar maiores problemas, inclusive os referentes à confiabilidade das informações, é preciso estabelecer um critério de "afunilamento" da pesquisa, a começar pela escolha dos endereços eletrônicos mais seguros, das instituições e pesquisadores mais renomados em cada assunto de pesquisa.

Outro problema visto pelo autor é a falta de critérios do professor na recomendação de pesquisas no ciberespaço. Os critérios de trabalho devem ser bem estabelecidos, de modo que permitam a plena coordenação do professor tanto dentro da escola quanto (e principalmente) fora dela. Um dos motivos dessa monitoração constante é, para Moran (1997), a grande facilidade de dispersão que a internet possibilita, isto é, a qualidade da pesquisa pode ser muito abaixo do esperado por causa da sua realização concomitante a outras atividades, especialmente as de entretenimento.

As pesquisas devem obedecer também a exigências específicas estabelecidas pelo docente, como roteiros de anotações, detalhamento sobre as páginas visitadas, pois o professor pode utilizar essas informações para gerar comparações e discussões dos resultados obtidos por cada aluno ou grupo de alunos. Isso sugere que a pesquisa realizada seja socializada pelo aluno ou grupos, o que tenderá a tornar o trabalho e a aprendizagem muito mais consistentes segundo Moran (1997).

O autor ainda destaca que, nos casos em que é feita a recomendação de pesquisa de um mesmo tema por distintos alunos ou grupos, os resultados poderão ser utilizados para gerar discussões e reflexões sobre as discrepâncias de conteúdos/informações de uma fonte pesquisada para outra. Consoante às afirmações do pesquisador, há grande pertinência nessa situação, pois a conscientização dos alunos é muito importante para construir a autonomia seletiva e revelar, na prática, que, apesar de todas as vantagens de acesso à informação, a internet também é um campo falível de informações.

O fato dos alunos socializarem, por meio de discussões, as pesquisas feitas também é uma medida para evitar a continuação da pescópia[11], o que ainda é muito constante nas atividades de pesquisa propostas pelo professor, como informa Brito e Purificação (2005), isto

[11] Refere-se ao processo de "colar" ou copiar o texto de forma integral de matérias impressos ou mesmo, em tempos de internet, de conteúdos eletrônicos. (BRITO e PURIFICAÇÃO, 2005, p. 8)

é, passe-se da “cola manual” para a “cola eletrônica”. Esta última é, na avaliação das autoras, consideravelmente um problema mais sério, uma vez que quase sempre o aluno nem lê o que copia da web.

Exatamente por isso, enfatizam que hoje o espaço para tipos de atividades e pesquisas, em que os alunos entregam a pesquisa digitada ou mesmo manuscrita, está cada vez mais restrito e em desuso. Elas podem até acontecer, mas é necessário um extremo cuidado do docente.

Para Oliveira (2008, p. 68), a grande tendência para esse tipo de atividade escolar é mesmo o processo de reescritura dos textos, que será de grande proveito tanto para prática de leitura quanto para o desenvolvimento da escrita, que são, ainda, uma grande dificuldade vivenciada pelos educados na contemporaneidade.

No entendimento de Demo (2003), a pesquisa torna o aluno efetivamente um participante do processo educativo, já que ele passa de paciente a agente na aquisição de conhecimentos. Para validar essa afirmação do autor, utilizo agora as palavras de Moran a partir de suas experiências:

> Comparando as minhas aulas, agora e antes da Internet, posso afirmar que aumentou significativamente a motivação, o interesse e a comunicação com os alunos e a deles entre si. Estão mais abertos, confiantes. Intercambiamos mais materiais, sugestões, dúvidas. Trazem-me muitas novidades. Já me aconteceu de, em alguns seminários, apresentarem resultados com informações que eu desconhecia sobre tópicos do meu programa, por estarem extremamente atualizadas, o que traz novas perspectivas para a matéria. (MORAN, 1997).

Há plausibilidade nas palavras de Demo e nas considerações de Moran nesta citação, que deixam claro que a atuação do aluno é um dos principais (ou talvez o principal) subsídios para o sucesso do processo de ensino- aprendizagem. Os alunos podem e devem contribuir para que mais discussões sejam abertas e novas problematizações sejam criadas; e isto seguramente só acontecerá com a sua participação ativa, que será edificada nos seus estudos e pesquisas.

Sendo a internet o principal canal de informação contemporâneo, não restam alternativas aos docentes a não ser otimizar o seu uso para que esse processo seja realizado com eficácia. Nesta seção, foram descritas muitas vantagens e desvantagens que o uso da internet para fins escolares pode trazer. Basta, pois, que se esteja atento a elas, senão toda a sua potencialidade será inútil, como um dos tantos recursos que existem, mas com pouca ou nenhuma utilidade na prática educacional.

O cerne desta dissertação é o ensino de língua materna na internet, mais especificamente em *blogs* criados para auxiliarem todos, inclusive, professores de língua portuguesa. Então, faz-se fundamental compreender como o ensino na Web se processa de modo geral, como feito no último tópico, e prioritariamente em relação aos conteúdos de Língua Portuguesa. Demonstrarei na seguinte seção como essa relação entre ensino de língua e internet acontece, o que dizem os especialistas sobre o assunto, como o uso da internet pode favorecer a aprendizagem e a capacitação linguística dos educandos, as quais são os desafios para os professores de língua nesse contexto e as principais recomendações elencadas pelos especialistas.

1.6.2- O ensino de língua materna e a internet

A educação linguística no país é problemática desde muito tempo. Para situar melhor essa questão, inicio este tópico com as palavras dos PCNs sobre o assunto:

> O ensino de Língua Portuguesa tem sido, desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade de ensino no país. O eixo dessa discussão no ensino fundamental centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, responsável pelo fracasso escolar que se expressa com clareza nos dois funis em que se concentra a maior parte da repetência: na primeira série (ou nas duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, pela dificuldade de alfabetizar; no segundo, por não se conseguir levar os alunos ao uso apropriado de padrões da linguagem escrita, condição primordial para que continuem a progredir (BRASIL, 1998b, p. 17).

Percebe-se já inicialmente que as habilidades de leitura e escrita são fundamentais e determinantes no sucesso escolar, mas são também um desafio constante para os educadores, pois as discussões sobre suas problemática veem desde os anos 70. Dessa citação, ainda é possível inferir que o domínio da língua é a base para o desenvolvimento de várias funções cognitivas, inclusive as referentes aos demais componentes curriculares da escola, pois a leitura e interpretação são exigidas em quaisquer esferas relacionadas à educação.

Os mesmos PCNs destacam que as propostas para uma reformulação no ensino de Língua Portuguesa acontecem desde os anos 60, mas foi somente no início dos anos 80 que os principais problemas no ensino de língua materna foram detectados e divulgados. A partir de um estudo realizado por uma linguista, que se baseou principalmente nos conceitos de

variação linguística e na psicolinguística, foram enumeradas algumas hipóteses de possíveis erros na concepção pedagógica tradicional acerca do ensino de língua materna, PNCs (1998b, p. 18):

- a desconsideração da realidade e do interesse dos alunos;
- a excessiva escolarização das atividades de leitura e produção de texto;
- o uso do texto para ensinar valores morais e como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais;
- a excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção, com o consequente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não-padrão;
- o ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos linguísticos em frases soltas;
- a apresentação de uma teoria gramatical inconsistente, uma espécie de gramática tradicional mitigada e facilitada.

Esse estudo aponta para uma realidade muito encontrada na escola, a não contextualização das propostas pedagógicas como um todo. Se pensarmos nos dias atuais, fundamentalmente, a escola não pode fugir da realidade virtual que o mundo vivencia e da inserção dela no seu espaço. A relação dos PNCs sobre o ensino de língua nos leva para esse ensino adaptado às novas tecnologias, pois, se estamos em pleno processo mundial de cibercultura, é muito provável que estaremos também diante de novos usos da linguagem, que assume novas formas e configurações no contexto tecnológico.

Moran (1997) diz que o uso da internet, enquanto canal de ensino e pesquisa, tende a ampliar as capacidades linguísticas, exatamente por causa do contato com variadas modalidades textuais, imagens, narrativas, o uso coloquial e padrão da língua, etc. Além disso, oferece um constante exercício de comunicação e escrita; e esta é mais flexível ao mesmo tempo em que todos querem divulgar suas ideias da melhor maneira possível, escrevendo melhor, adaptando a sua comunicação aos variáveis contextos dispostos nas redes.

A internet ainda desperta o interesse pelo aprendizado de línguas, em especial as estrangeiras, como descreve o autor. No entanto, isso não é um fator negativo para o aprendizado de língua materna, muito pelo contrário. As estratégias utilizadas para o ensino de línguas estrangeiras podem ser aproveitadas para o ensino de Língua Portuguesa.

Pensando nisso, cabe ao professor assumir esse papel de mediação na intersecção da tecnologia com o ensino de língua materna, escolhendo as formas mais pertinentes de

estabelecer um diálogo entre as tecnologias, em especial a internet, e o uso do livro didático. Santos (2010) fala categoricamente sobre essa relação e da intervenção do docente para que ela seja bem sucedida e utilizada com periodicidade nas aulas:

> O professor de Língua Portuguesa precisa analisar minuciosamente o livro didático, com o objetivo de identificar os melhores tópicos para trabalhar o letramento digital e para despertar no aluno o interesse pelas descobertas que sempre ocorrem com a leitura de textos atrativos. Como os compêndios não podem ser vistos como produtos acabados e únicos a serem seguidos em sala de aula, é de vital importância que a inserção de algumas atividades e/ou ferramentas de EaD, como é o caso dos blogs, e-mails e fóruns de discussão, possam incrementar os planos de aula e auxiliar o professor a atingir os objetivos propostos para a aula (SANTOS, 2010, p. 122).

Parecem-me totalmente pertinentes esses novos modelos descritos pela autora de ensino de língua materna com a integração entre livro didático e internet, pois, recorrendo à avaliação dos PCNs sobre o assunto, observa-se nesses modelos um espaço para a contextualização. Esta é uma palavra-chave que sempre deveria existir na concepção do ensino de língua e nos dias de hoje tem de estar estritamente associada às TICs, especificamente a internet, já que a sua linguagem mescla-se com o mais tradicional uso da língua, inclusive o dos livros didáticos, configurando assim novas instâncias linguísticas.

Para a autora, a língua não pode ser tratada como uma "substância" sem vida e os textos como meros conjuntos de regras que devem ser, a qualquer custo, aprendidas. Na escola, urge as práticas do ensino de língua que levam o aluno ao contato com os textos da maneira que eles circulam socialmente (SANTOS, 2010, p. 120).

Santos (2010) ainda discorre sobre algumas possibilidades de paradigmas a serem utilizados pelo professor de língua portuguesa na incorporação das TICs ao ensino, enfatizando que há um leque muito versátil de opções a serem escolhidas. Os destaques são o e-mail, os fóruns, pesquisas dos assuntos trabalhados em sala e a criação de *blogs* para as turmas com a finalidade da criação de debates, postagens de conteúdos e textos, entre outras possibilidades que eles oferecem.

Ainda sobre a contextualização, o aporte teórico de Vieira (2015, p. 15-16) é de grande utilidade para este tratamento específico. A autora afirma que hoje, mais do que nunca, a linguagem é processada em um segmento multimodal, ou seja, é composta concomitantemente por várias semioses, sendo tudo isso uma adjacência das tecnologias e da globalização, fato em consonância com as explanações de Moran (1997). Devemos pensar,

pois, não somente numa adaptação ou contextualização da linguagem ao nosso cotidiano, mas também em uma recontextualização e reconfiguração da linguagem, já que tudo se altera, das nossas atividades cotidianas mais comuns aos gêneros discursivos.

Esses sistemas de comunicação caracterizam duas sociedades, a sociedade da informação e a sociedade em rede:

> O desenvolvimento dessas duas sociedades ensejou saudável discussão sobre o modo como a sociedade se adequou às novas práticas de discurso, principalmente após o advento da *World Wide Web* (www), pois o rápido avanço das tecnologias passaram a oferecer aos sujeitos e às instituições acesso imediato, em tempo real, a páginas on-line, aos *softwares* e a toda sorte de dados, motivando transformações no modo de viver das sociedades, cujas práticas e gêneros discursivos tiveram de passar por profunda revisão para acompanhar os novos tempos (VIEIRA, 2015, p.26).

Em face disso, não há como negar que a escola tem papel preponderante na adequação a esses novos usos da linguagem. O que deve, de fato, ter seu início nas aulas de Língua Portuguesa, pois o processo de reconfiguração/recontextualização não está somente no âmbito das relações sociais, mas especialmente na prática discursiva, como categoriza a autora ainda na mesma página.

Arrisco-me a dizer que a escola e o professor de língua materna devem se "respaldar" no sentido dessa nova realidade e refletir para propor uma educação que contemple essa fase e proporção que a linguagem tomou na sociedade da informação. E, diante de tudo que já foi exposto, fica evidente que o ensino de Português precisa necessariamente estar atrelado ao contexto linguístico maior, que é o da sociedade em rede, da internet.

Levar o aluno ao domínio da escrita e da leitura parece ainda ser um problema e desafio principalmente para o professor de língua materna até os dias de hoje, mesmo em meio à sociedade da informação, a qual, se considerarmos vários os problemas da escola para efetivo processo de letramento, não designa, necessariamente, "conhecimento". Como frisa Moran (1997), estamos diante de tantas informações, que, se forem mal utilizadas e mal organizadas, não serão aproveitadas para gerar conhecimento.

Voltando à questão da escrita e leitura, destaco os gêneros textuais/digitais como possíveis bases para a aquisição dessas competências e essenciais no ensino de Língua Portuguesa hoje, ainda mais em tempos de tecnologias e dos gêneros discursivos digitais.

De acordo com Wachowicz (2012, p. 25), as orientações do currículo, pelo menos dentro dos últimos 15 anos, apontam para um conceito central nas atividades de escrita e

leitura, o gênero. Este é, segundo a autora, o principal instrumento para a realização dessas atividades.

Considerando que as relações sociais humanas possuem opções comunicativas, o conhecimento destas é imprescindível para o sucesso da interação humana e para a competência da leitura e da escrita. Esta competência é adquirida de modo natural e também na escola quando a situação de interação exige formas e estruturas textuais (gêneros) mais complexas. Assim, o gênero é o "ponto-chave" para o trabalho com textos nas aulas de Língua Portuguesa e também em outras modalidades curriculares.

Como já dizia Bakhtin (1992, p. 279), o gênero é o princípio da abordagem discursiva e nós, enquanto educadores, não podemos tirar ou perder o foco dessa gênese. Cabe ressaltar que o gênero está presente tanto na modalidade oral quanto na escrita, o que faz emergir ainda mais a necessidade de se trabalhar as duas manifestações da língua indistintamente.

Considero importante destacar aqui, como um exemplo, como os professores podem aproveitar os estudos de gramática tradicional da escola na construção de métodos de trabalho com os gêneros, em especial a sua identificação e categorização, por meio de unidades ou elementos gramaticais. Para isso, utilizo a lista construída por Wachowicz (ibid., p. 33):

1) o uso de pronomes dêiticos (pessoais, possessivos, demonstrativos) e sua relação com a construção do contexto de produção;
2) o uso de tempos verbais de valor imperfectivo[12] (presente, pretérito imperfeito, etc.) na passagem aos de valor perfectivo[13] (pretérito perfeito, passado composto, etc.) em desenvolvimento de gêneros orientados à narrativa;
3) o uso de formas verbais de comando ou instrução (modo imperativo, presente com dêitico você) e a sua relação com textos publicitários da ordem de tratamento direto;
4) uso de articuladores de oposição (no entanto, em contrapartida, por outro lado, em oposição a, etc.) e sua direta relação com textos com opção argumentativa da ordem da contradição;
5) uso de substantivos abstratos, em detrimento de concretos, e seu uso recorrente em textos da ordem da descrição, como ensaios, artigos, etc., em oposição aos textos

[12] O valor imperfectivo do verbo é caracterizado quando se apresenta uma situação incompleta. Exemplo: "A mistura **ia endurecendo** lentamente". (TRAVAGLIA, 2006, p. 77).
[13] Ao contrário do anterior, é caracterizado por apresentar a situação completa. Exemplo: "Célia **andou indo** ao cinema com Élio". (TRAVAGLIA, 2006, p.77).

> da ordem do relato ou da narrativa, com especial emprego de substantivos concretos.

Evidentemente, é fundamental falar, de modo sucinto, da terminologia gênero e da sua relação com a internet. O que farei agora.

Vilaça e Araújo (2015, p. 67) avaliam a relação entre leitura/escrita e comunicação digital. Para eles, o conhecimento dos gêneros digitais, que são os gêneros discursivos do ciberespaço, é tão importante quanto o dos outros gêneros. Como descrevem, esses gêneros são objeto de estudo há muito tempo de linguistas, exatamente por questões relacionadas ao uso da linguagem na internet, como o internetês[14] e dos seus impactos linguísticos e sociais.

Os autores dão exemplos de alguns modelos de gêneros digitais (*blogs*, chats, e-mail, lista de discussões) e destacam que nesses modelos a mensagem também precisa ser adequada em vários aspectos, tais como forma, grau de formalidade, conteúdo, extensão, entre outros. Essa situação sugere que esses conceitos sejam levados e trabalhados em sala de aula, pois, como argumentam Vilaça e Araújo (ibid., p. 67), não é somente conhecer esses gêneros, mas exercitá-los, exatamente pelo fato de a escola ser a base ou a ponte de conexão do aprendiz com o mundo. Por isso, urge que ela dialogue com a vida e suas atualizações.

Esse trabalho não é tão simples, uma vez que existem processos de hibridações também nos gêneros digitais. Os autores também mencionam o encontro dos textos digitais com outras semioses (como imagens e sons), o que se conhece por multimodalidade textual e requer ainda mais atenção e trabalho no processo de ensino.

Para os autores (ibid., p. 68), é urgente um processo de "letramento digital" para dar conta da gama de possibilidades sígnias encontradas hoje nos textos digitais; as aulas de Língua Portuguesa são certamente o ambiente mais adequado para a realização dessa competência. Esse hibridismo discursivo chama a atenção de vários outros estudiosos e tem lugar cativo na Linguística Sistêmico-Funcional.

De acordo com Vieira (2015, p. 91), o conceito de letramento deve ser ampliado, especialmente no que concerne ao ambiente digital, porque somente a base na leitura e escrita tornou-se insuficiente para agregar todas as formas de conhecimento de nossa sociedade. Um sujeito devidamente letrado deve estar apto a esses múltiplos modelos de significação. Tudo isso pode ser descrito em síntese por esta explanação:

---

[14] Expressão utilizada para designar os novos usos da linguagem na internet, em especial os utilizados mais informalmente.

> Não devemos desconsiderar que os recursos tecnológicos utilizados na construção dos gêneros discursivos motivam uma função retórica na construção de sentidos, haja vista que observamos o aumento cada vez maior da combinação de aspectos visuais com os de escrita. Certamente não podemos ignorar o fato de que vivemos em uma sociedade da informação cada vez mais visual e de que a representação por meio de imagens produz textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que ela representa (VIEIRA, 2015, p. 91).

São muitas as possibilidades de procedimentos metodológicos que o professor pode utilizar para esses fins. Algumas parecem ser mais eficientes e seguras, pois estão em voga e são muito recomendadas. Para muitos especialistas, existem ambientes digitais mais seguros e propícios para se trabalhar essas habilidades discursivas dos educandos. Os *blogs* figuram entre os principais, além de serem também um representante dos gêneros digitais.

De acordo com o entendimento de Moran et al. (2013, p. 41), faço uma relação específica dos *blogs* com a prática de ensino de Língua Portuguesa, exatamente por darem consistente estrutura para o trabalho com a escrita e leitura. Podem, por exemplo, ser criados para produção de textos, narrativas, poemas, análise de obras literárias, relatórios de visitas e excursões de estudo, publicação de textos, fotos, desenhos e vídeos produzidos pelos alunos. Outra situação muito favorável destacada pelo professor Moran é o contato que o docente pode manter com os alunos, discutindo, criando e divulgando novas questões, o que possibilita também a criação de fóruns e debates.

A partir de uma pesquisa sobre o uso de *blogs* em turmas de Ensino Médio para aulas de português, Silva (2006) pode constatar algumas vantagens no uso desse gênero para o processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa se baseou na criação de dois *blogs* para duas turmas de 2º ano e desenvolveu atividades relacionadas à leitura contextualizada, questionamentos dos alunos sobre a utilidade de gêneros digitais para o incentivo às práticas de escrita e leitura, a utilização do blog como diário de leitura e a expansão de leitura dos grupos. Mais do que isso, houve a constante participação dos discentes na postagem de conteúdos, nos comentários e nos debates.

Como explica a autora, a avaliação do trabalho foi feita pelos próprios alunos por meio da aplicação de um questionário ao final da pesquisa. Duas situações encontradas nos resultados são destacadas pela pesquisadora. A primeira é a satisfação apresentada pelos alunos referente à liberdade de expor suas opiniões, de discutir, questionar, o que dificilmente era possível nas aulas tradicionais da escola, como argumentaram. A outra situação é a pertinência do uso de temas atualizados, que abordavam questões cotidianas e reais. Segundo

a autora, essa estratégia foi avaliada positivamente pelos alunos, que enalteceram a grande utilidade da leitura desses temas para os debates realizados.

Finalizo esta parte com a conclusão de que a prática de ensino de língua materna exige outros caminhos um tanto quanto diferentes dos métodos vistos na concepção tradicional do ensino em geral e de Língua Portuguesa. Tal situação é reflexo evidente da inserção das tecnologias da informação no mundo moderno, que hoje abriga inúmeras tipologias semióticas. Essas reconfigurações da linguagem estão necessariamente atreladas à globalização e à tecnologia, nas quais se processam novos domínios discursivos com um tipo de hibridismo linguístico ou sígnio imperante nas sociedades.

O acesso a esses domínios está em várias partes e ambientes como se sabe, mas é fundamental que a escola tome frente nesse processo e principalmente o professor de língua materna, uma vez que as bases teóricas utilizadas, invariavelmente, acentuam que essas novas competências são, antes de qualquer coisa, uma questão linguística.

Dando continuidade a este capítulo, falarei dos *blogs*, assunto com grande recorrência nos subsídios teóricos referentes ao ensino e ao ensino de língua. Primeiramente, esse gênero digital será conceituado e situado historicamente. Em seguida, demonstrarei como tem sido utilizado para muitas finalidades cotidianas em geral e na educação, em especial fora da escola, para pesquisas e estudos de alunos e também para atualização e auxílio didático-metodológico para professores. Por fim, contextualizarei a sua relação com o ensino na web de Língua Portuguesa.

1.7- O QUE É UM BLOG?

Há muitas controvérsias sobre o surgimento do *blog*, embora seja um instrumento digital utilizado para diversas finalidades comunicativas nos nossos dias. Começo primeiro por sua definição. Segundo Moreira-Ferreira (2006, p. 14), o blog ou *weblog* é uma página na web em que as postagens são organizadas cronologicamente, lembrando um diário pessoal, todavia as informações contidas não se restringem somente à vida do blogueiro[15], pois podem ser referentes a quaisquer assuntos que interessem ao autor da publicação e ao seu público (leitores).

[15] Autor de *blog*.

Faz-se necessário também situar o *blog* categoricamente, porque muitos autores o definem como um "gênero digital" [16], já que segue certa linearidade estrutural, assim como os gêneros textuais. Tem os seus assuntos ou postagens organizadas em ordem cronológica, disponíveis em links e/ou tópicos por assunto, data, etc. As postagens são criadas pelo blogueiro e podem ter como temática, além das experiências e relatos de vida do próprio autor, opiniões e abertura de discussões sobre assuntos de interesse geral, como também para públicos específicos, entre outros assuntos que serão destacados posteriormente.

O contexto histórico do *blog*, como mencionado acima, é controverso. Moreira-Ferreira (ibid., p. 32) relata que há quem acredite que foi utilizado primeiramente em 1997 para a descrição de sites pessoais utilizados com frequência. Entretanto, outros apontam sua origem a partir do Blogger[17] em 1999, criado pelo estadunidense Evan Willians. Também há afirmações de que o *blog* foi o primeiro site registrado na história da internet. A autora, portanto, afirma que não existem conclusões e verdades absolutas sobre o surgimento dos *blogs*, mas que é um instrumento de comunicação digital recente, muito popularizado e com diversas finalidades de uso. Tratarei no próximo subtópico exatamente disso.

1.7.1- Blogs: aspectos funcionais e estatísticas de uso

De acordo com pesquisa realizada pelo site Boo-Box[18] (2012), o número de usuários de blogs já atingia os 80 milhões nesse período. A pesquisa revelou também dados sobre muitos aspectos relacionados aos usuários como sexo, idade, escolaridade, interesses da audiência, acesso por categorias, entre outros. O estudo foi realizado no primeiro semestre de 2012, com base em mais de 4,5 milhões (quatro milhões e quinhentas mil) de visualizações e mais de 7 milhões (sete milhões) de cliques.

---

[16] Marcuschi (2004) indica que no ambiente virtual há diversos gêneros emergentes, como e-mail, chats, entrevistas e blogs. Estes gêneros possuem estreita ligação com gêneros textuais já existentes em outros ambientes, porém estão reconfigurados para o discurso eletrônico, apresentando características particulares e próprias da mediação presente nos ambientes virtuais.

[17] O *Blogger*, também conhecido como Google *Blogs* ou *Blogspot*, é uma plataforma grátis para criação de *blogs* adquirida em 2003 pelo Google. Com ele é possível criar desde um blog simples até um mais profissional para ganhar dinheiro com afiliados como Public Ideas, por exemplo. Embora concorra com plataformas mais profissionais, como o WordPress, o *blogger* possui uma vantagem única: é gratuito em todos os sentidos. Qualquer pessoa pode **criar *blogspot* gratuito** e começar a escrever 5 minutos depois. Disponível em:< http://www.problogger.com.br/o-que-e-blogspot-ou-blogger/>. Acesso em: 20 set. 2015.

[18] É a primeira empresa brasileira para publicidade e mídias sociais. Em 2012, foi considerada uma das cinco empresas de inovação publicitária do mundo pela Revista *Fast Company*. Disponível em: <http://www.boo-box.com/>. Acesso em: 29 set. 2015.

Transcreverei esses dados em tabela, pois são muito importantes para apresentar a realidade do uso de *blogs* no Brasil e também para os propósitos deste trabalho.

ESTATÍSTICAS SOBRE *BLOGS* NO BRASIL

Referente	Maior %	% intermediária	Menor %
Escolaridade	43% Ensino Superior	36% Ensino Médio	21% Ensino Básico
Geolocalização	15% São Paulo	9% Rio de Janeiro	5% Belo Horizonte
Faixa Etária	50 % entre 18 e 24 anos	20% entre 25 e 34 anos	7% até 17 anos
Acesso por categoria	59% entretenimento	10% esporte	1% educação/cultura
Interesse por audiência	17% humor	15% entretenimento	6% tecnologia
Dispositivo de acesso	**98% computador**	**-**	**2% móbile= 90 milhões de visualizações**

Tabela 4: Estatísticas sobre Blogs no Brasil. Boo-box (2012)

Concentro a atenção em dois dados encontrados nesta pesquisa, a faixa etária e o acesso por categoria. A estatística demonstra que a maioria dos usuários tem idades entre 18 e 34 anos, o que aponta para uma predominância de jovens entre os usuários de *blogs*. O outro destaque é o surpreendente número de acesso aos *blogs* para fins educativos/ culturais, visto que os maiores interesses concentram-se em humor e entretenimento.

1.7.2- O blog como veículo de educação na escola e na web

A primeira ideia que se tem quando o *blog* é associado à educação é a do Edublog ou Blog Educacional[19] (a partir de agora, blog educativo institucional ou BEI), ou seja, os utilizados formalmente para a educação, restritos ao contexto de sala de aula na educação

[19] Refere-se a um *blog* utilizado no contexto da educação formal (Níveis Fundamental, Médio ou Superior), a fim de produzir interação (mediada pelo docente) entre os seus membros, por meio de informações, discussões, ideias, etc., com foco, fundamentalmente, nas práticas de leitura e produção de texto. (CARVALHO et al, 2006).

básica ou superior, sendo também muito explorados nas pesquisas que relacionam educação e tecnologias. Como percebido nas palavras de Silva (2006) e Moran (2013), os BEIs devem ser uma realidade de inovação didática no ambiente escolar, por todos os aspectos e benefícios já argumentados.

Não obstante, existe um grande quantitativo de *blogs* disponibilizado na web para diversos fins, como demonstrado nos dados estatísticos da seção anterior, e muitos deles para o ensino informal, para sanar dúvidas de professores, concurseiros, estudantes em geral, etc., criados por blogueiros (principalmente professores), facilitando, assim, o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos de distintas especificidades e para diversas finalidades.

Esses tipos de *blogs*, que chamarei doravante de *blogs* educativos não institucionais ou BENIs, podem ser vistos como um complemento ao ensino formal, pois auxiliam na aprendizagem de alunos de educação básica, de vestibulandos, de professores em formação e de tantas outras modalidades de formação e tipos de público. Podem, também, ser um espaço para troca de experiências entre professores, com divulgação de informações, ideias e muitos outros assuntos que dizem respeito à prática de ensino e ao seu processo didático-metodológico, isto é, *blogs* específicos de professor para professor.

Os BEIs têm controle rigoroso, já que são gerenciados pelo docente e pela escola e as atividades/conteúdos são comumente assuntos tratados em sala de aula. Ao contrário dos outros (BENIs), que são de mera responsabilidade do blogueiro e suas postagens podem ser apenas discutidas por meio de comentários realizados pelos usuários e, algumas vezes, pelo blogueiro, quando este responde aos questionamentos e dúvidas dos participantes acerca dos assuntos disponíveis no seu *blog*.

Como dar-se-ão o processamento de informações e a relação entre público e blogueiro referentes ao ensino de Língua Portuguesa nos BENIs? Esta é uma questão muito importante a ser discutida a respeito dos BENIs, visto que a utilização de *blogs* como recurso didático-pedagógico está cada vez mais em pauta nas pesquisas e já é uma realidade em muitos ambientes da prática educacional, considerada, portanto, muito favorável no parecer dos especialistas no assunto tecnologia e educação. Lanço, desse modo, as questões: os BENIs terão a mesma eficácia e resultados em relação ao ensino de língua materna se comparados aos BEIs? E o seu púbico terá a mesma satisfação constatada nos dados dos pesquisadores e na prática de docentes/alunos das unidades educativas usuárias dos BEIs?

Como destacam Gomes e Lopes (2007), é importante que seja compreendida a distinção entre os BEIs e os BEINs. Estes são alheios ao ambiente formal de educação (a escola) e somente controlados pelo blogueiro, enquanto aqueles são passíveis de controle

rigoroso por parte da instituição, do professor e até mesmo do próprio aluno, que pode ter participação direta na criação, desenvolvimento e alterações realizadas na estrutura do *blog*. Por tudo isso, a prioridade desta pesquisa baseia-se fundamentalmente no estudo dos BENIs, com mais especificidade no processo de educação linguística do Português neles, com ênfase na participação do público desses canais interativos.

1.8- O ENSINO DE PORTUGUÊS EM *BLOGS* DA WEB

Como destacado no subitem anterior, os BENIs estão disponíveis na web para contribuírem com a educação institucional, não a substituindo, mas agregando muito aspectos positivos ao processo de ensino-aprendizagem como um todo, uma vez que é uma forma autônoma de aquisição de conhecimento, e de acordo com Oliveira (2008), o incentivo à pesquisa e à descentralização do conhecimento são um passo muito importante para o desenvolvimento do potencial crítico do aluno e, portanto, para subsidiar uma construção mais efetiva do seu conhecimento.

Os BENIs de Língua Portuguesa estão disponibilizados em grande número na web, basta, pois, procurar pelos *blogs* de português no site de buscas Google e estarão disponíveis em razoável quantitativo. Sobre os BENIs, Gomes e Lopes (ibid.) argumentam ainda que recomendar aos discentes pesquisas nos BENIs pode incorrer em problemas para a sua aprendizagem, quando se considera situações como a falta de confiabilidade nos conteúdos encontrados nesses *blogs* ou até mesmo no próprio blogueiro, que pode nem mesmo disponibilizar informações sobre o seu perfil acadêmico e profissional.

Essas afirmações de Gomes e Lopes deixam explícita a necessidade de um estudo mais detalhado dos BENIs enquanto fonte de pesquisa e recurso direta ou indiretamente associado ao processo educativo, e, mais especificamente, do ensino de língua materna.

Aqui, finalizo essa contextualização sobre tecnologia e educação. No capítulo seguinte, serão abordados todos os assuntos no que pertine à teoria de base: a Linguística Sistêmico-Funcional, a sua concepção de gramática, os sistemas que compõem os seus arcabouços teórico-analítico e teórico-metodológico.

CAPÍTULO II

SOBRE A BASE TEÓRICA

2.1- A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Esta pesquisa é fundamentada teoricamente na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1985, 1994) e seus colaboradores: Martin (1992), Eggins (1994), Thompson (1996), Halliday e Matthiessen (2004). Além do aporte teórico geral da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), o estudo conta também com uma teoria específica de análise desenvolvida pela concepção sistêmico-funcional de descrição linguística, o Sistema de Avaliatividade de Martin (2000), Martin e Rose (2003/2007), Martin e White (2005). Esse arcabouço teórico-metodológico explica como, por que e para quê o falante utiliza a linguagem como meio de avaliar as coisas, as pessoas, os sentimentos ou tudo quanto possa querer.

Inicio este capítulo definindo a LSF. Para isto, utilizo a seguinte citação:

> Por que é a língua como é? A natureza da língua está intimamente relacionada com as necessidades que lhe impomos, com as funções que deve servir. Nos casos mais concretos, estas funções são específicas de uma cultura; o uso da língua para organizar expedições de pesca nas Ilhas Trobriand, descrito há meio século por Malinowski, não tem paralelo na nossa sociedade. Mas subjacentes a tais instâncias de uso da língua estão funções mais gerais que são comuns a todas as culturas. Nem todos participamos em expedições de pesca; porém, todos nós usamos a língua como um meio de organizarmos outras pessoas e determinarmos os seus comportamentos (HALLIDAY, 1970, p.141).

Esta teoria tem concepções um tanto quanto particulares do que é a linguagem e, mais especificamente, de como é utilizada pelo ser humano, como discutido na citação. O que talvez melhor defina a sua premissa analítica é a concepção de linguagem/língua como um fenômeno social, que gera a produção constante de significados baseados em escolhas léxico-gramaticais dos falantes com traços absolutamente culturais.

Essas escolhas são não resultantes de um processamento cognitivo individual ou meramente sintagmático, como visto em outras teorias anteriores a essa, mas sim com base na coletividade, isto é, nos paradigmas linguísticos socioculturais. De nada adiantaria, por exemplo, escolhermos palavras ininteligíveis no nosso ato de interlocução, sem uma contextualização prévia (o que ocorre naturalmente em quaisquer línguas), que leve em conta fatores essenciais como interlocutor, situação e ambiente, por exemplo (HALLIDAY, 1994).

Embora a LSF trabalhe com essa concepção de linguagem, esta não é uma exclusividade sua. Teóricos filiados a outras correntes linguísticas de pensamento também

veem o aspecto social como o cerne da linguagem, por isso considero importante fazer esse paralelo. Utilizarei, para ser categórico, a problematização de Lyons (2009, p. 14), que lança, implicitamente, uma definição de linguagem ao dizer que é por ela que o homem "se organiza" socialmente.

O seu sistema de comunicação verbal é totalmente flexível e versátil, podendo ser usado para os mais diversos fins: para expor nossas emoções e sentimentos; solicitar algum tipo de cooperação, fazer ameaças ou prometer; dar ordens, perguntar ou afirmar; referir-se até mesmo a coisas imaginárias ou que não existam. Tudo isso não é visto em qualquer outro sistema de comunicação, humano ou não humano. Assim, pode-se inferir que a linguagem verbal é um sistema linguístico-social, sem o qual haveria um deficiente processo comunicativo e interacional nas relações humanas.

2.2- A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Exatamente para atender às necessidades analíticas oriundas dessa concepção inovadora de linguagem, foi elaborara pela LSF uma gramática baseada fundamentalmente nos seus conceitos, a Gramática Sistêmico-Funcional ou GSF. O contexto, segundo Halliday e Matthiessen (2004), é o cerne da produção oral e escrita de um texto, sendo este qualquer uso de palavra que faça sentido a outrem que conheça a linguagem. A linguagem, o texto e o contexto sempre estarão necessariamente associados, pois, como sintetizam Fuzer e Cabral (2014, p. 21), é pela linguagem que agimos, solicitamos bens e serviços ou informações, ou seja, tudo é feito pelo uso do texto em um dado contexto.

É importante destacar que a linguagem é um sistema de significados ou semiótico, estabelecido na estrutura gramatical, que, independente de ser uma estrutura, faz interseção com o contexto, isto é, relaciona-se necessariamente com dados extralinguísticos, e é também por ele realizada. A Figura 1 mostra como se realiza a estrutura da linguagem:

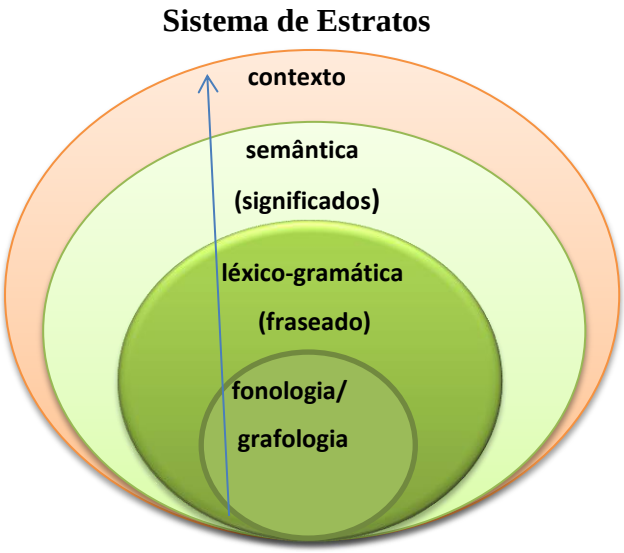


Figura 1: Sistema de Estratos

Na Figura 1, temos a estrutura da linguagem que a materializa em textos orais ou escritos. Percebe-se que ela é dividida em microestruturas, chamadas pelos autores de estratos, e cada um tem funções específicas que se complementam para realizar a composição da linguagem, o seu produto final, o texto. A fonologia e a grafologia são, respectivamente, as microestruturas dos sons e a suas representações gráficas. A léxico-gramática é a estrutura na qual se organizam as palavras, compondo uma espécie de arranjo, que significa, de modo mais claro, as frases ou o sistema de fraseado. A semântica, por sua vez, resulta dessas duas microestruturas, ou seja, o significado na sua forma mais estrita ou mais abrangente.

Como ressaltam Fuzer e Cabral (2014), a junção desses estratos da linguagem com o contexto formam um sistema, que deve ser diferenciado de estrutura. Nesta, estão localizadas as regularidades, a combinação dos elementos frásicos formais de uma língua, a disposição sintagmática dela. Já ao sistema subjaz o conceito de paradigma, isto é, regularidades que permitem as escolhas do falante/escritor, por exemplo: a escolha de um termo para, dependendo do contexto, gerar um grau maior ou menor de formalidade, o que quer dizer por outras palavras: as múltiplas possibilidades de combinação ou a manipulação que o usuário faz da língua. Isto se deve, inequivocamente, ao contexto situacional e cultural do uso da língua, à sua principal característica, a social.

Como dito anteriormente, a língua pode ser entendida como um complexo estruturado, o que muitos chamariam de uma gramática, cujo uso depende, para fazer sentido, única e exclusivamente do contexto sócio-cultural no qual é usada. Assim, a GSF, com Martin (1992), define a intersecção da língua com os contextos situacional e cultural de acordo com a figura 2:

Figura 2: Contexto de Cultura e Contexto de Situação

.

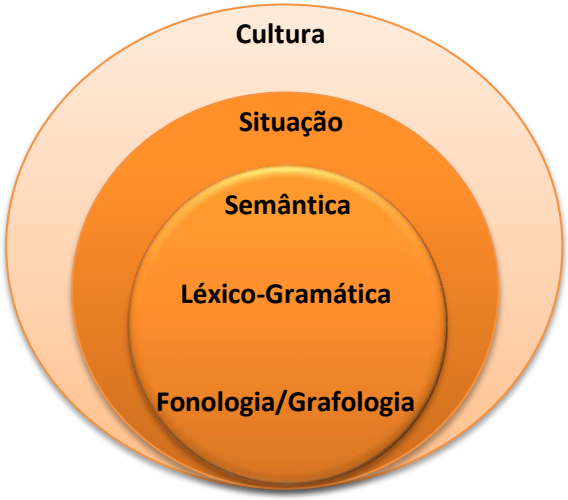


Figura 2: Contexto de Cultura e Contexto de Situação adaptado de Martin (1992)

2.2.1- O CONTEXTO DE CULTURA E O CONTEXTO DE SITUAÇÃO

Como a linguagem é realizada sempre contextualmente, como frisa Halliday (1994), há muitos fatores contextuais que envolvem o seu uso, por isso a LSF divide o contexto em dois principais pólos: *o* ***contexto de cultura*** e o ***contexto de situação***, e ambos envolvem o nível extralinguístico da linguagem, sendo complementares.

Pode haver até confusão na distinção dos dois conceitos, uma vez que estão absolutamente associados. O *contexto de cultura* pode ser entendido como o macrocontexto, no qual constam dados e informações mais gerais acerca da interação entre os falantes/escritores e das práticas sociais nas quais estão envolvidos, segundo Halliday e Hasan (1985-1989). Entretanto, o *contexto de cultura* não é associado somente às práticas mais expandidas socialmente, aquelas referentes a países ou grupos étnicos, por exemplo; mas também às práticas institucionalizadas em pequenos grupos, tais como a justiça, a igreja, a escola, a comunidade, etc., de acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 28).

Por sua vez, o *contexto de situação* revela o uso contextual da linguagem associado ao ambiente no qual o texto é imediatamente produzido, o que sempre se remeterá a uma situação particular do uso da língua e às escolhas léxico-gramaticais que serão adaptadas a

esse ambiente/situação. Para uma mais completa distinção entre os dois contextos, utilizarei o seguinte exemplo[20]:

Falante 1: - Estava na parada da W3 e nem sinal do meu baú, por isso vim pro Eixão pra ver se passa.

Falante 2: - O meu também tá difícil, na próxima semana não venho pro plano sem o meu camelo, véi.

O texto foi criado para descrever a situação de como as pessoas se comunicam em Brasília na "parada" de ônibus, conhecida na maioria das cidades brasileiras como "ponto". Além desse termo, aparecem outros geralmente desconhecidos pelos falantes que não moram ou não são da cidade. Vejamos:

BAÚ= ônibus

W3= avenida da cidade

EIXÃO= avenida da cidade

PLANO PILOTO= centro de Brasília

CAMELO= bicicleta (termo usado na canção Eduardo e Mônica da Legião Urbana, 1996)

VÉI= velho (expressão muito utilizada por jovens na cidade como forma de tratamento direcionada a amigos e conhecidos)

Agora, é possível distinguir os dois contextos com as seguintes observações sobre o exemplo:

Contexto de Situação

Duas pessoas à espera de ônibus numa cidade específica (Brasília) e usando termos específicos oriundos desse mesmo local para descrever a situação da demora e da descrença na passagem do seu ônibus.

[20] Texto criado a partir do exemplo utilizado por Fuzer e Cabral (2014,p. 27).

Contexto de Cultura

O uso do transporte coletivo no país e alguns de seus problemas comuns a muitas cidades brasileiras que o utilizam, o atraso, por exemplo.

Pode-se perceber uma significativa diferença entre o contexto de situação e o de cultura. O primeiro tem maior variação, é menos estável, pois o que determina a construção do texto é o ambiente ou situação, como no caso dos falantes em Brasília, por isso Halliday (1989, p. 12) o define também como *registro*, exatamente por apresentar grande variabilidade comunicativa e no uso da léxico-gramática em locais e momentos específicos.

O contexto de cultura já é notavelmente mais estável, como no caso da situação do transporte coletivo, que seria inteligível para qualquer pessoa que usa a linguagem em qualquer localidade do país e que sabe o que é transporte coletivo. Por isso, o contexto de cultura é chamado também de *gênero*, fazendo menção aos gêneros textuais, já que estes têm regularidades na sua estruturação enquanto texto, ou seja, sugerem estabilidade.

Transcrevendo o conceito de Halliday (1989), o contexto de situação, devido à sua variabilidade, é definido em um modelo teórico para uma melhor compactação conceitual, sendo divido em três instâncias que abrigam todo o potencial linguístico humano, a saber: CAMPO, RELAÇÕES e MODO, chamadas de *variáveis do contexto de situação*. Podemos entender essas variáveis como as esferas fundamentais da linguagem, nas quais o texto se realiza. Para entender visualmente as variáveis de contexto, vejamos a Figura 3, representando as variáveis do contexto de situação:

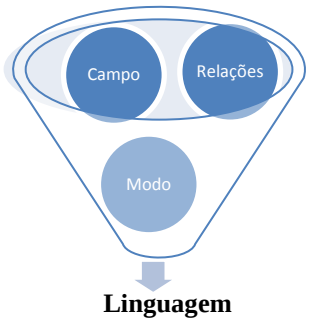


Figura 3: Variáveis do Contexto de Situação

Como explica Halliday (1989), cada variável de contexto tem um papel na constituição da linguagem e ocorrem simultaneamente com interdependência como demonstra a figura 3, culminando, portanto, na linguagem materializada, o texto oral ou escrito.

Na variável campo, encontram-se as ações ou atividades sociais realizadas pelos interlocutores determinando que objetivos e intenções tem o falante.

As relações representam o ato de interação em si e indicam os papéis desempenhados pelos interlocutores, a natureza da relação entre eles, como também a distância social, que pode ser mínima, média ou mesmo extrema.

Por sua vez, *o modo* determina a função exercida pela linguagem, bem como ela é transmitida. Assim, o texto pode ser constitutivo ou auxiliar, denotando o seu papel; dialógico ou monológico, em relação ao compartilhamento; o canal gráfico ou fônico; oral com o sem contato visual ou escrito e/ou não verbal, referente ao meio, como explanam Fuzer e Cabral (2014).

Mais uma vez valendo-me da teorização de Fuzer e Cabral (2014, p. 30), utilizo o exemplo criado, com base nessas autoras, para mais plena conceituação das variáveis do contexto de situação:

- ✓ O campo diz respeito às experiências vividas pelos usuários de transporte coletivo em Brasília, ou seja, a transcrição dessas experiências pela linguagem;
- ✓ As relações indicam a presença de dois participantes usuários de coletivo, por isso a distância social entre eles é mínima;

- ✓ O modo mostra que a linguagem é um diálogo com canal fônico e meio oral.

2.3- AS METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM

Nas variáveis do contexto de situação, ocorrem todas as possibilidades de interação oferecidas por um sistema linguístico ou, para a LSF, sistema sociossemiótico, e a linguagem é permeada, subjacentemente, por funções, para que o seu sistema se realize com plenitude. Essas funções, de acordo com Halliday (1994), estão diretamente relacionadas às três variáveis do contexto de situação e são conhecidas terminologicamente como *metafunções*, a saber: IDEACIONAL, INTERPESSOAL e TEXTUAL. A conferir no Quadro 1:

VARIÁVEIS DO CONTEXTO DE SITUAÇÃO E AS METAFUNÇÕES

Variáveis do Contexto de Situação		Metafunção da Linguagem
Campo	----------	**Ideacional**
Relações	----------	**Interpessoal**
Modo	----------	**Textual**

Quadro 1: Variáveis do contexto de situação e as metafunções

Modelo adaptado de Fuzer e Cabral (2014)

Vê-se no Quadro 1 que cada variável corresponde a uma das metafunções da linguagem, e é por estas que a oração é organizada em significados, que são chamados de ideacionais, interpessoais e textuais (FUZER e CABRAL, 2014, p. 32).

Halliday e Matthiessen (2004) conceituam cada metafunção de acordo com sua função, realização e papel no construto do esquema sociossemiótico dentro do plano linguístico. A metafunção ideacional abriga duas funções na realização da linguagem, são chamadas de experiencial e lógica. Na experencial, como o próprio nome sugere, ocorrem os processos de vivência ou experiência do ser humano, ou seja, a representação das suas experiências no mundo, o que é analisado na GSF dentro das orações.

Na lógica, estão dispostas as combinações, sejam de grupos lexicais, sejam de grupos oracionais, que formam o complexo oracional. Para a descrição dos significados ideacionais, foi desenvolvido o sistema de transitividade, que descreve a construção da experiência do homem em sistema de fraseados, com ênfase nos dados sintático-semânticos. Esse sistema será apresentado posteriormente.

Na metafunção interpessoal, encontram-se os significados de ordem interativa, isto é, quando utilizamos a linguagem para interagir com outras pessoas, realizando diversos papéis e processos sociais. Nestes, incluem-se: negociar, solicitar bens e serviços, expressar opiniões, avaliar, dentre muitos outros (DROGA e HUMPHREY, 2003). Esta metafunção é realizada, dentro da oração, pelo Sistema de Modo, o qual será visto mais adiante.

A metafunção textual é associada à realização da linguagem como mensagem em si, isto diz respeito a como os significados ideacionais e interpessoais, ou propriamente a informação, são estruturados. Essa estruturação, segundo Fuzer e Cabral, (2014, p. 128-130), é possibilita pela ocorrência de dois sistema: *Estrutura da Informação e Estrutura temática*, sendo os dois baseados no arcabouço teórico da Linguística Textual e representam, respectivamente, dado e novo (conteúdo) e tema e rema (estrutura frásica).

2.4- O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

Como a LSF sempre trabalha com a língua como produto social, a sua análise/descrição gramatical se faz sob essa ótica. Então, a construção do texto sempre refletirá o contexto, a experiência humana e o uso/escolha de elementos léxico-gramaticais como resultado das funções sociais das quais ela se apropria para materializar o texto. A transitividade, para a GSF, não se baseia apenas no estudo das regras sintáticas, que são secundárias ao que realmente considera fundamental, o texto, mas sim na base semântica dele, oriunda das experiências do homem no mundo real.

A intenção maior de todo texto é a comunicação, a transmissão de alguma informação, que estará, invariavelmente, associada à experiência sociocultural do falante/escritor. Por isso, Herbele (1999) afirma que a materialização da linguagem ocorre a partir dos atos ou acontecimentos, ou seja, quando agimos, sentimos, dizemos, somos, temos, etc., e tudo isso modela o uso da língua. Pode-se entender que transitividade é o sistema baseado nessas experiências e constitui, portanto, a gramática da oração.

A GSF possibilita a identificação dos *papéis de transitividade* encontrados na oração, os quais são elementos textuais/gramaticais utilizados para descrever a realidade dos fatos expressos pelo discurso. De acordo com Cunha e Souza (2007, p. 54), esses papéis são*: processos*, *participantes* e *circunstâncias*. É importante destacar que o estudo da transitividade na GSF é acentuadamente distinto do da Gramática Tradicional, na qual se faz prioridade identificar e categorizar os termos de ordem sintática (sujeito, complementos verbais, etc.) para, depois, se chegar ao estrato semântico do texto.

Já a GSF procurar identificar os papéis de transitividade para que se entenda questões do tipo: O que foi feito e quem fez? A quem fez? Em que circunstâncias fez? Isto significa que a preocupação maior da GSF é o processamento semântico em si, como um todo, de modo que o texto é composto por partes, como visto nos estratos da linguagem, mas a sua compreensão não se realiza dessa forma, uma vez que a mensagem já foi construída e constitui, pois, um evento fundamentalmente semiótico, o que deixa em segundo plano, em termos analíticos, as categorizações léxico-gramaticais.

Para a GSF, mais importante do que a identificação da função dos termos sintáticos na oração é a identificação das funções do texto, dos tipos de significados que realizam e do impacto social que os textos causam, como teorizam Halliday e Matthiessen (2004).

2.4.1- Os papéis de transitividade na GSF

Embora não seja uma prioridade da GSF o foco na categorização de elementos léxico-gramaticais para o estudo de gramática, é preciso que identifiquemos os itens gramaticais que utilizamos para a composição do texto enquanto unidade semântica, pois, como visto, a linguagem se realiza em sistemas de estratos, sendo a léxico-gramática um deles.

Entretanto, essas categorias gramaticais são concebidas como base de significação e não como termos meramente morfossintáticos (realidade nos estudos tradicionais de gramática). Por isso, Halliday e Matthiessen (2004) categorizam os principais tipos de palavras utilizadas, na maioria das línguas, para a descrição da experiência humana, denominadas *papéis de transitividade*[21]. São três, a saber:

I- Processos
II- Participantes
III- Circunstâncias

I. Processos

São correspondentes ao que tradicionalmente chamamos de verbos e representados pelos sintagmas verbais ou palavras/grupos de palavras que codificam as ações, os acontecimentos, os sentimentos, o dizer, o existir, etc. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 172), existem apenas seis grupos de processos utilizados pelo homem para o relato/descrição da sua experiência, e esses processos são categorizados de acordo com as suas funções semióticas na representação dessas experiências de mundo, tanto as interiores quanto as exteriores. Os processos são: materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais.

a) Materiais

[21] A teorização e conceituação dessas terminologias, aqui, foram embasadas em Halliday e Matthiessen (2004), como também em Fuzer e Cabral (2014). Nestas últimas, especialmente pelo fato da adaptação conceitual e terminológica da GSF para o Português. As exemplificações dos papéis de transitividade são de minha autoria e com base nesses autores.

- ✓ A palavra material indica os tipos de processos que denotam concretude, que são as ações ou o fazer que provocam mudanças externas, interiores ou físicas nas coisas, nas pessoas, nos objetos e tantos outros. Exemplos[22]:

A1) Maria esfriou o mingau do bebê.
A2) O governo subiu novamente a taxa de juros bancários.

b) Mentais

- ✓ São os que designam os processamentos da mente e as experiências da nossa consciência. Podem referir-se a estados mentais de afeição, cognição, desejo ou percepção. Esses estados são tipicamente humanos, mas podem ser encontradas em outras entidades ou seres.

B1) Muitas pessoas ingênuas não se lembram do passado dos políticos.
B2) Notamos a falta de informações nos jornais.

c) Relacionais

- ✓ São processos que expressam a caracterização dos seres, quando são identificados por suas características e identidades. Por isso, ajudam categorizar coisas e a estruturar conceitos sobre elas. São designados principalmente pelos verbos ser/ estar e ter.

C1) Lula é a bola da vez na Lava Jato.
C2) A investigação é sobre lavagem de dinheiro.
C3) O artista tem um belo apartamento na ilha de Manhattan.
C4) O orador tinha uma incrível dicção.

d) Verbais

[22] Exemplos criados por mim, baseados na teoria (Matin e White, 2005).

- ✓ Com sugestivo nome, estes processos são atribuídos aos atos de dizer, essencialmente pela característica humana da fala. É por eles que podemos reproduzir os atos de fala de outros, seja no texto narrativo, seja na reprodução de informações atribuídas a outras fontes.

D1) Acusaram o homem de estelionato.
D2) Disseram que o mundo ia se acabar.
D3) A população implora por justiça.
D4) A mãe reprendeu o comportamento da filha.

e) Comportamentais

- ✓ Os processos comportamentais são referentes a comportamentos essencialmente humanos (fisiológicos ou psicológicos). Dos seis tipos de processos introduzidos teoricamente pela GSF, são os de características mais indefinidas, pois muitas vezes podem apresentar características dos outros, como avaliam Halliday e Matthiessen (2004).

E1) Na festa, as pessoas dançaram[23] sem parar.
E2) Quando só se murmura[24], não se chega a lugar nenhum.
E3) Olhou[25] com desdém para a manifestação.

f) Existenciais

- ✓ São as que representam o que existe ou acontece e são os tipos de processos menos utilizados na práxis linguística de acordo com os autores. O verbo característico é "haver", sendo também representados por "acontecer". A oração existencial em português não apresenta a função sintática sujeito.

F1) Houve muito tumulto no protesto em frente ao congresso.
F2) Aconteceu um surto de dengue no país no último verão.

[23] A este processo são atribuídas características de comportamental e material.
[24] A este processo são atribuídas características de comportamental e verbal.
[25] A este processo são atribuídas características de comportamental e mental.

II. Participantes

Como descrevem Halliday e Matthiessen (2004), os participantes[26] são palavras ou elementos léxico-gramaticais que estão diretamente relacionados com os processos, por isso são categorizados juntamente com cada um deles, já que exercem papéis específicos e relacionados ao tipo de processo em uso na estrutura frásica e contextual.

a) Participantes dos processos materiais

Os processos materiais podem ter como participantes: Ator, Meta, Beneficiário e Extensão (Escopo).

- ✓ O **Ator** é o participante que realiza a ação, sendo, portanto, obrigatório.

A1) Eu faço um resumo no quadro.

- ✓ A **Meta** é o participante a quem o processo ou ação é direcionada.

A2) O aluno faz avaliação a lápis.

- ✓ O **Beneficiário** beneficia-se, de algum modo, da ação contida no processo.

A3) Pedro emprestou dinheiro a José.

- ✓ **Extensão** (ou Escopo) é o participante não afetado pela ação do Ator.

A4) Os escoteiros seguiram a trilha.

b) Participantes dos processos mentais

Para a realização da oração mental, há dois participantes, o Experenciador e o Fenômeno.

- ✓ O **Experenciador** é o participante que experencia ou vivencia um sentimento.

[26] Os exemplos de participantes utilizados aqui foram adaptados/ extraídos de Almeida (2010a) e Fuzer e Cabral (2014).

B1) Eu gosto muito do quadro negro.

- ✓ O **Fenômeno** é o que é sentido, percebido, compreendido, etc.

B2) Americanos, europeus, israelenses, árabes e iranianos adoram a história de vida de Lula.

c) Participantes com processos relacionais

Dependendo do tipo e uso do processo relaciona podemos ter: Portador e Atributo; Possuidor e Possuído; Identificador e Identificado.

- ✓ Temos **Portador** e **Atributo** quando o processo reacional atribui uma característica à entidade.

C1)

Lula	ficou	triste	com as vaias durante a abertura do Pan.
Portador	**Processo Reacional Atributivo**	**Atributo**	**Circunstância**
Machado de Assis	tinha	uma caligrafia	Ilegível.
Portador	**Processo Relacional Atributivo**	**Atributo**	

- ✓ Os participantes são Possuidor e Possuído quando a relação estabelecida pelo processo indica posse de um sobre o outro.

C2)

Juan Carlos Abadia	tinha	uma fortuna num condomínio de luxo de São Paulo.
Possuidor	**Processo Relacional Possessivo**	**Possuído**
O prédio	é	da Prefeitura e não do Estado.
Possuído	**Processo Relacional Possessivo**	**Possuidor**

- ✓ A diferença entre orações relacionais atributivas e identificativas é que as últimas sempre identificarão uma entidade por sua característica determinada ou única.

C3)

Lula	foi	o presidente de 2002 a 2010.
Identificado	**Processo Relacional Identificativo**	**Identificador**
Joaquim Barbosa	é	o primeiro juiz negro no STF.
Identificado	**Processo Relacional Identificativo**	**Identificador**

d) Participantes com processos verbais

Os participantes dos processos verbais são: Dizente, Verbiagem, Receptor e Alvo.

- ✓ O **Dizente** é o falante, sendo este uma entidade humana ou não.

D1) Dunga fala palavrões durante a entrevista.

- ✓ **Verbiagem** é o que é dito.

D2) Dunga fala palavrões durante a entrevista.

- ✓ **Receptor** é a entidade ou participante a quem o que é dito é dirigido.

D3) Eu disse aos alunos na aula passada que não existe nenhuma previsão legal impedindo a substituição.

- ✓ O **Alvo** é identificado como o participante atingido ou afetado pelo processo verbal, o qual distinguirá Alvo de Meta (participante da oração material),

D4) O MP denuncia o réu por muitos homicídios.

e) Participantes com processos comportamentais

As orações comportamentais têm um participante típico, o Comportante.

- ✓ O **Comportante** é aquele desenvolve uma ação relacionada a um tipo de comportamento.

E1) O homem bocejou durante toda a palestra.
E2) Neymar dançou em um evento beneficente.
E3) A menina choramingou que havia sumido suas fotos.

f) ***Participantes com processos existenciais***.

As orações existenciais também tem um único participante típico, o Existente.

- ✓ O **existente** pode ser um ser pessoa, coisa, objeto, instituição, uma entidade abstrata, uma ação ou evento.

F1) Há uma grande dificuldade em aceitar os fatos como realmente são.
F2) O protesto aconteceu com muitas divergências entre os populares.

III. Circunstâncias

As circunstâncias são o terceiro papel do sistema de transitividade e realizadas por advérbios e sintagmas adverbiais, como argumentam Cunha e Souza (2007, p. 60). Podem ser entendidas como o grupo gramatical opcional na transitividade, usado para indicar as condições e situações em que as atividades refletidas pelos processos acontecem, auxiliando com a informação detalhes secundários que envolvem tais atividades. Há muitos tipos de circunstâncias, vejamos agora algumas das mais recorrentes descritas pelas mesmas autora no Quadro 2.

Quadro 2: As circunstâncias

Circunstância	Significado	Exemplo
De extensão (duração espacial e temporal)	Indicam os desdobramentos dos processos em relação ao tempo e espaço (distância).	Viajou **600 quilômetros em três horas**.

De causa	Indicam a causa a atividade descrita pelo processo.	O aeroporto fechou **por causa da tempestade de neve**.
De localização (tempo e lugar)	Indicam tempo específico e a localização geográfica da atividade.	1) Os trabalhos foram iniciados **às 9 horas**. 2) A maratona foi **na avenida principal.**
De assunto	Relacionam-se diretamente com os processos verbais, indicando atividades do dizer.	Falaram **sobre o protesto** mais de um mês.
De modo	Indica a maneira pela qual a atividade expressa pelo processo de realiza.	**Euforicamente**, o povo foi às ruas protestar.
De papel	Indicam as condições do participante em relação à atividade	O homem foi apresentado **como representante oficial da marca** no país.
De acompanhamento	Indicam as condições de companhias dos participantes da atividade expressa pelo processo.	1) Foi à Bahia **sem a família**. 2) O deputado sempre sai **com seus seguranças**.
De contingência	Indicam condição, falta/omissão ou concessão.	1) Precisamos do comprovante **se ganharmos o sorteio**. 2) **Sem dinheiro**, não será possível concluir as obras. 3) **Embora faltem recursos**, o trabalho deve continuar.
De ângulo	Indicam a fonte ou o ponto de vista.	1) **Segundo especialistas**, a PEC 241 não beneficiará os mais pobres. 2) **No entendimento do brasileiros**, o país está em colapso.

2.5- O SISTEMA DE MODO

Na metafunção interpessoal, encontra-se a produção de significados que representam o que Halliday (1994) chama de *funções de fala*. Estas funções indicam como interagimos com o nosso interlocutor, o que poder ser resumido em: dar e solicitar. Isto é, sempre estamos, na interação, na condição de "dar ou solicitar informações", em que dar significa "convidar a

receber" e solicitar "convidar a dar", um processo contínuo de troca de informações das mais diversas naturezas, oriundas da vida em sociedade, do cotidiano e do contexto cultural e situacional no qual a língua se realiza enquanto sistema semiótico.

Para que a oração aconteça como uma efetiva interação entre os falantes/escritores, sempre haverá uma organização sistemática desse processamento de dados linguísticos, que é oriunda das funções de fala e possibilita a construção dos significados interpessoais. Essa organização, de acordo com Martin, Matthiessen e Painter, (1997), é denominada Sistema de MODO, no qual estarão presentes os papéis representados pelos interlocutores e a natureza do que se negocia durante a interação.

As funções de fala são realizadas pelos *modos oracionais*, que nada mais são do que as funções gramaticais já conhecidas: afirmação, pergunta, ordem e oferta. As três primeiras de acordo com Rego (2012 apud EGGINS 2004, p. 144-147) representam estas estruturas gramaticais, respectivamente: declarativa, interrogativa e afirmativa.

As funções de fala estão diretamente associadas a esses modos oracionais, indicando o modo de interagir (dar ou solicitar), que pode ser manifesto em PROPOSIÇÕES ou PROPOSTAS. Como propõem Halliday e Matthiessen (2004), as primeiras são referentes ao âmbito das informações, isto é, uma informação sempre será dada ou solicitada. Já as propostas indicam a oferta ou solicitação de bens e serviços. Para uma compreensão visual e mais exata desse esquema, utilizo exemplo adaptado de Fuzer e Cabral (2014, p. 105) no Quadro 3:

FUNÇÕES DE FALA, MODOS ORACIONAIS, PROPOSTAS E PROPOSIÇÕES

Papel na troca	**Valor trocado**	
(Funções de fala)	**INFORMAÇÕES**	**BENS E SERVIÇOS**
Dar	**Declaração** Adorei a explicação.	**Oferta** Você quer um carro de presente?
Solicitar	**Pergunta** Há crase ou não?	**Comando** Feche a porta.
	PROPOSIÇÕES	**PROPOSTAS**

Quadro 3: Funções de fala, modos oracionais, propostas e proposições

Adaptado de Fuzer e Cabral (2014,p. 105)

O esquema no Quadro 3 demonstra como são construídos os significados interpessoais, que, como sintetiza Rego (2012, p. 111), têm como maior e mais importante propósito a interface dar/solicitar. Para a estruturação do Sistema de MODO, existem componentes básicos que efetivam a realização desses propósitos comunicativos, são dois, a saber: *Modo* e *Resíduo*. O Modo será constituído pelos elementos gramaticais que representam os grupos nominais e verbais, que são, respectivamente: Sujeito e Finito. Estes, para fins teóricos e analíticos, são separados, como disposto no exemplo do Quadro 4. O Resíduo, por sua vez, é representado pelos predicadores, complementos e adjuntos (FUZER e CABRAL, 2014, p. 108 apud GHIO e FERNANDEZ, 2008).

SISTEMA DE MODO

Os blogs de Língua Portuguesa da web	podem	ser muito úteis para o processo de ensino-aprendizagem de língua materna.
Sujeito	**Finito**	**RESÍDUO**
MODO		

Quadro 4: Sistema de Modo

É importante que seja destacada a característica essencial do elemento Finito, já que ele, nesta concepção descritiva, não assume um papel de mero elemento sintagmático verbal, mas também, além da sua marca de tempo, indica polaridade (se a proposição é negativa ou positiva) ou modalidade (qual é a validade da proposição). No exemplo acima, percebe-se a marca de tempo (presente do indicativo) e de modalidade no verbo "podem", e que ele atua como um verbo auxiliar do elemento Predicador (ser).

2.6- O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE (Appraisal)

Como tantas vezes já destacado anteriormente, a LSF e outras fontes veem o uso da linguagem com um propósito intrinsecamente social, como organizadora primeira da vida do homem em sua sociedade. Dentro desse infindo leque de possibilidades de uso, estão as observações críticas que fazemos a todo o momento e sobre tudo o que queremos utilizando a linguagem.

Depois dessa introdução, pode-se perceber que a linguagem é também uma forma de avaliar, de julgar, de opinar criticamente sobre o mundo, as coisas, as pessoas, os objetos e

imensuráveis outras coisas. Por isso, a LSF considera importante entender e descrever o uso da linguagem também por esse prisma. Como reflete Vian Jr. *et al* (2010, p. 29), o comentário crítico pode parecer algo corriqueiro e simples, mas é demasiado complexo, pois trata-se do modo como vemos/entendemos o mundo e tudo quanto nele está. Ao externalizarmos essa visão/entendimento pela linguagem, podemos muitas vezes gerar retornos positivos nas nossas negociações sociointerativas, como também embaraçosos e polêmicos, afetando os participantes envolvidos e outras pessoas de modo indireto.

Vian Jr. (ibid.) ressalta que por meio da linguagem podemos realizar críticas imbuídas de preconceitos e de opiniões de senso comum ou mesmo ideologias que trazem constrangimento, mal-estar, desrespeito e muitos conflitos. Ou seja, o uso da linguagem, apesar de toda a sua importância e indissociabilidade à vida do homem social, pode ser também um modo de suscitar desavenças de proporções diversas, especialmente com relação ao posicionamento crítico que tomamos. Este posicionamento é conhecido na LSF como ATITUDE (VIAN JR. et al 2010).

É por essa e outras razões que a LSF teoriza e tem métodos próprios para o estudo da avaliação na linguagem. Martin e White (2005) desenvolveram o Sistema de Avaliatividade, que é um arcabouço teórico-metodológico capaz de categorizar e descrever os elementos léxico-gramaticais utilizados na avaliação realizada por meio da linguagem para a construção dos significados interpessoais nesse sentido. Para os autores, esse Sistema de análise está diretamente associado à metafunção interpessoal, pois o avaliar significa responder a enunciados propostos dialógica e socialmente, em que estão iminentes, como resposta, o posicionamento crítico do falantes/escritor com base na atribuição de valores estabelecidos socialmente pela comunidade de usuários de uma língua.

Esse estudo teve início, como teoriza Almeida (2010a, p. 36), não focalizando as avaliações no discurso, mas as avaliação em gêneros narrativos, recorrendo aos estudos e teorias de Labov e Walesky (1967) e Labov (1972, 1981, 1984) com Martin e Plum (1997). Com o passar do tempo, surgiu a necessidade de se estudar a avaliação como recurso discursivo, e foi introduzido o termo *Appraisal* pela escola de Sidney, com equivalência a avaliação. Isto serviu para dar nome aos recursos discursivos interpessoais de avaliação, como menciona Martin (2000). A intenção desses pesquisadores era aplicar esse estudo à análise de quaisquer tipos de textos, orais ou escritos, o que se daria com base na GSF.

Com relação à tradução da nomenclatura para o Português, houve algumas divergências para a adaptação das terminologias teóricas ao idioma. Almeida (2010a) enfatiza que essa teoria, na concepção martiniana, compõe um sistema de exploração, descrição e

explicação do modo pelo qual a avaliação é concretizada na linguagem. O termo Avaliatividade foi utilizado por Vian Jr. (2007) com o propósito de distinguir o Sistema dos demais termos utilizados na teoria. Uma imprescindível distinção é referente ao termo avaliação (*evaluation*), usado por Labov.

Como argumenta Vian Jr. (ibid.), avaliatividade é o conjunto de possibilidades de posicionamentos críticos ou atitudes, o sistema em si, e está absolutamente centrada no falante/escritor, sendo este o avaliador. Por isso, o falante/escritor avalia ou estará sujeito a fazer avaliação a todo momento, de modo que uma avaliação representa efetivamente uma atitude.

As avaliações para Labov (1972) eram restritas ao caráter de personagens em narrativas. Já os estudos sistêmicos de avaliação, Martin (2000), referem-se a avaliações que tangem atitudes relacionadas às emoções, aos comportamentos das pessoas e à apreciação/valoração de coisas, objetos, dentre muitos outros, como descreve Almeida (ibid.). Portanto, o termo avaliatividade corresponde ao leque de possibilidades de significados avaliativos em um sistema linguístico qualquer.

Por toda essa amplitude de uso encontrada no âmbito avaliativo da linguagem, a sua teorização e descrição não poderiam ser menos complexas. O Sistema de Avaliatividade é constituído por três subsistemas nos quais se encontram os recursos de avaliatividade disponíveis numa dada comunidade linguística, consoante explicação de Vian Jr. (2010, p. 22). Esses subsistemas são complementares e operacionalizam, juntos, quaisquer atitudes realizadas pelo uso da linguagem verbal. Vejamos no Quadro 4 como se dispõem os subsistemas:

O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

AVALIATIVIDADE		
ENGAJAMENTO	**ATITUDE**	**GRADAÇÃO**
Monoglóssico Heteroglóssico	Afeto Julgamento Apreciação	Força Foco

Quadro 5: O sistema de Avaliatividade

O esquema traçado por Martin e White (2005) representa um sistema semântico-discursivo no qual estão disponíveis todas as estruturas de atitudes do sistema linguístico, construídas a partir dos seus respectivos recursos léxico-gramaticais. O sistema é composto pelos três subsistemas: *engajamento*, *atitude* e *gradação*:

- No Subsistema de Engajamento temos a indicação do envolvimento do texto, isto é, a sua relação dialógica com outras vozes de modo implícito ou explícito, representados, respectivamente, pelos conceitos de monoglossia[27] e heteroglossia[28].

- O Subsistema de Gradação descreve como a avaliação é realizada em nível de grau, volume e intensidade. Essa gradação ocorre por meio dos recursos de força[29] e foco[30].

- Por sua vez, o Subsistema de Atitude é constituído pelas avaliações positivas e negativas que são feitas em relação às pessoas, os seres, as coisas, os acontecimentos em geral, etc., com significados que abrangem a emoção, a ética e a estética (ALMEIDA, 2010a, p. 41). Essas avaliações podem ser realizadas por afeto, julgamento ou apreciação.

Por ser o Subsistema de Atitude a base analítica principal deste estudo, sua descrição será plenamente desenvolvida na próxima seção.

2.6.1- O (sub)sistema de atitude

Pode-se entender este subsistema como o centro dos significados interpessoais avaliativos, já que os outros dois são a ele complementares, amplificando ou intensificando as avaliações presentes no campo da Atitude, como discorre Vian Jr. (2010). Como mencionado anteriormente, os posicionamentos avaliativos são conhecidos como atitudes, ou as atitudes

[27] Significa que o texto produzido não apresenta indicação de dialogismo com outras vozes discursivas no nível da oração. (cf. VIAN JR. et al. 2010)
[28] Significa que o texto produzido apresenta indicação explícita de dialogismo com outras vozes discursivas no nível da oração (cf. VIAN JR. et al., 2010).
[29] Refere-se à intensificação e à quantificação encontradas nas atitudes (cf. MARTIN e WHITE, 2005).
[30] Refere-se à acentuação e à atenuação da avaliação (cf. MARTIN e WHITE, 2005).

linguísticas que tomamos para julgar, apreciar, valorar as entidades, os seres, os acontecimentos, os objetos, as coisas e assim sucessivamente.

Já, enquanto sistema, a palavra Atitude refere-se ao conjunto de atitudes que envolvem três regiões semânticas, a emoção, a ética e a estética. Elas correspondem, na mesma ordem, aos recursos léxico-gramaticais de: afeto, julgamento e apreciação, como explanam Martin e White (2005, p.42), formando o Subsistema de Atitude, observado no quadro 4. O desenvolvimento desse sistema tem como objetivo maior descrever todo o processo avaliativo, isto é, explicar quem avalia, o que ou quem avalia, como avalia, quais os recursos linguísticos utilizados quando avalia, dentre outros. Vejamos o Sistema de Atitude isoladamente na Figura 4:

O SISTEMA DE ATITUDE

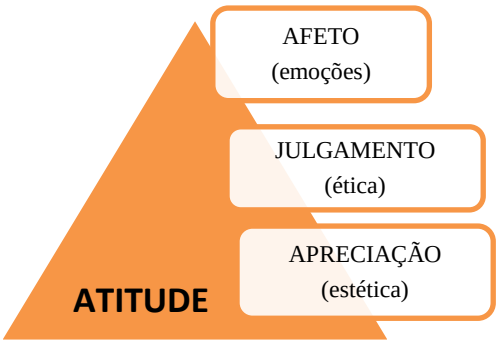


Figura 4: O Sistema de Atitude

Esse três níveis ou domínios de atitude, como descrito por Martin e White (2005), sempre estarão embasados em sentimentos, sejam sentimentos formados a partir de experiências interiores, sejam sentimentos formados a partir de experiências exteriores sociais. O afeto representa os sentimentos interiores, exatamente por isso a sua região semântica é a emoção. Enquanto o julgamento e a apreciação representam os sentimentos oriundos das experiências exteriores, são sentimentos institucionalizados em comunidade. Conforme Martin e White (2005, p. 45), o julgamento está associado às atitudes no âmbito dos parâmetros sociais do comportamento. Já a apreciação, por sua vez, refere-se a avaliações que indicam valor. Agora, serão destacados individualmente cada um dos domínios avaliativos da Atitude.

I-Afeto

Segundo Halliday (1994), as construções avaliativas de afeto indicam mudanças nos participantes, processos e adjuntos. E essas avaliações são construídas especialmente por recursos léxico-gramaticais como processos mentais afetivos, comportamentais e adjuntos modais. É por esse recurso sígnio que o falante/escritor[31] revela suas emoções ou descreve as emoções de outrem[32], e podemos entender como os sentimentos apresentam-se nas avaliações ou como o produtor textual se sente em relação às coisas, aos objetos, às pessoas, aos comportamentos, etc., como sugere Martin (2000).

O afeto sempre irá atribuir uma qualidade a um participante pelo uso de atributos, epítetos e adjuntos, como destaca Almeida (2010a, p. 46). Para a exemplificação, a autora utiliza estes exemplos:

> Epítetos
> São equivalentes ao que se conhece na gramática tradicional como adjuntos adnominais:
>
> A **happy** boy.
>
> Atributos
> Têm a mesma função da categoria predicativo do sujeito da gramática tradicional:
>
> The boy **was** happy.
>
> Adjuntos
> Equivalentes aos adjuntos adverbiais da gramática tradicional. Nos casos de afeto, geralmente são utilizados adjuntos modais para indicar a "condição emocional" do participante:
>
> The boy played **happily**.

[31] Quando o falante/escritor externaliza seus próprios sentimentos é chamado de *emoter*. (cf. MARTIN e WHITE, 2005, p. 46).
[32] Quando o falante/escritor tem os seus sentimentos avaliativos descritos por outras fontes, é chamado de *appraiser* (cf. MARTIN e WHITE, 2005).

Tais recursos permitem identificar as emoções presentes nas avaliações do falantes/escritor, revelando sentimentos positivos ou negativos. Para melhor entendimento do afeto enquanto recurso linguístico de avaliação, Martin e White (2005, p. 46-51) destacam alguns aspectos relevantes:

i. Sentimentos interiores considerados, culturalmente, bons (quando se experencia sensações positivas) e maus (quando se experencia sensações negativas):

a) *The captain was **happy***. (afeto positivo)
b) *The captain was **sad***. (afeto negative).

ii. Sentimentos como resultados de emoções que envolvem situações paralinguísticas e extralinguísticas, e também um estado emotivo ou um processo mental contínuo. Esta distinção se dá com oposição entre processos comportamentais e mentais ou relacionais:

a) Reação (comportamento): *the captain **wept***.
b) Estado/ processo mental: *the captain **disliked** leaving/ the captain felt **sad***.

iii. Sentimentos em reação direta a alguma fenômeno emocional ou atitude, em que há a pergunta "por que você se sente assim? Eu não tenho certeza/ Não sei ao certo". Em nível gramatical, há uma oposição entre processos mentais do (gostar/agradar) "Ela **gosta** dele/ Ele **agrada** ela" e processos relacionais (ser) "Ela **é** feliz".

a) Reação no outro: *the captain **disliked** leaving/ leaving **displeased** the captain*.
b) Estado mental indireto: *the captain **was** sad*.

Ainda sobre o item iii, é importante destacar que quando o processo mental estiver na voz passiva, a sua categorização pode ser dificultada. Em virtude disso, os autores recomendam uma escala de gradação para se chegar, enfim, a correta classificação do processo, especialmente quando são utilizados processos como agradar e satisfazer. A escala vai do processo mental para o relacional:

Mental

She likes him

He pleases her

She's pleased by him

She's pleased

She's pleased with him

She's very pleased

She's happy

Relacional

iv. Os sentimentos podem ser expressos em gradação, o que pode se dar do menos para o mais intenso. Essa gradação ocorre em virtude das emoções oferecem lexicalizações em escala:

a) Baixa intensidade: *the captain **disliked** leaving*.
b) Média intensidade: *the captain **hated** leaving*.
c) Alta intensidade: *the captain **detested** leaving*.

v. Os sentimentos podem revelar mais intenções, desejos ou vontade dos participantes do que propriamente reações. Essa distinção é marcada pelos processos desiderativos[33] e os processos mentais emotivos. A oposição é do tipo: real x irreal:

vi.

a) Real*: the captain **disliked** leaving*.
b) Irreal: the captain don't **wish** leaving.

vii. Por fim, os sentimentos podem ser classificados de modo mais geral em relação ao seu aporte semântico. Desse modo, autores dispõem os sentimentos em três distintos grupos:

a) Felicidade/ Infelicidade

[33] São verbos (do tipo mental) que expressam desejo, vontade ou interesse em algo. Exemplo: "Neymar **sonha** com o título da Libertadores". (FUZER e CABRAL, 2014, p. 58)

Refere-se às emoções relacionadas ao coração, em que são encontrados tristeza, ódio, felicidade e amor.

*The captain felt **sad/happy***.

b) Segurança/ Insegurança

Esses tipos de sentimentos referem-se a emoções baseadas nas noções de bem-estar social, do qual resultam sentimentos como: ansiedade, medo, confiança.

*The captain felt **anxious/ confident.***

c) Satisfação/ Insatisfação

Expressam sentimentos relacionados aos objetivos, metas e atividades realizadas. O sentimento pode ser descrito tanto para o polo positivo quanto para o negativo, ou seja, como um resultado avaliativo do que foi realizado por si próprio ou pelo outro, denotando sucesso ou frustação numa dada atividade.

*The captain felt **fed up/ absorbed***.

II-Julgamento

Para iniciar este assunto, as palavras de Almeida na seguinte citação são de grande pertinência:

> O julgamento- categoria semântica da atitude- constrói linguisticamente as avaliações do comportamento das pessoas. Esse recurso semântico ressalta as qualidades do falante/escritor, podendo ser realizado gramaticalmente por epítetos e atributos. Ele traduz a maneira pela qual as pessoas fazem avaliações sobre moralidade, legalidade, capacidade, normalidade, sempre determinados pela cultura na qual vivem e pelas experiências, expectativas, pretensões e crenças individuais moldadas por uma cultura particular e uma situação ideológica (ALMEIDA, 2010a, p. 106).

O que melhor compactaria o que a autora descreve acima certamente é a palavra ÉTICA, isto é, as avaliações realizadas por esse recurso linguístico referem-se aos modelos ou padrões sociais éticos de comportamento. Assim, esses tipos de avaliação julgam se a ação é correta ou não, como se deve ou não se deve agir, etc. A Figura 5 demonstra como se realiza esse tipo de atitude:

Figura 5: O Julgamento

Como demonstrado na figura, o julgamento é subdividido em dois polos ou tipos de manifestação semântica, estima social e sanção social, como teoriza Almeida (2010b)[34]. Martin e White (2005, p. 52) descrevem as características apresentadas por esses tipos de julgamentos. Na estima social, são encontradas três grupos de significados avaliativos, a saber:

- **Normalidade**

  Julga se o comportamento é incomum, se foge ou é compatível com a normalidade do que é estimado socialmente.

  Exemplo:

  A menina é uma **moça muito boa**. O seu modo de se comportar é sempre **elogiado**. Tudo é **muito coerente**, é **um exemplo** pra nós.

[34] Os exemplos aqui utilizados são baseados ou retirados integralmente desta fonte teórica.

- **Capacidade**

  A pessoa é capaz, preparada, tem competência ou não.
  Exemplo:

  Uma pessoa pode ser absolutamente **ignorante** em assuntos acadêmicos, mas **muito sábia** na escola da vida.

- **Tenacidade**

  Refere-se à confiabilidade encontrada ou não no indivíduo.

  Exemplo:

  E Pedrinho? Um excelente rapaz. **Muito sério**, **de muita confiança**, menino **de palavras**.

Na sanção social, há dois grupos de significados de julgamento:

- **Propriedade**

  Avalia-se a pessoa no que diz respeito à ética.

  Exemplo:

  Isso é apenas para atrapalhar os historiadores, gente **muito mexeriqueira**.

- **Veracidade**

  A avaliação é relacionada ao aspecto da honestidade da pessoa.

  Exemplo:

  O homem condenado à prisão perpétua era **inocente**.

III. Apreciação

Na apreciação, última categoria de atitude, estão disponíveis os significados interpessoais avaliativos sobre as coisas, os objetos, os acontecimentos, os fenômenos, entre outros. Como destacam Martin e White (2005, p. 56), é por meio da apreciação que podemos avaliar imensuráveis tipos de entidades, o que inclui aquelas que nos mesmos criamos, os nossos desempenhos em atividades que realizamos ou até mesmo acontecimentos naturais. Desse modo, são atribuídos valores estéticos positivos e/ou negativos às coisas, aponta-se também a reação que elas provocam nas pessoas ou as percepções de proporcionalidade e de detalhe que temos em relação à constituição de um objeto/coisa. Dentre essas entidades avaliadas, podem-se destacar:

> elementos ao nosso redor, bens e serviços, shows, filmes, livros, CDs, obras de arte, casas, prédios, parques, recitais, espetáculos, ou performances de quaisquer tipos, fenômenos da natureza, relacionamentos e qualidades de vida (ALMEIDA, 2010a, p. 108).

Vejamos como se subdivide a apreciação na Figura 6:

APRECIAÇÃO

Figura 6: Apreciação

A apreciação pode ser realiza por elementos léxico-gramaticais (epítetos, atributos, circunstâncias) ou até mesmo pelas orações completas, codificando se gostamos, desgostamos e constituindo, assim, uma avaliação pessoal sobre as entidades descritas anteriormente de acordo com Almeida (ibid.). Esses posicionamentos atitudinais se dispõem como descreve a figura 6. Nesta, percebe-se que há três modalidades ou tipos de apreciação: valoração, reação ou composição. A reação ainda se subdividi em impacto e qualidade; a composição, do mesmo modo, é subdividida em dois eixos semânticos, proporção e complexidade. Vejamos os componentes da apreciação[35]:

- **Reação**

  Este tipo de apreciação corresponde aos significados que denotam como as coisas nos afetam e que reações nos provocam, de acordo com Martin e White (ibid.). Há dois tipos de reações como resposta ao relacionamento dialógico atitudinal existente entre as pessoas e as coisas.

  a) Reação-impacto: sugere uma reação como um efetivo "impacto" que a coisa provoca. Indica se houve ou não encantamento, cativação pela entidade.

     Exemplo de reação-impacto

     Isso aí é **terrível**, queima o advogado, arrebenta, se não tiver uma orientação.

  b) Reação-qualidade: diz sobre "a qualidade" do que se avalia, indicando se houve ou não agrado.

     Os exemplos do blog **não são muito práticos** para o aprendizado.

- **Composição**

[35] Todos os exemplos de apreciação utilizados nesta teorização foram retirados/adaptados de (ALMEIDA, 2010a, 58-61).

Descreve significados avaliativos que referem-se ao modo como percebemos as coisas em relação à sua organização, forma e elaboração. Ela também é realizada em dois planos semióticos, proporção e complexidade (ALMEIDA, 2010b, p. 110).

a) Composição-proporção: avaliações referentes ao equilíbrio= construção/elaboração/forma das coisas.

Exemplo de composição-proporção

Este texto está **ok**.

b) Composição-complexidade: informa sobre a percepção que temos da complexidade apresentada pela entidade fonte.

Exemplo de composição-complexidade

(...) Não era esse Latim **escolarizado**, né? **Cheio de padrão** (...)

- **Valoração**

Este tipo de atitude diz respeito aos significados que expressam o valor dado às coisas ou aos objetos e, como no caso do afeto e julgamento, também apresenta atitudes negativas e positivas, como justificam Martin e White (2005, p. 56). Ao expressar significados desse tipo, é como se respondêssemos a perguntas do tipo: isso valeu a pena? Essas questões resultam, abstratamente, de reflexões cognitivas descritas por processos mentais de cognição, tais como: eu acho, eu percebo, eu compreendo, etc.

Exemplos de valoração

1) (...) então é um estudo **muito interessante**, um estudo **muito importante**, a morfologia.

Encerro este capítulo com a apreciação, ultima categoria de atitude. No capítulo seguinte, serão apresentados os métodos utilizados nesta pesquisa para coletar, agrupar e analisar o corpus.

CAPÍTULO III

SOBRE O MÉTODO

3.1- CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como intuito primeiro o estudo do discurso no âmbito da avaliação, com base no Sistema de Avaliatividade da Linguística Sistêmico-Funcional. A característica central de uma análise textual ou linguística, de acordo com Halliday e Hasan (1976), baseia-se fundamentalmente na exploração do texto e na sua interpretação a partir dos dados explorados, deste modo o trabalho será considerado exploratório/interpretativo.

Os dados linguísticos, por si mesmos, revelarão como a produção de sentidos, no âmbito da avaliação, se realiza e quais são os seus objetivos e finalidades. Para a composição dos procedimentos analíticos, será utilizada uma abordagem quanti-qualitativa, ou seja, serão evidenciados dados estatísticos do *corpus* com a identificação e quantificação dos elementos léxico-gramaticais de atitude presentes nos comentários realizados pelo público dos BENIs para o ensino de Língua Portuguesa. Depois, esses comentários serão interpretados.

De acordo com Dornyei (2007, p. 31), esse tipo de abordagem analítica é atualmente muito utilizada pelas ciências sociais, sendo adotada pelos maiores e mais influentes metodologistas do mundo no campo social das ciências, a fim, principalmente, de estabelecer uma complementaridade ao fazer a junção das características e potencialidades dessas duas abordagens. Isto significa dizer que esses dois métodos, juntos, podem oferecer muitos benefícios e vantagens para se entender um fenômeno (DORNYEI, 2007, p. 47). Na presente pesquisa, há, portanto, a necessidade de se unificar essas abordagens metodológicas, pois se trata de uma pesquisa sociocultural (linguística), na qual os dados quantitativos serão fundamentais para a descrição/interpretação dos usos avaliativos do *corpus*.

Dessa forma, observar-se-á, a partir das hipóteses lançadas, que tipo de relação dialógica sobre o ensino-aprendizagem de língua materna prevalece entre o público e os blogueiros. A exploração dos dados baseia-se, fundamentalmente, nas atitudes realizadas pelo público e muito frequentes no *corpus*.

3.2- O *CORPUS*

O *corpus* é composto por comentários extraídos de dez blogs não institucionais para o ensino de Língua Portuguesa encontrados na web. Concentra-se basicamente nos comentários emitidos pelo público, como resposta aos conteúdos de ensino de Português disponíveis em cada um desses blogs.

3.3- OS PARTICIPANTES

Embora não sejam analisados comentários emitidos pelo blogueiro, este compõe, juntamente com o público, o quadro de participantes. É importante ressaltar que a atitude refere-se necessariamente a um processo dialógico como destacam Martin e White (2005). Desse modo, o blogueiro primeiramente participa como **emissor**, pois as suas postagens funcionam como **uma abertura de diálogo** direcionada aos internautas interessados no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Depois, passa a exercer o papel de **receptor** quando o seu público manifesta-se por meio de comentários. Portanto, essa troca de papeis é sempre constante, em que blogueiro e público alternam-se nos papeis de **emissor** e **receptor**.

3.4- CRITÉRIOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA

Tanto para a seleção dos blogs quanto para a dos comentários, houve critérios específicos para uma mais genérica amostra dos dados em análise. O primeiro critério para esse processo seletivo é relacionado à escolha dos blogs. Estes foram selecionados pela ordem de disposição na qual foram encontrados no website Google[36], a partir da pesquisa: *blogs de português* ou *blogs de língua portuguesa*, como mostram as Imagens 1 e 2 (vide anexos). Optei pela ordem sequencial dos dez primeiros, especialmente para fins de obtenção de um quantitativo pertinente de dados a serem analisados.

Entretanto, somente esses critérios não foram suficientes, uma vez que em alguns blogs, previamente selecionados sob essas condições, não havia comentários, os quais são essenciais para a análise proposta, já que formam o *corpus*. Por isso, houve a necessidade de se incluir mais um critério para essa seleção, exatamente a escolha de blogs que apresentam comentários suficientes para a composição do *corpus*, como também para atender às exigências do programa computacional utilizado na análise quantitativa dos elementos léxico-gramaticais. Procedi, pois, com os mesmos critérios, apenas dispensando os blogs sem comentários e selecionando o próximo da sequência.

É válido ressaltar também que houve critérios específicos para a escolha dos comentários dentro dos blogs. Direcionei-me às postagens em que foram encontrados no mínimo vinte e no máximo setenta comentários, sendo duas postagens para cada blog. Em

[36] O Google é o website mais visitado do mundo segundo o site <http://www.significados.com.br/google/>.

alguns blogs, isso não foi possível, pois não foram encontrados, nos posts por assunto, números de comentários dentro dessa margem quantitativa previamente estabelecida pelos critérios de seleção adotados aqui. Tive então de fazer uma adaptação, agrupando comentários de diferentes assuntos para alcançar esses números em alguns blogs.

Como a análise é especificamente realizada em BENIs, também foi imprescindível o cuidado para não selecionar BEIs, que podem estar disponíveis na web em pequeno número e serem confundidos com os BENIs.

3.5-INSTRUMENTO DE ANÁLISE

Para o processo de análise deste *corpus*, utilizo os recursos computacionais da Linguística de *Corpus*, que são programas criados tanto para armazenar quanto para explorar os *corpora*. Considerando o caráter exploratório desta pesquisa, o uso deste instrumento de análise é aqui essencial. Os recursos computacionais da Linguística de *Corpus* (doravante LC) começaram a ser utilizados em 1970, segundo Sardinha (2004, p. 15). Desde então, surgiram mais e mais programas e recursos para se trabalhar com a análise de textos maiores e, assim, foram possibilitadas explorações cada vez mais complexas e fidedignas dos dados encontrados e extraídos dos textos.

Dentre os mais utilizados programas computacionais da LC, destaca-se o *WordSmith Tools*, que é um recurso para análise de itens lexicais, segundo Zapparoli (2010). Esse programa foi criado por Mike Scott da Universidade de Liverpool e publicado pela Oxford University Press, sendo disponibilizado para uso no ano de 1995. Esse será o recurso computacional analítico-descritivo utilizado para a análise do *corpus* desta pesquisa.

Conforme a autora, o programa é constituído por três principais ferramentas, *WordList*, *Concordance* e *KeyWords* e algumas outras que não serão utilizadas neste trabalho. Zapparoli (ibid.) explica a função de cada uma:

> *WordList*: gera listas de palavras em ordem alfabética e em ordem de frequência, e listas de estatísticas dos textos (dimensões e densidade lexical);
>
> *Concordance*: ferramenta, por excelência, para análise lexical, cria concordâncias das palavras de busca (listas de palavras em contexto), gera listas de colocados (listas das palavras que ocorrem à esquerda e à direita da palavra de busca selecionada, em ordem de frequência), listas de padrões de

> colocados (frases comuns), listas de agrupamentos lexicais, e exibe um mapa gráfico que mostra onde a palavra ocorre no corpus;
>
> *KeyWords*: lista palavras-chave de um dado texto através de comparações entre listas de palavras de arquivos diferentes quanto à sua frequência relativa, procedimento que permite a caracterização de um texto ou de um gênero. Exibe um mapa gráfico que mostra onde cada palavra-chave ocorre no corpus (ZAPPAROLI, 2010).

Cabe informar que apenas os dois primeiros recursos do *WordSmith Tools (WordList e Concordance)* serão utilizados nestas análises. O que será detalhado mais adiante.

3.6- PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Esta análise seguirá os protocolos analíticos estabelecidos por Eggins e Slade (1997) e utilizados por Almeida (2010a). De acordo com esta última autora, uma análise de atitude deve basear-se em três procedimentos centrais, que são:

a) identificar os elementos avaliativos no *corpus*;
b) classificá-los;
c) interpretá-los.

Adotando tais procedimentos, é possível criar uma espécie de gradação analítica em ordem decrescente, pois os muitos significados que o *corpus*, em princípio pode apresentar, serão reduzidos com a classificação e interpretação dos dados, ou melhor, dos elementos léxico-gramaticais de atitude que o compõem.

O primeiro procedimento, (a), diz respeito à identificação dos elementos de atitude, proporcionada pela utilização do programa *WordSmith Tools*, mais especificamente com a ferramenta *WordList*. Nesse programa, há a necessidade de que todo o *corpus* seja transformado em arquivo TXT, isto é, texto sem formatação. Após essa primeira ação, parti para o processo de identificação dos elementos léxico-gramaticais.

Para identificá-los, tive de utilizar as classificações, procedimento (b), fundamentadas por Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004) e Martin e White (2005), pois são as fontes-base da categorização dos elementos léxico-gramaticais da LSF. Nas duas primeiras obras, estão registrados amplamente todos os fundamentos teórico-descritivos da LSF e, evidentemente, os parâmetros terminológicos gramaticais pertencentes à teoria. A terceira tem

maior especificidade, pois aborda a questão do discurso enquanto recurso de avaliação, ou seja, descreve a linguagem como um sistema sígnico também de atitude, a qual é realizada por afeto, julgamento e apreciação. Identificar nos comentários estas três regiões semânticas de atitude foi imprescindível para o estudo do *corpus*, uma vez que abrangem as autoavaliações, as avaliações direcionadas aos outros participantes (blogueiros e aprendizes) e as avaliações referentes às entidades não humanas envolvidas nesse contexto (blog, conteúdo, didática, etc.).

Para dar mais plausibilidade em caso de possíveis generalizações, o *corpus*, composto por vinte e uma mil trezentas e seis palavras corridas (21.306 *running words*), foi lançado no *WordList* com a finalidade de se localizar todas as lexias sugestivas de avaliação. Essa identificação foi basicamente realizada com a procura por elementos avaliativos em ordenação alfabética, de frequência, seguindo a categorização terminológica de avaliação já proposta pela teoria. Quando não houve essa possibilidade de identificação, devido a especificidades encontradas em determinadas análises, foi imprescindível procurar por palavras sugestivas de avaliação para cada tema específico de análise proposto por esta pesquisa, ou seja, pelas palavras que "puxam" avaliação dentro desses temas, relacionados ao contexto da pesquisa. Exemplo:

TEMA DE ANÁLISE	**EXEMPLO**
Blogs	*Blog*(*s*), blogues, página, site, fórum, etc.
Blogueiro	Você, professor, mestre, tu, etc.

Neste exemplo, tem-se a noção de como as avaliações foram identificadas, isto é, o que foi dito pelo participante sobre o *blog*, a página, o site, o fórum, o professor, o mestre, etc.? Também foram identificados elementos léxico-gramaticais de atitude diretamente: atributos, epítetos, processos, ou seja, as lexias que foram utilizadas na realização das atitudes. As imagens das páginas 111 e 112 demonstram como o *corpus* foi explorado com o uso das duas ferramentas, que foram imprescindíveis para o propósito de identificar os elementos avaliativos.

Após a identificação de cada elemento avaliativo com esses recursos, foi necessária a utilização da ferramenta *Concordance*, que apresenta os itens gramaticais avaliativos mais amplamente, isto é, no contexto em que foram utilizados. Com isso, foi possível distinguir os tipos de avaliações encontradas, bem como as entidades avaliadas.

Depois de identificar os elementos avaliativos, foi preciso relacionar, para a análise das atitudes, os aportes teóricos utilizados às perguntas de pesquisa disponíveis na introdução. Demonstro em tabela essa relação:

Tabela 5: Relação entre teorias de base e perguntas de pesquisa

PERGUNTA	TEORIA	PRINCIPAIS TEÓRICOS
1. O que os participantes dos *blogs* avaliam?	**SA/LSF/LC**	Almeida (2010a, 2010b); Halliday (1994); Halliday e Matthiessen (2004); Martin e White (2005); WordSmith Tools (2015).
2. Como avaliam?	**SA/LSF/LC**	Almeida (2010a, 2010b); Martin e White (2005), WordSmith Tools (2015).
3.Como são discutidos os aspectos léxico-gramaticais da Língua Portuguesa nas avaliações feitas?	**SA/ LSF**	Almeida (2010a, 2010b); Halliday (1994); Halliday e Matthiessen (2004); Martin e White (2004).
4. Quais sentimentos referentes ao processo de ensino-aprendizagem de português os participantes têm ao entrarem em contato com os *blogs*?	**SA/LSF/ LC**	Almeida (2010a, 2010b); Martin e White (2005); Halliday (1994); Halliday e Matthiessen (2004); WodSmith Tools (2015).
5. O que essas avaliações sobre aspectos linguísticos revelam em relação à qualidade funcional dos *blogs*?	**Tecnologias da Educação**	PCNs (1998a, 1998b, 2000); Freitas (2009); Gomes (2007); Moran (1997, 2001, 2013); Niskier (1993); Oliveira (2008); Ramal (2002); Rodrigues (2009); Santos (2010).
6. De acordo com as avaliações dos participantes, como os *blogs* educativos não institucionais podem contribuir efetivamente para o processo de ensino-aprendizagem de língua materna?	**Tecnologias da Educação**	PCNs (1998a, 1998b, 2000); Freitas (2009); Gomes (2007); Moran (1997, 2001, 2013); Niskier (1993); Oliveira (2008); Ramal (2002); Rodrigues (2009); Santos (2010).
7. Qual a relevância dessa pesquisa para o ensino-aprendizagem da língua materna, considerando o contexto dos recursos tecnológicos aliados ao ensino?	**Tecnologias da Educação**	PCNs (1998a, 1998b, 2000); Freitas (2009); Gomes (2007); Moran (1997, 2001, 2013); Niskier (1993); Oliveira (2008); Ramal (2002); Rodrigues (2009); Santos (2010).

Para analisar os comentários, procedimento (c), primeiramente foram categorizadas as atitudes neles encontradas e, seguindo a ordem disposta na teoria, são três grupos ou tipo de

significados avaliativos: afeto, julgamento e apreciação. Por isso, o direcionamento analítico foi linear e claro, uma vez que a teoria já preconiza, para cada um dos três grupos de atitudes, as entidades correspondentes a serem avaliadas. Por exemplo: as atitudes de afeto categorizam os sentimentos humanos (próprios ou de outrem) nos subtipos de (in)felicidade, (in)segurança e (in)satisfação. As peculiaridades e informações sobre cada tipo de atitude constam no próximo capítulo, destinado à análise.

A categorização dos elementos léxico-gramaticais de atitude foi realizada, em quadros, conjuntamente com a transcrição dos comentários nos quais se encontram. Como no exemplo:

Fonte dos exemplos: *corpus*

Elemento léxico-gramatical	Categoria	Exemplo
Gostei	Processo Mental Afetivo	**Gostei** dos exercícios.
Interessante	Atributo	Este blog é muito **interessante**.
Feliz	Atributo	Fiquei muito **feliz** por encontrar alguém que leva a sério o estudo da nossa língua.
Extraordinárias	Epíteto	O acordo veio introduzir **extraordinárias** dificuldades no aprendizado da língua.
Fácil	Atributo	Essa foi uma forma bem **fácil** de ser explicada...
Obrigada	Epíteto	Ótima explicação. **Obrigada**!

Tabela 6: Exemplo de transcrição de comentários e categorização dos elementos de atitude

Evidentemente que a tabela acima é utilizada apenas como um exemplo geral da transcrição dos comentários e categorização dos elementos de atitude. Há muitas particularidades em cada caso dos tipos (e subtipos) de atitude, determinando assim as variações na construção dos quadros, que, em alguns casos, dispôs os elementos apenas numericamente ou em associação com a transcrição das atitudes. Em outras situações, os quadros também abrigaram a polaridade das atitudes.

À medida que os quadros foram construídos, analisei as atitudes referentes a essas descrições neles expostas, com base na teoria, apontando as generalidades e as particularidades dos achados linguístico-avaliativos.

Finalizando a análise, foram construídos gráficos para expor os percentuais dos tipos e subtipos de atitude, bem como outros dados importantes como a polaridade. Sintetizo com a figura a seguir os passos da análise:

Figura 7: Síntese da análise

CAPÍTULO IV

SOBRE O PROCESSO DE ANÁLISE

Este capítulo destina-se à apresentação e à discussão dos dados compostos pelos elementos léxico-gramaticais de atitude encontrados nos comentários dos blogs, que serão apresentados na sequência.

4.1- OS BLOGS SELECIONADOS

Inicio o capítulo de análise apresentando os blogs selecionados para a extração do *corpus*. Como mencionado na metodologia, foram selecionados dez blogs encontrados na pesquisa realizada no Google com as seguintes buscas: blogs de português e blogs de língua portuguesa. O grupo de blogs é composto por oito brasileiros e dois portugueses. As imagens encontram-se disponíveis na seção Anexos. Os oitos brasileiros são: Blog Língua Portuguesa, Blog do Aldo Bizzocchi, Blog do Gramaticando, Blog Conversa de Português, Blog Português Fácil, Blog da Professora Karina, Blog Estudando Língua Portuguesa com a Professora Gabriela Pimenta, Blog Língua Portuguesa no dia a dia; os portugueses são: Blog Português Correcto e Blog Língua à Portuguesa.

Como o objetivo central deste trabalho é compreender o funcionamento dos BENIs em sua articulação com o processo de ensino-aprendizagem de língua materna (considerando o PB e o PE), este capítulo descreve as avaliações dos participantes dos blogs como um feedback não somente ao blogueiro, mas também à comunidade como um todo, para que compreendamos a real funcionalidade desses veículos de comunicação nas questões relacionadas ao ensino, em especial o de Português. A partir disso, poderão ser respondidas indagações do tipo: nos BENIs, o que o público avalia e como avalia? O que essas avaliações dizem em relação ao processo educativo e à qualidade educativa desses blogs?

Ressalto que são as avaliações dos participantes que nortearão a análise/compreensão do processo de funcionamento e de ensino-aprendizagem nos BENIs, por isso o Sistema de Atitude da LSF foi escolhido como a principal fonte teórico-metodológica desta pesquisa. As avaliações, portanto, devem ser descritas em todas as suas categorias encontradas, exatamente o que faço neste momento.

4.2- IDENTIFICANDO OS TIPOS DE ATITUDE NOS COMENTÁRIOS

Nesta seção, serão identificadas as atitudes encontradas nos comentários pelos seus tipos, ou seja, por afeto, julgamento ou apreciação, os quais são os três grupos semânticos ou subsistemas que formam o Sistema de Atitude. Começarei pela sequência estabelecida na teoria: afeto, julgamento e apreciação.

4.2.1- Avaliações por afeto nos BENIs indicando felicidade/infelicidade

Volto aos conceitos de Martin e White (2005) neste momento para relacionar as atitudes de afeto presentes nos comentários à teoria. Conforme os autores, as avaliações de afeto são aquelas pautadas na emoção e denotam o comportamento atitudinal emotivo descrito por sentimentos positivos ou negativos. Em geral, esse comportamento é produzido por elementos léxico-gramaticais específicos (epítetos, qualidades, adjuntos modais, processos mentais afetivos, comportamentais e relacionais), que, como menciona os autores (ibid., p. 42), constroem o seguinte registro: estamos felizes ou tristes, confiantes ou ansiosos, interessados ou entediados?

Por conseguinte, é pelas avaliações de afeto que serão identificados os estados de felicidade/infelicidade, segurança/insegurança e satisfação/insatisfação com relação aos aspectos funcionais e de ensino-aprendizagem de Português nos BENIs.

A partir de agora, destaco os afetos realizados pelos distintos tipos de elementos léxico-gramaticais encontrados no *corpus*, identificando como o usuário se sente (feliz/infeliz, seguro/inseguro, satisfeito/insatisfeito) e, consequentemente, como avalia os blogs em sua função educativa com especificidade no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

4.2.2- Afeto como processo indicando felicidade/infelicidade

De acordo com Martin e White (2005, p. 46), os processos que realizam diretamente o afeto são os mentais afetivos como: gostar, amar, odiar, apaixonar, etc., tanto em sentido positivo quanto em sentido negativo. Nos comentários do público, foram encontrados alguns desses processos como avaliação, especialmente como uma autoavaliação, uma vez que descrevem o sentimento do próprio emissor com relação a algum aspecto do blog. O exemplo a seguir demonstra esse contexto:

“Gostei dos exercícios. Uma ressalva ao fato da trema não ser usada mais, após o acordo ortográfico (questão 31).”

Esse tipo de atitude na maioria dos casos revelou a emoção (sentimento) positiva do participante do blog em relação a algum aspecto do processo de ensino-aprendizagem ali encontrado. O sentimento de felicidade foi gerado pela explicação de algum conteúdo, pelo desempenho do blogueiro na sua didática, ou mesmo pela existência do próprio blog. Os processos utilizados para executar o afeto serão destacados numericamente no seguinte quadro:

AFETO COMO PROCESSO

Processo	Tipo de processo	Número total de ocorrências	Número de ocorrências positivas	Número de ocorrências negativas
Gostar	Mental Afetivo	39	39	0
Amar	Mental Afetivo	13	13	0
Adorar	Mental Afetivo	37	37	0
Odiar	Mental Afetivo	2	-	-

Quadro 6: Afeto como processo

São observados nesses afetos como processo a predominância de verbos do tipo mental afetivo, em que o *emoter* (quem sente) e o *trigger* (o que se sente) descrevem o sentimento do próprio avaliador por algo que o satisfaz, que lhe desperta felicidade/infelicidade, ou seja, uma avaliação do seu próprio sentimento. Este sentimento é

decorrente da satisfação com o que viu/leu no blog e avalia, indiretamente, o blog, o conteúdo, a didática do blogueiro, etc., como visto no exemplo acima. Nele, os exercícios, por serem considerados bons pelo participante, despertam o gosto ou uma grande satisfação, já que eles facilitam a aprendizagem na concepção desse falante/escritor.

Foi importante observar se houve ocorrências positivas ou negativas nas escolhas/usos desses processos pelos avaliadores, pois Halliday (1994, p. 88) indica que as formas verbais sempre apresentarão dois possíveis tipos ocorrências, positiva ou negativa, o que chama de *polaridade*. Segundo o autor, a palavra "não", quando associada diretamente ao verbo, faz parte do próprio grupo verbal e não funciona como item gramatical da estrutura frásica ou oracional.

Por isso, os grupos verbais são sempre associados a dois polos, um positivo e um negativo, por outras palavras, o processo sempre indicará se a atitude é baseada em sentimentos positivos ou negativos. No caso do afeto, o "não" representa uma atitude baseada na emoção negativa do avaliador em relação à entidade avaliada. No entanto, não foram encontradas construções negativas com esses tipos de processos.

Somente nos casos do verbo "odiar", houve a presença do sentimento de infelicidade realizada somente pelo próprio processo. Entretanto, essa emoção não foi decorrente de atitude referente ao processo de ensino-aprendizagem de português no blog e sim dessa situação de modo genérico.

Vejamos exemplos com cada um dos processos mentais afetivos encontrados representando o sentimento de felicidade e infelicidade respectivamente:

PROCESSO	ORAÇÃO/COMPLEXO ORACIONAL
Gostar	**gostei** muito me ajudou muita a intender pra uma prova amanha de portugues **gostei** muito valeu ai.
Amar	**Amei** os esclarecimentos.
Adorar	**Adorei** o novo espaço em que está o seu blog!

PROCESSO	ORAÇÃO/ COMPLEXO ORACIONAL
Odiar	**Odiava** português mais do que matemática até conhecer este site.
Odiar	Sempre **ODIEI** portugues mas depois de ler esse artigo, vejo que e mais fácil do que parece. estou amando!

Destaco aqui que esses processos são utilizados sempre como uma representação linguística do estado emocional de felicidade/infelicidade como teorizam Martin e White (2005).

4.2.3- Afetos de felicidade/infelicidade nominalizados

Há outras formas de manifestação de afeto do subtipo felicidade/infelicidade encontradas no *corpus* e realizadas por outros recursos gramaticais. Estes recursos são conhecidos por *metáforas ideacionais*, que consistem na troca de um termo por outro no uso/escolha léxico-gramatical do falante/escritor. Halliday e Matthiessen (2004) discorrem sobre o assunto ao dizer que o processo da metáfora envolve a reconstrução dos padrões de realização na linguagem, sobretudo na interface entre a gramática e a semântica. Um significado que originalmente foi construído por um tipo de fraseado passa a ser construído por outro. (cf. HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 707-731).

Nos comentários, foi encontrado, em grande número, um tipo de metáfora ideacional denominada "nominalização", a qual representa a transformação de processos em nomes, mas, como esclarecido pelos autores, mantendo a mesma intenção semântica. Palavras como *beijo* e *abraço*, salvo exceções contexto-situacionais, comumente denotam significados que expressam estados de felicidade, pois são modos de cumprimentar, saudar o interlocutor, como nos seguintes exemplos do *corpus*:

1) Oi Gabi, muito bom seu blog. Parabéns, volte a postar com mais frequência. **Beijos**

2) Tão bom visitar o blog!
   Parabéns pelo trabalho!
   Grande abraço!

Nos dois exemplos, percebe-se uma grande carga emotiva na construção frásica. Os participantes fecham os seus comentários com as palavras **beijos** e **grande abraço**, que funcionam como uma saudação de carinho e/ou agradecimento, geralmente dirigidas a pessoas com maior grau de intimidade, mas muito recorrentes no *corpus*.

Esses dois tipos de saudação expressam repostas de solidariedade, e, no caso específico dos comentários dos BENIs, como se vê nos exemplos, essas respostas de solidariedade são referentes ao sentimento de gostar ou adorar, que proporciona um estado de felicidade. Uma autoavaliação é construída, e dela emerge uma atitude relacionada ao blog e às suas entidades adjacentes, por exemplo: "Eu me sinto **feliz**, porque **gosto**/**adoro** o blog" (referência ao blog) ou "Eu **gosto**, pois a explicação do conteúdo me ajuda muito, por isso me sinto **feliz/contente**" (referência ao conteúdo), etc.

Em muitos casos, o falante/escritor fecha o comentário avaliativo com esses tipos de cumprimento e Martin e White (2005, p. 49) os classificam como "explosões de comportamento" e como decorrências de estados sentimentais de felicidade ou tristeza. Alguns representam felicidade (abraçar, balançar as mãos, risada, etc.), enquanto outros denotam estados de infelicidade (choro, insulto, maltrato, etc.).

Esses comportamentos apresentam-se linguisticamente no *corpus* em forma de nominalizações dos verbos beijar e abraçar. Vejamos as suas disposições quantitativas no quadro abaixo:

AFETOS DE FELICIDADE/INFELICIDADE NOMINALIZADOS

Processo	Tipo	Forma Nominalizada	Número de ocorrências
Abraçar	Comportamental/Material[37]	Abraço (s)	28
Beijar	Comportamental	Beijo (s)	18

Quadro 7: Afetos de Felicidade/infelicidade nominalizados

Faz-se necessário observar que a forma nominalizada "abraço" foi encontrada no *corpus* em outras quatro situações, no entanto não eram referentes aos blogs ou quaisquer outros assuntos relacionados aos seus contextos educativos. Nas quarenta e seis ocorrências entre as duas palavras (beijo/abraço), não houve manifestações negativas de afeto. Isto que significa que todos os comentários expressaram o sentimento de felicidade do emissor referente a si mesmo, como também, indireta ou implicitamente, ao blog, ao post, à didática ou ao próprio blogueiro. Como dito anteriormente, esse tipo de atitude estende-se de modo implícito a essas entidades, uma vez que elas são as causas desse estado de felicidade revelado pelo discurso do usuário e presente nos comentários selecionados.

[37] Este processo é considerado comportamental, mas é muito próximo ao material, como explicam Halliday e Matthiessen (2004, p. 251).

O processo comportamental **rir** expressa, na grande maioria dos contextos em que é utilizado, estados de felicidade, assim assinalam Martin e White (2005, p. 49). Aparece no *corpus* em forma de abreviaturas, nominalizações ou expressões onomatopeicas muito comuns na era da internet. Destaco-as no Quadro 8:

AFETOS DE FELICIDADE EXPRESSOS PELO PROCESSO RIR

Tipo de Processo	Forma abreviada/nominalizada/expressões	Ocorrências
Comportamental	Risadas	1
Comportamental	Hehehe	2
Comportamental	kkkkkkkk	7
Comportamental	AHEUAHEUHAUHEAHE	1
Comportamental	RS	8

Quadro 8: Afetos de felicidade expressos pelo processo rir

As formas abreviadas/nominalizadas ou expressões em destaque no quadro funcionam como metáforas ideacionais do processo **rir**, todas indicando estágios [felicidade +] no discurso atitudinal dos participantes. Alguns exemplos:

1) nossa cara vlew ajudou muito
vc deve ser um otimo professor
muito obrigado vlew
aprendi tudin **aheuaheuhauheahe**

2) **KKKK'** só vc dona , **kkkk'** posta ai o como vc ta?
Kkkk' só vc mesmo **kkkkk'**
Nossa dona suas aula são otimas.
não entendi essa pergunta oi como vc, tá?
Amei esse site. Principalmente sobre as vírgulas.
Fantástico
Adorei mto importante msm parabensu

3) Mais fascinante ainda é o fato de eu entrar neste blog por acaso e me esbarrar com um comentário da Marisa Telo... **rs**!

É perceptível nesses comentários a associação das metáforas ideacionais com estados de felicidade dos usuários dos blogs, e o processo rir funciona como uma reiteração comportamental desse sentimento, como detalham Martin e White (2005), pois esse verbo, em casos como esses, indicam que o comportamento vem de disposições emotivas tais como: *cheerful* (alegre).

Entretanto, é válido ressaltar que algumas dessas formas aparecem no *corpus* com outras representações semânticas, especialmente as que realizam processos de linguagem conotativa, como as ironias por exemplo:

1) Dudaplay gosta de corrigir os outros e erra duas vezes ao responder. Desnecessário significa que pode mas não precisa, logo errou já que dia a dia não tem mais hífen e pronto. E porquinho-da-índia continua com hífen. **hahaha**, **kkkk**, **rsrsrsrs**. Ridículo.

2) Esse link pode lhe ajudar http://educacao.uol.com.br/portugues/reforma-ortografica/2009/01/30/hifen-palavras-compostas.jhtm procure o ítem LOCUÇÕES e veja como é bom querer tirar onda falando das coisas que não sabe **HAHAHA**!
Kkkkkkkkkkkkk

Os exemplos demonstram usos do processo comportamental rir em polaridade negativa, ou seja, foram realizadas avaliações negativas, que não se referem ao blog. As discussões, nesses casos dos exemplos, são realizadas entre os próprios participantes por suas divergências e argumentações sobre conteúdos apresentados no blog. Nesses debates entre participantes, não foram encontradas intervenções dos blogueiros.

4.3-AFETO COMO QUALIDADE INDICANDO FELICIDADE/INFELICIDADE

O afeto como qualidade é também, pode-se dizer, uma continuação do afeto como processo, uma vez que se realiza por itens gramaticais nominais resultantes dos processos utilizados na composição do afeto, como visto nos exemplos de afeto como processo. Martin e White (2005, p. 46) dizem que esse tipo de afeto é realizado por epítetos, atributos ou circunstâncias. Os exemplos a seguir foram retirados do *corpus* e demonstram a construção do afeto como qualidade, que é atribuído ao participante e aparece na forma de epíteto (equivalente ao adjunto nominal da gramática tradicional), atributo (equivalente ao

predicativo do sujeito da gramática tradicional) e circunstância (equivalente ao adjunto adverbial da gramática tradicional). Vejamos:

1) Também sou professor de português e fiquei muito **feliz** por encontrar alguém que leva realmente a sério o estudo da nossa língua. Ficarei "freguês" do seu blog, inclusive para usá-lo em minhas aulas. Parabéns. (Atributo)

2) Concordo contigo. Logo que li pensei que era um exemplo "**infelix**". Mas, de qualquer forma, o correto é 'nada de mais' simplesmente pelo contraponto 'nada de menos'. (Epíteto)

3) O capitão partiu **tristemente**[38]**.**

Percebem-se nos exemplos atitudes baseadas nas emoções, em que os *emoters* constroem os significados atitudinais com o uso de termos léxico-gramaticais que qualificam o seu sentimento nestes casos específicos. Em (1), o participante sente-se "feliz" com o comprometimento do blogueiro referente ao ensino de língua [felicidade +]. Em (2), ele avalia o exemplo a que se refere, em polaridade negativa [felicidade -]. Já em (3), o falante/escritor transcreve o sentimento de outra pessoa, dando voz a esse terceiro participante, chamado de *appraiser*, como ensinam Martin e White (2005); o sentimento do *appraiser* é de infelicidade [felicidade -].

No *corpus*, há algumas ocorrências de afeto expressas por esses elementos, especialmente as realizadas por atributos decorrentes dos verbos estar/ficar. Segue quadro com os dados numéricos dessas manifestações atitudinais:

Quadro 9: Afetos de felicidade e infelicidade por atributos

Palavra	Classificação léxico-gramatical	Número de ocorrências	Exemplo

[38] Este exemplo, "The captain left **sadly**", foi retirado de Martin e White (2005, p. 46) pelo fato de não constar esse tipo de atitude no *corpus*. Tradução minha.

Encantada	Atributo	1	1) Descobri esse blog, estou **encantada** com muitas dicas. Graças a Deus! Muita coisa vai mudar.
Maravilhada	Atributo	1	2) Descobri esse blog através de uma amiga, estou **MARAVILHADA** com tantas informações.
Feliz	Atributo	2	3) Também sou professor de Português e fiquei muito **feliz** em encontrar alguém que leva realmente a sério o estudo da nossa língua.
Chateado	Atributo	1	4) Por último, fiquei **chateado** que meus argumentos não tenham sido identificados devido ao sarcasmo do primeiro parágrafo. PS: não existe em "algum dicionário" existe no Vocabulário Oficial da Língua Portuguesa, o VOLP (joga no google, caso não conheça)

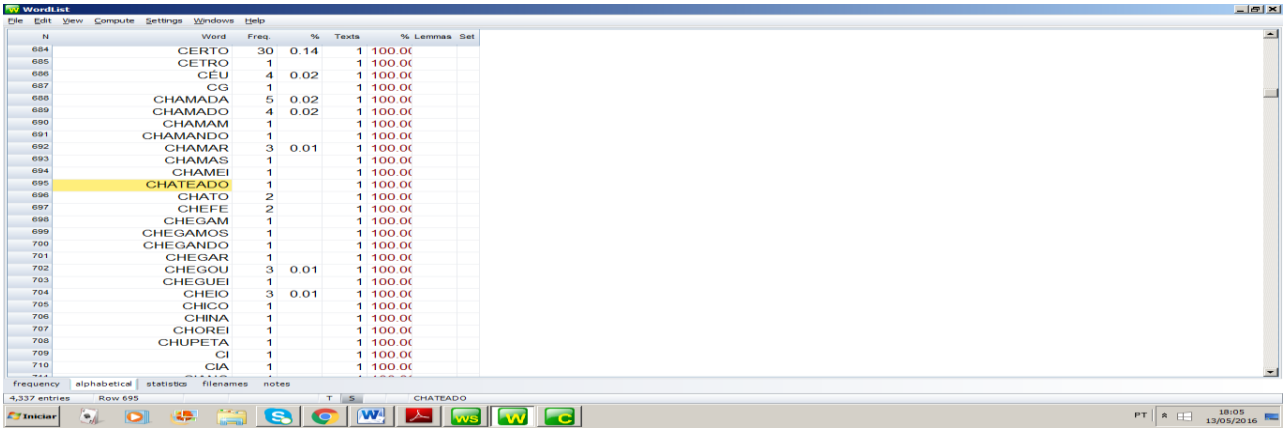
Nos três primeiros exemplos, atitudes positivas são realizadas por meio dos atributos encantada, maravilhada e feliz. Como preconizam Martin e White (2005), são elementos léxico-gramaticais desse tipo que realizam o afeto enquanto significado de felicidade/infelicidade.

As palavras **maravilhada** e **encantada** revelam o estado de encantamento, de grande alegria, exatamente sentimentos provenientes do coração. Isso se confirma por termos teóricos tais como "*jubilant*" e "*buoyant*", trazidos por Martin e White (2005, p. 49), que significam, respectivamente, alegrar-se grandemente e "flutuar" de alegria. O atributo **feliz**, por sua vez, já traz explicitamente a carga semântica realizada pelo nome felicidade, do qual deriva. Neste caso específico, o sentimento ainda foi intensificado pelo uso do termo (adjunto de circunstância) "muito", não deixando dúvida do quão contente o falante/escritor se encontra com relação ao blog em questão.

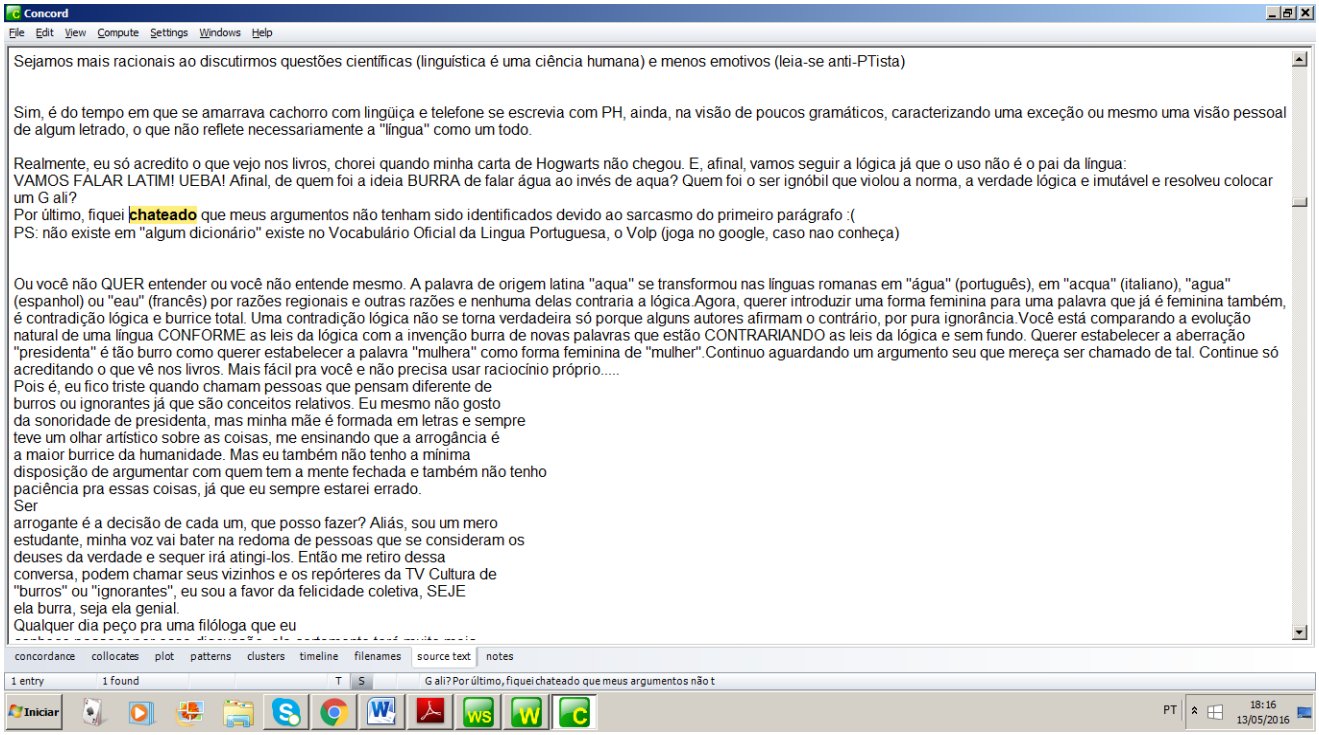
O atributo **chateado** revela a tristeza do participante ao deparar-se com a desatenção aos seus argumentos relacionados a alguma discussão léxico-gramatical realizada no blog. Entretanto, o discurso é dirigido a outro participante, pois há muitos comentários que indicam discussões entre o próprio público sobre as questões léxico-gramaticais encontradas nos blogs, como na situação a seguir:

> Realmente, eu só acredito o que vejo nos livros, chorei quando minha carta de Hogwarts não chegou. E, afinal, vamos seguir a lógica já que o uso não é o pai da língua: VAMOS FALAR LATIM! UEBA! Afinal, de quem foi a ideia BURRA de falar água ao invés de aqua? Quem foi o ser ignóbil que violou a norma, a verdade lógica e imutável e resolveu colocar um G ali?
>
> Ou você não QUER entender ou você não entende mesmo. A palavra de origem latina "aqua" se transformou nas línguas romanas em "água" (português), em "acqua" (italiano), "agua" (espanhol) ou "eau" (francês) por razões regionais e outras razões e nenhuma delas contraria a lógica. Agora, querer introduzir uma forma feminina para uma palavra que já é feminina também, é contradição lógica e burrice total. Uma contradição lógica não se torna verdadeira só porque alguns autores afirmam o contrário, por pura ignorância. Você está comparando a evolução natural de uma língua CONFORME as leis da lógica com a invenção burra de novas palavras que estão CONTRARIANDO as leis da lógica e sem fundo. Querer estabelecer a aberração "presidenta" é tão burro como querer estabelecer a palavra "mulhera" como forma feminina de "mulher". Continuo aguardando um argumento seu que mereça ser chamado de tal. Continue só acreditando o que vê nos livros. Mais fácil pra você e não precisa usar raciocínio próprio.....

O primeiro trecho pertence ao mesmo comentário no qual consta o atributo **chateado** e indica que foi iniciada uma discussão entre dois participantes, replicada pelo participante do segundo trecho. Isso indica e confirma, portanto, que o atributo não é utilizado como descontentamento do usuário referente ao blog. Vale salientar que para obtenção dos dados quantitativos e qualitativos e se chegar a essas descrições analíticas, foram utilizadas as ferramentas *WorList* e *Concordance*, respectivamente. Como demonstrado nos seguintes exemplos:



WorList por ordem alfabética (Termo **chateado** em destaque)



Concordance do termo "**chateado**"

4.3.1- Avaliações por afeto nos BENIs indicando segurança/insegurança

Por estarmos cercados, a todo momento, por pessoas e pelas mais diversas situações cotidianas, convivemos sempre com emoções que revelam os nossos sentimentos mais internos em relação ao ambiente social no qual estamos inseridos. Martin e White (2005, p. 49) entendem que esses sentimentos possuem subjacentes questões do tipo: Isso me traz paz ou inquietação? Fico tranquilo ou ansioso? Os teóricos ainda dizem que esses sentimentos são análogos ao de proteção maternal, ou seja, sempre há uma busca por estar protegido das coisas, situações e pessoas ao nosso redor, do mundo que nos circunda.

De acordo com os PNCs (1998b), o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa é uma situação-problema desde os anos sessenta, tanto em âmbito curricular quanto no da prática didático-pedagógica em si. A defasagem nesse componente curricular é também apontada como uma das principais causas do insucesso escolar como um todo segundo a mesma fonte. Esse fato tem relação direta com o sentimento do aprendiz, mais especificamente de como ele se sente em relação a essa grande problemática, pois necessita dominar as competências linguísticas básicas que lhe proporcionem vantagens na concorrida disputada por vagas nos vestibulares, concursos públicos e situações afins.

Como os BENIs são espaços virtuais muito acessados por esse tipo de público, transcrevo como os participantes se sentem diante do processo de ensino-aprendizagem de língua materna nos blogs selecionados.

Para Martin e White (2005, p. 50), no discurso atitudinal há palavras que exprimem especificamente os sentimentos de segurança e insegurança. Esses elementos léxico-gramaticais descrevem como o próprio falante/escritor se avalia ou avalia o *appraiser* em relação a estados sentimentais de segurança/insegurança, especialmente no que concerne às exigências, comportamentos das pessoas e situações do mundo à sua volta.

Os teóricos lançam alguns termos que têm associação semântica direta a esses tipos de sentimentos, sendo mais comuns os atributos, a saber:

- ✓ Segurança[39]

  certo, seguro, confiante, crente, crédulo, tranquilo, confortável
- ✓ Insegurança[40]

  inquieto, ansioso, apavorado, assustado, balançado (no sentido de incerteza)

Procurei identificar no *corpus* todos os elementos léxico-gramaticais, incluindo processos, que possuem essa disposição semântica relacionada ao blog e tudo que a ele se refere em seu contexto de ensino e discussões dos aspectos linguístico-gramaticais de língua materna.

4.3.2-Atributos e outros elementos como afeto de segurança e insegurança

Nos casos de alguns atributos usados como afeto de segurança e insegurança, foi preciso entender as suas disposições semântico-contextuais. Por exemplo, o caso da palavra "certo", que pode variar muito a sua semântica contextualmente. Aqui, foi importante identificar e entender a sua disposição sígnia quando designa a situação de os participantes estarem confiáveis/seguros ou não em relação ao contexto dos assuntos léxico-gramaticais em

[39] Estes termos, de tradução minha, foram retirados de Martin e White (2005, p. 50) e representam os afetos de segurança, tais como no original: *assured*, *trusting*, *confident*, *comfortable with*, *confidente in/about*, etc.
[40] Estes termos, de tradução minha, foram retirados de Martin e White (2005 ,p. 50) e representam os afetos de insegurança, tais como no original: *uneasy*, *anxious*, *freaked out*, *startled*, *jolted*, *staggered*, etc.

discussão, diferentemente de outras situações, que a palavra pode julgar, por exemplo, algo ou alguém no sentido da ética ou moralidade. No *corpus*, aparece, na maioria dos casos, como representação de insegurança dos participantes [segurança-], como neste exemplo:

Mas "quem mora" mora em algum lugar, portanto verbo transitivo e não intransitivo, **certo**? Não concordo com Houaiss

No exemplo, a palavra **certo** representa a sensação de dúvida ou insegurança do falante/escritor referente ao assunto léxico-gramatical em pauta no blog. Muitos comentários apresentam o uso desse termo em situações como a do exemplo, ou seja, a palavra **certo** representando a dúvida do participante, na qual subjaz uma autoavaliação de afeto (insegurança), pois há questionamento, incerteza ou dúvida, mais especificamente quando há uma interrogativa direta ou indireta. Entretanto, em outras situações, esse termo expressa uma certeza, que denota um estado emocional de segurança:

Na regra de oxítonas ou paroxítonas deu **certo**.

O falante/escritor revela segurança ao dizer que o seu procedimento em relação às regras de oxítonas ou paroxítonas é certo, fiável, consistente.

O quadro demonstra na íntegra as duas situações:

Quadro 10: A palavra "certo" como afeto de segurança e insegurança

Elemento léxico-gramatical	Modo Oracional	Polaridade	Exemplo
Certo	Interrogativo Direto	[Segurança-]	1) Advérbio não modifica substantivo, função que cabe ao adjetivo, **certo**?
Certo	Interrogativo Direto	[Segurança-]	2) "No presente, a mente, o corpo é diferente", o termo destacado é adjunto adverbial de modo antecipado, **certo** ou errado?
Certo	Interrogativo Direto	[Segurança-]	3) No caso do G ou J, se eu fizer essa regra abaixo dá **certo**?
Certo	Interrogativo Direto	[Segurança-]	4) Podemos dizer tbm que atras foi desnecessário, **certo**?
Certo	Interrogativo Direto	[Segurança-]	5) Na frase: "Foi uma vitória gloriosa para eles, comparando a sua tecnologia à dos inimigos.", o "à" está bem empregue, **certo**?

Certo	Interrogativo Indireto	[Segurança-]	6) Eu gostaria de saber se está **certo**...
Certo	Interrogativo Indireto/Direto	[Segurança-]	7) Queria saber se está **certo**, pois estava sem o acento agudo...Tá **certo** isso?
Certo	Interrogativo Direto	[Segurança-]	8) Mas "quem mora" mora em algum lugar, portanto verbo transitivo e não intransitivo, **certo**?
Certo	Interrogativo Direto	[Segurança-]	9) Não se acentuam as palavras paroxítonas que são homógrafas, ou seja o têm no plural não se acentua mais, **certo**?
Certinho	Interrogativo Direto	[Segurança-]	10) É assim? Compreendi **certinho**?
Certo	Interrogativo Direto	[Segurança-]	11) Não é mais fácil dizer: palavras terminadas em "GIO"? ou não daria **certo**?
Certo	Declarativo	[Segurança+]	12) Na regra de oxítonas ou paroxítonas deu **certo**.
Certo	Interrogativo Indireto	[Segurança-]	13) O CUJO refere-se ao termo da esquerda, mas concorda com o termo da direita. Obs. Ele é anafórico. Professora estou **certo**.
Certo	Declarativo	[Segurança+]	14) Kkk, pois pra eu o **certo** é presidente e não presidenta.
Certo	Declarativo	[Segurança+]	15) O **certo** seria: de mais: demasiado, a mais e demais: o restante, os demais
Certo	Declarativo	[Segurança+]	16) O **certo** é dizer: ...a, mas isso não e não...a, mais isso não...

Nota-se que os usos do termo **certo** têm suas distinções bem marcadas e claras, funcionando como atributo, identificado, circunstância (no caso do décimo exemplo do quadro). Por meio desse termo como elemento gramatical, entende-se que há, implicitamente, uma autoavaliação do participante, pois ele expressa certeza/segurança ou dúvida/insegurança, ou seja, o falante/escritor está ou não está confiante, já que Martin e White (2005, p. 49) dizem que a afetos de segurança ou insegurança revelam sentimentos de tranquilidade ou intranquilidade com relação a algo do mundo à sua volta. Por isso, essa palavra revela tranquilidade por parte do participante quando ele faz afirmações do tipo: "Na regra de oxítonas ou paroxítonas deu **certo**" ou a sua intranquilidade quando ele faz questionamentos como: "É assim? Compreendi **certinho**?", isto é, ele está, respectivamente, seguro e inseguro em relação à sua aprendizagem.

Tudo isso significa que, mesmo o termo representando papéis de transitividade distintos, funciona nessas avaliações como autoafeto de segurança ou insegurança, ou seja, não necessariamente esse tipo de avaliação pode ocorrer, no contexto da língua portuguesa, apenas designado por atributos, como preveem Martin e White (2005, p. 51). Então, pode-se entender que o *emoter* ou experenciador externaliza esses mesmos sentimentos utilizando papéis de transitividade diferentes.

A palavra **correto** (a) aparece como sinônimo de **certo** em muitas de suas ocorrências. Os três exemplos a seguir descrevem esse fato:

1) "Há 25 anos no mercado."
   "À 25 anos no mercado."
   Qual a forma **correta**?

2) Gostaria de saber qual a grafia **correta**: Clarice ou Clarisse? Obrigada.
3) Se a segunda opção for **correta**...por que?

4) As duas formas estão **corretas** de acordo com a Academia Brasileira de Letras. Quem poderá discutir isso?

Nos exemplos, o termo **correta** é notavelmente utilizado com as mesmas semânticas de **certo** (visto no último quadro), ou seja, certeza ou dúvida e, consequentemente, sensação de segurança/insegurança relacionada ao seu respectivo assunto. Descrevo no próximo quadro as informações quantitativas sobre esses usos da palavra **correto** (a):

A PALAVRA CORRETO (A) COMO AFETO DE SEGURANÇA E INSEGURANÇA

Termo	Número total de ocorrências	Número em Polaridade +	Número em Polaridade -
Correta (s)	31	8	23
Correto(s)	15	11	4
Corretamente[41]	4	3	1

Quadro 11: A palavra correto (a) como afeto de segurança e insegurança

4.3.3- Afetos de segurança/insegurança expressos por Processos Relacionais

Para Halliday e Matthiessen (2004, p.259), as orações relacionais são aquelas que usamos para caracterizar ou identificar as pessoas, as coisas ou as entidades em geral. Elas são realizadas comumente por processos relacionais típicos como: ser, estar, ter. Vejamos[42]:

i) Caracterização

[41] É importante esclarecer que foram consideradas todas as formas da palavra "correto", isso significa que este adjunto, bem como, evidentemente, as formas pluralizadas (como se vê no quadro) têm o mesmo valor semântico, embora, no caso do adjunto, sejam elementos léxico-gramaticais de distintas classificações.
[42] Estes exemplos de orações relacionais foram traduzidos de Halliday e Matthiessen (2004, p. 259)

Acontece pelas orações que caracterizam uma entidade.

Exemplos:

a) Dizemos que cada quarto africano **é nigeriano**.
b) A nação **era** um grande número de entidades políticas independentes.

ii) Identificação

Identifica as entidades por suas características particulares.

Exemplos:

a) Os três maiores grupos na nação **são** os yorubás, no sudoeste; os Ibos, no sudeste, e os Hausa, no norte.

b) Porque sua exigência final **seria** pagar todos os débitos.

É perceptível nos exemplos acima que os processos realizam duas funções: caracterização e identificação das entidades. No caso da caracterização, são duas as entidades caracterizadas, **cada quarto africano** e **nação**, respectivamente; podemos dizer que a elas são atribuídas uma característica que as define ou conceitua. Enquanto na identificação, as entidades são **os três maiores** grupos e **exigência final**, respectivamente; elas são identificadas por uma característica determinada.

Com relação ao *corpus,* observam-se muitos processos relacionais realizando, explícita ou implicitamente, avaliações, seja do próprio falante escritor, seja de outras entidades ou participantes. Como esta seção aborda os afetos por segurança/insegurança, identifico todos os tipos realizados por esses tipos de processo.

No modelo da Gramática Sistêmico-Funcional adaptado para a Língua Portuguesa, Fuzer e Cabral (2014, p. 68-70) lembram que, além desses processos relacionais típicos, existem outros que são utilizados semântica e contextualmente como relacional, a exemplo dos conhecidos verbos de ligação da GT, tais como permanecer, continuar, ficar, parecer, permanecer, tornar-se. Outros também podem, segundo as autoras, ser usados com a mesma função: funcionar como, sugerir, representar, entre outros.

4.4- Afetos de segurança e insegurança expressos por processos relacionais

Começo esta identificação pelos processos relacionais, pois aparecem em grande número nos comentários, como seguintes exemplos:

> 1) eu **estou em dúvida** como se escreve preguiçinha...com ç ou c
> Existe uma única regra para o uso do (ç)?
> Desde já agradeço.
> Muito bom.

> 2) Acredito que a regra facilita demais para a leitura, mas para a escrita principalmente com crianças complica, pois também existem palavras que a letras z está entre vogais. **estou errada**? Por favor me ajude. um grande abraço.

Nos dois exemplos, os escritores se avaliam implicitamente sobre os seus conhecimentos em relação ao conteúdo em discussão. Martin (2000) nos diz que a avaliação implícita pode se realizar mesmo com ausência dos elementos avaliativos típicos. Por isso, não é tão simples identificá-la, pois em muitos casos é efetuada sutilmente ou mesmo pelo uso da linguagem conotativa.

Utilizo um exemplo disponível em Almeida (2010b, p. 101) para demonstrar mais claramente o contexto da avaliação implícita:

> 3) Narizinho **teve dó** do papagaio e não deixou que o matassem para tirar a falinha.

Como analisa a autora, o uso do processo relacional **teve** + o nome **dó** realiza uma atitude de afeto (pena= tristeza) da personagem em relação ao papagaio. Desse modo, é preciso se atentar para esses significados avaliativos implícitos, uma vez que também são muito importantes para as análises linguísticas e não estão expressos literalmente.

Voltando aos exemplos do *corpus*, o primeiro caso traz uma oração relacional circunstancial, construída pelo uso do processo relacional **estou** + a expressão de circunstância **em dúvida**, que semanticamente revela a sua insegurança diante da discussão léxico-gramatical que participa no blog. Já no segundo, o participante tem dúvida se o seu parecer sobre a questão discutida é procedente, utilizando o processo relacional **estou +** o

atributo **errada** no modo interrogativo, caracterizando, pois, o seu sentimento de incerteza ou insegurança do que está falando.

Nos comentários, aparecem alguns usos de processos "relacionais" com essa disposição semântica (atípica), apresentando autoavaliações implícitas que sugerem segurança/insegurança:

Quadro 12: Processo relacionais que sugerem segurança e insegurança

Elemento	Classificação	Polaridade	Exemplo
Estou	Processo Relacional	[Segurança-]	1) **Estou em dúvida** como se escreve a palavra preguicinha...ç ou c?
Estou	Processo Relacional	[Segurança-]	2) Achei ótima a sua pesquisa, mas **estou com dúvidas** em relação a regra em que diz que se usa s entre vogais para dar o de z...
Estou	Processo Relacional	[Segurança-]	3) Também existem palavras que a letras z está entre vogais**. Estou errada**?
Estou	Processo Relacional	[Segurança-]	4) Na verdade estou **numa dúvida sem tamanho.** Vejam só, entrei aqui justamente para me informar mais uma vez como me dirigir a tal "presidentA".
Estou	Processo Relacional	[Segurança-]	5) **Estou com uma dúvida**, poderia me esclarecer? É preciso construir um novo tema em cima do que está sendo falado?
Estava	Processo Relacional	[Segurança-]	6) **estava muito esquecida** por uma série de problemas e com a matéria na internet aprendi novamente...
Estava	Processo Relacional	[Segurança-]	7) ...**estava com muita dificuldade** de aprender isso tão fácil que nem acredito que não tinha aprendido antes.
Estava	Processo Relacional	[Segurança-]	8) ...**estava com dúvidas** em algumas e era pra entregar valendo nota... valeu mesmo ajudou
Continuo	Processo Relacional	[Segurança-]	9) Gostei muito do post, mas **continuo com dúvida**...
Fico	Processo Relacional	[Segurança+]	10) Por que sempre que leio suas explicações **fico mais atenta** a ortografia?
Fiquei	Processo Relacional	[Segurança+]	11) Me confundo as vezes sobre isso mas, agora **fiquei esperta**
Fiquei	Processo Relacional	[Segurança-]	12) Li várias vezes o post e ainda **fiquei na dúvida**...
Fiquei	Processo Relacional	[Segurança+]	13) Muito bom, **fiquei super ligada** agora
Fiquei	Processo Relacional	[Segurança+]	14) **Fiquei mais tranquila** em usá-la depois da explicação.
Fiquei	Processo Relacional	[Segurança-]	15) **Fiquei em dúvida** quanto a essa questão.
Tenho	Processo Relacional	[Segurança-]	16) Ainda **tenho muitas dúvidas**, preciso estudar mais.
Tenho	Processo Relacional	[Segurança-]	17) **Tenho muita dificuldade** em redigir redações, principalmente a estrutura inicial.
Tenho	Processo Relacional	[Segurança-]	18) Td vez que qdo vou escrever algum texto científico **tenho dificuldade** com os porquês...
Tenho	Processo Relacional	[Segurança-]	19) **Tenho dificuldade** na língua portuguesa...
Tenho	Processo Relacional	[Segurança-]	20) Mas **tenho uma dúvida**, a palavra concerto ainda é usada?
Tenho	Processo Relacional	[Segurança-]	21) ...mas quanto aos dois pontos **não tenho certeza**, pode me ajudar?

Tenho	Processo Relacional	[Segurança-]	22) **Tenho muita dificuldade**, nesta matéria.
Tenho	Processo Relacional	[Segurança-]	23) ...essas concordancias sabe **tenho muito problema** com isso...
Tenho	Processo Relacional	[Segurança-]	24) Sim, **tenho mais algumas dúvidas**.
Tenho	Processo Relacional	[Segurança-]	25) Eu só **tenho uma dúvida** com relação a explicação de "vale a pena"...

Vê-se no quadro que o uso dos processos relacionais, que sugerem uma autoavaliação de afeto segurança/insegurança, ocorrem, em sua maioria, em polaridade negativa. No penúltimo exemplo com o uso do processo **fiquei**, a expressão "mais tranquila" sinaliza explicitamente o afeto de [segurança+], assim como os exemplos em que se usou as expressões "certeza" ou "dúvida". Ademais, ocorrem afetos implícitos de segurança/insegurança, como em: "**Tenho dificuldade** na Língua Portuguesa", pois se compreende que o escritor "tem insegurança" ao fazer o uso da língua materna.

É importante relacionar esses significados de autoavaliação aos significados experienciais da teoria. Quando o experenciador utiliza esses processos, que seriam relacionais na base da teoria, na verdade, utiliza-os com valor ideacional atípico, ou seja, contextualmente têm valor de processo mental perceptivo, pois os falantes-escritores se sentem seguros ou inseguros, descrevendo exatamente isso e não suas características e/ou identidades. Na maior parte das avaliações descritas no Quadro 12, prevalece o sentimento de insegurança, demarcado pela polaridade negativa.

Chamo a atenção também para o processo estar>estava, pois suas ocorrências demarcaram, implicitamente, a insegurança dos escritores em relação às suas respectivas discussões léxico-gramaticais. No entanto, ao final dos comentários, percebe-se que houve processos de mudança nas suas autoavaliações, que passaram a [segurança+], situação proporcionada pelo contato ou aprendizado com o blog. Tudo isso permite compreender que o uso do processo **estar** no pretérito foi uma escolha léxico-gramatical intencional para situar com exatidão a mudança de sentimento dos participantes em relação ao seu aprendizado depois do contato com o blog.

4.4.1- Afetos de segurança/insegurança realizados por perífrases verbais

De acordo com Travaglia (2006, p. 161), perífrase verbal pode ser entendida como um aglomerado ou conjunto de verbos, no qual haverá a presença de dois registros verbais, um auxiliar e outro principal, como preconiza a gramática tradicional. Ainda segundo o autor, o

verbo principal sempre estará em uma das formas nominais conhecidas tradicionalmente como: INFINITIVO, GERÙNDIO e PARTICÌPIO.

Apresento alguns exemplos retirados de Travaglia (2006):

i) **Vamos atravessar** o rio a nado.

ii) Rogério **estava almoçando** quando telefonei.

iii) **Tenho amado** você desde que a conheci.

Nos comentários, houve muitas ocorrências de perífrases verbais sugerindo avaliações implícitas, especialmente de afeto por segurança/insegurança e com os verbos, que seriam processos relacionais típicos para a linguística sistêmica, funcionando como auxiliares na construção perifrástica. Segue exemplo desses registros atitudinais:

> Odiava português mais do que matemática até conhecer esse site. Parabéns pois estudo sozinha para concursos tenho mais de 40 anos e só agora **estou entendendo** português de verdade, e o melhor, amando nossa língua.
> Obrigado.

A perífrase verbal em destaque no exemplo revela segurança do falante/escritor no processo de aprendizagem de português após o contato com o blog, que deixa o participante confiante para o aprendizado, fazendo, inclusive, com que o aprendiz virtual passe a "amar" a língua. Transcreverei esses tipos de atitude no próximo quadro:

Quadro 13: Perífrases verbais realizando afetos de segurança e insegurança

Perífrase Verbal	Polaridade	Exemplo
Estou tendo	[Segurança+]	1) **Estou tendo grande proveito**, realmente encantada, pois proporciona uma praticidade e facilidade no aprendizado.
Estou entendendo	[Segurança+]	2) ...**estou entendendo** português de verdade, e o melhor, amando nossa língua.
Estou sendo	[Segurança-]	3) Tipo, não sei se **estou sendo claro**...
Vou me dar	[Segurança+]	4) Tirei todas as dúvidas e acho que **vou me dar bem** na prova...
Fiquei a saber	[Segurança+]	5) ...**Fiquei a saber muito**. Thank you very much, now i m smart…
Tenho que começar	[Segurança-]	6) …não entendo nadá de nada de português, e o seu blog está me ajudando de mais. **Tenho q começar tudo do zero** e to começando com sua ajuda...

Tenho que aprender	[Segurança-]	7) **Tenho muito que aprender**, porém, este é um bom começo...
Tenho ido	[Segurança+]	8) ...**Tenho ido bem** nas provas de português 90% de acertos em média, mas sei que posso melhorar
Vai ajudar	[Segurança+]	9) Muito bom, **vai me ajudar** a estudar para as minha provas.
Vai ajudar	[Segurança+]	10) Adorei, **vai me ajudar muito** na minha prova da faculdade!
Vai ser	[Segurança+]	11) Muito obrigado por essa dica, **vai me ser muito útil**, porque o professor falava eu não entendia coisa com coisa.
Vai ajudar	[Segurança+]	12) ...Mas ainda assim é muito bom! Isso **vai me ajudar muito** na prova
Vai ser	[Segurança-]	13) Nossa...**Vai ser muito difícil** pra mim...Tenho 65 anos...E aprendi com o método convencional...
Vai ser	[Segurança+]	14) Adorei! Explicação bem detalhado e curtinho, fácil de guardar. Obrigada, realmente **vai ser muito útil**.

Esses comentários nos dizem que as avaliações implícitas de afeto de segurança/insegurança são sempre referentes a algum aspecto que envolve o processo de ensino-aprendizagem ou à aplicação, em atividades cotidianas, dos conteúdos ou assuntos léxico-gramaticais de português. Na maioria dos casos, os blogs estão no cerne da situação, pois funcionam como um ponto de referência para os participantes na sua busca pela expansão de conhecimento da língua materna.

Os blogs, de acordo com a maioria das avaliações, deixam o falante/escritor seguro ou confiante para ganhar cada vez mais conhecimento ou para aplicar o que já aprendeu nas suas atividades escolares/acadêmicas. Em outras situações, a confiança não está diretamente ligada ao aprendiz, mas sim aos blogs, como nos casos em que se utilizou as expressões perifrásticas "vai ser ou vai ajudar", já que neles, entendemos, implicitamente, que a confiança está creditada ao blog de alguma maneira, como em: "Isso **vai me ajudar muito** na prova", ou seja, a dica do blog deixa o escritor mais seguro ou confiante para a prova.

4.4.2- Afetos por satisfação/insatisfação

Pelo uso da linguagem, podemos descrever como nos sentimos em relação às atividades em que estamos engajados como participantes diretos ou como expectadores, revelando sentimentos como tédio, aborrecimento, prazer/desprazer, agrado/desagrado, respeito/desrespeito, interesse/desinteresse, precaução, entusiasmo. Martin e White (2005, p. 50) associam esses sentimentos ao papel do pai na monitoração, de modo geral, das aprendizagens e realizações familiares. Demonstro exemplos dessa tipologia atitudinal de afeto retirados de Almeida (2010b, p. 106):

1) Cada qual fabrica uma qualidade de fruta- e é o que mais **admiro**, visto que a terra do pomar é a mesma para todas. [satisfação+]

2) O senhor me **traiu**. [satisfação-]

Nos exemplos, há dois sentimentos em polos distintos, expressos pelos processos **admiro** e **traiu**, os quais representam, respectivamente, agrado e desagrado com as situações descritas pelos falantes/escritores. Por outras palavras, ambos realizam atitudes, o primeiro de satisfação e o segundo de insatisfação.

Nos comentários, encontram-se muitas atitudes baseadas nesses sentimentos, sobretudo as que envolvem a questão do ensino nos blogs, tais como no exemplo:

3) Muito **interessante** a maneira de exemplificar um assunto tão importante.

O exemplo transcrito traz satisfação do aprendiz expressa pelo epíteto **interessante**, ou seja, maneira de exemplificar do *blog* lhe satisfaz, logo lhe desperta **interesse**, que pode contribuir para a assiduidade desse estudante. Esse epíteto foi encontrado em alguns comentários:

4) **Interessante** a maneira como você aborda a matéria.

5) **Muito interessante**, com os exercícios ficou melhor ainda e ajudou na compreensão.

6) Parabéns pela postagem. **INTERESSANTE**!

7) **Muito interessante**...Confesso que fingia entender a matéria quando o professor me pedia se havia entendido tudo. Hoje enfim eu aprendi o que são de verdade essas orações.

Estes exemplos podem representar a atitude por apreciação, que será identificada nesta análise mais adiante. No entanto, também podem ser consideradas atitudes de afeto por satisfação, pois Martin e White (2005, p. 51) esclarecem que as avaliações por satisfação/insatisfação surgem de sentimentos de realização ou frustração concernentes a

atividades nas quais estamos envolvidos direta ou indiretamente. Percebe-se em todos os comentários que os escritores utilizam o termo "**interessante**" para expressar a sua satisfação com os *blogs*, pois estes lhes despertam o "interesse" ou lhes deixam impressionados positivamente.

Os autores trazem o termo "*interest*" como disposição semântica principal para a descrição desse tipo de atitude. Nestes casos específicos dos exemplos, os dizentes têm como alvo os blogueiros e isso ocorre linguística ou extralinguisticamente. No exemplo 4, o alvo é marcado na estrutura superficial da oração pelo pronome "você"; já nos demais, mesmo com a ausência do uso marcado do alvo, entende-se que o comentário de satisfação$_{+}$ do dizente é direcionado aos blogueiros, que despertam nos experenciadores/dizentes esse sentimento.

Outras palavras representando o sentimento [satisfação+] são muito recorrentes no *corpus*, como "obrigado(a)", que ocorre sempre ao final dos comentários em que foi identificada. Assim como problematiza Rodrigues (2013), essa lexia, que deriva do verbo "obrigar", é usada tradicionalmente como adjetivo e tem sentido literal de agradecimento, inclusive na linguagem jurídica e representa expressões semânticas como "estar obrigado a retribuir o favor prestado por outrem" ou "ter uma dívida assumida como forma de retribuição".

Martin e White (2005, p. 51) dizem que um dos comportamentos do afeto por satisfação é o oferecimento de retribuição ou recompensa (*reward*). A palavra obrigado(a), portanto, é parte desse grupo semântico. Rodrigues (ibid.) ainda esclarece que atualmente há outras formas de se utilizar esse termo, o que seria aqui uma metáfora ideacional. Uma delas, como destaca o autor, é a palavra "valeu". Identifico esses dois tipos de ocorrências no *corpus* com alguns exemplos:

8) Muito boa a coletânea de exercícios, me ajudou demais! **Obrigada**!

9) Muito **obrigada** pela ajuda, pelas explicações e correções acima! E parabéns pelo seu trabalho!

10) Gostei da dica, simplifica muito a vida dos estudantes! **Valeu**, professor

11) Me ajudou mt esse site! realmente assim aprender português fica muito mais fácil! **valeu**!

Estes exemplos demonstram que as palavras "obrigada" e "valeu" são sinônimas nesse contexto e expressam a satisfação+ dos aprendizes. No aspecto ideacional, a palavra "obrigado(a)" representa um **epíteto** referente ao próprio dizente/experenciador, nas condições já descritas acima. O termo "valeu", aqui, sinônimo de "obrigado", não tem, portanto, valor de **processo**. Transcrevo abaixo as suas ocorrências em números:

OBRIGADO(A) E VALEU COMO AFETO DE SATISFAÇÃO+

Termo	Semântica Atitudinal	Números de ocorrências
Obrigado	Satisfação+	**55**
Obrigada	Satisfação+	**62**
Valeu	Satisfação+	**22**

Quadro 14: Obrigado e Valeu como afeto de satisfação

Como são esses termos metáforas ideacionais, logo as orações em que são utilizados sugerem um construto semiótico pautado na experiência positiva do falante-escritor em seu contato com o blog. Essa experiência é compartilhada com outrem (no caso, o blogueiro), fazendo clara referência a um diálogo, ou seja, a um significado interpessoal, em que o escritor se coloca na posição de aprendiz e o blogueiro como professor, como no exemplo 10: "**valeu**, professor". Tudo isso significa, no campo ideacional da linguagem,

4.5- ATITUDES POR JULGAMENTO

Identifico agora as expressões atitudinais do *corpus* realizadas por julgamento. Como teorizam Martin e White (2005), as atitudes de julgamento referem-se necessariamente às pessoas e à maneira como elas se comportam:

> In general terms **judgements** can be divided into those dealing with 'social esteem' and those oriented to 'social sanction'. **Judgements** of **esteem** have to do with 'normality' (how unusual someone is), 'capacity' (how capable they are) and 'tenacity' (how resolute they are); **judgements** of **sanction** have to do with 'veracity' (how truthful someone is) and 'propriety' (how ethical someone is) (MARTIN e WHITE, 2005, p. 52).

Consoante o entendimento dos autores, o julgamento baseia-se de modo geral nos comportamentos institucionalizados de acordo com as normas concebidas social e legalmente.

Apresento em quadro exemplos dos subtipos de julgamento baseado em Martin (2000) e traduzido por Almeida (2010a, p. 54) para melhor relação/compreensão das suas manifestações no *corpus*.

EXEMPLOS DE SUBTIPOS DE JULGAMENTO

Estima Social	**Julgamento Positivo**	**Julgamento Negativo**
Normalidade	Sortudo, normal, afortunado	Infeliz, desprezível, estranho
Capacidade	Poderoso, inteligente, talentoso	Fraco, lento, estúpido
Tenacidade	Corajoso, heroico, resoluto	Covarde, imprudente, distraído
Sanção Social	**Julgamento Positivo**	**Julgamento Negativo**
Veracidade	Verdadeiro, honesto, autêntico	Desonesto, mentiroso, falso
Propriedade	Bom , moral, ético, justo	Mal, corrupto, imoral, injusto

Quadro 15: Subtipos de Julgamento

Identifico neste momento as atitudes dos aprendizes dentro desse campo avaliativo.

Como os envolvidos diretamente nesse contexto são os aprendizes e os blogueiros, identifico e transcrevo as atitudes referentes a eles. Urge ressaltar neste momento que somente as atitudes do público serão consideradas, uma vez que os critérios metodológicos assim determinam. Logo, entendemos que as atitudes de julgamento aqui expostas tratam-se de autojulgamentos (o público em relação a ele mesmo) e de julgamentos (o público em relação aos blogueiros e em relação aos outros participantes). Em face disso, identifico separadamente esses dois tipos de julgamento em evidência no *corpus*.

4.5.1- Julgamentos referentes aos blogueiros

Com muitas ocorrências no *corpus*, as avaliações direcionadas aos blogueiros dizem respeito ao comportamento deles enquanto docentes (de formação acadêmica ou não) em seus respectivos canais de ensino (os blogs). Inicio, desse modo, o reconhecimento dessas atitudes com o público dirigindo-se diretamente aos blogueiros, como no seguinte exemplo:

1) Você **está usando brilhantemente o dom** que Deus te deu. Parabéns!

A atitude tem inicio com o pronome que se refere ao blogueiro, seguido da expressão em destaque, que evidencia a avaliação feita pelo aprendiz e enaltece a capacidade de ensinar do docente virtual, isto é, uma atitude de julgamento [capacidade+]. Transcrevo, assim, todas essas atitudes direcionadas aos blogueiros, desde as que são iniciadas com vocativos e outros

elementos que fazem referência direta a eles, como no exemplo acima, até às que ocorrem de modo implícito:

Quadro 16: Julgamentos referentes aos blogueiros

Tipo e Polaridade da atitude	Exemplo
Capacidade +/Capacidade+	1) ...ainda bem que existem **profissionais como você** para nos dá aquela força...
Capacidade +	2) Interessante a maneira **como você aborda** a matéria. Muita gente deveria ler mais **explicações assim**...
Capacidade+	3) 4) Porque sei que posso contar com a **vasta sabedoria de você Céu Marques** nesse nosso português cheio de raízes.
Capacidade+	4) **Você está de parabéns** por colocar essas regras do emprego das letras...
Capacidade +	5) **VOCÊ ESTÁ USANDO BRILHAMTEMENTE O DOM** QUE DEUS TE DEU...
Capacidade+	6) Você deve ser **ótimo professor**, realmente.
Capacidade+	7) Cara parabéns, **excelente trabalho feito por você**...
Capacidade+	8) Você é **muito inteligente...**
Capacidade+	9) Gostei muito **de sua didática**...
Capacidade+	10) E aí pn, valeu muito, **sua ajuda me deixou muito a vontade** para eu, entender sua maneira de passar pra gente...
Capacidade+	11) **Como sempre**, achei ótima essa **sua explicação** sobre a clareza textual...
Capacidade-	12) Acho que **a sua explicação para** "vale a pena" e vale à pena" está bem estranha...
Capacidade+	13) **Criativa**, **inteligente**, **didática**...Obrigado pela elucidação.
Capacidade$_{+}$	14) Caraca veio **tu é o bixooooooooooo** esse seu site e muito porreta mesmo tava precisando disso...
Capacidade+/Capacidade+	15) ...cadê **um professor que de exemplos assim** muito legal este blog **estão de parabéns**...
Capacidade+	16) nossa cara vlew vc deve ser **ótimo professor**...
Propriedade+/ Capacidade+	17) Parabéns professor **pela iniciativa de ajudar** ao próximo **semeando conhecimento**.
Propriedade+/Capacidade+	18) Cara isso me **ajudou**[43] **muito continue tirando as nossas duvidas** em português
Propriedade+	19) Brigadoo..**me ajudou muito**:D
Propriedade$_{+}$	20) Muito bom esta de parabéns, **por ajudar a todos** que querem estudar...
Propriedade+/Propriedade+	21) Obrigada pela **boa vontade** vida de professor não é fácil ainda bem que existem profissionais como você para nos **dar aquela força**...

[43] Os casos de Propriedade em que se usa o termo "ajudar" são equivalentes ao que Martin e White (2005, p. 53) chamam de "*generous*", ou seja, ressalta-se a generosidade de alguém que ajuda.

Capacidade+	22) Cara parabéns, **excelente trabalho** feito por você...

Os exemplos do Quadro 16 sinalizam os julgamentos feitos pelo falante/escritor em relação aos blogueiros. Em alguns casos, a avaliação é direcionada explicitamente à capacidade dos blogueiros, ou seja, avalia-se o quão capazes esses profissionais são, já que são utilizados elementos léxico-gramaticais (com papéis específicos de transitividade), sobretudo epítetos (como **criativa**, **inteligente**, **didática**, no exemplo 13) e atributos (como **bixoooooo**, no exemplo 14). Isso indica que essas avaliações são marcadas linguisticamente por esses elementos da léxico-gramática, em que o dizente atribui características positivas ao alvo.

No entanto, aparecem algumas atitudes indiretas, realizando também, de modo implícito, atitudes relacionadas aos blogueiros, mais especificamente nos exemplos 7, 9, 10, 11, 12, 15, 17, 18, 19, 20, 21. Algumas, como no caso do exemplo 9 (Gostei muito de sua **didática**), que, embora disponha o processo mental afetivo "gostar", revela uma atitude indireta relacionada ao receptor, indicando capacidade+. As avaliações implícitas ocorrem, nesse caso específico, pela **ausência** de elementos léxico-gramaticais de atitude do tipo julgamento associados ao participante (blogueiro), tais como os preconizados pela teoria de Martin e White (2005), diferente da situação encontrada nos exemplos 13 e 14.

Utilizo o exemplo 19, "Brigadoo..**me ajudou muito** :D", para demonstrar a ausência de avaliações expressas diretamente por epítetos ou atributos em algumas dessas atitudes do Quadro 16, que, mesmo assim, efetuam julgamentos. Nesse exemplo específico, a presença do processo material "ajudou" funciona como uma resposta de solidariedade ao blogueiro, comprovando a satisfação explícita do aprendiz com a ajuda do blogueiro e o julgamento implícito, expresso pelo mesmo processo, indicando a propriedade do blogueiro ao ajudá-lo.

No exemplo 4, o uso da expressão "você está de parabéns" evidencia que o participante aprova o procedimento do blogueiro na explicação de regras gramaticais. Chamo a atenção para o termo **parabéns**, que aparece frequentemente nos comentários e é utilizado na maioria dos casos com essa mesma semântica. Disponibilizo alguns exemplos:

a) Ficarei "freguês" do seu blog, inclusive para usá-lo em minhas aulas. **Parabéns**.

b) Muito bom trabalho, professora Karina. **Parabéns**!!!

c) **Parabéns**! Adorei o blog e me ajudou muito!!! Obrigada.

Em todos os exemplos, fica clara a semântica da palavra parabéns: **congratulação**. Em outras palavras, os participantes julgam o blogueiro capaz, competente na sua proposta de ensino ou na sua didática, por isso o congratulam em seus comentários. No Quadro 17, constam os números do termo utilizado nesse contexto:

A PALAVRA "PARABÉNS" COMO JULGAMENTO DE CAPACIDADE

Termo	Número de ocorrências
Parabéns	64

Quadro 17: A palavra parabéns como julgamento de capacidade

4.5.2- Autoavaliações dos participantes

Para identificar as autoavaliações explícitas realizadas pelos participantes, houve a necessidade de referências lexicais que levassem a essas atitudes. No caso dos autojulgamentos, a palavra mais sugestiva no *corpus* é o pronome "eu". Realizando a sua concordância no WordSmith Tools, foram encontradas muitas autoavaliações, como nestes exemplos:

1) "Olha, eu não estou a fim de continuar essa conversa, por dois motivos óbvios, **não sou qualificado** pra isso e você me entedia." [capacidade-] (Fonte: *corpus*)

2) "...pois pra eu o certo é presidente e não presidenta e **como historiador que sou** só aceito provas documentais." [tenacidade+] (Fonte: *corpus*)

Os autojulgamentos dos exemplos mostram duas características distintas, uma em cada participante. O primeiro sente-se incapaz ou não qualificado para argumentar com o seu interlocutor (outro participante), enquanto escritor do segundo exemplo afirma e está certo de seu argumento, do qual não abre mão, até que se prove contrário. Vejamos em quadro essas autoavaliações:

AUTOAVALIAÇÕES DOS PARTICIPANTES

Tipo de Julgamento	Exemplo
Capacidade+	1) Entendo muito bem concerto no sentido de aferir, pois **sou arquiteto** e trabalhei sempre nas construções...
Capacidade-	2) ...Mas como não tenho nem tempo nem saco **nem sou um linguista formado**...digo apenas que o uso é o pai da língua...
Normalidade+	3) ...**Sou um mero estudante**, minha voz vai bater na redoma das pessoas que se consideram os deuses da verdade e sequer irá atingi-los.
Normalidade+	4) Lucas, obrigado pelo seu elogio, mas **não sou tudo isso não**. Gosto de argumentar e também de receber contra argumentos para sempre revisar minha própria posição...
Capacidade-	5) Ola!!! eu gostaria de pedir uma ajuda, **eu não sou muito bem** na matéria de português...
Capacidade-	6) Acho muito interessante a existência de uma academia de letras para o Brasil...Porque a língua do Brasil é diferente da linguagem do Português...**eu não sou um especialista**, mas acho que é uma maneira de defender nossa cultura.
Capacidade-	7) ...gente estou tentando estudar português, sempre **fui péssima** nessa matéria...

Quadro 18: Autoavaliações dos participantes

No quadro de exemplos, aparecem apenas dois subtipos de julgamento, capacidade e normalidade. Embora haja apenas um registro de capacidade+ e três de capacidade- dos falantes/escritores, é percebido que eles argumentam e discutem sobre questões relacionadas à língua, com exceção do exemplo 5. Nos casos de normalidade, os indivíduos se consideram pessoas dentro do padrão de normalidade, mas também discutem sobre questões linguísticas com outros aprendizes.

4.5.3- Julgamentos sobre outros participantes

Como já mencionado, é a partir da visão dos participantes que serão identificados os elementos de atitude, como também a formação de conjecturas interpretativas e resultados. Eles avaliam a si mesmos, os blogueiros e também outros participantes, sobretudo os que participam de discussões sobre os aspectos léxico-gramaticais disponíveis nos blogs. A lexia de referência primeira para esse tipo de julgamento é o pronome "você" ou palavras que se direcionam à segunda pessoa do discurso. No quadro a seguir, transcrevo essas atitudes:

JULGAMENTOS SOBRE OUTROS PARTICIPANTES

Tipo de Julgamento	Exemplo
Capacidade-	1) ...Portanto também **não acho que você tem opinião própria**...
Propriedade-/Capacidade-	2) Acho que você quis defender algo (**não importam os motivos**) e **não teve argumentos**...
Capacidade-	3) "pra eu o certo é????? E você é historiador??? **Assassinou o português**.
Capacidade-/capacidade-	4) **Besta** você...não é presidenta. **Seu burro**.
Capacidade+	5) Você me parece **uma pessoa inteligente**...
Capacidade-	6) Você mesma disse que **desconhece essas regras**...

Quadro 19: Julgamento sobre outros participantes

Observando as críticas feitas a outros participantes, nota-se que somente no caso do exemplo 5 o participante é avaliado positivamente. Nos demais, os avaliadores são enfáticos nas suas críticas e julgam os participantes como incapazes e, no caso do 2º exemplo, como não ético e incapaz ao mesmo tempo.

4.6- ATITUDES POR APRECIAÇÃO

As atitudes identificadas anteriormente são referentes aos sentimentos e aos comportamentos humanos. O Sistema de Avaliatividade também descreve e a analisa as avaliações sobre as entidades não humanas ou as coisas no geral. Martin e White (2005, p. 56) dizem que esses significados são realizados para avaliar as coisas que construímos e o nosso desempenho em atividades, como também os fenômenos da natureza.

A apreciação possui três tipos: reação, composição e valoração. Os dois primeiros ainda possuem subdivisões, que, segundo os mesmos autores, facilitam a compreensão mais plena desse tipo de atitude. Para a contextualização dos significados avaliativos nesse âmbito, sintetizo os três tipos de apreciação de acordo com Martin e White (2005, p. 56):

i) Reação

Explica como as coisas despertam a atenção das pessoas, o que se dá com dois tipos fundamentais de reação:

- ✓ Reação-Impacto

Como o próprio nome sugere, descreve o impacto que as coisas provocam nos humanos. É facilmente identificada quando fazemos a pergunta: isso me cativou?

Exemplos (Fonte: *corpus*):

a) ...não sei como alguém pode ter saco de abrir um livro de gramática, porque acho tão **entediante quanto essa discussão**... [reação-impacto-]

b) A língua portuguesa é **fascinante** porque é complexa... [reação-impacto+]

✓ Reação-qualidade:
Avalia a qualidade das coisas ou objetos. É percebida pelo questionamento: isso me agradou?

Exemplos (Fonte: *corpus*):

c) **Muito bom**, estava lendo na wikipedia e lá é muito complicado, aqui achei claramente o que queria. [reação-qualidade+]

d) ...A quantidade de palavras que vão passar a escrever de duas formas é **ridícula**...[reação-qualidade-]

ii) Composição

Nesse tipo, são avaliados os aspectos de organização, construção e elaboração das coisas/objetos, ou seja, se eles são ou não bem constituídos ou elaborados.

✓ Composição-proporção:

Avalia-se o equilíbrio das coisas.

Exemplos (Fonte: *corpus*):

e) ...também achei **inapropriada essa parte** do texto... [Composição-proporção-]

f) Composição-complexidade:

Refere-se ao grau de complexidade das coisas ou objetos.
Exemplos (Fonte: corpus):

g) ...**Bem difícil** assimilar as novas regras! [Composição-complexidade-]

h) **Não é difícil** falar e escrever corretamente. [Composição-complexidade+]

iii) Valoração

Essa apreciação relaciona-se com o valor que atribuímos às coisas ou objetos.

Exemplos (Fonte: *corpus*):

i) ...ADOREI O SEU BLOG É SIMPLISMENTE **FANTÁSTICO**... [Valoração+]

Para a identificação dos elementos léxico-gramaticais de apreciação nos comentários, foi essencial recorrer, como nos outros tipos de atitudes, às palavras sugestivas, tais como os termos preconizados pela teoria. Com a finalidade de melhor organizar esses dados, separo por categorias as entidades avaliadas por apreciação encontradas no *corpus*, que são a didática dos blogueiros, os conteúdos e os próprios blogs.

4.6.1- Atitudes sobre os blogs

Os blogs são canais interativos acessados para muitos fins, como visto no capítulo I. São, comumente, abertos ao diálogo com o seu público, mais especificamente por meio de comentários avaliativos, sobretudo os que funcionam como uma resposta às mais diversas questões associadas a esses canais digitais. Sobre a questão de abrir espaço para receber atitudes em âmbito geral, Almeida (2010b, p. 100) nos diz que essa disposição é intencional e marcada pela espera de respostas de solidariedade, isto é, respostas de aceitação ou rejeição sobre nós ou algo que realizamos.

No caso dos blogs e nos demais casos, parto da pressuposição de que as respostas de solidariedade esperadas sejam sempre de aceitação, visto que "ser elogiado" é ser reconhecido positivamente, o que sempre apraz o homem em qualquer situação, sendo esse sentimento, portanto, um paradigma social de comportamento nas interações entre os indivíduos:

> O elogio é uma ferramenta essencial para um desenvolvimento emocional e social saudável ao longo de todo o ciclo de vida. O elogio, ou o feedback/reforço positivo, é vital para um bom clima familiar e organizacional. Elogiar desencadeia uma série de substâncias do prazer, da alegria e da satisfação na corrente sanguínea de quem o recebe, reforçando a autoestima. Um ser humano elogiado fará melhor, dará algo mais numa próxima vez, será melhor (SARA GUELHA, 2013).

As palavras da autora dizem muito sobre quaisquer situações cotidianas que envolvam as nossas ações sociais, pois sempre esperaremos por respostas de solidariedade positivas. Vale destacar que situações desse tipo, dentro do prisma sistêmico da linguagem e na variável de contexto CAMPO, situam a experiência de como somos vistos pelo(s) outro(s), gerando (in)satisfação referente, por exemplo, ao nosso próprio desempenho em determinados fazeres ou atividades que desempenhamos socialmente.

Ou seja, descreve-se como as experiências externas (nesse caso, o contato com a opinião de outros pela avaliação) afetam, positiva ou negativamente, nossos sentimentos, nossa experiência interna, deixando-nos confiantes ou inseguros, satisfeitos ou insatisfeitos, felizes ou infelizes. É o que Vian Jr (2010, p. 26-29) diz a respeito do caráter interativo ou dialógico da linguagem, que, inserido na variável RELAÇÕES, possibilita as ocorrências de avaliação na linguagem, as quais podem causar profundos impactos internos no nosso interlocutor, tanto positivos quanto negativos.

Em relação aos *blogs*, essas respostas de solidariedade podem, pois, influenciar em vários aspectos o funcionamento dos *blogs*, incluindo desde a questão da qualidade aos números de acesso e audiência.

Mencionei anteriormente que as atitudes dos participantes são essenciais no entendimento de como funcionam os *blogs* para o ensino de Língua Portuguesa. Há, pois, muitas atitudes diretamente relacionadas a eles no *corpus*, como na seguinte situação:

> ...assim quem não aprende mas cadê que se acha um professor que de exemplos assim **muito legal este *blog***...[reação-qualidade+]

Identificando as respostas atitudinais sobre os *blogs*, temos os seguintes dados:

Quadro 20: Respostas de solidariedade sobre os blogs

Tipo de apreciação	Polaridade	Exemplo
Composição-proporção	Positiva	1) ...estou aqui para elogiar o seu blog, achei **muito completo**...
Reação-qualidade	Positiva	2) **Muito bom** esse site (blog)...
Reação-qualidade	Positiva	3) **Muito boa** essa página...
Reação-qualidade	Negativa	4) Esse site (blog) tem as msm coisa que estou estudando sobre a tese melhor dissertação argumentativo. **Ñ ajudou muito ñ**.
Reação-qualidade	Positiva	5) Oi Gabi, **muito bom seu blog**...
Valoração	Positiva	6) Olá Gabi, **só o ouro** seu blog...
Reação-qualidade/Valoração	Positivas	7) Gostaria de parabenizar os criadores desse blog, de **excelente qualidade e muito útil**.
Composição-proporção	Negativa	8) Uma sugestão para que o seu blog **se torne mais abrangente**...
Reação-qualidade	Positiva	9) Este blog **é muito intressante**...
Composição-proporção	Negativa	10) Um blog que ensina "Português" poderia me dizer se está correto escrito em cima no post "**sinónimo**"... sei não hein...**vou pedir pro meu não passar por aqui**.
Composição-complexidade	Positiva	11) Gostei do seu blog, **explica tudo de um jeito mais fácil**.
Reação-qualidade	Positiva	12) **Excelente** blog.
Valoração	Positiva	13) Nossa, esse blog é realmente **ótimo**.
Reação-qualidade	Positiva	14) **Muito legal** esse blog...
Valoração	Positiva	15) Ficarei "freguês" do seu blog, inclusive **para usá-lo em minhas aulas**.
Reação-qualidade	Positiva	16) **Ficou lindo** o blog...
Reação-qualidade	Positiva	17) **Ótimo** blog...
Composição-proporção/reação-qualidade	Negativa/Positiva	18) Pena que algumas questões **não estejam de acordo com a nova ortografia**. Fora isso, seu blog é **uma beleza**.

Valoração	Positiva	19) Professor Ricardo, gostei demais do seu blog, é **bem enriquecedor**.
Reação-qualidade	Positiva	20) ...**eu indiquei e publiquei o seu blog** no meu facebook...
Composição-proporção	Positiva	21) adoreiii o blog **altas dicas**
Composição-proporção	Negativa	22) Gostei do blog mas **faltou alguns exemplos**!!
Reação-impacto	Positiva	23) ...é um blog que **VALE A PENA**...
Reação-qualidade	Positiva	24) ...é **muito bom**...
Reação-qualidade	Positiva	25) Blog **top**...
Valoração/Complexidade-Proporção	Positiva/Negativa	26) **Ótima página**. Parabéns!!!!! Só tem um defeito: **O fundo verde escuro**, **não dá contraste suficiente com o texto**, **dificultando a leitura**.
Valoração/Valoração	Positiva/Positiva	27) **De excelente qualidade e muito útil...**

4.7- ATITUDES SOBRE A DIDÁTICA DOS BLOGUEIROS E OS CONTEÚDOS APRESENTADOS NOS BLOGS

A opinião dos participantes acerca do modo como os blogueiros ensinam é muito importante nesse processo e isso tem associação direta com a disposição dos conteúdos apresentados, pois, neste caso específico, a didática dos blogueiros será avaliada pela apresentação dos conteúdos. Dessa forma, identificar as atitudes sobre a didática dos blogueiros e os conteúdos é determinante neste processo analítico. Embora, a princípio, pareçam atitudes sobre situações distintas, transcrevo-as conjuntamente, pois esses dois casos de atitudes dispostas de modo intricado, como será visto nas transcrições do próximo subitem.

4.7.1- Atitudes sobre a didática do professor virtual (blogueiro)

Como visto em seção anterior, muitas vezes, a forma como o professor virtual apresenta os conteúdos influencia negativa ou positivamente o sentimento do seu aprendiz no tocante ao processo de ensino-aprendizagem de língua materna. Isso pode ser crucial para o sucesso da proposta de ensino do blog e consequentemente para a efetiva aprendizagem do participante. Utilizando o mesmo exemplo da seção anterior:

> ...**assim quem não aprende** mas cadê que se acha **um professor que de exemplos assim** muito legal este blog

É notório no exemplo que o aprendiz faz duas avaliações, uma em cada trecho destacado. No primeiro, ele faz um autojulgamento [segurança+] que expõe a sua segurança

em relação à aprendizagem. Esse sentimento é decorrente do professor, o que se constata na avaliação referente a ele, no segundo trecho em destaque. No quadro a seguir, destaco as atitudes concernentes à didática do blogueiro e aos conteúdos nos *blogs* apresentados:

Quadro 21: Atitude sobre a didática dos blogueiros e conteúdos

Tipo de Atitude	Polaridade	Exemplo
Reação-qualidade/Valoração	Positiva/Positiva	1) **…**aprendi muito olhando seus ensinos**...Muito foda** cara, continue assim, **realmente fantástico**...
Valoração	Positiva	2) Você está **usando brilhantemente o dom** que Deus lhe deu...
Reação-qualidade/Reação-qualidade	Positivas	3) ...vc utilizou **bons exemplos** e **uma ótima explicação**...
Composição-complexidade	Positiva	4) ...realmente aprender português assim fica **muito mais fácil**...
Composição-complexidade	Positiva	5) ...divertido e **bem mais fácil de aprender**...
Composição-proporção	Negativa	6) Muito bom mais acho que você **poderia ter colocado exemplos**...
Valoração	Positiva	7) **Excelente trabalho** :D
Reação- qualidade	Positiva	8) **Boa explicação**...
Composição-complexidade	Positiva	9) Ficou **esclarecido**...
Reação-qualidade	Positiva	10) **Ótima explicação**...
Valoração	Positiva	11) **Excelente explicação**!
Reação-qualidade	Positiva	12) **Ótima explicação.**
Composição-proporção/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	13) **Resumido e prático.**
Reação-impacto	Positiva	14) Somente depois dessa explicação e do exercício, aos 34anos, que **aprendi a usar os por quês**...
Valoração/Composição-proporção/Composição-complexidade	Positiva/Positiva/Positiva	15) **Excelente**, **concisa**, **clara**, e permitindo a verificação da aprendizagem.
Composição-complexidade/Composição-proporção/Composição-complexidade	Positiva/Positiva/Positiva	16) **Explicação bem detalhado e curtinho**, **fácil de guardar**...
Reação-impacto/Reação-qualidade	Positiva/Positiva	17) **Muito interessante**, com exercícios ficou **melhor** ainda na compreensão...
Reação-impacto	Positiva	18) Achei **interessante**.
Composição-proporção	Positiva	19) Quero dizer que suas **explicações tem acrescentado muito** ao que eu já sabia...
Valoração	Positiva	20) Adorei a explicação. Me **ajudou muito**...
Reação-qualidade	Positiva	21) Maravilhoso perceber a **habilidade de um bom mestre**
Composição-complexidade/Valoração	Positiva/ Positiva	22) Explicação **clara** e **muito útil**...
Composição-complexidade	Positiva	23) A exposição tornou o caso **mais claro**...

Composição-complexidade	Positiva	24) Uma aula em uma linguagem **bastante compreensível**...
Composição-complexidade	Positiva	25) Adorei a explicação. **Sem enrolação**.
Reação-qualidade	Positiva	26) **Muito boa a explicação** sobre classe gramatical e função sintática...
Composição-complexidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	27) Obrigado pelos esclarecimentos ficou de forma **simples e objetiva**...
Valoração	Positiva	28) **Excelente explicação**.
Reação-qualidade	Positiva	29) Eu amei a **explicação do conteúdo**...
Valoração/Reação-impacto	Positiva/Positiva	30) Cara isso me **ajudou muito** obrigado **continue tirando as nossas duvidas** em português.
Valoração	Positiva	31) Gostei muito do seu texto, me **ajudou bastante** a entender sobre VERBO TRANSITIVO E INTRANSITIVO...
Reação-qualidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	32) **Ótimo**! Texto **muito claro** :D
Composição-complexidade/Composição-complexidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva/Positiva	33) **Facil entendimento**, texto escrito de **forma simples e rico em informações.**
Composição-complexidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	34) **Objetivo e esclarecedor**...
Reação-impacto	Positiva	35) **Muito interessante a maneira de exemplificar** um assunto tão importante!
Reação-qualidade/Reação-qualidade	Positiva/Positiva	36) **Muito bom Ótimas explicações**
Reação-qualidade	Positiva	37) **Melhores dicas de redação** que já vi...
Composição-complexidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	38) Gostei da postagem realmente esta **clara e objetiva**...
Composição-proporção/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	39) **Muito completo e direto**! Muito obrigado pela paciência e esforço...
Valoração/Composição-complexidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva/Positiva	40) **Foi muito útil por ser resumido e exemplificado**...
Valoração	Positiva	41) Gostei muito das **explicações e me tirou várias dúvidas**...
Reação-qualidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	42) **Muito bacana**, ficou **clara a diferença** dos dois exemplos...
Composição-complexidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	43) **Prático** e **objetivo**. gostei! valeu
Valoração/Composição-complexidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	44) **utilíssimo**, **objetivo** e **fácil compreensão**...
Reação-qualidade	Positiva	45) achei uma **ótima contribuição** essa sua postagem sobre clareza textual...
Composição-complexidade	Negativa	46) **Não entendi bem a explicação** do segundo caso de "Mudanças na Acentuação"...

Composição-complexidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	47) **Jeitu facil** e **ráridu de aprender**...
Reação-qualidade/Reação-qualidade	Positiva/Positiva	48) vc **utilizou de bons exemplos** e **otima explicação**...
Composição-complexidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	49) **é uma maneira mt+ fácil de aprender**! **é mt dinâmico**...
Composição-complexidade	Positiva	50) realmente **assim aprender português fica muito mais fácil**...
Reação-qualidade/Reação-impacto/Composição-complexidade	Positiva/Positiva/Positiva	51) TODOS os professores **deveriam explicar assim**, se torna **divertido** e bem **mais fácil d entender**!
Composição-complexidade	Positiva	52) Não esperava que fosse **tão fácil** uma oração coordenada assindéticas...
Reação-qualidade	Positiva	53) **Tá muito boa a explicação**...
Composição-complexidade	Positiva	54) **Assim fica fácil mesmo**, "português é fácil"...
Reação-qualidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	55) **Muito bom**, estava lendo na wikipedia e lá é muito complicado, **aqui achei claramente o que queria**...
Reação-qualidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	56) Nossa **muito bom mesmo** aprendi rapidamente, poq essa foi uma **forma bem fácil de ser explicada**...
Composição-complexidade	Positiva	57) Consegui entender **com facilidade**...
Reação-qualidade	Positiva	58) **Muito bacana essas dicas...**
Reação-impacto	Positiva	59) **Interessante a maneira como você aborda a matéria**...
Reação-qualidade	Positiva	60) **Muito boa a coletânea de exercícios**...
Reação-qualidade	Positiva	61) **Muito legal**! Estava precisando =)
Reação-qualidade/Composição-proporção	Positiva/Negativa	62) **Ótimo**! Pena que **algumas questões não estejam de acordo com a nova ortografia**...
Valoração	Positiva	63) **Ajudou muito** Mano...
Composição-complexidade	Negativa	64) **Não percebo qual critério** para determinar quais são os compostos que mantêm o hífen.
Reação-qualidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	65) **Muito bom**...**Venham mais esclarecimentos** por favor!
Valoração	Positiva	66) Parabéns **pelo texto... imensamente criativo.**
Composição-complexidade	Positiva	67) **Obrigado pela elucidação**...
Valoração	Positiva	68) Muito obrigado por essa explicação, Telma... **Me tirou uma dúvida de eras**!!!
Composição-complexidade	Positiva	69) **Ficou esclarecido.**
Reação-qualidade/composição-complexidade	Positiva/Positiva	70) **Ótimo! Texto muito claro.**
Valoração/Composição-complexidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva/Positiva	71) **Ajudou bastante de forma clara e direta...**
Valoração	Positiva	72) Eu me perco na introdução, mais agra que aprende, **irei seguir as suas dicas**, Obrigada!

Composição-complexidade/Composição-complexidade	Positiva/Positiva	73) **Objetivo** e **esclarecedor**. Obrigada!
Valoração	Positiva	74) **Melhores dicas de redação** que já vi...
Reação-qualidade	Positiva	75) **Bem legal essa postagem**...
Valoração	Positiva	76) Parabéns a vocês que **alimentam novas ideias.**
Valoração/Valoração	Positiva/Positiva	77) **MIN AJUDO BASTANT CONTINUA DANDO DICA ASIM** O BRAZIL TA PRESIZANDO DE INFORMAÇAO...
Reação-qualidade	Positiva	78) **Muito bom** muitas pessoas precisam disso na sua vida...
Valoração/Reação-qualidade	Positiva/Positiva	79) **Muito bom**, você foi muito sábio com o seu texto, pequeno, porém **surpreendente**...
Composição-proporção/Reação-qualidade	Negativa/Positiva	80) **Só faltou o "rr"**, mas fora isso, **ficou ótimo**...
Composição-complexidade	Positiva	81) Gostei da dica, **simplifica muito** a vida dos estudantes...
Composição-complexidade	Positiva	82) **Eu não acredito que é só isso não?** Nunca aprendi isso, porque meus professores me fizeram tanto terror...
Valoração	Positiva	83) **Vlw pelo maçete=]**
Valoração	Positiva	84) Por que **sempre que leio as suas explicações** fico mais atenta a ortografia...
Valoração	Positiva	85) **bastante util essas explicações**...
Reação-qualidade	Positiva	86) **essas dicas são muito boas**...
Composição-complexidade	Positiva	87) em outros sites não estava entendendo **mas nesse bastou uma** "**lidinha**" :D
Reação-qualidade/Valoração	Positiva/Positiva	88) gostei **muito bom aprendi mesmo**...
Valoração	Positiva	89) **consegui aprender muita coisa nesse fórum**...
Reação-qualidade	Positiva	90) **as explicaçoes são ótimas**...
Reação-impacto	Positiva	91) **Interessante a maneira como você aborda a matéria.**
Reação-impacto/Reação-qualidade/Valoração	Positiva/Positiva/Positiva	92) **Muito interessante**, com os exercícios **ficou ainda melhor**, **e ajudou na compreensão**.
Reação-impacto	Positiva	93) Parabéns pela postagem. **INTERESSANTE**!

Neste quadro, encontram-se as avaliações da clientela dos *blogs* direcionadas ao âmbito do ensino de português nesses ambientes virtuais, mais diretamente ao modo como os blogueiros viabilizam o processo de ensino-aprendizagem do seu público, isto é, como concebem didaticamente o ensino que propõem ou, indiretamente, como ensinam. Como dito na metodologia, casos específicos como este, exigem a procura por palavras que "puxam"

avaliação dentro do *corpus*; dentre as possíveis, tiveram destaque aqui: explicação(ões), ensino, dicas, conteúdo, interessante, etc.

Há variados tipos de atitude por apreciação, com predominância dos tipos Composição-complexidade (54 ocorrências) e Reação-Qualidade (51).

Observa-se que os escritores, em muitos excertos ou comentários transcritos integralmente, fazem mais de uma avaliação referente ao ensino e/ou aos conteúdos, por isso, nesses casos, foram identificadas todas as atitudes contidas nos exemplos, como se vê no Quadro 21. Há a prevalência de atitudes positivas, pois das 129 atitudes encontradas, apenas 4 aparecem em polaridade negativa. Isso indica, a *priori*, que, nessas avaliações, houve grande satisfação do público com o modo como os blogueiros propõem o ensino de língua portuguesa e muito mais. Voltarei a essa discussão na sistematização dos resultados.

4.7.2- O Sistema de Avaliatividade e os Contextos de Cultura e Situação

Antes de adentrar na subseção "Resultados e Discussões", na qual fecharei o capítulo de análise, faço uma relação entre o Sistema de Avaliatividade e os Contextos de Cultura e Situação, relação esta muito importante para situar o campo avaliativo da linguagem na concepção sistêmica de análise linguística, assim como para interpretar os dados da pesquisa.

Como sabido, a composição da linguagem no prisma sistêmico, baseia-se, fundamentalmente, nas noções de texto, contexto e metafunções da linguagem, ou seja, a linguagem verbal se materializa única e exclusivamente por meio do texto, em um dado contexto. E neste, pois, encontram-se as funções exercidas pela linguagem, funções estas que estabilizam o lócus da linguagem no meio social, já que o uso linguístico é dependente das atividades sociais do homem, isto é, a linguagem serve aos propósitos sociais do homem, como diz Halliday (1970). As funções- chamadas de metafunções da linguagem- exercem três essenciais papéis no evento comunicativo, como descreve Silva (2015, p. 221): enunciar/falar sobre fatos, acontecimentos e demais eventos da experiência em geral; interagir com o interlocutor; organizar as ideias e o discurso.

O contexto de situação é constituído por três variáveis: CAMPO, RELAÇÕES E MODO, as quais correspondem, respectivamente, às metafunções IDEACIONAL, INTERPESSOAL E TEXTUAL. É válido reafirmar aqui que essas três metafunções ocorrem simultaneamente, bem como os seus sistemas durante a realização do texto. São esses sistemas que permitem analisar multifuncionalmente as bases textuais: Sistema de

Transitividade; Sistema de Modo, Modalidade e Polaridade; Sistema de Estrutura Temática. Essa co-ocorrência de metafunções e sistemas abriga, ainda, um sistema adicional desenvolvido por Martin e White (2005), o Sistema de Avaliatividade.

Os autores (ibid., p. 7) o concebem como parte integrante da variável RELAÇÕES e da metafunção INTERPESSOAL, já que afirmam que nesse foco de análise está a descrição de como as pessoas se comunicam e, inclusive, compartilham seus sentimentos, percepções sobre o mundo, as pessoas, os objetos, as coisas, etc., por outras palavras, os significados avaliativos.

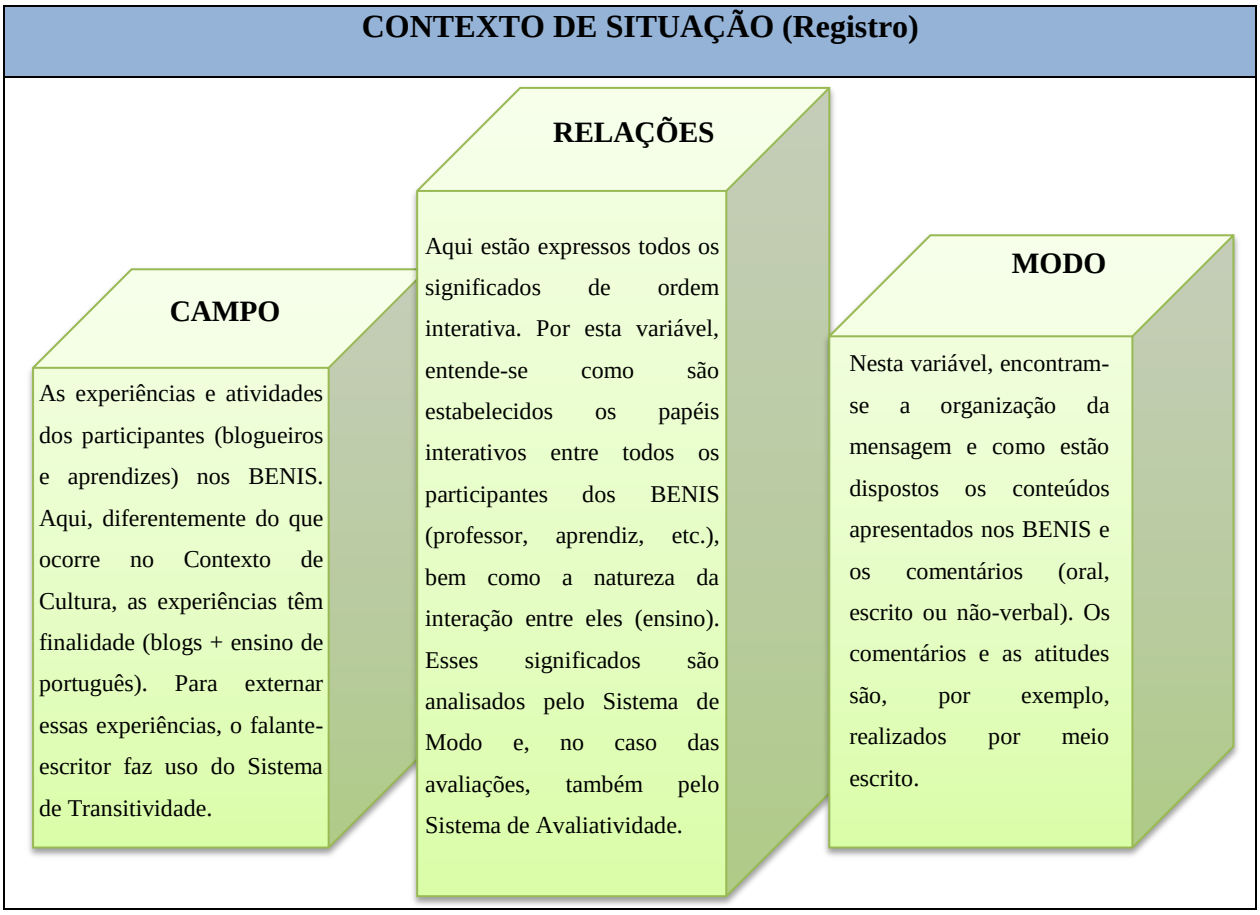
Como esta perspectiva analítica envolve especialmente atitudes referentes à qualidade funcional dos *blogs* focadas na identificação dos papéis de transitividade como elementos avaliativos e nas suas respectivas polaridades, relaciono nos quadros a seguir a co-ocorrência das três variáveis de contexto de situação, representadas também pelos seus Sistemas (Transitividade; Modo, Modalidade e Polaridade; Estrutura Temática) com a análise de Avalitividade feita nos BENIS.

Os BENIS e o Contexto de Cultura

CONTEXTO DE CULTURA (Gênero)
- Este é o macrocontexto, em que se encontram as experiências de modo geral referentes ao acesso ao ambiente digital. Essas experiências se encontram em um plano mais abstrato, pois não se associam a situações imediatas vivenciadas pelos falantes-escritores. São muitas vezes possibilidades de atividades ou experiências que todos conhecem, mas não necessariamente vivenciam. **Exemplo**: A busca por informações na rede pode ser feita de imensuráveis modos, os *blogs* são um deles. No entanto, existem incalculáveis categorias de *blogs*: moda, culinária, ensino, viagens, concursos, educativos, etc. Isso significa que o ensino de português em BENIS está situado dentro de uma macrocategoria, que se pode chamar de "*Blogs* Educativos". Muitos podem ter noção de que tais *blogs* existam, mas nem todos vivenciarão a experiência de acessá-los.

Quadro 22: Os BENIS e o Contexto de Cultura

O Estudo de avaliatividade nos BENIS e o Contexto de Situação



Quadro 23: Avaliatividade nos BENIS e o Contexto de Situação

4.7.3- RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, apresento os resultados, as discussões sobre os dados e sobre a pesquisa no geral.

4.7.3.1- Autoavaliações de (in)segurança e julgamentos sobre outros participantes

Como a polaridade é um elemento determinante nesta análise, inicio os resultados e discussões transcrevendo quantitativamente as polaridades das atitudes encontradas na pesquisa. Antes da apresentação desses dados, relembro, pois, teoricamente, o conceito de polaridade para mais clara interpretação deles.

Halliday e Mathiessen (2004, p. 173) dizem que a oposição entre os polos positivo e negativo é gramaticalizada em todas as línguas, associada às orações, tanto como proposição quanto proposta, ou seja, podemos construir linguisticamente informações/respostas ou perguntas em sentido positivo ou negativo, inclusive as avaliações. Duas características de polaridade foram identificadas no contexto e nos tipos de atitudes descritos nos comentários dos BENIS. A primeira é a constatação de um número absolutamente superior da polaridade positiva; a outra é que a maior concentração da polaridade negativa é referente aos próprios participantes, tanto nos casos de autoavaliações por afeto do tipo (in)segurança quanto nos de avaliação de participantes sobre outros aprendizes dos *blogs*. Os gráficos 1 e 2 mostram como ocorrem esses números:

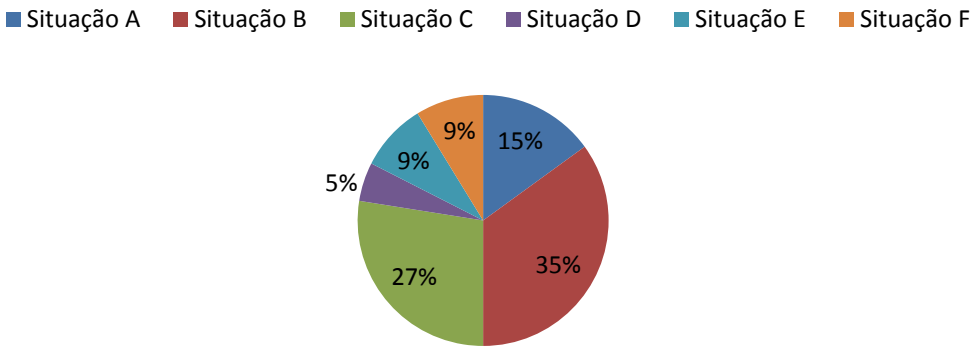


Gráfico 1: Percentuais de autoavaliações e julgamentos negativos sobre outros participantes

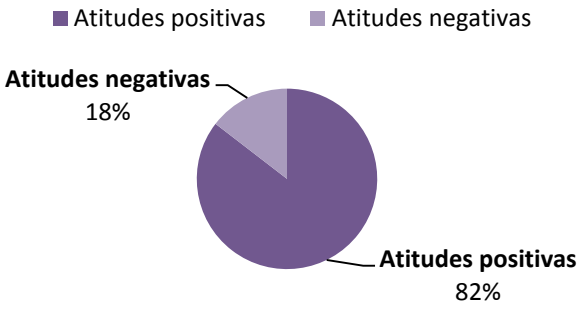


Gráfico 2: Total de atitudes positivas e negativas

Os Gráficos 1 e 2 demonstram um panorama sobre a polaridade das atitudes encontradas no *corpus*. No Gráfico 2, encontram-se as disposições quantitativas referentes aos dois polos, positivo e negativo. Esses percentuais representam as seiscentos e oitenta (680)

atitudes identificadas nos comentários analisados, nos quais quinhentos e oitenta e cinco (581 = 82%) ocorrem em polaridade positiva e noventa e nove (99 =18%) em polaridade negativa. Esses números são muito representativos, pois revelam de antemão que os BENIS, em geral, agradam o seu público em algum(ns) aspecto(s).

Já no Gráfico 1, o que chamei de "situação" refere-se às análises direcionadas aos próprios participantes- autoavaliações por afeto de (in)segurança ou avaliações por julgamento sobre outro participante-, representadas, respectivamente, por: A palavra "certo" como afeto de segurança/insegurança (p. 112), A palavra Correto(a) como afeto de segurança e insegurança (p. 114), Processos Relacionais que sugerem segurança/insegurança (p.116), Perífrases Verbais realizando afetos de segurança/insegurança (p. 118), Julgamentos sobre outros participantes (p. 126) e Autoavaliações de Julgamento (p. 129). Os percentuais desse Gráfico representam o número de avaliações negativas em cada uma dessas situações: A = 12 negativas para o total de 16; B = 28 negativas para o total de 50; C = 23 negativas para o total de 25; D = 4 negativas para o total de 10; E = 7 negativas para o total de 8; F = 4 negativas para o total de 7.

A situação "D" do Gráfico 2 merece destaque especial, posto que, desses tipos de avaliações, é a única que tem polaridade positiva em maior número, o que não se dá por acaso. Neste caso, ao utilizar as locuções ou perífrases verbais, os participantes mostram-se mais seguros e confiantes, na maioria das atitudes, em relação ao seu desempenho acadêmico/educativo nos estudos de Língua Portuguesa, o que ocorre após os seus contatos com os *blogs*, como em: "Tirei todas as dúvidas e acho que **vou me dar bem** na prova...".

Na oração, o *emoter* utiliza a perífrase (Finito + Predicador) "vou me dar", com semântica de processo material transformativo ("realizar bem"). Desse modo, entende-se que o experenciador sente-se seguro para realizar a prova após tirar as suas dúvidas no *blog*.

É importante também destacar que essas atitudes, quando em forma de autoavaliações, dizem respeito, em geral, às dúvidas e à própria insegurança que os aprendizes têm ao lidarem com as questões linguísticas, supostamente nos momentos dos primeiros contatos com os *blogs*, como nos exemplos:

a) "Muito bom, **fiquei super ligada agora**." (a partir do momento de acesso)

b) "**Ainda tenho muitas dúvidas**, preciso estudar mais." (necessidade de mais acessos)

c) "**Tenho muita dificuldade** em redigir redações, principalmente a estrutura inicial" (insegurança que o acompanha anteriormente ao seu contato com o *blog*)

Já as avaliações referentes a outros participantes, Situação "E", ocorrem por Julgamento, descrevendo a opinião dos avaliadores sobre outros aprendizes nesse contexto. Os tipos identificados são capacidade e propriedade, que significam, na mesma ordem, se os participantes avaliados têm competência e ética (ou bom senso) nas discussões ou situação na qual estão envolvidos:

d) Acho que você quis defender algo (**não importam os motivos**) e **não teve argumentos**...

e) Você me parece **uma pessoa inteligente**...

No exemplo (d), o escritor faz dupla avaliação sobre o participante com o qual dialoga. O Avaliador entende que o seu interlocutor não é ético, pois o avaliado defende um ponto de vista prescindindo de justificativa e fica, pois, sem argumentos (incapaz de discutir). Em (e), ao contrário, ocorre a única atitude positiva desse contexto avaliativo, já que o avaliador acredita na inteligência do outro participante.

As autoavaliações e as avaliações sobre outros participantes revelam, portanto, a insegurança dos aprendizes em relação a si mesmos nas questões que envolvem aspectos léxico-gramaticais da língua materna (nas autoavalições) e falta de confiança/crédito nos participantes avaliados, pois as atitudes, em ambos os casos, são majoritariamente negativas. Os participantes consideram-se inseguros, de acordo com as "Situações A, B e C"; também incapazes, como na "Situação F". Como provável decorrência disso, também avaliam como incapazes os outros aprendizes, o que significa, por outras palavras, que estão na mesma situação: buscam aprimoramento linguístico no(s) *blog*(s). O sentimento dos aprendizes avaliadores com relação ao seu conhecimento/desempenho nas questões linguísticas é notavelmente de insegurança e incapacidade, talvez, por isso, também associem esse sentimento aos participantes que avaliam, pois os julgam incapazes em quase 100% (cem por cento) dos casos e, desse modo, inseguros.

4.7.3.2- Atitudes positivas por afeto, julgamento sobre os blogueiros e apreciação

Ao contrário das atitudes descritas na subseção anterior, estes tipos de atitudes foram prevalentes no *corpus*, tanto em número quanto em polaridade positiva. Essas atitudes são realizadas pelos participantes quando se referem aos seus próprios sentimentos, relacionados às questões linguísticas no geral e abordadas pelos *blogs* ou em relação a entidades humanas e não humanas dos blogs (afeto); quando avaliam o comportamento dos professores virtuais (julgamento) ou quando são feitas avaliações sobre coisas que estejam relacionadas aos BENIS e ao seu processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa (apreciação).

Para descrever numericamente e compactar esses dados, utilizo o gráfico abaixo:

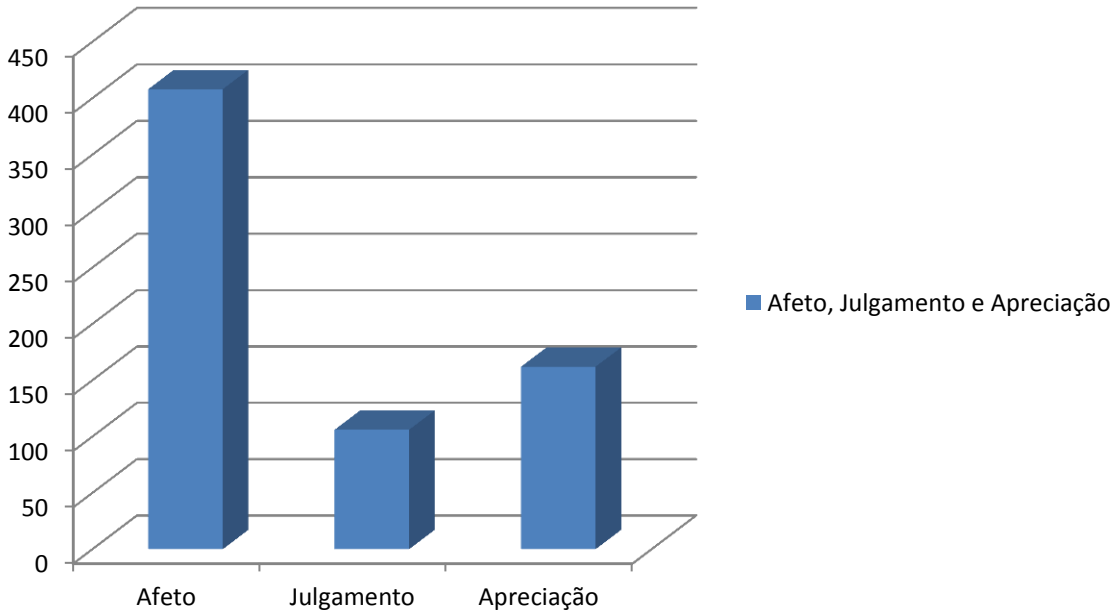


Gráfico 3: Afeto, Julgamento e Apreciação

O Gráfico 3 mostra a disposição dos três tipos de atitudes nos *corpus*, com grande destaque para a concentração de avaliações por afeto, que, no total, entre positivas e negativas, foram identificadas 408 vezes nas 680 atitudes que compõem a análise, indicando principalmente estados de felicidade e satisfação dos aprendizes em relação ao processo de ensino-aprendizagem que experienciam nos *blogs*, estados estes descritos por autoavaliações. As avaliações de apreciação, por sua vez, aconteceram na segunda maior quantidade, como demonstra o Gráfico, com 166 ocorrências (total), indicando que também se avaliou itens como ensino do blogueiro, os *blogs* e a apresentação de conteúdos nos BENIS. Já as

avaliações por julgamento ocorreram em menor número, 106 vezes, sinalizando que o que menos se avaliou foram características humanas dentro dos âmbitos de sanção e estima social. Destaco agora características desses três tipos de avaliação encontradas no *corpus*, bem como o que representam dentro desse contexto de análise.

- ✓ **Os afetos**

Os afetos tiveram grande destaque dentro do *corpus* de análise. Em todas as suas manifestações, não indicaram sentimento de infelicidade dos participantes relativos aos *blogs*, pois suas ocorrências **negativas** direcionaram-se a **outros participantes** ou mesmo **ao processo de ensino-aprendizagem de português de modo geral**:

a) "...fique **chateado** que meus argumentos não tenham sido identificados devido ao sarcasmo do primeiro parágrafo..."

b) "**Odiava** português mais do que matemática até conhecer este site."

c) "Sempre **ODIEI** potugues mas depois de ler esse artigo vejo que e mais fácil do que parece. estou amando!"

No exemplo (a), o termo em destaque não avalia negativamente aspectos ou entidades relacionadas ao *blog* em questão, mas revela o sentimento de infelicidade do *emoter* com o fato de seus argumentos serem despercebidos em uma discussão sobre aspectos linguísticos com outros participantes. Nos exemplos (b) e (c), o processo metal afetivo "odiar" é direcionado à Língua Portuguesa até o momento em que os escritores conhecem os *blogs*, visto que passam a ter outros sentimentos, inclusive, em (c), também é feita outra autoavaliação: "estou amando", processo mental afetivo que constrói o significado dessa mudança de sentimento do experenciador.

Nos demais casos, o afeto foi construído positivamente, sempre indicando a felicidade dos próprios aprendizes com os *blogs* de um modo geral. Digo "dos próprios aprendizes" por ser tratar sempre de autoavaliações, ou seja, o *emoter* descrevendo os seus próprios sentimentos por meio de variados elementos da léxico-gramática, como processos (gostar, amar, adorar, valeu, rir- como metáforas ideacionais em forma de abreviatura/nominalização);

nominalizações (beijo, abraço, obrigado); atributos (encantada, maravilhada, feliz). Demonstro essas variáveis ideacionais na construção desses afetos nos seguintes exemplos:

d) "... obrigado, **gostei** do seu blog, tirei muitas dúvidas..."

e) "...**adorei** as dicas, valeu por te tirado minhas dúvidas..."

f) "Meus parabéns! Estava procurando um site (*blog*) que a resposta fosse desse jeitinho, demorei mais encontrei esse **Ameeeei**..."

g) "...adorei esta definição **kkkk** de certo modo fikou mais claro **rsrs**..."

h) "Obrigada pela boa vontade vida de professor não é fácil ainda bem que existem profissionais como você para nos dar aquela força. **Abração**."

i) "Oi!!! Ficou lindo o *blog*. Visitarei com frequência para "atualizar" o meu portugues, antes que essa língua de pedra (o dinamarques) me distancie mais ainda...rsrsrs. Bom que vc voltou... **Beijossss**".

j) "Descobri esse *blog*, estou **encantada** com muitas dicas..."

k) "Descobri esse blog através de uma amiga, estou **maravilhada** com tantas informações."

l) "... Fiquei **feliz** com essa descoberta, sinónimo de uma abertura no conhecimento do Português..."

Os exemplos de (d) a (l) são demonstrações de como o afeto positivo no *corpus* se realiza de diferentes modos, sendo construído com o uso dos distintos elementos léxico-gramaticais já discriminados acima, mas que convergem para a mesma situação.

Cabe evidenciar ainda que, observando esses exemplos, percebe-se que os estados de felicidade dos aprendizes são decorrentes das suas relações com os *blogs*, o que traz, implícita ou indiretamente, também uma avaliação sobre o *blog* ou o blogueiro, encontrada em todos esses exemplos. Isso significa que há também uma avaliação conjunta de apreciação ao *blog*

ou ao trabalho do blogueiro, mesmo que de modo indireto, pois é o *blog* que proporciona esse estado. Para tornar esse contexto mais facilmente inteligível, utilizo o Sistema de Transitividade de Halliday e Matthiessen (2004) e a seguinte associação ao sistema de Avalitividade:

Eu	gosto	demais	de estudar português pelo *blog*.
Experenciador	**Processo Mental Afetivo**	**Circunstância de modo**	**Fenômeno**
ORAÇÃO MENTAL EMOTIVA			

O *blog*	desperta	o gosto do aprendiz	pelo estudo de português.
Ator	**Processo Material Transformativo de Operação**	**Meta**	**Circunstância de assunto**
ORAÇÃO MATERIAL			

Na primeira situação, a experiência do aprendiz é descrita com base na léxico-gramática e nos papéis de transitividade teorizados pela GSF, que constituem uma oração mental emotiva. Essa experiência também funciona como uma atitude, materializada por uma autoavaliação de afeto em que o *emoter* externaliza o seu sentimento de felicidade+ referente ao estudo de português no *blog*. Na segunda, o *blog* tem função gramatical de Ator, ou seja, é por meio dele que se adquire o "gosto" pelos estudos de língua materna. Essa associação quer dizer, por outras palavras, que a inversão dos papéis gramaticais comprova que, se há felicidade+ na autoavaliação dos aprendizes dos BENIS, esse sentimento é proporcionado pela existência dos *blogs* e pelo contato dos discentes virtuais com o ensino nesses novos espaços educativos, ou seja, aos *blogs* é atribuída, necessariamente, a origem desse sentimento.

✓Os julgamentos

O tipo de avaliação menos recorrente no *corpus* foi o julgamento. Associo esse fato a dois motivos, um como decorrência do outro. Foi identificada uma concentração superior de atitudes nos tipos afeto e apreciação, ou seja, os participantes avaliaram mais os seus próprios sentimentos e entidades não humanas relativas aos *blogs* (ensino, didática, conteúdos, estética, os próprios *blogs*, etc.). Diante disso, decorre o fato de que a avaliação dos comportamentos não foi determinante para avaliar, por algum motivo, de modo geral, esse contexto de ensino-

aprendizagem em que os participantes estão envolvidos. Entretanto, os julgamentos realizados, diferentemente dos com referências a outros aprendizes, caracterizam-se pela prevalência da estima social, mais especificamente pelo subtipo **capacidade+**. Transcrevo alguns exemplos:

a) "Cara parabéns, **excelente trabalho feito por você**..."

b) "Você **é muito inteligente**..."

c) "Você **deve ser ótimo professor**..."

Nestes exemplos, tem-se uma visão geral de como os julgamentos sobre os blogueiros foram realizados. Das cento e oito ocorrências, apenas uma foi identificada com polaridade negativa quando se refere ao blogueiro:

d) "Acho que **a sua explicação** para "vale a pena e vale à pena" **está bem estranha**..."

Este exemplo contém a única atitude negativa realizada sobre a capacidade dos professores virtuais; nele, o escritor-avaliador não se convence com a explicação do professor virtual, pois a considera não confiável, estranha. Ainda no *corpus*, a palavra "**parabéns**", com 64 ocorrências, funcionou com semântica de julgamento sobre os blogueiros. Os comentários abaixo exemplificam essa situação:

e) **"Parabéns**, volte a postar com mais frequência. Beijos."

f) "...**Parabéns** pelo seu trabalho!"

g) "...Esta de **parabéns**, por ajudar a todos que querem estudar..."

h) "**Parabéns**! Adorei a sua interpretação! Hoje, professores trabalham com essa música em sala de aula, mas se atêm apenas na sua "construção"..."

A palavra em destaque nos exemplos pode variar contextualmente a sua semântica, mas nestes casos e nos demais que compõem as 64 ocorrências ao longo do *corpus*, mais do

que uma congratulação, exprimem a qualidade, na opinião do avaliador, do trabalho do blogueiro, ou melhor, a sua capacidade de "ajudar a quem quer estudar". O trabalho dos blogueiros foi "aprovado" com o uso dessa nominalização, e eles são , por isso, capazes de ensinar, fato muito evidente no exemplo (h), já que o modo de interpretar a música é considerado diferenciado em relação a outros professores na avaliação do aprendiz.

- ✓ **A apreciação**

As atitudes por apreciação fecham a transcrição dos tipos de avaliação detectadas no *corpus* e são muito importantes para a interpretação global dos dados, pois, além de ocorrem em segunda maior quantidade, são atitudes de grande relevância para a compreensão do contexto de ensino investigado. Vejamos os seus números:

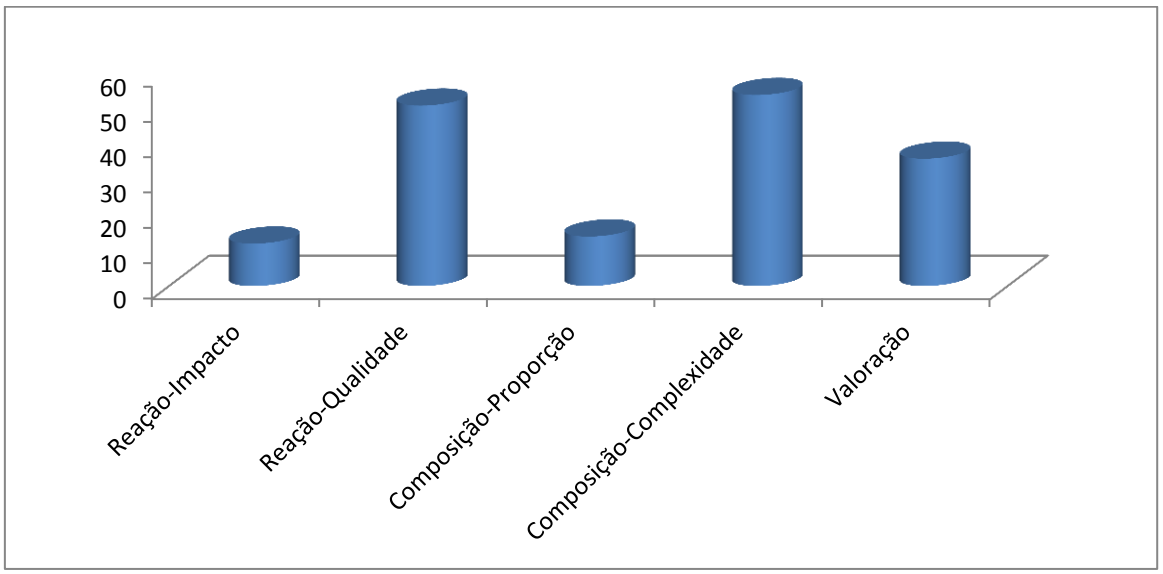


Gráfico 4: Números de apreciação

No Gráfico 4, são comparadas as disposições dos 5 subtipos de apreciação identificadas nos comentários, com grande margem de superioridade para a Composição-Complexidade e Reação-Qualidade, seguidas de: Valoração, Composição-Proporção e Reação-Impacto.

De acordo com Martin e White (2005, p. 56), na **Composição-Complexidade** encontram-se as avaliações que "mensuram" o grau de complexidade das coisas, por outros termos, uma coisa, um objeto, uma entidade não humana podem ser avaliados pelo grau de dificuldade em que são (in)compreendidos e percebidos pelos seres humanos. Podem ser:

precisos, claros, difíceis, lúcidos, puros, simples, (in)inteligíveis, complexos, etc. A prevalência da **Composição-Complexidade** no *corpus*, em polaridade positiva, indica a preocupação, sobremaneira, dos aprendizes com o grau de dificuldade em que os conteúdos tradicionais de gramática são apresentados ou abordados nos BENIS, visto que das 166 avaliações sobre o ensino/didática dos blogueiros, os conteúdos e os próprios *blogs*, 54 atitudes foram realizadas por esse subtipo, enquanto as outras 112 foram divididas entre os demais subtipos de apreciação.

É plausível acreditar que a maior concentração de atitudes realizadas por **Composição-Complexidade** revela que os aprendizes de Língua Portuguesa, por um prisma geral, esperam por didáticas e abordagens de conteúdos que lhes facilitem a aprendizagem e, mais do que isso, lhes beneficiem em ganho de tempo, custo-benefício, etc. As seguintes atitudes sugerem essas situações:

a) "Adoro aprender com vc **bem simples**..."

b) "Explicação **clara** e muito útil..."

c) "Adorei a explicação, **sem enrolação**..."

d) "Eu amei a explicação do conteúdo, em outros sites não estava compreendendo mas nesse **bastou uma** '**lidinha**':D."

Esses exemplos de **Composição-Complexidade** sintetizam o contexto desse tipo de atitude no *corpus*. Em (a) e (b), os elementos lexicais de atitude por **Composição-Complexidade** encontram-se na estrutura superficial das orações: **clara** e **bem simples**, isto é, marcam explicitamente essas ocorrências de atitudes. Já em (c) e (d), diferentemente disso, as atitudes são realizadas indiretamente, sendo identificadas pelo contexto: **sem enrolação** (de modo simples) e **bastou uma lidinha** (de modo fácil) e condizem com o desejo do público de que o processo de ensino-aprendizagem de gramática seja prático, simples, como um diferencial em relação aos métodos tradicionais desse tipo de ensino.

Do mesmo modo, a **Reação-Qualidade**, com 51 ocorrências, em sua maioria, atribuiu qualidades positivas tanto aos *blogs* quanto ao ensino e à didática dos blogueiros. Os falantes-escritores avaliaram, de maneira geral, esses itens como bons, interessantes, legais, etc. Isso

significa que os aprendizes levam em consideração a qualidade dos *blogs*, o que pode se remeter propriamente também aos serviços neles prestados:

"**Muito bom**, você foi muito sábio com o seu texto, pequeno, porém surpreendente..."

O texto do blogueiro é elogiado pelo aprendiz-escritor, que enaltece a concisão do conteúdo, considerando-o pequeno e surpreendente.

A **Valoração** está em terceiro lugar na escala das ocorrências de apreciação nos comentários e, de acordo com a teoria, designa as atitudes que atribuem valores às coisas, aos objetos e às entidades em geral não humanas desse contexto. No *corpus*, em mais da metade das 34 ocorrências de **Valoração**, as atitudes exaltam o trabalho ou a didática dos blogueiros, conferindo valores positivos às suas propostas de ensino, como neste exemplo:

"Você **está usando brilhantemente o dom** que Deus lhe deu..."

No exemplo de **Valoração**, o autor qualifica "o dom de ensinar" do blogueiro como algo brilhante, de grande valor para esse propósito. Os casos de **Valoração** são, de modo geral, realizados por esses tipos de significados, conferindo valores em polaridade positiva, especialmente no que concerne ao conceito que concebem sobre a didática dos blogueiros.

A **Complexidade-Proporção**, por sua vez, incidiu exatamente na mesma porcentagem nas avaliações destinadas aos *blogs* e nas que se referem ao ensino/conteúdos, já que das suas 14 (quatorze) ocorrências, 7 (sete) fazem menção aos *blogs* e as outras estão distribuídas entre ensino e conteúdos:

a) "Estou aqui para elogiar o seu blog, achei **muito completo**..."

b) "Quero dizer que suas **explicações tem acrescentado muito** ao que eu já sabia..."

c) "**Resumido** e prático..."

Essas atitudes exemplificam como a Composição-Proporção acontece nos comentários. Em (a), a avaliação direciona-se ao *blog*; em (b), refere-se ao ensino do blogueiro; e em (c), à disposição do conteúdo.

A **Reação-Impacto** foi o subtipo de apreciação com menor ocorrência nos comentários, 12 (doze) no total. Como configurado na teoria, esse subtipo revela por meio das atitudes o impacto que as coisas provocam no ser humano. Os achados no *corpus* indicam que esse tipo de reação foi pouco significativa no quadro geral de atitudes, uma vez que, se comparada ao outro tipo de reação (qualidade), ocorre em número bastante inferior para que seja determinante no resultado desta pesquisa. Pode-se dizer, então, que a reação mais frequente provocada pelos *blogs* no público foi a concernente ao âmbito da qualidade neles apresentada. No entanto, transcrevo exemplos de **Reação-Impacto** presentes no *corpus* por representarem, mesmo que em número reduzido, comentários atitudinais:

a) "**Muito interessante**, com os exercícios ficou ainda melhor, e ajudou na compreensão..."

b) "Somente depois dessa explicação e do exercício, aos 34 anos, que **aprendi a usar os por quês**..."

c) "...é um blog que **vale a pena**..."

Síntese da análise relacionada às questões de pesquisa

1. **O que os participantes dos blogs avaliam**?

   Avaliam a si mesmos enquanto usuários da Língua Portuguesa, os seus próprios sentimentos referentes ao processo de ensino-aprendizagem de português, a capacidade dos outros participantes (nas questões do uso de gramática normativa) e dos blogueiros (enquanto professores), os blogs, a didática, o ensino, os conteúdos e os aspectos léxico-gramaticais da língua portuguesa (o que não entra nos objetivos de investigação desta pesquisa).

2. **Como avaliam**?

Avaliam, em geral, sem muitas discussões acerca dos aspectos léxico-gramaticais e das questões gramaticais envolvidas no contexto, mas se posicionam especialmente em relação à interface ensino-aprendizagem/sentimentos, deixando clara a sua concepção (consciente ou inconsciente) de influência do sentimental/psicológico no sucesso da sua aprendizagem. Para tanto, usam elementos léxico-gramaticais de atitude de modo explícito ou implícito.

3. **Como são discutidos os aspectos léxico-gramaticais da Língua Portuguesa nas avaliações feitas**?

Em geral, os participantes não fazem muitas avaliações sobre os aspectos léxico-gramaticais. Quando o fazem, têm o propósito de sanar dúvidas (na maioria dos casos) ou questionam a opinião de outros aprendizes acerca de assuntos gramaticais ou os auxiliam quando se sentem seguros para tal. Também questionam, em poucas situações, conteúdos e explicações dadas pelos blogueiros.

4. **Quais sentimentos referentes ao processo de ensino-aprendizagem de português os participantes têm ao entrarem em contato com os blogs**?

Foram percebidos, na maioria dos casos, sentimentos de insegurança dos participantes ao lidarem com as questões gramaticais, antes, durante e após o contato com os BENIs. Esse sentimento sofre alterações à medida que o contato com blogs vai tornando a aprendizagem de língua materna mais prazerosa, fundamentalmente pelo uso de recursos didáticos, dos docentes virtuais, que facilita e torna menos complexa a abordagem das questões linguístico-normativas.

5. **O que essas avaliações sobre aspectos linguísticos revelam em relação à qualidade funcional dos blogs**?

Embora não haja análise técnica da estrutura dos blogs, pode-se dizer que os BENIs têm modificado a visão e o sentimento dos seus usuários aprendizes no que pertine à aquisição de conhecimentos no âmbito da norma padrão. Os blogs, de um

modo geral, motivam e auxiliam o seu público nas questões gramaticais, que, para eles, antes, eram um tipo de estudo burocrático, desmotivador, difícil. Portanto, os BENIs têm papel relevante na desburocratização e na dinamização do ensino fora da escola e demonstram muita utilidade para o seus públicos de um modo geral.

6. **De acordo com as avaliações dos participantes, como os blogs educativos não institucionais podem contribuir efetivamente para o processo de ensino-aprendizagem de língua materna**?

As avaliações realizadas pelos participantes dizem que os BENIs são canais interativos de ensino inovadores, especialmente no concernente aos aspectos didáticos, metodológicos, o que traz motivação na aprendizagem de língua portuguesa. O modo prático de ensino, na opinião dos aprendizes, tem gerado eficiência nas suas aprendizagens.

7. **Qual a relevância dessa pesquisa para o ensino-aprendizagem da língua materna, considerando o contexto dos recursos tecnológicos aliados ao ensino**?

Os BENIs modificam o sentimento e a motivação dos seus usuários aprendizes de gramática de língua mãe, o que pode se estender e ter relação direta com outros tipos de canais digitais na rede que também propõem o ensino de Língua Portuguesa e de outras áreas do saber. Como é uma tendência na evolução do homem que as práticas educativas estejam cada vez mais atreladas ao contexto tecnológico/digital, a análise de avalitividade realizada nesses blogs atesta isso. A mudança de sentimento dos participantes e as suas opiniões referentes ao ensino tradicional são sinais de que as práticas educativas linguísticas e no geral devem ser repensadas e associadas a conceitos como as TICs, tantas vezes mencionados no Capítulo I desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar a pesquisa, utilizo esta seção, compactando os resultados e lançando reflexões gerais sobre os resultados obtidos e o contexto pesquisado. Norteio-me, neste momento, pelas questões de investigação apresentadas na introdução, uma vez que o objetivo central deste trabalho é respondê-las ou, ao menos, buscar horizontes e caminhos que possibilitem gerar conclusões sobre o tema estudado.

No primeiro momento da pesquisa, fez-se imprescindível identificar as entidades avaliadas nos *blogs*. É importante observar, para fins de esclarecimento, que houve grande multiplicidade de avaliações realizadas pelos participantes, das claramente envolvidas nesse contexto de situação às que não apresentam quaisquer relações com os critérios analíticos da pesquisa. Evidentemente que identificar as entidades diretamente envolvidas no processo é um critério essencial. Posto isso, identifiquei avaliações restritas às entidades, humanas e não humanas, relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem de português nos BENIS selecionados.

Os participantes ou aprendizes avaliaram os seus próprios sentimentos, concatenados exatamente ao contexto no qual estão envolvidos, ou seja, o ensino-aprendizagem de língua materna de modo geral e, principalmente, quando associado a esses *blogs*. Todos esses sentimentos foram classificados de acordo com os parâmetros teórico-analíticos de Martin e White (2005), listados no subtipo de atitude "**AFETO**". Ainda falando dos achados atitudinais referentes ao âmbito humano, os aprendizes avaliaram, em número significativamente inferior, os outros participantes dos *blogs*- aprendizes e blogueiros-, usando avaliações pautadas no subtipo "**JULGAMENTO**", isto é, opinaram sobre os outros participantes valendo-se de atitudes restritas aos conceitos de sanção e estima social. Também realizaram autoavaliações no prisma de Julgamento, com poucas ocorrências.

Já em relação às entidades não humanas, as atitudes são relativas aos próprios *blogs*, aos conteúdos e à didática/ensino dos blogueiros, que estão no âmbito de avaliação do subtipo "**APRECIAÇÃO**". Tudo isso significa que, embora haja menor quantidade de avaliação realizada no lócus de algum dos subtipos (pois há subtipos que apresentam grande destaque no *corpus*), todos os tipos de avaliação explanados pelo subsistema de atitude foram identificados no *corpus*. Isso significa, dizendo de outro modo: avaliaram-se os sentimentos, os comportamentos humanos e as entidades não humanas envolvidas na situação-problema. Posso afirmar, assim, que a análise dos comentários, por meio do Sistema de Avaliatividade,

possibilitou uma visão geral sobre os BENIS enquanto canais digitais/interativos para a função educativa, sobretudo a que envolve o ensino-aprendizagem de português.

Referente à questão dos sentimentos, os aprendizes utilizaram autoavaliações que descreveram os seus próprios sentimentos quando se referiram especialmente às suas experiências como aprendizes de língua materna nos BENIS e fora deles (no ensino convencional ou até mesmo em outros canais da rede com esse propósito). Todos os subtipos de **AFETO** foram identificados (felicidade/infelicidade, segurança/insegurança, satisfação/insatisfação), demonstrando grande impacto dos BENIS na esfera emocional dos aprendizes e o quanto o fator psicológico pode ser determinante no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com os próprios avaliadores, os *blogs*, de modo geral, foram essenciais para a mudança de sentimentos no tocante à maneira como eles concebiam o estudo de português. Na maioria das atitudes por afeto, há mudanças de sentimentos de felicidade- para felicidade+; é o contato com o *blog*, com a didática do blogueiro ou mesmo com a sua capacidade que provoca essa mudança, pois, antes, até **odiavam** estudar Língua Portuguesa e a sua gramática. Após esse contato, ficam **felizes**, **encantados**, **maravilhados**, passam a **gostar**, **amar** ou **adorar** esse tipo de estudo, como descrito no capítulo de análise.

Os sentimentos negativos são decorrentes de situações como a insegurança que os avaliadores já apresentavam em relação ao ensino de língua mãe ao logo do seu processo educativo formal (na escola) ou até mesmo em outros ambientes virtuais. Esse sentimento também, em muitos casos, sofre mudança para polaridade positiva, justamente após o contato do educando virtual com os *blogs*, visto que em algumas atitudes os escritores declaram sentirem-se mais seguros com as propostas de ensino apresentadas nos BENIS, com o modo como o professor virtual ensina, etc.

Já no concernente à esfera semântica (in)satisfação do afeto, as atitudes analisadas são 100% positivas, pois os alunos dos *blogs* agradeceram utilizando elementos léxico-gramaticais que representam satisfação+ (*reward,* nestes casos), como ensinam Martin e White (2005, p. 51). A nominalização "obrigado(a)" e o processo"valeu" (como metáfora ideacional dessa nominalização) marcam a satisfação dos aprendizes, pois, "se querem retribuir", logo estão satisfeitos.

As avaliações baseadas nas noções de estima e sanção social, ou seja, de **JULGAMENTO**, são referentes, de modo direto, a autoavaliações, aos outros aprendizes e aos próprios docentes virtuais. No caso destes últimos, as avaliações são marcadamente positivas (quase 100% dos casos), nas quais prevalece a estima social de comportamento

capacidade. Desse modo, os avaliadores julgam os blogueiros **capazes**, **inteligentes**, **talentosos** e **competentes** na atividade que se propõem a exercer: ensinar língua materna virtualmente. Em contrapartida, nas autoavaliações de julgamento e avaliações sobre outros participantes prevalece a polaridade negativa, pois, para os avaliadores, tanto eles quanto os "colegas virtuais" são incapazes, na maioria dos casos, quando se trata de conhecimento e uso normativo da Língua Portuguesa.

Dessa situação, depreende-se que a **capacidade+**, sob a ótica dos avaliadores, é concentrada em mais de 90% dos casos nos participantes que promovem o ensino. A nominalização "**parabéns**" teve grande destaque nas atitudes e funciona como uma aprovação do avaliador, ratificando o crédito e confiabilidade dos aprendizes nos BENIS e nos seus respectivos idealizadores/professores, pois esse termo aparece em 64 atitudes ao longo do *corpus*, sempre se referindo, direta ou indiretamente, ao blogueiro.

A **APRECIAÇÃO** tem a segunda maior quantidade de ocorrências nos comentários e também grande sentido para o entendimento e interpretação dos dados obtidos nesta pesquisa. Os dois subtipos de apreciação mais encontrados nos comentários avaliativos são a **Composição-Complexidade** e a **Reação-Qualidade** e podem ser diretamente associados às avaliações já mencionadas acima, essencialmente as de polaridade positiva.

A Composição-Complexidade ocorreu em quase 100% dos casos positivamente, o que destaca a facilidade encontrada pelos aprendizes, segundo o que eles mesmos argumentam em suas atitudes, para o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos gramaticais. Ou seja: os *blogs* na opinião dos educandos dispõem de modo diferenciado os conteúdos, que são absorvidos mais facilmente nesses espaços virtuais educativos. Os avaliadores, em muitas ocasiões, comparam o ensino ofertado pelos BENIS a outros espaços educativos (virtuais ou não) nos quais estiveram na mesma situação de aprendizes e reafirmam as concepções positivas que têm sobre a atividade educativa proposta por esses *blogs* em detrimento das outras ofertas de ensino que experenciaram em outras ocasiões.

É possível acreditar que a **Composição-Complexidade**, em maior número na categoria apreciação (54 ocorrências), evidencie fatos relacionados à questão didática em si, já que nas atitudes há grande recorrência de termos que sugerem a busca por conhecimento gramatical de modo "facilitado", que simplifique o entendimento de gramática de modo geral e favoreça os aprendizes em ganho de tempo, isto é: simplicidade e praticidade. É exatamente isso que os falantes-escritores destacam em suas atitudes quando avaliam os *blogs* ou o ensino dos seus blogueiros por Composição-Complexidade.

A **Reação-Qualidade** acontece também em grande número (51 vezes) e é registrada nas atitudes como avaliação da qualidade do serviço oferecido pelos *blogs*. Essa qualidade agradou aos aprendizes em quase todas as atitudes, posto que consideram os *blogs*, os conteúdos e a didática dos blogueiros **bons**, **ótimos**, etc. Tanto as atitudes no âmbito da **Reação-Qualidade** quanto no da **Composição-Complexidade** podem ser associadas aos julgamentos positivos sobre os blogueiros e às autoavaliações por afetos, dado que são situações complementares. Se os aprendizes constroem essas atitudes por apreciação majoritariamente em polo positivo, infere-se que estão satisfeitos, mais confiantes no sucesso de sua aprendizagem e, consequentemente, mais felizes, pois, desse modo, encontram-se em melhores condições para realizarem seus propósitos educativos: a aquisição da norma culta para a sua promoção socioeconômica.

Quanto aos demais eixos semânticos da apreciação (**Valoração**, **Composição-Proporção** e **Reação-Impacto**), que ocorrem em menor quantitativo, pode-se dizer que vão ao encontro das avaliações realizadas com a utilização dos outros componentes acima já destacados com detalhes. Em maior parte das atitudes, são atribuídas qualidades positivas a essas entidades não humanas pertencentes ao processo de ensino-aprendizagem de português nos BENIS (*blogs*, conteúdos, ensino/didática).

Tudo isso que dizer que o grande número de avaliações positivas (82%), distribuído nos subtipos mencionados acima, trata-se de uma confluência atitudinal positiva ou uma aprovação geral do público dos BENIS ao ensino de português propostos pelos *blogs*.

Embora a maioria das atitudes descritas não discuta densamente sobre aspectos léxico-gramaticais da Língua Portuguesa, é importante pontuar que há muitas discussões nesse âmbito, como nesta passagem: "A palavra latina de origem 'aqua' se transformou nas línguas romanas em 'água'. (português), em 'acqua' em (italiano), 'agua' (espanhol) ou 'eau' (francês)...". Entretanto, para não fugir aos propósitos e objetivos do estudo, essas discussões, que acontecem especialmente entre os próprios aprendizes, não foram transcritas. A menção aos aspectos léxico-gramaticais nas atitudes aparecem raramente, considerando-se o número geral de atitudes. Esse fato talvez seja decorrente de algumas condições geradas pelo próprio contexto. Destaco, assim, algumas possibilidades:

- ✓ O modo como as avaliações são realizadas indica a satisfação dos participantes com o ensino apresentado nos BENIS. Talvez, por isso, ou seja, por estarem plenamente de acordo com as explicações virtuais dos blogueiros e por absorvê-las de maneira mais compacta do que em outras experiências

referentes ao ensino de léxico-gramática, não sintam necessidade de suscitar maiores discussões acerca dos conteúdos.

- ✓ Pelo fato de haver significativo número de avaliações por Composição-Complexidade, fica subentendido que os aprendizes esperam por "fórmulas prontas", ou seja, dicas, macetes, que descompliquem e facilitem a sua aprendizagem. Se "compreendem" os conteúdos dessa maneira, é plausível crer que o que dificulta, para eles, o entendimento das questões léxico-gramaticais no âmbito normativo da língua são exatamente "os pormenores" do ensino tradicional. Por isso, talvez, sintam-se mais confiantes com as "formulas" apresentadas pelos *blogs*, pois, como enfatizam em muitos casos, é isso que tem funcionado para eles como método efetivo de aprendizagem.

- ✓ Devido à grande concentração de sentimentos de (in)segurança, mais especificamente os negativos, há também a possibilidade de que os aprendizes ainda se sintam inseguros para gerar discussões sobre os aspectos da léxico-gramática ou conteúdos que avaliam, dado que, para isso, teriam que dispor de bons argumentos, situação que, de acordo com as próprias autoavaliações, ainda não é uma realidade na maioria dos casos.

Para discorrer sobre quaisquer aspectos relativos à utilidade dos *blogs*, é necessário recorrer a essas avaliações, visto que o parecer dos educandos é essencial e funciona como um *feedback* dos aprendizes, que são participantes fundamentais nesse processo interativo/educativo. Não se pode deixar de mencionar que a avaliação na linguagem está situada na Variável de Contexto Relações; e o Sistema de Avaliatividade, proposto por Martin e White (2005), sendo um dos sistemas interpessoais, foi imprescindível para a descrição desses comentários como enunciados avaliativos, os quais funcionam como retorno ou respostas de solidariedade. É exatamente "essa voz" que diz aos blogueiros o quão úteis e abrangentes, bons ou ruins são os seus *blogs*, e isso é fundamental para que saibam o que deve permanecer, bem como quais alterações são necessárias.

As opiniões dos participantes são, portanto, um caminho bem escolhido para mensurar e formular noções gerais sobre a qualidade apresentada pelos BENIS enquanto ambientes digitais educativos para o ensino de língua materna. Como essas avaliações são

predominantemente positivas, é importante considerar que esses *blogs*, de algum modo, como percebem os seus aprendizes, estão inovando no processo de ensino-aprendizagem de português, ofertando diferentes métodos para tornar esse exercício educativo mais prazeroso e, sobretudo, mais eficaz, pelo menos na percepção desses avaliadores.

Como diz Oliveira (2008), o processo de ensino-aprendizagem somente se torna efetivo quando a participação do alunado é real, quando se leva em consideração os argumentos e a opinião deles, pois assim será possível sempre a renovação, proporcionada pela desconstrução e reconstrução dos conceitos educativos, antes determinados somente pelos mestres e instituições educativas.

No caso específico dos BENIS, os aprendizes expressam os seus sentimentos e participam efetivamente desse processo por meio de comentários avaliativos ou mesmo reflexivos. Ainda que sob a condição do contato apenas virtual com o professor, as suas avaliações têm, supostamente, muito valor para os blogueiros, pois os BENIS foram criados para esse público e "sobrevivem" por causa dele. Situação contrária ao que ocorre nos BEIS, onde a troca de experiências entre docente e alunos ocorre principalmente no ambiente escolar e os *blogs* funcionam como recurso complementar para a realização de estudos e atividades curriculares.

Contudo, o ensino nos BENIS é mais abrangente e menos específico, uma vez que está aberto a variados tipos de público e com distintos propósitos: um professor que busca novos exercícios para aplicar em sua turma; um vestibulando, um concurseiro; um aluno que procura por conteúdos que serão exigidos em sua prova da escola, dentre outros.

Os BENIS, vistos também por esse prisma, parecem de grande utilidade para oportunizar ao público geral a expansão do seu conhecimento linguístico não somente no domínio normativo da linguagem, mas também no contextual/tecnológico. Essa possibilidade existe em razão de o *blog* estar, fundamentalmente, situado no ambiente digital da comunicação, cuja prática comunicativa, em especial de leitura e produção de textos digitais, tem se tornado o único caminho para o homem estar de fato integrado à sociedade pós-moderna em termos de comunicação.

Vieira (2015) diz sobre isso que a interferência da globalização e das tecnologias é factual na reorganização das sociedades como um todo, entendendo-se, necessariamente, ao discurso e às suas novas modalidades, que surgiram exatamente em decorrência dessa intersecção entre linguagem, globalização e tecnologia. O contato com as práticas multimodais da linguagem e a multiplicidade de gêneros discursivos também é propício por

meio dos *blogs*, que podem oferecer, como no caso dos BENIS, além de aprimoramento linguístico tradicional, possibilidades de multiletramento.

O ensino de português nos *blogs* também pode proporcionar a descentralização do conhecimento, isto é, levar o estudante a uma autonomia educativa na construção da sua própria aprendizagem, para que não fique totalmente dependente do ensino restrito ao ambiente escolar e com a falsa noção de que o professor é "o único meio" capaz de semear o conhecimento, situação já discutida no Capítulo I.

As avaliações realizadas pelos internautas-aprendizes, mesmo nas condições encontradas, não são determinantes para examinar fielmente e gerar conclusões definitivas sobre a **qualidade funcional** dos *blogs*, uma vez que são opiniões dos participantes, ou seja, o modo como percebem esse processamento de informações educativas.

Como sabido, não há aqui análise estrutural e de conteúdos apresentados nos BENIS, exatamente por não ser esse o objetivo da pesquisa; portanto, essas avaliações não são realizadas por especialistas em educação ou em ensino de português. No entanto, essas atitudes podem dizer muitas coisas, posto que, como já mencionado, a participação efetiva do educando é um dos pilares de todo e qualquer processo educativo e ele lança mão, a quase todo momento, de respostas de solidariedade aos blogueiros. Também há a participação de professores de língua materna identificada em algumas atitudes, como neste caso:

"Também sou professor de Português e **fiquei muito feliz** por encontrar alguém que leva realmente a sério o estudo da nossa língua. Ficarei "freguês" do seu blog, inclusive para usá-lo em minhas aulas. Parabéns.

A opinião desse profissional de educação é bastante relevante, já que ele tem um olhar com mais propriedade crítica dentro desse contexto, é um professor avaliando o trabalho de outro professor. No entanto, ainda é uma análise isolada no que se refere a questões de natureza estrutural e técnica dos *blogs*. Por isso, não se pode construir generalizações dessa proporção, mas sim ponderar sobre todo esse contexto pesquisado. Esta pesquisa, por ser precursora na abordagem dos BENIS, serve de base e norte para outras pesquisas que tenham como temática *blogs* educativos não institucionais ou mesmo institucionais e o ensino de língua portuguesa, como também a relação entre ensino de língua e tecnologia.

Aqui, foi constatado que os BENIS de língua portuguesa têm grande utilidade para os seus variados públicos, auxiliando-os nas questões que envolvem a busca pela ampliação dos conhecimentos linguísticos, sobretudo os que se referem ao uso padrão da língua, cuja

utilidade tem ligação estrita com a promoção sociocultural e socioeconômica do indivíduo. Diante disso, urge a necessidade de aquisição de conhecimento da variante padrão para aqueles que dependem dela nas suas atividades cotidianas, em especial as de formação para o mundo do trabalho.

Esse exercício em análise do discurso sistêmico-funcional diz que os *blogs* podem ser vistos como caminhos alternativos de estudo para esses estudantes e distintos públicos, e as suas propostas de ensino e conteúdos funcionam como subsídios educativos para a ampliação dos conhecimentos linguístico-normativos desses aprendizes, que, em sua maioria, demonstram grande satisfação com o ensino neles ofertado.

Foi por meio da atitude dos participantes que se pôde constatar como esses *blogs* funcionam no atendimento à sua clientela; o que os aprendizes esperam dos BENIS enquanto espaços educativos; como os estudantes concebem o ensino de português; quais são os seus sentimentos referentes ao ensino-aprendizagem de língua materna antes, durante e depois do contato com os *blogs*; que mudanças e efeitos os BENIS podem causar na vida acadêmica e estudantil do seu alunado.

Por isso, novos caminhos de pesquisa estão abertos para análises complementares e/ou mais específicas dos BENIS, que os investigue em seus mais diversos aspectos como estrutura; abordagem dos conteúdos, exercícios; linguagem utilizada pelos blogueiros; propostas de multiletramento e ensino dos gêneros discursivos, entre tantos mais. Assim sendo, esses espaços educativos serão cada vez mais divulgados e, se aprovados funcional e tecnicamente por futuras pesquisas, podem ser um aliado no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa e outros componentes curriculares, bem como funcionarem, até mesmo, como um recurso didático-pedagógico a ser utilizado pelas próprias unidades educativas e seus profissionais de ensino, dinamizando o acesso ao conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira. **Os elementos de atitude no discurso do professor**: um exercício em Análise do Discurso Sistêmico-Funcional. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.

_____. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR, Orlando et al. **A linguagem da avaliação em Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b. Cap. 6. p. 99-112.

ALVES, Lucineia. Educação à distância. **Revista RBAAD**, São Paulo, v.10,2011. Disponível em:<http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf>. Acesso: 06 set. 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: M. Fontes, 1992.

BENAKOUCHE, Tamara. Formação de professor e (in)capacitação digital. In: XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007, Recife-PE. **Cadernos de Resumos**. Recife-PE: SBS-UFPE, 2007.

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de *Corpus***. Barueri-SP: Editora Manole, 2004.

BLIKSTEIN, Paulo; ZUFFO, Marcelo Knörich. As sereias do ensino eletrônico. In: SILVA, M. (Org.). **Educação *online***. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 23-38.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998a. 106 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998b. 174 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias/ Secretaria de Educação Média e Tecnológica.- Brasília: ME/SEMT, 2000. 65p.

BRITO, Gláucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia. Pescópia no Ciberespaço: uma questão de atitude na educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 5, n. 15, p. 75-86, 2005.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim et al. Blogue: uma ferramenta com potencialidades pedagógicas em diferentes níveis de ensino. In: **Colóquio sobre questões curriculares**, Braga, Portugal, 2006. Actas... Braga: CIED, 2006. p. 635-652. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5915>. Acesso em: 22 fev. 2016.

CRYSTAL, David. **Pequeno tratado sobre a Linguagem Humana**. São Paulo: Saraiva, 2012.

CULIOLI, Antoine. **Why teach how to lean to teach what is best learnt untaught**. Paris: *Cahiers Charles V*. Paris, 1997.

DORNYEI, Zoltan. **Research Methods in Applied Linguistics**: Quantitative, Qualitative, and Mixed Methodologies. Oxford University Press, 2007.

DROGA, Louise; HUMPHREY, Sally. **Grammar and meaning**: a introduction for primary teachers. Australia: Target Texts, 2003.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

DE LUCA, Cristina. O que é Inclusão Digital? In: CRUZ, Renato. **O que as empresas podem fazer pela inclusão digital**. São Paulo: Instituto Ethos, 2004.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. A formação de professores diante dos desafios da cibercultura. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção. (Org.). **Cibercultura e Formação de Professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

EGGINS, Suzanne; SLADE, Diana. **Analysing casual conversational**. Cambridge: Cassel, 1997.

EGGINS, Suzanne. **A introduction to systemic funcional linguistics**. London: Pinter Publishres, 1995.

_____. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2ª Ed. London: Continuum, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and globalization**. London, New York: Routledge, 2006.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

GHIO, Elza; FERNANDEZ, Maria D. **Linguística Sistémico-Funcional**: aplicaciones a la lengua española. Santa Fé: Universidade Del Litoral, Waldhuter Editores, 2008.

GOMES, Maria João; LOPES, António Marcelino. **Blogues escolares**: quando, como e porquê? 2007. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6487/1/gomes2007.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2016.

GUELHA, Sara. O elogio: uma habilidade social. **Oficina de Psicologia**, 2013. Disponível em:< http://oficinadepsicologia.com/o-elogio-uma-habilidade-social>. Acesso em: 22 jun. 2016.

HALLIDAY, M.ichael Alexander Kirkwood. Language structure and language function. In: LYONS, John. (ed.): **New horizons in linguistics**. Harmondsworth: Penguin Books, 1970. p. 140-164.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold Plublishers, 1994.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Language, context and text**: Aspects of language in a social semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1985-1989.

_____. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIENSSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. **An introduction to functional grammar**. 3 ed. London: Arnold, 2004.

HERBELE, Viviane Maria. A representação das experiências femininas em editoriais de revistas para mulheres. **Revista Iberoamericana de Discurso e Sociedade**, v. 1 (3), p. 73-86. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.

LABOV, Willian; WALETZKY, Joshua. Narrative Analysis. In: HELM, June ed. Essays on the verbal and visual arts. **Proceedings of the 1966 Spring Meeting of the American Ethnological Society**, Seattle: University of Whashington Press, 1967.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LYONS, John. **Lingua(gem) e Linguística**. Tradução de Marilda Winkler Aveburg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MARCUSCHI, Luis Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARTIN, James Robert. **Language, register and genre**. In: F. Christie (ed.). Children writing: reader. Geelong: Deakin University Press, 1984.

_____. **English text**: System and structure. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992.

_____. Beyond Exchange: Appraisal System in English. In: HUNSTON, Susan & THOMPSON, Geoff. **Evaluation in text**: authorial stance and the construction of discourse. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, James Robert; MATTHIENSSEN, Christian Matthias Ingemar Martin; PAINTER, Claire. **Working with functional grammar**. London: Arnold, 1997.

MARTIN, James Robert; PLUM, G. Construing experience: some stories genres. **Journal of narrative and Life History**. 7(1-4): 299-308. Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1997.

MARTIN, James Robert; WHITE, Peter. **The language of evaluation**: Appraisal in English. London: Palgrave Macmillan, 2005.

MEXIAS-SIMON, Maria Lúcia. Linguagem e Cultura. **Revista Multidisciplinar de Humanidades**, v. 3, n. 1. p. 14-24, Vassouras, jan/jun, 2012.

MORAN, José Manuel; MASSETO, Marcos Tarcísio; BEHRENS, Maria Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 21ª ed. Campinas-SP: Papirus, 2013.

MORAN, José Manuel. Novos desafios na educação: a internet na educação presencial e virtual. In: PORTO, Tânia Maria E. (Org.). **Saberes e Linguagens de educação e comunicação**, p. 19-44, Pelotas-RS: Editora da UFPel, 2001.

_____. Como utilizar a internet na educação. **Revista Ciência da Informação**, v.26, n. 2, Brasília, maio/ago., 1997. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-19651997000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 set. 2015.

MOREIRA-FERREIRA, Marly Caroline. **A interpessoalidade em blogs sob a perspectiva sistêmico-funcional**, 2006.131f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo, 2006.

NEVES, Carmem Moreira de Castro. **Referencias de Qualidade para Cursos a Distância.** Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ReferenciaisQualidadeEAD.pdf.>Acesso em: 05 mai. 2015.

NISKIER, Arnaldo. **Tecnologia educacional**: uma visão política. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

OLIVEIRA, Carla Ariella de. **A pesquisa escolar em tempos de internet**: reflexões sobre essa prática pedagógica, 2008. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2008.

PEREIRA, Danilo Moura; SILVA, Gislane Santos. As Tecnologias de Informação e Comunicação como aliadas para o desenvolvimento. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, Vitória da Conquista-BA, n. 10. p. 151-174, 2010. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/cadernosdeciencias/article/viewFile/884/891>. Acesso em: 07 set. 2015.

QUEIROZ, Cecília Telma Alves Pontes de.; MOITA, Filomena Maria da Silva Cordeiro. **As tendências pedagógicas e seus pressupostos**. Campina Grande; Natal: UFPB/UFRN, 2007.

RAMAL, Andrea Cecília. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REIS, Thiago; MORENO, Ana Carolina. Maioria das escolas não tem acessibilidade nem rede de esgoto. **G1.globo.com**, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/07/maioria-das-escolas-publicas-nao-tem-acessibilidade-nem-rede-de-esgoto.html>. Acesso em: 09 set. 2015.

REGO, Sóstenes Valente. **Descrição sistémico-funcional da gramática do modo oracional das orações em nyungwe**. 2012. 239f. Tese (Doutoramento em Linguística)- Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

RIBEIRO, Raimundo Donato do Prado. Cultura Histórica e as novas Tecnologias da Informação. **XXIII ANPUH**, Londrina, 2005. Disponível em:< http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1491.pdf>. Acesso em: 17 set. 2015.

RODRIGUES, Nara Caetano. Tecnologias de informação e comunicação na educação: um desafio na prática docente. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 6, n. 1. p. 1-22, jan-jun, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2009v6n1p1/11863>. Acesso: 06 set. 2015.

RODRIGUES, Sérgio. Por que dizemos 'obrigado' quando agradecemos? **Veja Colunistas**, 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/por-que-dizemos-obrigado-quando-agradecemos>. Acesso em: 20 abr. 2016.

ROUSE, Margaret. **Knowbot definiton**, 2005. Disponível em: <http://searchsoa.techtarget.com/definition/knowbot>. Acesso em: 13 set. 2015.

SANTOS, Elaine Maria. O letramento digital e o ensino de português: o papel do livro didático. **Revista Interdisciplinas**. Ano 5, v. 12, jul- dez, 2010. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_12/INTER12_09.pdf>. Acesso em: 15 set. 2015.

SANTOS, Liliane; SIMÕES, Darcilia. Ensino de Português e Novas Tecnologias. In: SANTOS, Liliane; SIMÕES, Darcilia. (Orgs.). **I SIMELP**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009. 160 p.

SILVA, Edna Cristina Muniz da. Letramentos e gêneros do discurso no Ensino Fundamental. In: SILVA, kleber Aparecido da.; ARAÚJO, Júlio. (Orgs.). **Letramentos**, **Discursos Midiáticos e Identidades**: novas perspectivas. Campinas-SP: Pontes Editores, 2015.

SILVA, Luís Carlos Lemos da. O método científico... **Revista Kínesis**, v. II, n. 3, abri. 2010, p.306-315. Disponível em: < <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/21_LuisCarlosLemosdaSilva.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.

SILVA, Marco. Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos online. **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**. n. 3, janeiro-junho, 2010. Disponível em<:http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2010/edicao_3/3-educar_na_cibercultura-desafios_formacao_de_professores_para_docencia_em_cursos_online-marco_silva.pdf>. Acesso em: 03 set. 2016.

SILVA, Nívea Rohling da. Práticas de leitura: a utilização do blog em sala de aula. **Texto Digital**, Florianópolis, ano 2, n. 2, Dez, 2006. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/viewFile/1378/1077>. Acesso em: 16 set. 2015.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SCOTT, Michael. **WordSmith Tools**. v. 6. Software for text analysis. Oxford: Oxford University Press, 2015.

SOARES, Rosana Muniz. Metáforas ideacionais: propriedades da língua voltadas para o discurso. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 157-172. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/viewFile/14708/11112>. Acesso em: 30 abr. 2016.

TELECURSO. **G1.com**, (2000-2015). Disponível em: <http://educacao.globo.com/telecurso/>. Acesso em 06 set. 2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão verbal. 4ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

URBANA, Legião. **Eduardo e Mônica**. Intérprete: Renato Russo. Abril Coleções, 1996.

VALENTE, José Armando. O computador na sociedade do conhecimento. In: VALENTE, José Armando (Org.). **Informática para a mudança na educação**, p. 31-43, 1999.

VIAN JR., Orlando *et al*. **A linguagem da Avaliação em Língua Portuguesa**. In: VIAN JR., Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola, A. S. D. P. (Orgs.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 230p.

_____. O Sistema de Avaliatividade e os recursos para a gradação em língua portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **Revista Delta**, 2007.

VIEIRA, Josenia; SILVESTRE, Carminda. **Introdução à Multimodalidade**: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.

VIEIRA, Josenia. Globalização e tecnologias: uma perspectiva multimodal da linguagem. In: Vieira, Josenia; SILVESTRE, Carminda. **Introdução à multimodalidade**. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira. Questões de comunicação na era digital: tecnologia, cibercultura e linguagem. **Revista e-scrita**, Nilópolis, v.3, número 2, Mai. - Ago. 2012. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/re>. Acesso: 04 maio 2015.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Análise Linguística nos gêneros textuais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

ZAPPAROLI, Zilda Maria. A linguística de Corpus e o programa WordSmith Tools. **Linguística Informática**: Grupo interdisciplinar de Pesquisas, USP, 2010. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/li/x/?p=193>. Acesso em: 10 Abr. 2016.

ANEXOS

Seleção dos blogs no Google

Imagem 1: Seleção de blogs pelo website Google com a pesquisa blogs de português

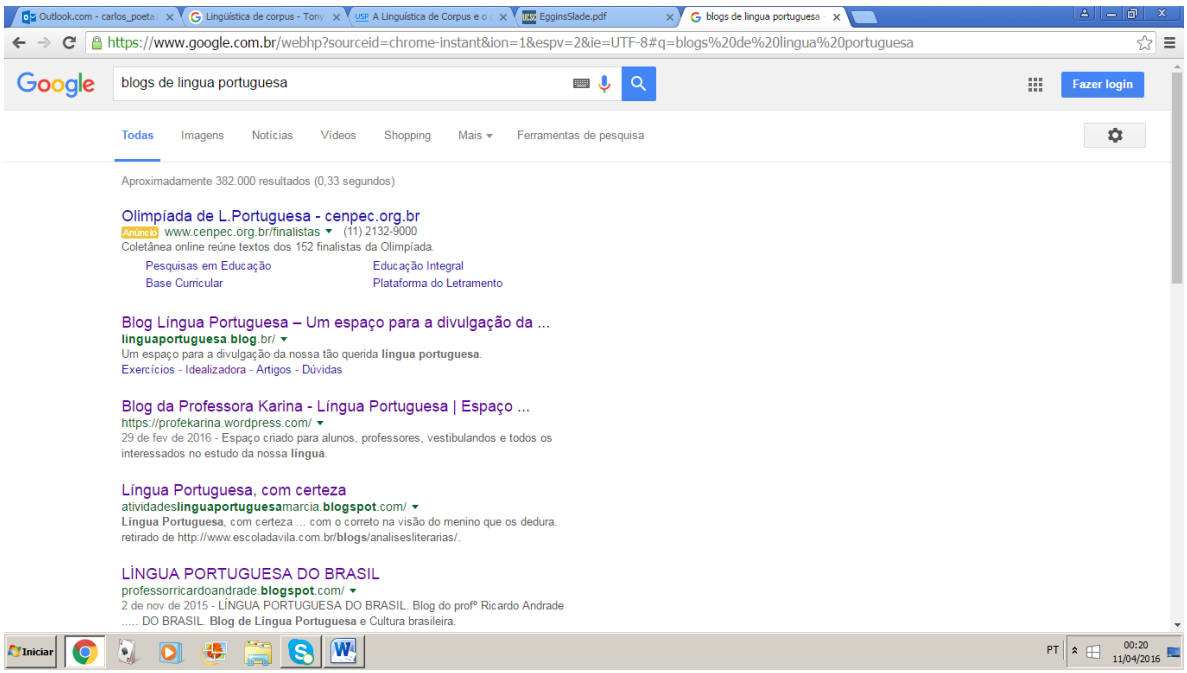


Imagem 2: seleção de blogs pelo website Google com a pesquisa blogs de língua portuguesa

Blogs selecionados

Imagem 3: Blog Língua Portuguesa

Imagem 4: Blog Português Corre(c)to

Imagem 5: Blog do Aldo Bizzocchi

Imagem 6: Blog do gramaticando

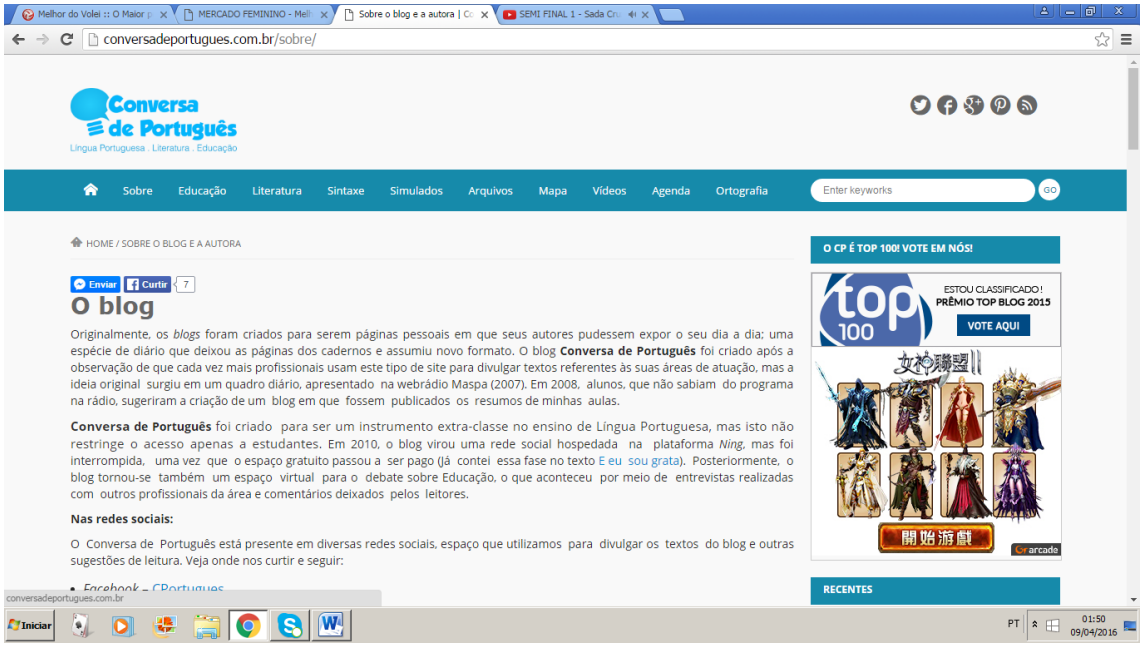


Imagem 7: Blog Conversa de Português

Imagem 8: Blog Português Fácil

Imagem 9: Blog da Professora Karina

Imagem 10: Blog Estudando a Língua Portuguesa com a prof.ª Gabriela Pimenta

Imagem 11: Língua Portuguesa no dia a dia

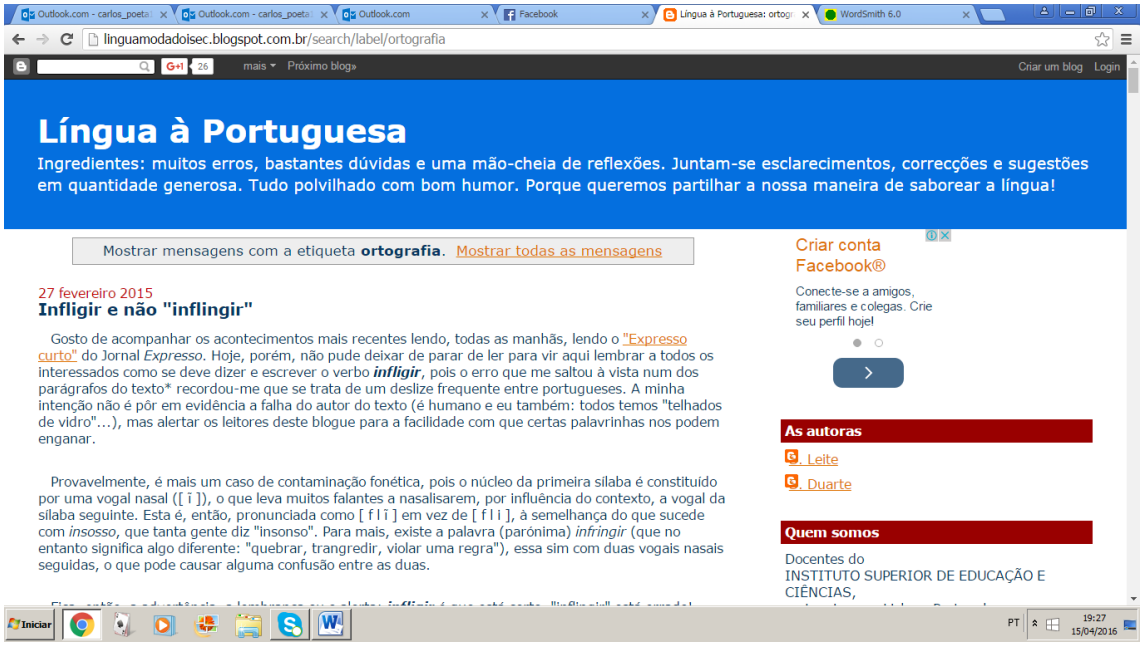


Imagem 12: Blog Língua à Portuguesa

Corpus

<u>Blog Língua Portuguesa</u>

- ✓ **Assunto: nova ortografia**

29/03/2016 at 22:47

NOSSA… VAI SER MEIO DIFÍCIL PRA MIM… TENHO 65 ANOS.. E APRENDI COM O MÉTODO CONVENCIONAL…….

AMO LER E ESCREVER, MAS ACREDITO QUE AOS POUCOS VOU MENORIZANDO…ESPERO NÃO ENCONTRAR MUITA DIFICULDADE.

29/03/2016 at 19:58

Adorei! Precisamos de muitos exercícios mesmo, quanto mais , melhor!

22/03/2016 at 22:17

Eu quero e preciso continuar aprendendo. Muito Obrigada Céu Marques.

Débora Moreno, Niterói, RJ

16/03/2016 at 17:21

Inicialmente parabéns pelo Blog! Tem sido uma ótima fonte de consulta.

Sobre o acordo ortográfico, apenas uma observação ilustrativa: nem todos os países do continente africano assinaram. Isso significa que a ideia de unificação da escrita não vai muito adiante.

Abraços

23/02/2016 at 16:31

DESCOBRI ESSE BLOG, ESTOU ENCANTADA COM MUITAS DICAS.

PARABÉNS

16/02/2016 at 21:53

Graças a Deus! Muita voisa vai mudar.

13/02/2016 at 23:32

“O fato é que agora é pra valer.” Corrigir o “pra”. O fato é que agora é para valer. Excelente a resenha sobre o uso ou não do hífen.

15/02/2016 at 10:42

Madalena, o termo “pra” não está errado. É a contração da preposição (para) + o artigo (a). Assim como falamos: nesta, nisso, numa, num etc.

17/02/2016 at 15:39

Céu Marques, em Portugal não está consagrado o uso de “pra” na linguagem escrita, salvaguardando o caso da poesia.. Percebi que no Brasil é diferente, daí as minhas desculpas. Quanto a ser contração de preposição e artigo/pronome não me parece, pois não falamos de “prà”. Penso haver apenas a síncope da vogal “a”. Um abraço!

04/02/2016 at 15:50

Bem difícil assimilar as novas regras!

30/01/2016 at 20:09

Estou tendo grande proveito, realmente encantada, pois proporciona uma praticidade e facilidade no aprendizado…

28/01/2016 at 14:51

Muito obrigada.

28/01/2016 at 14:49

Descobri esse blog através de uma amiga, estou MARAVILHADA com tanta informações….

25/01/2016 at 19:07

Muito Obrigada!

15/01/2016 at 10:00

Descobri por um acaso o blog e preciso dizer: estou AMANDO.

Parabéns!

15/01/2016 at 05:59

Muito obrigada

14/01/2016 at 22:43

Muito bom, fiquei super ligada agora.

14/01/2016 at 22:21

Não endendo a necessidade destas mudanças. Quando ainda vemos escrito concerteza.

14/01/2016 at 19:44

Ainda discordo dessas mudanças. Perde-se característica, identidade. Outras línguas não mudariam para facilitar o aprendizado para outros falantes ou unificar. A pior mudança, ao meu ver, é a mudança na acentuação.

04/03/2016 at 21:37

A língua pode ser considerada um símbolo da Pátria, e, como não se mexe na bandeira, também não devia se alterarem as regras gramaticais.

14/01/2016 at 17:32

Excelente divulgação!

Por favor, corrijam a palavra “diferenciais”, na quarta linha do segundo parágrafo.

Abraços

15/01/2016 at 19:30

Correção feita, Wilma! Muito obrigada.

14/01/2016 at 17:06

Sou fã das suas publicações, sou sua fã, pois alguém dedicar tempo Última Flor do Lácio é o máximo. Deus abençoe sua caminhada.

- ✓ **Assunto: uso dos porquês**

24/11/2016 at 17:56

Bom demais!!!

24/09/2016 at 20:16

Bilhante explanação quanto ao uso dos porques acho que estou no rumo certo

28/07/2016 at 20:23

Em Portugal, quando se trata de advérbio interrogativo, escreve-se porque, em vez de por que: Porque não vens comigo? Porque faz ele isto?

Depreendo que no Brasil será: Por que você não vem comigo? Por que ele faz isto?

Fico-lhe desde já muito grato pela sua prestimosa elucidação.

07/07/2016 at 11:02

Gostei.

13/01/2016 at 12:50

Por que sempre que leio suas explicações fico mais atenta a ortografia?

Porque sei que posso contar com a vasta sabedoria de você Céu Marques nesse nosso português cheio de raízes.

Obrigada Céu.

13/01/2016 at 11:51

É um equívoco afirmar que o "por quê" é aó utilizado no final da frase. O que se torna tônico quando encontra uma pausa (claro, todo final de frase é uma pausa) e isso ocorro também denteo sa oração: por quê, à noite, você não sai?

05/01/2016 at 18:38

Ótima explicação. Resumido e prático.

20/12/2015 at 16:12

O "por quê" pode ser usado em um final de frase afirmativa também, eu acho. Basta que seja antes de um ponto, seja ele de interrogação, exclamação, final ou reticências. Isso porque o o monossílabo "que" passa a ser tônico, quando seguido de pontuação. Então na frase: "Você sabe por quê." ou "Quero saber por quê", ele levaria acento. Assim como nas frases em que o "quê" aparece só. Por exemplo: "Não há de quê." ou "Tá rindo de quê?"

25/02/2016 at 01:08

Legal edson say! Você sabe por quê?

Porque eu aprendi! (?)

07/12/2015 at 09:18

Somente hoje, depois dessa explicação e do exercício, aos 34 anos de idade, foi que aprendi a usar os por quês.. Rsrs tá certo??

07/12/2015 at 22:47

Quase… rs “Aprendi a usar os porquês.”

06/12/2015 at 23:11

Excelente! Concisa, clara e permitindo a verificação do aprendizado.

14/11/2015 at 02:34

Gostaria de parabenizar os criadores desse blog, de excelente qualidade e muito útil. Por 35 anos fui professor universitário e sempre me senti muito mal com a incapacidade do brasileiro, de forma geral, de escrever um português satisfatório. Me arrisco a dizer que a situação continua piorando e o uso indiscriminado de uma linguagem informática na comunicação só colaboram para piorar a situação. Durante muitos anos dei aulas de engenharia para universitários que não eram mais do que analfabetos funcionais. Isso reflete, sem sombra de dúvida, a qualidade dos profissionais que esse país despeja no mercado. É o resultado de uma política educacional medíocre, limitada, baseada em fins eleitoreiros e portanto assistencialistas, discriminadora e não inclusiva como quer ou alardeia o governo onde ser pobre, negro ou índio torna tais indivíduos merecedores de um tratamento especial frente ao estudo. Na verdade, uma educação falida desde os primeiros anos, essa sim, é a que gera as diferenças que muito bem lhes caem aos políticos, na hora de se fazerem de indulgentes e piedosos com “os menos favorecidos”. Lembro, ninguém nasce incapaz de ter acesso ao ensino qual não seja por absoluta falta de uma política justa que o ofereça a qualquer brasileiro desde a mais tenra idade. Mais uma vez, parabéns e continuem assim.

Uma sugestão com o intuito de que o blog se torne mais abrangente: gostaria de ver aqui palavras que usadas de forma frequente em outros países lusófonos são simplesmente desconhecidas no Brasil. Apenas por exemplo menciono algumas que agora me ocorrem: algures, alhures, nenhures, diospiro, agrafador, autoclismo e centenas mais. Ou para que serve o tal acordo ortográfico se não usamos o idioma em sua totalidade. Um abraço,

14/11/2015 at 20:54

Muito obrigada pelas palavras, Prof. Amandio! Agradeço também a sugestão de conteúdo para o blog. Um abraço, Céu Marques

25/10/2015 at 21:43

Nossa!! bem criativo e bastante

util essas explicações…Pararbéns

05/10/2015 at 17:20

Este site o blog é muito interessante. Existem muitas dúvidas sobe o seu uso. Parabéns

21/07/2015 at 22:40

Por que que o "porque" usado em resposta, conjunção explicativa ou causal não tem acento circunflexo já que é palavra oxítona e todas as oxítonas terminadas em "a", "e" e "o" têm acento gráfico na última sílaba: Canadá, cajá, Taubaté, café, buquê, ipê, Mossoró, bocó, avô? Sem o acento, não deveríamos ler "pôrqui" ou "pórqui"?

25/07/2015 at 15:55

Boa pergunta, VLC! O que posso afirmar é que realmente existe o "porquê", palavra paroxítona terminada em -e devidamente acentuada. De repente, uma delas é sem acento justamente para diferenciá-las, como já aconteceu com outras palavras (vôo/voo, pêlo/pelo, pára/para, fôrma/forma).

21/07/2015 at 03:11

Qual é a necessidade de tantos porquês diferentes?

02/09/2015 at 16:48

Porque não existia internet, e desencadeou muitas teorias e filhos rs

22/12/2015 at 11:49

nao seria o caso de tentar uma reforma sem tantas complicações? td bem q a língua é bonita com tantos adereços, mas certas coisas só servem para dificultar, por isso mta gente desanima de aprender… eu sempre leio matérias como esta, na esperança de elucidar de uma vez por todas minha dúvida, mas td vez qdo vou escrever algum texto científico tenho dificuldades com os porquês… vamos ver se vou conseguir gravar dessa vez… rs

02/05/2016 at 14:45

verdade concordo com vc podia ser bem mais facil pra nos estudantes um beijo pra vc

20/07/2015 at 21:37

Obrigado pela suas dicas. From Italy.

14/07/2015 at 21:28

Perfeita Explicação!

14/07/2015 at 11:08

Não é difícil falar e escrever corretamente.Gostei muito de sua didática.Cumprimentos e votos de muitos conheçam seu trabalho .Parabéns e muito sucesso.

13/07/2015 at 19:47

Adorei! Explicação bem detalhado e curtinho, fácil de guardar. Obrigada, realmente vai ser muito útil.

13/07/2015 at 19:31

Muito interessante, com os exercícios ficou melhor ainda e ajudou na compreensão. Muito obrigada!

13/07/2015 at 15:46

ok

16/07/2015 at 19:26

Achei interessante.

- ✓ **Assunto: diferença entre Classe gramatical e função gramatical**

01/09/2016 at 13:58

Boa tarde, Céu. Gostaria, se pudesse, fazer análise sintática e classe gramatical da frase abaixo (trabalho escolar)

"Veja 6 atitudes que podem prejudicar a carreira profissional".

No aguardo

Agradeço.

26/08/2016 at 02:17

Professor estou com dificuldade em descobrir o que é função sintática nominal.

“Um não muda toda uma história.”

não =substantivo (morfologia)

núcleo de uma função sintática nominal. (segundo a explicação porque não há verbo, por isso Função sintática nominal)

Aqui na explicação diz que não há verbo função sintática. “Um não/…”

Beleza, mas o muda não é verbo? Tá certo que normalmente dividimos o sujeito do predicado riscando antes do verbo ou seja o verbo é núcleo do predicado, pertence ao predicado.Logo não há verbo na parte da oração “Um não/ ” Resumindo não sei reconhecer a diferença de uma função sintática verbal e nominal pois o “risquinho /” sempre deixa o verbo de um lado, no caso do predicado,

É muita viagem, hehe.

26/08/2016 at 02:18

Ou seja, antes do risquinho é função sintática nominal, e depois do risquinho função sintática verbal?

11/05/2016 at 20:10

Gostei dos comentários porque tem explicaçäo claras e amo estudar a língua portuguesa, estou termimando a graduaçäo em Letras.

11/05/2016 at 00:47

É mais fácil para MIM terminar o trabalho do que para ele.

Por que o MIM está correto na frase?

11/05/2016 at 14:11

Mudando os termos da frase:

Terminar o trabalho é mais fácil para mim do que para ele.

11/05/2016 at 21:00

Porque é uma oração subordinada substantiva reduzida de infinitivo.

15/04/2016 at 12:59

Muito esclarecedor. Parabéns, Céu. Sou fã do seu trabalho.

03/03/2016 at 22:29

Meus parabéns!! Estava procurando um site que a resposta fosse desse jeitinho, demorei mais encontrei esse

Ameeeei <3

08/04/2016 at 18:32

excelente, me ajudou muito.

25/02/2016 at 16:25

a analise sintática tem diferença da função sintática?

25/02/2016 at 18:11

Não. Você pode ter um exercício pedindo de forma diferente a mesma coisa: faça a análise sintática ou dê a função sintática.

10/04/2016 at 15:59

Olá eu gostaria de saber a função sintática de “com moderação” sera q vc poderia me ajudar?

15/04/2016 at 13:28

Rayane, como o próprio nome diz, a análise sintática consiste na investigação acerca da função sintática da cada palavra na oração.

13/01/2016 at 08:57

Parabéns, pela iniciativa. Deus lhe abençoe muito!!!

12/01/2016 at 17:50

Todo aluno durante seus estudos no colégio, deveria ter como base todos estes conceitos. Por que será que eles não conseguem? Esta é a grande incógnita que vivemos. Ambos os lados se justificam: professores e alunos, mas o problema é real. Alguém do alto escalão do Ministério da Educação deveria dar a receita correta para solucionar esta equação. Enquanto isso, vamos conviver com o problema se agravando cada vez mais. Os alunos que recebemos na Faculdade, com exceções, é lógico, chegam com muita dificuldade. Estamos tentando solucionar, mas até o momento ninguém de nenhuma faculdade ou universidade assinalou o caminho certo. Diante desse impasse, o melhor é remediar e enfrentar a situação da melhor maneira que cada um de nós professores possamos oferecer.

24/01/2016 at 15:49

O problema da real situação não é dado somente ao ensino público, pois lá temos professores que passou por uma Faculdade ou Universidade. A esse fator de dificuldade dos acadêmicos com a Língua Portuguesa eu atribuo aos dois lado da moeda: Instituições Públicas e particulares, os cursos de Letras estão defasados e em muitas instituições os próprios professores tem dificuldades com a Língua na sua totalidade, é lastimável que alunos e acadêmicos passam por isto. Ninguém é perfeito, mas os cursos de Letras deveria priorizar mais o ensino de Língua Portuguesa.

12/11/2015 at 16:20

Muito bom. Parabéns, pelo lindo e importante trabalho!

12/01/2016 at 17:42

MAS EU ACHAVA Q MORAR ERA VERBO TRANSITIVO DIRETO…

31/01/2016 at 01:28

Não existe verbo transitivo direto ou indireto. O contexto determina se o verbo é transitivo direto ou indireto. Portanto um mesmo verbo pode ser em uma oração transitivo direto e em outra transitivo indireto.

03/10/2015 at 00:44

"…AOS…" a= sintagma preposicional;

os = artigo definido masculino plural (CG), adjunto adnominal (FS)

12/09/2015 at 03:04

Olá eu sou italiana nas morei no Brasil por muitos anos e aprendi a língua portuguesa, quero dizer que suas explicações tem acrescentado muita coisa ao que já sabia obrigada!

11/09/2015 at 17:20

Fantástico a abordagem, prezou pela simplicidade, porém analisou por completo a morfossintaxe.

06/09/2015 at 23:29

Boa noite ! na frase Meus pais moram em Londres. Em Londres pode ser objeto indireto?

12/09/2015 at 00:11

Conforme HOUAISS, em “Meus pais moram em Londres”, “moram” é verbo transitivo indireto (preposição em).

03/10/2015 at 00:46

Não, pois o verbo é intransitivo.

07/10/2015 at 12:19

Mas “quem mora” mora em algum lugar, portanto verbo transitivo e não intransitivo, certo? Não concordo com Houaiss

14/07/2015 at 19:53

Adorei as explicaçoes,pois relembrei o que estudei com meu professor de Portuguěs.Ė sempre bom rever para aprimorar a nossa līngua.

11/07/2015 at 11:50

Minha professora de português aplicava, toda semana, exercícios de morfossintaxe. Desde a 5a até a 8a série ela acompanhou a turma. Isso há aproximadamente 15 anos. E até hoje lembro desses exercícios.

10/07/2015 at 19:27

Adorei a explicação. Me ajudou muito. Parabéns!

03/07/2015 at 18:17

Excelente! Compreendi perfeitamente. Parabéns. Muito obrigada.

03/07/2015 at 16:17

Adoro aprender com vc bem simples

02/07/2015 at 23:12

Maravilhoso perceber a habilidade de um bom mestre !! Explica

ção clara e muito útil, obrigada.

28/06/2015 at 05:26

A exposição tornou o caso mais claro! muito obrigado.

21/06/2015 at 11:32

Definitivamente claro e objetivo. Sou professora de Língua portuguesa. Os alunos têm dificuldades em compreender as duas coisas. muito bom! !

20/06/2015 at 19:57

Uma aula em linguagem bastante compreensível.

17/06/2015 at 19:26

Muito boa explicação, bem clara

17/06/2015 at 07:56

Adorei a explicação. Sem enrolaçao.

17/06/2015 at 07:10

Adorei recordar, depois de tantos anos sem estudar.

17/06/2015 at 00:48

Olá, boa noite. Já faz algum tempo que curto, e de mais o seu FACE(Língua portuguesa), Já faz muito tempo que parei de estudar(uns 24 anos), e gostaria muito que vc. me indicasse uma GRAMATICA que me ajudasse eu aprender mais sobre a Língua Portuguesa.; tanto para escrever melhor, e entender a língua Portuguesa. Desde já muito obrigado.

16/06/2015 at 21:39

Myito boa a explicação sobre classe gramatical e função sintática. Adorei.

Blog Português Correcto

- ✓ **Assunto: Concerto ou conserto**

  24.01.2011 19:41

  Que verbo concertar é esse?????

  31.01.2011 18:09

  v.t. Preparar em comum a execução de um plano.

  Combinar, ajustar, pactuar.

  Harmonizar.

  03.10.2011 13:03

  Sempre soube que conCerto é de sessão musical e ConSerto é de reparação, essas quatro formas fazem parte da nova regra ortografica ?

  11.03.2011 03:58

  Ainda não tinha visto esse verbo "concertar", todavia obrigado pelos esclarecimentos, ficou de forma simples e objetiva .

  14.10.2011 20:48

  Observe:

  Ela foi fazer um conserto/concerto hoje.

Esta oração é ambígua, pois pode estar dizendo tanto que a pessoa faz parte de uma orquestra (ou coisa semelhante) ou então que ela saiu para reparar alguma coisa.

O que nos faz optar por um dos significados acima é o uso do “s” ou do “c”: conserto ou concerto.

Use concerto quando tiver significado de audição musical, harmonia de instrumentos ou vozes, composição musical extensa.

Use conserto quando tiver significado de reparo, restauração, reforma, remediar, corrigir, colocar algo em bom estado.

Veja outros exemplos:

a) Vou consertar o erro que fiz. (corrigir)

b) Vou consertar essa situação que causei. (remediar)

c) Consertam-se roupas. (restaurar)

d) Vamos ao concerto da Filarmônica de Minas Gerais? (audição musical)

e) A Orquestra Filarmônica de Berlim tem concertos muito famosos. (composição musical)

11.01.2012 15:30

Um blog que ensina "Português"

poderia me explicar se isto está correto escrito em cima no post

"sinónimo" de reparação.

Mudou a acentuação no novo portugûes ou é assim mesmo

Sinónimo.

sei não hein...

Vou pedir para meu filho não passar poraki ....

11.01.2012 19:37

Caríssimo Eliseu, "sinónimo" escreve-se com acento agudo em Portugal e com acento circunflexo no Brasil. Eu sou portuguesa e, por isso, a grafia aqui usada diz respeito ao português europeu. Se consultar o diploma que rege Acordo Ortográfico vai descobrir

que há algumas palavras que têm dupla grafia. É o caso de sinónimo/sinônimo. Com certeza irá encontrar outras discrepâncias nos meus artigos relativas a alterações ortográficas, dado que o blogue ainda não foi atualizado segundo o novo acordo. Como deve compreender vou demorar algum tempo a atualizar a cerca de uma centena de artigos que este blogue possui.

17.07.2012 11:09

Já escreveu atualizado em vez de actualizado... Espero sinceramente que o acordo não seja ratificado pois mais do que dividir quem deve opinar sobre o assunto (linguistas), existe uma esmagadora maioria dos mesmos que estão contra. Trata-se de uma tentativa de simplificação sem nexo, sem estudo e em que (pasme-se) se estão a abrir mais ambiguidades na língua do que anteriormente. O caso que refere de dupla grafia é apenas mais um. A quantidade de palavras que se vão passar a poder escrever de duas formas é ridícula e de nada serve o facilitismo ao serviço da maioria. Por esse prisma, o Inglês UK teria de se adaptar e moldar ao Inglês USA, só porque são mais milhões de pessoas? Haja paciência... Podemos perder soberania governamental, podemos ter vergonha dos nossos políticos e podemos estar em dificuldades financeiras, políticas e sociais; mas quando nos querem apagar história e particularidades únicas de idiomas, fico completamente virado do avesso. Quando a classe política interfere na língua, o caldo está entornado..

05.06.2014 12:04

Concordo plenamente com o que diz. O novo acordo ortográfico não faz qualquer sentido, desvaloriza e destrói a nossa língua (português europeu). Um dos casos mais flagrantes é o do s.m. "facto", a que se lhe roubou o "c". Ora em Português de Portugal o "c" pronuncia-se, mas na maior parte das vezes já não se escreve. O substantivo fica "fato" o que para nós tem um significado completamente diferente. Para os brasileiros a situação é diferente, porque para "fato" têm "terno", nós não! - Um outro caso que me aflige é o do subst. "espectador". De facto aqui não pronunciamos o "c" mas, retirando-o fica "espetador", que significa aquele ou aquilo que espeta. Haver num concerto um certo número de "espetadores" é no mínimo curioso, para não lhe dar outro nome. Também no caso de "contacto", em que em verdadeiro português se pronuncia o "c", mas que já não se escreve. Penso que, infelizmente, nem os próprios jornalistas portugueses conseguem perceber e interpretar o "Novo Acordo Ortográfico", que veio introduzir insegurança e extraordinárias dificuldades na aprendizagem da língua, pelo que deveria ser definitivamente rasgado. Não faz qualquer sentido, só para linguistas preguiçosos, incultos e que pouco percebem da realidade da nossa língua. Os brasileiros desenvolveram uma fonética e daí uma ortografia e uma sintaxe diferentes da que nós usamos em Portugal e quanto a isso tudo bem. Não temos que aproximar por isso a nossa língua da da brasileira, muito embora esta seja considerada portuguesa, do Brasil.

14.07.2014 00:51

Não sei quem é que lhe disse que "facto" perdeu o "c". Segundo a minha última leitura do texto do "Acordo", enquanto o pronunciarmos, ele continua. Concordo consigo que há muita gente a interpretar mal o "Acordo". Mas pergunto? Antes dessa nova norma

ortográfica não havia dúvidas? Não havia erros? Então não sei o que tenho andado todos estes anos a fazer aqui neste espaço...

Já agora, também não considero o "acordo" perfeito, mas repare que ninguém o obriga a escrever "facto" se pronuncia o "c" e, por exemplo,os brasileiros vão continuar a escrever "recepção" porque pronunciam o "p" e os portugueses "receção" porque não o pronunciam. Onde está a aproximação do português do Brasil? Já agora, o senhor já leu o texto do "Acordo"?

14.07.2014 00:44

Até ordem em contrário, este blogue adotou o acordo ortográfico que já foi ratificado e implementado no sistema educativo português.

09.07.2012 12:05

Sr. Elizeu ,

Antes de pedir ao seu filho para "não passar poraki " (melhor seria "por aqui", é o correto), o senhor poderia dizer ao seu filho para perceber as diferenças entre o Português do Brasil e o de Portugal. O Português puro é o que nasceu em Portugal. Com as invasões e a miscigenação das raças oriundas de outros povos aquando das invasões no Brasil, nos permitiu ter uma língua portuguesa com um "toque" só nosso. É muito bom podermos ver as formas escritas da língua em seu próprio país e saber a causa das mudanças ortográficas. Acho que algumas palavras sofreram um "sacrilégio" com o uso do novo Acordo Ortográfico, mas não podemos ter tudo o que queremos....

Incentive o seu filho na pesquisa das diferenças linguísticas e ortográficas, pois isso vai dar a ele um conhecimento mais aprofundado da língua portuguesa. Sou brasileira, vivo em Portugal e descobri por cá, como, muitas vezes, falamos errado por conta do "popularismo " que nos induz a um mau costume e não percebemos e depois acaba por fazer parte da nosso uso corrente. Fique feliz com essa descoberta, sinónimo de uma abertura no conhecimento do Português. (Sr. Elizeu, por mais que eu me esforce, também, escrevo com erros.)

08.03.2012 18:32

O prezado poderia, ao menos, verificar a origem do site e, antes, lembrar da amplitude geográfica da Língua Portuguesa.

28.10.2012 17:43

aprendo que conserto com S e de consertar algo, ajeitar o que com defeito ou quebrado.

Concerto com C trata-se de uma apresentaçao musical , algo referente a musica ... viva meu 2º grau meu DEUS !!!!

04.11.2012 02:16

Gostei muito do significado dos con(s,c)ertos me ajudou para escrever de forma correta.

30.08.2013 17:15

Gostei muito do esclarecimento,tirou minhas duvidas.

25.10.2013 15:50

Esclarecendo logo de cara: sou brasileiro e muito me orgulho do meu idioma, que após 1500 foi enriquecido tanto no Brasil como em Portugal, Ilha da Madeira, Arquipélago dos Açores, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe sem falar em Macau e Goa. Então acho muito normal que além de em cada localidade se falar com um sotaque diferente se escreva um pouco diferente também. Mas nos entendemos todos entre nós seja escrito ou falado. A questão dos acentos acho que deveriam ser elimindos da lingua portuguesa, pois não precisamos deles para entender o significado de um texto; quer se escreva sinonimo sinónimo ou sinônimo o sentido sera sempre o mesmo, escrito certo ou errado!

Quanto aos concertos:

Entendo muito bem concerto no sentido de aferir, pois sou arquiteto e trabalhei sempre nas construções, tanto com operários brasileiros como portugueses os brasileiros diziam vamos conferir as medidas e os portugueses vamos concertar as medidas se eram de origem de Portugal e acertar as medidas se eram de origem Açoriana ... concertar é o mesmo que acertar, pois uma corrente da evolução da lingua portuguesa foi no sentido do uso do prefixo con e outro no uso do prefixo a.

Assim sendo acertar e concertar significam a mesma coisa, são sinonimos.

02.01.2016 15:10

Excelente explicação. Acho que para o portugues do Brasil é a mesma coisa, não tem diferença não: http://www.consertoouconcerto.com/como-e-quando-usar/

18.01.2016 04:31

Entendi certinho agora. Mas tenho uma duvida, a apalvra concerto ainda é usada?

31.01.2016 00:57

Sim, Joana. Usa-se sobretudo como nome para nos referirmos a um espetáculo musical.

- ✓ **Assunto: À, á, há ou ah?**

08.09.2013 18:00

essa materia está incompleta á existem sim um do significado dele é população eximia.ex sem tecnologia não á humanidade . esse á se refere uma exelente humanidade , boa humanidade etc

09.09.2013 19:51

Lamento, Josué, mas nesse caso deve escrever "sem tecnologia não há humanidade". Essa definição de "á" é invenção sua. Volto a afirmar e pode procurar em qualquer gramática ou dicionário: "á" é um erro e apenas existe para designar o nome da letra "a".

04.11.2013 11:49

Bom dia.

Agradecia que me ajudasse a esclarecer a seguinte, e velhíssima dúvida quanto ao uso da palavra há ou à na seguinte frase:

" Há que tirar prazer daquilo que se faz"

ou

"à que tirar prazer daquilo que se faz" ?

No meu entender, a primeira opção está correcta. Se usarmos um dos truques propostos - "havia que tirar prazer" - funciona!

Obrigado.

11.11.2013 19:43

"há 25 anos no mercado."

"Á 25 anos no mercado."

Qual forma é a correta?

24.01.2014 08:46

Olá

É sempre bom haver matéria em português que nos faça tirar as dúvidas que vão surgindo, os meus Parabéns para esta e todas as outras iniciativas do género!

Há sempre dúvidas em relação a determinados parâmetros gramaticais e este sem dúvida que me ajudou a recordar de forma correcta a colocação do acento.

06.02.2014 16:47

já se encontra com sujidade à/há bastante tempo

07.04.2014 14:04

Há bastante tempo

10.06.2014 13:56

Gostei

16.06.2014 18:35

Então só uma dúvida, diz-se á direita ou à direita? é que nas composições da escola e isso nunca me corrigiram o "á"...

20.06.2014 15:25

Adoro a net num click podemos pesquisar tudo.

26.07.2014 16:50

Uma dúvida que sempre carrego comigo...

Normalmente quando uma mulher está desocupada,no face, sem fazer nada; as pessoas comentam:

_Há um tanque de roupa suja pra lavar!

_A uma pia de louça pra lavar!!! ou

_Ah um tanque de roupa suja pra lavar

Qual seria a forma correta??

24.07.2014 06:11

Na frase: "Foi uma vitória gloriosa para eles, comparando a sua tecnologia à dos inimigos.", o "à" está bem empregue, certo?

01.09.2014 15:24

Olá!

Vi a seguinte frase numa revista:

"Depois da data do perigeu, que é ~05/01 ela não somente desacelera, como pensávamos até a pouco".

A minha dúvida reside nas 3 últimas palavras da frase. É como está escrito ou deveria ser "... até há pouco".

Excelente Blogue.

Parabéns!

- ✓ **Assunto: c, ç, s ou ss**

29.07.2008 02:43

mas semana é com s e é antes de E ou I Seguir também,

09.06.2009 15:51

é encima ou em cima ?

27.02.2010 04:56

Olá Tuane.. eu entendi sua duvida.. se C só pode ser usado antes de 'e' ou 'i', então por que Seguir é com 'S' se deveria ser com C por a segunda letra ser E?

obrigada essas dicas me ajudaram muito....

22.08.2012 20:44

Olhe, o fato de C ser somente usado antes de E ou I não restringe o S de usar também nesses caso, oras, o C pode ser usado, com com de S, somente antes de E ou I, entretanto o S pode ser usado tanto antes de E ou I como antes de qualquer outra vogal para que se faça o seu som, isto, claro em início de palavras.

17.03.2014 20:34

Existe algum jeito de saber como uma palavra vai começar com Si/Se ou Ci/Ce?

palavra 'cem' é diferente de 'sem' e não muda a pronuncia.

sistema, sinopse, sino, sinistro, síntese / sete, semi, sexto, sessenta, sequestro, sentença, sede século...

cinquenta, cinto, cilada, ciúme, ciência / cemitério, centavo, cenoura, centurião, cego, cem, centro, cetro, central...

Acho que não têm jeito. Na minha opinião, depois da reforma ortográfica a gramática ficou ainda mais C O M P L E X A. ;/

26.08.2012 17:00

Preste mais atenção ao que você ler.

S – antes de TODAS as vogais – ex. sapato, ser, sino, sol, suar

C – apenas antes de e ou i – ex. cenoura, civil

link do comentárioresponderinício da discussão

26.08.2008 18:36

essas dicas são muito boas..espero que me ajudem a ganhar o soletrando da minha escola!!

19.09.2008 22:53

aew lek queria saber como eu uso m ou n!!

essas comcordancias sabe tenho muito problema com

isso!! ss, c, s

isso tudo eu naum sei muito bem!! no meu trabalho eu tenho que escrever cartas!! aew tenho que acerta isso tudo!! vc pode me ajuda mande um email

13.05.2009 19:15

meu caro, é fácil, o M só se usa antes de P ou B, já o N antes de qualquer letra, exceto as letras P e B.

22.08.2012 20:50

A quem esteve interessado acima, quanto ao uso de m e n, é bem simples. A única regra é que m deve vir sempre antes de p ou b, isso devido ao fato de para falar-se a letra m se junta a boca do mesmo modo para se falar o p ou b, facilitando a fala, nos demais casos usa-se o n. Salvo se acompanhar vogal. Ex: cama.

Agora, para terminações de palavras, a maioria é terminada com m, mas existem raríssimas que terminam em n, como hífen.

Vale lembrar que nome de pessoas não segue a regras, então a maioria é terminado em n, quando é o caso. Mas como dito antes, nome de pessoas não segue a regras.

22.06.2009 00:24

o M também é usado no final de frases.

29.09.2009 22:02

Brigadaoo.. me ajudou muuito :D

30.10.2009 18:01

Adorei as dicas é sempre bom dar uma lembradinha nessas coisas. Muito bom!!!!!!

02.04.2010 20:48

Aderei relembrar essa materia da lingua portuguêsa,eu estava muito esquecida por uma serie de problemas e com a materia na internet aprendi novamente e vou procurar não me estressar mais, e fazer sempre minhas pesquisas com vcs.Muito obrigado!

27.05.2011 20:52

se você é mulher, diga obrigada, so homem diz obrigado, ou pelo menos deve dizer.

03.04.2010 18:56

Osiaosaisioa; Ameei o conteúdo , me aajudou mt ><

Obrigada ;]

05.04.2010 22:35

Excelente :D

Eu amei a explicação do conteúdo , em outros sites não estava compreendendo mas nesse bastou apenas uma "lidinha" :D

11.08.2010 19:26

gostei muito bom aprendi mesmo

29.09.2010 17:31

ou jente eu nao sei cuando uzar o j, s, g, z

se alguen podeçe me assudar obrigado.

17.12.2010 22:55

E aí pn, valeu muito, sua ajuda me deixou muito avontade para eu, entender sua maneira de passar pra gente valeu!! Obrigado parceiro um grande abraço.

21.01.2011 17:17

Entao me explique o caso das palavras:

"Sertao"nao seria "Certao"??

"Serissimo""Cerissmo"

"sinceridade""cinseridade"

no emprego das letras "C" e "S"

04.03.2011 19:06

Alguém que me explique o porquê de se escrever "urSo" e na palavra "piurÇo" já ter de se usar um ç em vez de um s....

30.05.2011 04:12

Vcs não imaginam o quanto eu sofro com isso!

20.09.2011 23:13

Vai me ajudar muito+++++++++ na prova!.

03.10.2011 01:34

adorei as dica valeu, por te tirado minhas duvida

18.10.2011 00:11

aew lek queria saber como eu uso m ou n!!

essas comcordancias sabe tenho muito problema com

isso!! ss, c, s

isso tudo eu naum sei muito bem!! no meu trabalho eu tenho que escrever cartas!! aew tenho que acerta isso tudo!! vc pode me ajuda mande um email

21.11.2011 19:00

otimo site + nao era oque eu estava procurando....

06.03.2012 18:18

Gostaria de saber qual a grafia correta : Clarice ou Clarisse ? Obrigada.

29.03.2012 17:29

Valeu mesmo! consegui apreender muita coisa neste fórum

22.05.2012 22:17

cara isso me ajudou muito obrigado comtinue tirando as nossas duvidas em portugues

13.08.2012 20:12

Muito bom ^^

22.09.2012 17:56

eu estou em dúvida como se escreve preguiçinha...com ç ou c

16.12.2012 23:14

Existe uma unica regra para o uso do (ç)?

Desde de já agradeço.

17.03.2013 12:41

Muito Bom.

17.03.2013 12:56

A palavra coisa e muitas outras nao tem ss.

17.03.2013 12:59

Coisa, lousa, Pausa etc.

09.05.2013 17:34

com certeza você tem que prestar mais atenção no que ler!

16.05.2013 21:22

Obrigada pela ajuda terminei meus estudo á 14 anos atrás e resolvi prestar vestibular para área de Serviço social e estava morrendo de medo por que me confundo muito com s ss c ç nossa obrigada vcs foram nota mil!!! me ajudaram a relembrar muitoo ;)

23.05.2013 19:56

amei!!!

20.04.2014 18:12

I ai como que escreve a palavra preguiçinha.

25.06.2014 00:29

muito bom essa pagina

02.05.2015 22:57

boa noitesem dúvida eu aprendi muitas coisas agora

16.06.2015 15:26

Assessor

Dois SS vindo antes da vogal "e"

24.06.2015 18:50

Legal

28.07.2015 16:08

Se a regra é esta por que sintonia é com s e não c?

03.11.2015 19:01

Ae maninho! bem q o popok me avisou que este site me ajudaria a falar melhor nos meu videos! ele precisa vir aqui támbém

04.03.2016 02:09

Como saber a forma correta de escrever, só de ouvir, a palavra "diferença"?

Como se sabe que é "diferença" e não "diferensa"?

25.03.2016 05:26

nada como uma boa leitura diariamente, é muita atenção nas palavras com vogais "e" e "i" essa e minha dica.

***Blog* do Aldo Bizzocchi**

- ✓ **Assunto: presidente ou presidenta**?

(Os comentários deste *blog* não têm o registro de data devido ao fato de a página estar indisponível no momento dessa transcrição)

A palavra 'presidenta" é uma aberração e um estupro da língua portuguesa e principalmente da origem da língua portuguesa. "Presidente" vem do verbo latino "praesidere" e é derivado do ablativo (praesidente) do particípio "praesidens". Os idiomas romanos como o português, italiano ou espanhol derivam muitos substantivos do ablativo da palavra de origem em latim. Palavras com o sufixo "-nte" no ablativo em latim não podem ter uma forma feminina, pois esse sufixo pode ser masculino e feminino. Existe tão pouco a presidenta como não existe o presidento, mas apenas o presidente ou a presidente. A forma como alguns professores universitários querem justificar o uso da palavra "presidenta" é reveladora, envergonhante e prova que eles estão no lugar errado. Pobre Brasil, penso eu! Quem usa "presidenta" como forma feminina de "presidente" mostra uma ignorância total com gramática e etimologia.

Assim como quem recorre somente às origens de termos apresentam uma ignorância total com a linguística. Abraço

Primeiro: Eu não recorri apenas às origens de termos. As origens de termos são somente mais um argumento entre outros.Segundo: Eu usei argumentos da linguística, da gramática, da etimologia e da lógica....você leu?Terceiro: Se vc achar que algum dos meus argumentos linguísticos, gramaticos, etimológicos ou lógicos estiverem errados, me comprova o contrário. Mas por favor, argumentos validos. Abraço

Até te responderia com ARGUMENTOS já que eles fazem tanta diferença pra você. Mas como não tenho tempo nem saco nem sou um linguista formado, digo apenas que o uso é o pai da língua, ignorando LÓGICA ou ORIGEM, assim como a palavra escumadeira que admite tanto espumadeira quanto escumadeira, já que escuma é a ORIGEM. OLHA A FALTA DE LÓGICA MEU DEUS PRENDAM AQUELES QUE FALAM VOCÊ AO INVÉS DE VOSSA MERCÊ!Segundo, se tem no VOLP e é opcional, pra que ficar demonizando uma palavra que com o tempo vai se acomodar no usual e outra:: BOMBA! EXISTE NA GRAMÁTICA PORTUGUESA! OOOOOOOOOH!

Então, deixa as pessoas usarem o que elas quiserem e enfim, sejamos felizes.

Se argumentos não valem mais nada, a convivência dos humanos fica difícil ne? Algo arbitrário. Então posso estabelecer que 2 + 2 = 5. Outro vai estabelecer que 2 + 2 = 1357 e assim adiante.

O uso até influencia a língua, mas não é o pai dela. Se fosse, "comprar 5 pão na padaria" seria correto. E quando uma certa quantidade preferir usar o termo "5 croacroa" em vez do termo correto "5 pães" também seria correto. Só que um dia, alguém não entenderia mais o que o outro estaria falando.

Se existe em algum dicionário uma aberração como "presidenta", é que os autores do dicionário foram burros. Mas você deve ser uma daquelas pessoas que não questionam livros. No livro "Mein Kampf" do Hitler constava que as raças não arianas eram inferiores e uma certa quantidade de pessoas burras tomaram isso como lei. BOMBA, para citar você mesmo. Acredita em tudo o que consta nos livros e seja feliz. Eu prefiro argumentos e a lógica.....para evitar arbitrariedade e consequentemente crueldades das pessoas.

Quem usa "presidenta" como forma feminina de "presidente", que pode ser masculino E feminino, é burro. Burro mesmo.....

concordo com o Presidento. E espero que os (milhares) dos dicionarios nao admitam essa proeza por soberania "ignoranta". (Lucas, a palavra ignoranta tambem nao se usa ok?)

Quando finalmente os puxa sacos da "presidenta" respondem essa questão? Se podemos usar o termo "presidenta", temos que dizer também "presidenta ignoranta" ou continuamos com "presidenta ignorante"? Se a segunda opção for correta.....por que? Por favor, respondam!

Só ler o texto e terá a resposta, mas vou simplificar: Presidenta é uma OPÇÃO aceita pelo uso histórico que tem. Ignoranta não tem uso histórico, mas se começar a ser usada poderá sim ter validade linguística. Usar presidenta faz sentido por motivos de militância de gênero, e mesmo assim é uma OPÇÃO (aceitável), enquanto isso usar "ignorante" ou "ignoranta" para designar uma pessoa do sexo feminino só faz sentido para se problematizar uma questão ignorante (ou talvez futuramente "ignoranta") sem qualquer objetivo.

Me parece que a expressão "vou comprar 5 pão na padaria" é bem mais usada que o termo "presidenta".

Militância de gênero?....hehehe.....Por que então somente "presidenta" e não também "estudanta", "pacienta", "clienta" etc.?

"Si tacuisses, philosophus mansisses."

Nao se esqueçam da Gerenta!

A "opção" da "aceitação pelo uso" recai sobre a hermenêutica, onde a aceitação pelo uso pode fazer a palavra aditiva mais(+) ser usada como conjunção adversativa mas(embora, porem, contudo ...), MAIS(mas) de acordo com as regras que regem nossa gramática, "mais", apesar de ser MAIS utilizado hoje como "conjunção coordenada adversativa", não faz com que seja "S"erto. O certo é dizer "... a, MAS isso não ..." e não, "...a, MAIS isso não ...".

Existem regras gramaticais que devem ser seguidas, mesmo quando das construções das palavras. Isso faz com que nós tenhamos uma forma de comunicação que se qualifica e classifica como idioma. Se usássemos verbetes a bel prazer, somente por ideologia ou por agrado fonético não conseguiríamos nos entender, pois cada um teria sua própria forma de falar o que descaracterizaria o idioma.

Não estou puxando sardinha para partido nenhum,muito menos agora na situação q estamos que na verdade estou numa dúvida sem tamanho.Vejam só, entrei aqui justamente para me informar mais uma vez sobre como me dirigir a tal"presidentA" e neste último que li me ocorreu que se uma vez aceito presidentA, por que não "presidenta ignorantA! não nos surpreenderíamos se aparecer alguém dizendo "presidentA inteligentA"Alguém leu que isso não é recente fruto de um devaneio da Dilma ou foi só eu que li isso? Sejamos mais racionais ao discutirmos questões científicas (linguística é uma ciência humana) e menos emotivos (leia-se anti-PTista)

Sim, é do tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça e telefone se escrevia com PH, ainda, na visão de poucos gramáticos, caracterizando uma exceção ou mesmo uma visão pessoal de algum letrado, o que não reflete necessariamente a "língua" como um todo.

Realmente, eu só acredito o que vejo nos livros, chorei quando minha carta de Hogwarts não chegou. E, afinal, vamos seguir a lógica já que o uso não é o pai da língua:

VAMOS FALAR LATIM! UEBA! Afinal, de quem foi a ideia BURRA de falar água ao invés de aqua? Quem foi o ser ignóbil que violou a norma, a verdade lógica e imutável e resolveu colocar um G ali?Por último, fiquei chateado que meus

argumentos não tenham sido identificados devido ao sarcasmo do primeiro parágrafo :(

PS: não existe em "algum dicionário" existe no Vocabulário Oficial da Lingua Portuguesa, o Volp (joga no google, caso nao conheça)

Ou você não QUER entender ou você não entende mesmo. A palavra de origem latina "aqua" se transformou nas línguas romanas em "água" (português), em "acqua" (italiano), "agua" (espanhol) ou "eau" (francês) por razões regionais e outras razões e nenhuma delas contraria a lógica.Agora, querer introduzir uma forma feminina para uma palavra que já é feminina também, é contradição lógica e burrice total. Uma contradição lógica não se torna verdadeira só porque alguns autores afirmam o contrário, por pura ignorância.Você está comparando a evolução natural de uma língua CONFORME as leis da lógica com a invenção burra de novas palavras que estão CONTRARIANDO as leis da lógica e sem fundo. Querer estabelecer a aberração "presidenta" é tão burro como querer estabelecer a palavra "mulhera" como forma feminina de "mulher".Continuo aguardando um argumento seu que mereça ser chamado de tal. Continue só acreditando o que vê nos livros. Mais fácil pra você e não precisa usar raciocínio próprio.....

Pois é, eu fico triste quando chamam pessoas que pensam diferente de

burros ou ignorantes já que são conceitos relativos. Eu mesmo não gosto

da sonoridade de presidenta, mas minha mãe é formada em letras e sempre

teve um olhar artístico sobre as coisas, me ensinando que a arrogância é

a maior burrice da humanidade. Mas eu também não tenho a mínima

disposição de argumentar com quem tem a mente fechada e também não tenho

paciência pra essas coisas, já que eu sempre estarei errado.

Ser

arrogante é a decisão de cada um, que posso fazer? Aliás, sou um mero

estudante, minha voz vai bater na redoma de pessoas que se consideram os

deuses da verdade e sequer irá atingi-los. Então me retiro dessa

conversa, podem chamar seus vizinhos e os repórteres da TV Cultura de

"burros" ou "ignorantes", eu sou a favor da felicidade coletiva, SEJE

ela burra, seja ela genial.

Qualquer dia peço pra uma filóloga que eu

conheço passear por essa discussão, ela certamente terá muito mais

argumentos do que eu.

Deixa só eu fazer um adendo em resposta a "Continue só acreditando o que vê nos livros. Mais fácil pra você e não precisa usar raciocínio próprio....." : tá

ver mais

OK. Aguardarei ansiosamente sua amiga filóloga. Vamos ver se ela terá argumentos válidos que uma mente aberta a argumentos como a minha possa entender.....Boa sorte nos seus estudos e espero que seus professores de faculdade nunca exijam opinião própria como é praxe nas Universidades da Europa.....

Olha, eu realmente não estou a fim de continuar essa conversa, por dois motivos óbvios, não sou qualificado pra isso e você me entedia. Mas eu tive que responder nesse momento por uma questão bastante simples: você me ofendeu. E aí a coisa fica delicada.

Juro que adoraria entrar em um embate e ficar trocando farpas e ofensas imbecis... se eu tivesse 15 anos. Mas como a maturidade não me permite essa atitude, há dois pontos que quero esclarecer:

Primeiro, sobre você supor erroneamente que eu acredito em tudo que leio nos livros. Bom, pode ter certeza que eu leio pra me divertir ou pra estudar história, não sei como alguém pode ter saco de abrir um livro de gramática, porque acho tão entediante quanto essa discussão. O pouco de argumentos que eu consegui juntar no começo antes de ser atacado pessoalmente procurei no site do Pasqualle (ou Pasquale, não sei) e parafraseei com palavras mais irônicas, porque na verdade eu não dou a mínima se falam presidente ou presidenta perto de mim, eu só vi alguém sendo extremamente arrogante e resolvi iniciar uma discussão, porque acho legal.

Segundo, sobre você dizer que não tenho opinião própria. Aí é uma parte legal, porque estava em um debate com uma amiga recentemente exatamente sobre isso. Ela, como uma estudante de Letras, veio me dizer que em Leitura Literária se diz que não existe inspiração ou pensamento próprio, você é apenas condicionado a pensar ou criar algo que já foi criado, ou seja, não existe algo original. Por exemplo, alguém compõe um rock, mas esse rock foi inspirado no blues que foi inspirado no jazz que foi inspirado em outras músicas, portanto não é de todo original, foi só uma mistura que se fez dentro da cabeça de uma pessoa bombardeada por informações anteriores, logo não houve "criação" e sim "plágio". Eu, como bom defensor da individualidade humana tive de discordar e falamos durante horas e chegamos à conclusão de que existe inspiração, ao mesmo tempo que não existe, portanto quando alguém "cria" alguma coisa, ela não necessariamente cria, mas mistura o que recebeu de informação do ambiente externo. Para ser mais claro, como se fosse uma paleta de tintas. Há milhares ou milhões de cores existentes no mundo, de diversas tonalidades; porém, só três cores

primárias, as cores que deram origem a tudo aquilo, então se há a cor bordô, ela é só um plágio de quantidades diferentes de magenta, amarelo e ciano? Eu discordo, acho que toda criação é válida, enquanto ela considera que sim, é só uma cópia. Então voltando à sua ofensa imbecil sobre eu não ter opinião própria: eu tenho? Ou eu só misturo o que vejo no mundo e reproduzo uma cópia? Eu prefiro achar que penso por conta própria, criando infinitas variedades de pensamento, mas se você prefere achar que não, poxa vida, não há nada que eu possa fazer. E ainda bem que eu não vou estudar na Europa por enquanto, espero que na GV eles não cobrem tanto assim minha opinião...

P.S.: Por favor, ignore nossas alfinetadas agora e repense sua maneira de agir; eu sou uma pessoa muito bem resolvida emocionalmente, mas sua maneira agressiva pode desencadear em certas pessoas um senso de inferioridade e talvez até depressão. Não sei você, mas eu ficaria arrasado de saber que minhas palavras feriram alguém e desencadearam a morte dessa pessoa.

E ah! falei com minha professora de gramática e ela prometeu assim que tiver tempo, dar uma lida, então continue aguardando. Sem ansiedade, por favor, porque pode te fazer mal.

ver mais

Concordo com você: Não deveríamos continuar nossa conversa, pois um "argumentum ad hominem" atrás do outro não contribui nada ao assunto. Mas antes de você cair em profunda depressão no seu papel de vítima, de coitado e ofendido ("argumentum ad misericordiam"?), pergunto a você: Aonde, expressis verbis, te chamei de burro?

Vale lembrar que foi você quem, no seu primeiro comentário aqui, ofendeu. Cito: "Assim como quem recorre somente às origens de termos apresentam uma ignorância total com a linguística. Abraço". Não entendi o que, para você, quer dizer "ignorância com a linguística" nesse contexto, mas o fato é que você respondeu com uma ofensa pessoal a uma frase minha generalizada e hipotética. Deve ser essa: "Quem usa 'presidenta' como forma feminina de 'presidente' mostra uma ignorância total com gramática e etimologia."

Continuo defendendo essa proposição com argumentos que já disse aqui, mas isso não significa que quem usa a burrice de "presidenta" é per se burro. Podem existir outros motivos por defender uma burrice dessa, por exemplo: querer puxar o saco da presidente, pirraça, necessidade de bagunçar etc. Burrice gramática, linguística ou lógica, em um aspecto, não significa, necessariamente, burrice total. Existem pessoas que não sabem nem ler nem escrever e são mais inteligentes que eu.

Sobre os "dois pontos" que você queria "esclarecer".....na verdade é um só, pois o segundo ponto segue do primeiro: Eu não suponho que você acredita em tudo que lê nos livros....você mesmo disse isso. Aí segue o segundo ponto: Quem só acredita no que lê nos livros, não tem opinião própria. Segue do primeiro, se ele for verdadeiro, ne?

Pelo que você escreve, nem acho que acredita só no que lê nos livros. Portanto não acho também que você não tem opinião própria. Apenas acho que você quis defender algo (não importam os motivos) e não teve argumentos. Por isso recorreu a alguns livros nesse caso.

Apoio sua defesa da "individualidade humana", mas não vou escrever aqui sobre suas questões referente a criação própria e plágio, pois não é o assunto desse site.

De uma certa forma, a lógica, e em consequência a gramática, é um pouco como as cores primárias que você citou: Pode criar inúmeras cores, mas tem regras que estabelecem os limites...regras que não são inventadas pelo homem, mas que são inerentes à natureza, a priori.

Se você misturar "azul" e "amarelo" não vai ter a cor "vermelha". Da mesma forma, "presidenta" não pode ser o feminino de "a presidente". Claro que pode definir por decreto que uma certa mistura de "azul" e "amarelo" seja chamada de "vermelho". Nem por isso se torna verdadeiro.

Portanto, continue criando suas próprias cores....como eu também faço....dentro dos poucos limites que os fatos a priori nos impoem.

Fique bem e boa sorte.....de verdade....Tchau

ver mais

Muito obrigado, de verdade. Eu precisava disso.

KKK , pois pra eu o certo é presidente e não presidenta e como historiador que sou só aceitos provas documentais.

"pra eu o certo é..."???????? e você é historiador??? assassinou o português assim como a lei de 1956 que criou esse aborto da natureza "presidenta" fez...

besta você em.... não é presidenta. seu burro

Agora que eu estava lendo, realmente fiquei "a vítima" kkkkk bom, desculpa, pela primeira vez encontrei com uma pessoa tão centrada e capaz de argumentar... Realmente te admiro muito, gostaria de discutir com você toda semana, me diverti horrivelmente, apesar de no fim eu ter recorrido a bobagens, mas enfim, o que eu

quero perguntar não tem nada a ver com o tópico, mas o disqus é meu e eu faço o que eu quiser (e você responde se quiser também, mas por favor, responda).

Eu ouvi o hino da França outro dia (é super legal, recomendo) e tem a palavra "avante" lá. Por que existe esse avante, se também existe "avance"? Tipo, não sei se estou sendo claro, mas o avance é um imperativo, super compreensível. Mas de onde veio o avante? Pq assim, tá dizendo no dicionário que é um advérbio sinônimo de adiante. Mas na letra, fica como "avante, companheiros" como se fosse um imperativo e eu não entendi (vou ser grosseiro pra me fazer entender) quem pariu esse imperativo????

Agradeceria muito se me explicasse, tretas bobas de lado.

Lucas, obrigado pelo seu elogio, mas não sou tudo isso não. Gosto de argumentar e também de receber contra argumentos para sempre revisar minha própria posição. Também gosto de discutir com você. Você me parece uma pessoa inteligente e, o que é mais importante ainda do que apenas inteligência, me parece uma pessoa curiosa em saber.

Referente a sua pergunta sobre a palavra "avante" na tradução do hino francês.....você mesmo já respondeu: "Avante" é um advérbio, como "avanti" em italiano, por exemplo. No original francês consta "allons" que é a primeira pessoa plural do imperativo do verbo "aller". Então o tradutor poderia ter colocado também "avancemos" no lugar de "avante". Mas ele preferiu usar o advérbio "avante". Aliás, olhei uma tradução italiana do hino francês e eles usam "andiamo" que corresponde ao francês "allons".

Geralmente não leio as letras de hinos nacionais, pois eles sempre têm aquela coisa de patriotismo, morrer, lutar pela pátria etc. Acho qualquer patriotismo ultrapassado no mundo globalizado do século 21, onde o ser humano finalmente começa a perceber que temos um mundo só e que as grandes questões da vida ultrapassam todas as fronteiras nacionais.

Mas acho legal a melodia do hino francês e para responder a sua pergunta li até o texto dele.....

Mas advérbio pode ser usado como imperativo? Agora eu realmente me confundi. Porque tipo, ele só modifica o verbo, não? E nesse caso é usado no lugar de um...

Acho o hino francês legal porque foi criado no contexto da Revolução Francesa, cantado pela boca do povo, então a história de dar o sangue em nome da pátria é super válida e é uma preservação da história, acho muito interessante ver hinos, apesar de concordar que se preocupar com patriotismo (principalmente no contexto da importação de médicos) é fútil quando só o que se desperdiça no Brasil acabaria com a

fome do Continente Africano, mas os hinos de países que tiveram que lutar pela sua independência são sempre algo que preserva um patrimônio de luta, acho muito legal isso. Por exemplo, a independência do Brasil foi totalmente diplomática, então o hino é só uma poesia muito bem elaborada.

Aliás, quer café? hahahaha

Eu não poderia deixar de dar minha opinião. Adorei a discussão, ela foi muito informativa. O que penso é que tanto faz usarmos presideNTE ou presideNTA no sentido coloquial. O grande problema é: no caso em que ao fazer um cursinho para concurso vestibular numa dada prova o professor destacou exatamente a explicação dessa maldita palavra, porque tudo que está em evidência eles nos cobram nas provas. E a bola da vez é essa da PRESIDENTA. Se uma questão dessa cai numa prova, o que vale são as regras, e neste caso são as leis ditadas e acordadas na ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, e formalizada na gramática, assim como a constituição de uma país é feita por um grupo de juristas e legisladores. Ou seja, não temos como discutir... E neste caso Lucas, regra é regra..Nesta situação, o dicionário não nos ajudam muito, pois eles destacam também a forma coloquial das palavras e suas metamorfoses, o que muita das vezes não são colocadas em uma gramática...Um grande abraço..

As duas formas estão corretas de acordo com a Academia Brasileira de Letras e o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Quem poderá discutir isso?

Na minha humilde opinião: na dúvida, use a palavra mais conhecida...está resolvido!

Problema? Não existe problema nenhum. Acontece que as pessoas gostam de pronunciar errado, e isso é fato! Começando na palavra Presidenta.Eu pergunto para você meu Caro Marcos, para que servem os artigos masculino e feminino? Servem somente para enfeitar a língua portuguesa?Querem inventar coisas que não existem. Coisas que nem nas escolas ensinam e muito menos as regras gramaticais.Tenho deficiência na língua portuguesa, mas chegar num ponto aonde uma presidente da república querer ser chamada de Presidenta? É o fim do mundo!Já pensou se a moda pega? Qualquer um falando asneiras e acha que está certo? Daqui a pouco uma gerente de banco vai querer ser chamada de Gerenta.... Ou uma atendente do caixa vai querer ser chamada de Atendenta.... Comédia!

Volte no tempo 100 anos e além de presidenta vc encontraria uma infinidade de palavras diferentes. O mundo sempre está mudando e se for considerar a questão legal o art. acima diz tudo. Lei federal 2.749. Quem inventou as regras? Se ele tivesse dito que pau seria chupeta assim teríamos que aceitar atemporalmente? Bom! Vá a China e fale mandarim nas fazendas do sul e vamos ver o que acontece. Isso sempre foi e sempre será. Mais a verdade desta questão não é lingüística e sim política. Todas as pessoas que dizem ser grotesco falar presidenta (embora historicamente usada) é contra Dilma e não contra a mudança do costume da língua. Abraços

Faltou combinar com a Lei 2.749:

"Art. 1º Será invariàvelmente observada a seguinte norma no emprêgo oficial de nome designativo de cargo público:

“O gênero gramatical dêsse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexeologia do idioma. Devem portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genèricamente variáveis, assumindo, conforme o caso, eleição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintàticamente relacionadas com o dito nome”."

Observe que a parte destacada cria uma condição para poder flexionar o termo: ser genericamente variável. Disto, é forçoso recorrer ao estudo da linguística, que, como já demonstrado pelo comentarista PresidentO, etimologicamente o termo não comporta uma nova flexibilidade (variação) de gênero. Isto obedecendo aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto: a etimologia!

Por isto que a Lei 2.749/65 não fundamenta o neologismo "presidenta". Inclusive o Manual de Redação da Presidência da República, uma Portaria que adveio de um Decreto Federal, estabelece como diretriz oficial o uso do termo "presidente", e não "presidenta", ou seja, toda vez que se refere a Presidente como "Presidenta" nos escritos oficiais, está violando o referido Manual.

P E R F E I T O !!

Sim quando o homem da caverna habitava a terra eles falavam dinossaura e dinossauro. ****[KK]

Pqp as pessoas não aceitam mudanças até que alguém de poder mude pra elas aceitarem

TUCANO.

Nasceu em nação colonizada, viu a ortografia mudar e ainda acredita que nada muda.

Se ajude.

mas agora os EUA foram pra CUBA. Não vou mais..

Realmente, o único exemplo de "liberdade, igualdade e fraternidade" comunista agora é a Coréia do Norte, pena que ninguém consegue sair de lá, seja de barco, a pé ou mesmo pela internet censurada...

Os EUA não foram pra Cuba, mas o próprio Cuba deu abertura pra isso e o Obama abraçou a idéia (oq acho certo). Se vc acompanhar um pouco a política global, iria saber que os republicanos dos EUA são totalmente contra essa aproximação.

Logo logo, para os PTistas enrustidos vai sobrar só uma Coreia do Norte como país de referência. Mas isso não é assunto aqui, só precisa se conectar um pouco mais ao mundo, já que seu nick sugere isso.....

Cara, vc continua com seus sofismas!!! Ou vc é muito cara dura ou a Cia tá te pagando muito bem...hehehe

Regra é regra na Física, meu caro: governante, parenta, coronela podem ser considerados eruditismos da língua, não erro. Os concursos e provas exploram justamente exceções, porque a regra, supõe-se que se sabe. Argumento completamente equivocado, sorry> dá uma olhadinha na discussão e releia o texto... não prestou devida atenção.

A Pessoa que melhor se expressa no final das contas é o LULA !Linguagem clara, direta, que TODOS ENTENDEM! Esse é o CARA. Gostei também do comentário de FELIPE M. LIMA.

A Pessoa que melhor se expressa no final das contas É o LULA! Linguagem clara, direta, que TODOS ENTENDEM! Esse é o CARA. Gostei também do comentário de FELIPE M. LIMA.

Lula é o cara e você a cara de pau. Um analfabeto, alcoólatra, usurpador e mentiroso. Quem o defende, deve ser da mesma laia.

Vejo que há muita discussão em torno de um termo. Tenho que discordar de uma coisa. Como diria a professora paranaense Tereza Piacentini, estudiosa da língua portuguesa. O conservadorismo da língua termina ficando mesmo para trás. A língua é dinâmica como dinâmico é um povo de qualquer nação. E acompanhando esse

dinamismo, segue naturalmente a forma como se utiliza a língua, que também evolui na jornada do tempo. Quem faz a língua de uma nação é o seu povo. Se fôssemos parados no tempo, ainda hoje a língua oficial de grande parte do mundo seria o latim ou grego original. O dinamismo da língua é que faz dela um dos maiores símbolos de uma nação.

Sou linguista formado por Cambridge.Falo 22 idiomas. Tenho autoridade,como PhD,para dizer categoricamente ; NÃO EXISTE O TERMO ¨PRESIDENTA¨. E sería ridículo. Quem quizer bancar o analfabeto,vivemos em uma democracia...

HAHAHAHAHAHAHAHAHAHA um linguista poliglota que não sabe como línguas funcionam e que escreve quiZer.

essa foi engraçada.

linguas não funcionam por decretos populistas, por motivação ideológica. Quem não sabe como uma lingua funciona é você.

hahahahahaha motivação ideologica tem TUDO a ver com como as línguas funcionam :)

motivação ideiológica por exemplo é o que faz pessoas rejeitarem o termo presidenta ainda hoje em 2015.

é o que faz pessoas acharem que o termo presidente é neutro quando sempre foi usando para se referir a homens... e por aí vai.

Caro dr. Aldo: Seus textos são maravilhosos, mas preciso dizer que o bom aluno, interessado, sempre aprende. Há também ótimos professores na escola pública, que foram aprovados em concurso público de provas e títulos. Estudar em escola particular não é garantia de que o aluno vai aprender tudo o que o professor ensina. Abraço.

Também achei inapropriada e dispensável essa parte do texto: "Criança que é, domina muito bem o segundo, mas só dominará o primeiro lá pelo fim do ensino médio (isto é, se Deus ajudar e se não estiver na escola pública)". Será que dá para dizer que nenhuma escola pública é capaz de ensinar com competência o português formal?

Único pecado do texto: "Criança que é, domina muito bem o segundo, mas só dominará o primeiro lá pelo fim do ensino médio (isto é, se Deus ajudar e se não estiver na escola pública)."

Também achei desnecessário este comentário a respeito da escola pública. Lamentável.

- ✓ **Assunto: o nome de quem**?

Duplicidade de sentido e colocações que induzem ao erro ocorrem sempre em nossa língua. No seu texto mesmo, por exemplo, no trecho "...o português passava a ter dois pronomes pessoais de 2ª pessoa, “tu” e “você”, o primeiro, mais íntimo e informal; o segundo, mais formal e cerimonioso...". O pronome catafórico mais adequado seria "este" e "aquele" nos lugares de "primeiro" e "segundo" ficando assim:

"...o português passava a ter dois pronomes pessoais de 2ª pessoa, “tu” e “você”, este, mais íntimo e informal; aquele, mais formal e cerimonioso..."

As Catáforas retomam termos empregados anteriormente, de trás para frente. No texto, o "primeiro" refere-se a "você" e o "segundo" a "tu". Contudo, pela sequência de leitura, o leitor pode ser induzido a entender que o primeiro refere-se a "tu", pois foi lido primeiramente - antes - de "você".

Vamos morrer e não aprenderemos a usar tudo de nossa Portuguesa.

Obs: também não gostei da crítica às escolas públicas, aluno bom tem em todo lugar, generalizar não é bom.

Acontece que NUMERAL é uma classe gramatical (como substantivos, adjetivos etc.) que representa em LETRAS os números. É errado REFERIR-SE AO NÚMERO nesse caso. Tanto é que existem NUMERAIS ORDINAIS - primeiro, segundo, terceiro , e não, 1., 2., 3o. -, NUMERAIS FRACIONÁRIOS - metade, um terço, um quarto, um quinto... - NUMERAIS MULTIPLICATIVOS - dobro, triplo, quádruplo... - e os CARDINAIS, aqueles que a professora estava pedindo, mas jamais poderia ser chamado o número de numeral!

Fiquei curiosa para saber como a professora explicaria para o Brunno que o nome que ela pedia era o dos numerais e não o dele. Seria adequado falar sobre a ambiguidade

do pronome nesta série? Ou o melhor seria a professora reformular o cabeçalho do exercício? Será que outros colegas do Brunno interpretaram o cabeçalho da mesma maneira?

Só sei que o Brunno errou o número 11. Rsrsr

Legal foi que o garoto conseguiu errar o próprio nome. XD

Blog do Gramaticando

- ✓ **Assunto: Regência Verbal**

2012 15:37

parabéns, gostei muito do seu blog.explica tudo de um jeito muito mais fácil de entender do que nos outros sites.

2012 14:19

Assim como a Juliana, entendo que a frase foi escrita corretamente. A expressão "Vanzulmirete prefere matemática a filosofia" está de acordo com a regra do "Paralelismo". Os termos da oração devem desempenhar a mesma função sintática. Ou os dois elementos recebem artigo, ou nenhum recebe. Ex1: Prefiro natação a dança. Ex2: Prefiro a natação à dança.

Se "matemática" fosse precedido pelo artigo "a", obrigatoriamente haveria crase antes de "filosofia". Não sendo o caso em tela.

Adorei o blog! Parabéns!

2012 14:46

Excelente blog!

A expressão "Vanzulmirete prefere matemática a filosofia" está de acordo com a regra do Paralelismo. Numa oração os termos devem ser correspondentes. Só haveria obrigatoriedade do acento grave, caso “matemática” fosse precedida pelo artigo “a”.

2012 10:51

kkkkkk Virinaldo e Virinalda assim quem não aprende cadê que tem um professor que der exeplos assim

2012 10:52

kkkkk Virinalda e Virinaldo assim quem não aprende mas cadê que se acha um professor que de exemplos assim muito legal este blog estão de parabens

2012 06:28

po Vinic gostei do seu blog e està me ajudando muito porque hoje tenho prova, tomara que de tudo certo

2013 18:12

obrigado, gostei do seu blog, tirei muitas dúvidas... Edson

2013 17:47

VOCÊ ESTA USANDO BRILHANTEMENTE O DOM QUE DEUS TE DEU, PARABENS! ADOREI O SEU BLOG É SIMPLESMENTE FANTÁSTICO.

2013 04:23

Obrigada , Vinic gostei muito do seu texto , me ajudou bastante a entender sobre VERBO TRANCITIVO E INTRANSITIVO .. Tirei todas as minhas dúvidas e acho que vou me dar bem na prova. Obrigada mesmo. Parabéns !

2014 15:35

Nossa, esse blog é realmente ótimo !

2014 17:11

Faço minhas as palavras de Cláudia.

"Você está usando brilhantemente o dom que Deus de deu"

Parabéns!!!

2014 05:41

Olá. Gostaria de propor uma retificação: a palavra "ciclano" não é dicionarizada, embora a maioria das pessoa a pronuncie assim. Como se trata de um blog de

gramática, sugiro a substituição pela forma correta: "sicrano", em "beltrana namora com o ciclano”. Um abraço!

2014 07:03

Ok.

2014 16:20

Olá, gostaria de saber qual a forma correta de pronunciar/escrever a frase a seguir e se possível a justificativa da forma correta:

O som das palavras mudou.

ou

O som das palavras mudaram.

Obrigado!

2014 08:51

Pergunta: "o que foi que mudou"? Resposta: o som. Portanto, o verbo "mudar" deve concordar com "som". Logo, o certo é dizer que o "som das palavras mudou".

2014 09:44

Obrigado Peter !

Parabéns pelo blog.

Abraço.

2014 09:01

Muito bom parabens!!

2014 16:13

salvou minha prova de português que é amanha e ainda me garantiu boas risadas parabéns e continue postando

2014 18:38

Já li e já ouvi frases em que o autor substitui o "em vez de" ou "ao invés de" por "ao", a junção do a + o (ao). Por exemplo: Prefiro matemática ao português. Esse forma de expressão está correta? Qual a explicação?

Outra: A frase "Se se abrir a porta o cão entra", está correta?. Se estiver correta, que funções as partículas "se" representam na frase, cada uma de per si?

2014 10:16

Os verbos desfrutar e usufruir, como gozar, admitem, consoante insignes lexicógrafos, tanto a transitividade direta quanto a indireta.

Quanto aos verbos esquecer e lembrar, não se comentou a hipótese, corriqueira na prosa machadiana, em que a cousa esquecida assume a posição de sujeito; também não se fez referência à bitransitividade do verbo lembrar.

E pelo que toca ao verbo chamar, parece regra nos clássicos, sinaladamente em Pinto, Arrais, Barros, Bernardes e, claro, Vieira, usar da forma transitiva direta, como convocação; e da indireta, como cognome.

2014 13:22

Mt obrigado por todas as postagem. Me formei no ano passado, mais não entendo nadá de nadá de português, e o seu blog ta me ajudando de mais. Tenho q começar td do zero e to começando com a sua ajuda.Tiver alguma dica ai, e bem vinda! vlw mt abrigado

2014 06:53

Tive uma dúvida na elaboração de um texto quanto a concordância verbal, poderia me ajudar?

Como escrevo:

O professor, auxiliado pelos estagiários, corrige as provas; ou

O professor, auxiliado pelos estagiários, corrigem as provas?

2015 11:36

Seu site é muito bom aprendi muito olhando seus ensinos nao entendo nada quando minha prof me ensina agora tirei minhas duvidas valeu de verdade

2015 11:06

Muito foda cara, continue assim, realmente fantástico.

Responder

2015 02:13

Melhor site ever

- ✓ **Assunto: Quando usar s, ss, z, x, g, j**

2012 05:40

Oi Vinic! Bem legal essa postagem! Apesar da dificuldade em gravar tantas regras, isso ajuda bastante! E haja paciência p´ra cruzar tanta informação hein!! Parabéns!

2013 20:32

MIN AJUDO BASTANT CONTINUA DANDO DICA ASIM O BRAZIL TA PRESIZANDO DE ENFORMAÇAO

2013 16:46

nosssa continua mesmo,,,,,,,, pq o povo n sabe nem escrever o nome do pais q mora ..... (Brasil com z) nnn esta em Inglês n

2013 21:05

kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk, (Min), (Bastant), (Asim), (Presizando), (Enformação) . Está matando a ortografia. (Mim, Bastante, Assim, Precisando, Informação) custa nada dá aquela leitura básica antes de tudo :D

2014 09:30

Né valeu

2014 09:32

Me ajudou bastante,obrigado

2012 06:27

da

hora

2012 12:00

adorei este site

2012 15:52

parabens apesar da parte dificil de gravar ao menos ta simples e objetivo , para noossaaa alegria!!

2012 19:38

G ou J.

Acho que neste caso:

1) Em palavras terminadas em ÁGIO, ÉGIO, ÍGIO, ÓGIO, ÚGIO.

Não é mais fácil dizer: palavras terminadas em "GIO"? ou não daria certo?

Responder

2012 19:55

Por favor.

No caso de G ou J, se eu fizer essa regra abaixo da certo?

Usa "G"

1) Em palavras terminadas em ÁGIO, ÉGIO, ÍGIO, ÓGIO, ÚGIO: pedágio, sacrilégio, prestígio, relógio, refúgio.

2) Em substantivos terminados em GEM: a viagem, a ferrugem.

Usa "J"

Em todas as palavras que não fizer parte da regrinha da letra G, são grafadas com J.

Ou seja, se eu decorar só a regra do G e grafar todas as outras palavras com J. Isso dá certo?

Na regra de oxítonas ou paroxítonas deu certo.

Oxítonas:

Oxítonos terminadas em a(s), e(s), o(s), em, ens são acentuados.

Em paroxítonas:

Paroxítonas que não terminarem em a(s), e(s), o(s), em, ens e am são acentuadas.

Conclusão, uma regra decorada e a outra é o inverso do que decorei.

Obrigado.

2012 10:48

Vinic, tirei esta conclusão sobre o "GIO" através do site todaspalavras.

Não sei se a lista das palavras estão completas, mas ajuda bastante.

Lista de palavras que terminam em "gio":

http://todaspalavras.com/ends-with/gio

Lista de palavras que terminam em "jio":

http://todaspalavras.com/ends-with/jio

Como você percebeu, só é preciso mudar as letras depois da barra e comparar as duas formas. Segundo minha conclusão através deste site, todas as palavras terminadas em /gio/ são escritas com a letra "G", apenas duas exceções: monjio e mújio.

Estou tentando outras regras para ortografia.

Encontrei na internet um livro baratinho do autor WALLAS CABRAL.

Conheci este nome depois de assistir este vídeo: http://www.youtube.com/watch?v=pG5ZuXcqrUA

Acho ortografia muito chato de aprender, estou pensando em comprar o livro:

http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/2526610/agora-aprendo

Não coloquei os links para fazer propaganda, depois que você ler pode apagar.

Abraço.

2012 12:25

Parabens Vinic você e muito INTELIGENTE!!!

2012 19:38

Gostei da postagem realmente esta clara e objetiva e com um pouquinho de leitura da pra melhorar nossa ortografia...

2012 08:42

Muito completo e direto! Muito obrigada pela paciência e esforço, era o que eu estava procurando.

2012 06:23

muito obrigado Vinic !!!!!!!!!!!!

2013 11:32

Obrigado.Me ajudou bastante.

2014 06:57

legal

2013 12:31

Muito Obrigada ao autor! foi muito útil por ser bem resumido e exemplificado.

2013 19:10

Sem duvidas, irei aprender português. Todos estão de parabens.

2013 23:05

Achei ótima a sua pesquisa,mas estou com dúvidas em relação a regra em que diz que se usa s entre vogais para dar o som de z,por exemplo na palavra casa. Acredito que a regra facilita demais para a leitura,mas para escrita principalmente com criança complica,pois também existem palavras que a letra z está entre vogais.estou errada?Por favor me ajude.um grande abraço.

2014 18:26

muito bom

2014 18:29

muito bom muitas pessoas precisam disso na sua vida

2013 13:30

pensei que o uso de S ou Z entre vogais fosse mais simples. Tipo, usa-se S entre vogais quando a palavra é substantivo. Usa-se Z QUANDO A PALAVRA É ADJETIVO

2013 01:51

Sr. Anônimo,

Posso estar enganada e, nesse caso, peço desculpas antecipadamente, mas me parece que não procede a sua observação...

Ex: Limpeza - é com Z, é substantivo e está entre vogais...

O mesmo ocorre com clareza, sutileza e tantas outras...

Sds.

2013 15:30

Gostei muito das explicações e me tirou várias dúvidas.

2013 15:55

Você está de parabéns por colocar essas regras do emprego das letras, estou a procura dessas regras para concurso e quanto mais explicações melhor.

Gostaria de saber se o dígrafo XS poderia ser colocado nesse tópico e achei algumas palavras e gostaria de saber se essas palavras:

Exsudar, exsicação, exsicante, exsicar, exsicativo, exsolver, exspuição, exsucção, exsudação. exsudato, exsurgir.

Essas palavras tem o dígrafo XS,? porque pouco se fala sobre esse dígrafo.

Desde já agradeço.

2013 18:19

égua me ajudou muito, valeu mesmo estava com muita dificuldade de aprender isso, tão fácil que nem acredito que não tinha aprendido antes.. :p

2013 12:51

parabens pelo trabalho...me ajudou muinto....e vou pra decoreba tambem.....Tudo de bom pra voce.

2013 19:26

gostei muito me ajudou muita a intender pra uma prova amanha de portugues gostei muito valeu ai.

2013 15:37

me ajudou muito mesmo procurei em um monte de buscas e só achei nesse site

2013 05:01

Muito bom, vc foi muito sábio com seu texto, pequeno, porém surpreendente...

2013 09:04

Li tudo. acho eu. mas não encontrei a explicação para palavra "TRÂNSITO"

2013 10:56

isso me ajudou na prova do anglo (se assim que escreve)mas meu pai me fez ler até o que eu não prescisava

2014 11:43

faltou a exceçao do x: guache

2014 07:42

muito bom

2014 13:44

muito bom, só faltou o "rr" , mas fora isso, ficou ótimo!

2014 10:44

Gostei bastante ;)

2014 11:47

otimo

2015 15:15

Prático e objetivo. gostei! valeu

2015 15:17

utilíssimo, objetivo e fácil compreensão. GOSTEI, VALEU

2015 10:55

Parabéns pela postagem.

Em que regra se encaixaria catequizar (catequese)?

Blog Conversa de Português

- ✓ **Assunto: a conjunção mas**

Excelente texto!

6 de julho de 2014 20:04

foi muito util!

6 de julho de 2014 20:09

ótima explicação

6 de setembro de 2014 16:27

Muito bom!

6 de setembro de 2014 18:56

Muito bacana, ficou clara a diferença dos dois exemplos. Na utilização do mas e do e.

2015 22:22

iNTERESSANTE!!!

28 de maio de 2015 23:26

EX:se eu usar a virgula depois de" mas ,"está errado?

EX:Cada Um Tem Sua Opinião e Eu Respeito",Mas",Respeitem A Minha !

14 de outubro de 2015 12:30

- ✓ **Assunto: o que é clareza textual**?

24 de junho de 2011 às 11:25

Oi Andréa!

Como sempre, achei uma ótima contribuição essa sua postagem sobre a clareza textual. A indicação de leitura ao término do post também foi bastante oportuna.

Adorei o novo espaço em que está o seu blog!

Sucesso!

Um abraço,

25 de junho de 2011 às 16:02

Bem a propósito:

Estava lendo um livro de crônicas do Carlos Heitor Cony e pincei o seguinte trecho: "…Falo daquela samaritana que ele encontrou no poço e deu-lhe de beber….".

Quem deu de beber? Quem bebeu?

Os leitores da Bíblia Sagrada sabem quem bebeu.

30 de junho de 2011 às 1:24

Adorei, vai me ajudar muito na minha prova da faculdade!

30 de junho de 2011 às 2:14

Adorei essa propagandada ABI, se muitas propagandas tivessem o mesmo intuito de passar essas informações com um gancho educativo seria muito bem para a educação do nosso país.

014 às 14:29

adoro textos e também adorei esta definiçao kkkk de certo modo fikou mais claro rsrs

- ✓ **Assunto: quando usar dois-pontos**?

3 de abril de 2014 às 15:12

em uma tese de mestrado devemos separar as equações do texto por : ou , ? e estas equações devem vir precedidas de ,?

3 de abril de 2014 às 16:27

por exemplo, em um livro de física: ” a lei de hoke é dada por:

F=kx, (1)

então,…”

depois do “por” usa-se dois pontos ou virgula? E depois da equação “F=kx” deve se usar a virgula?

31 de janeiro de 2015 às 9:32

Prezada Andréa:

Em uma busca na internet, acabo de conhecer este valioso site, e pude ler alguns materiais aqui publicados tendo estes me acrescido substancialmente.

Porém, a dúvida que me trouxe até aqui, não pude encontrar em minhas leituras. Peço perdão caso já esteja contemplada entre os diversos textos do site.

Pois bem, a dúvida é sobre o uso concomitante dos sinais gráficos de ponto e dois pontos. Suponhamos a seguinte situação:

Ao ser abreviado um conjunto de palavras, após o qual seguirá algum dado numérico é correto o uso dos dois pontos? Exemplifico minha dúvida enumerando o raciocínio em partes:

01) Conjunto de palavras comumente utilizado: Tempo de decantação;

02) Abreviação: T.D. (utilizando os pontos para a devida abreviação);

03) Situação prática de aplicação que me gerou a dúvida:

T.D.: 20 minutos.

Portanto, é correto colocar após o "T.D." os dois pontos ":", já que pelo que entendo a abreviatura exige os seus pontos, e o dado seguinte (20 minutos) exige a precedência dos dois pontos?

Será que me fiz entender?

Gostaria muito de receber o esclarecimento a esta minha antiga dúvida.

Obrigado!

11 de janeiro de 2016 às 2:28

Olá Andréa,

muito bom seu artigo.

Eu gostaria de saber se está certo. Eu publiquei um e-book no amazon kindle e minha intenção não era colocar os dois pontos e acabou ficando assim no site para compra:

Cidade em Chamas: E OUTROS CONTOS SURREAIS

ta errado? tem algum problema deixar assim? pois ‘e outros contos surreais’ na edição da capa eu escolhi como subtitulo, e ficou assim no final.

Obrigado pela atenção.

11 de janeiro de 2016 às 15:19

mas há algum problema deixar assim?

5 de abril de 2016 às 17:43

Na frase Rio de Janeiro:31 de julho de 2015

Esta correta a escrita?

13 de abril de 2016 às 20:05

Andréa Motta, sabe me informar se é incorreto usar os dois pontos depois do verbo de ligação “ser”? Eu sei que não se separa o sujeito ou verbo de ligação do predicativo por vírgulas, mas quanto aos dois pontos não tenho certeza, pode me ajudar?

Por exemplo, antes de uma enumeração:

As causas são: mimimi, blablaba, popopo.

VAmos estudar mais a nossa língua, moçada?

29 de janeiro de 2015 15:27

Obrigada

17 de junho de 2015 08:21

Obrigado

16 de agosto de 2015 19:41

Algém pode me dizer se a frase abaixo está de acordo com a norma culta?

"Certo, no final, quando ele diz: Não é nenhum passeio no parque, senhora. Seu computador em segundo plano, pára de funcionar.".

O que aconteceu nesta referência é que uma pessoa está falando à outra que quando uma terceira pessoa diz "não é nenhum passeio no parque, senhora", o computador de fundo desta pára de funcionar. A narração da primeira pessoa está no tempo presente.

31 de dezembro de 2015 09:17 · Editado

Oi! Estou com uma dúvida. Na frase "Homem gordo não faz revolução. O abdômen é naturalmente amigo da ordem; o estômago pode destruir um império: mas há de ser antes do jantar", está correto o uso de dois pontos antes do "mas", ou o correto seria o uso de uma vírgula? Por quê?

1 de setembro de 2016 23:19

alguém pode me explicar se essa frase está correta. "Como pode você pedir um pastel de frango, e vim um pedaço de osso dentro do pastel."

5 de novembro de 2016 17:03

Blog Português Fácil

- ✓ **Assunto: acento agudo**

(Neste *blog* não se registra a data de realização dos comentários, sendo a postagem do conteúdo referente ao ano de 2015)

Como faço para estudar para aprender e nao so pra decorar a matéria

o estudo ao passar do tempo se perde na mente?

obrigado desde já

abc!!!

como eu uso o prefixo peri com a mudança – peri-insercional ou perinsercional ?

Olá! Meu nome é Patricia, sem acento, e gosto dele assim.

Não acredito que esteja errado. É meu nome e ponto!

Mas onde trabalho isso está sendo discutido (sou professora) e gostaria de saber se sou obrigada a escrever meu nome com acento ou não.

Obrigada

ola!! eu gostaria de pedir uma ajuda,eu não sou muito bem na materia de portuguêS e gostaria de saber o que posso fazer para aprender o mais rapido, pois ano que vem vou presta um vestibular!!!!obrigado

Senhores,

quero saber se o nome, NATÁLIA, com o acento agudo, deve ser mantido, por ser nome próprio proparoxítono; e se o acento agudo foi ABOLIDO dos nomes próprios?

Queria saber mais um pouco sobre o uso do acento agudo nas palavras abertas!!

gostei muito

isso menmo ana celia saber mais sobre o acento agudo nas palavras abertas

Gostaria de saber se todo nome próprio e proparóxitona?

sem dúvida, esse esclarecimento foi, e é de fundamental importância para todos nós que, pretendemos nos aperfeiçoar em nossa ortográfia

Gostei da mudança, as pessoas devem reestudar para aperfeçoar mais as suas capacidade intelectual. Valeu bué

Não entendi bem a explicação do segundo caso de “Mudanças na Acentuação” quando diz: “As letras i e u continuam acentuadas se formarem hiato, mas estiverem sozinhas na sílaba ou seguidas de s. Assim, baú, baús e saída continuam acentuados”. Não seria melhor dizer que as letras i e u continuam acentuadas se formarem hiato com vogal anterior quando esta Não fizer parte de um ditongo? Obrigada!

O nome André continua com acento agudo?

Minha professora escreveu na lousa: “Silêncio turma, minha cabeça esta doendo!”… Queria saber se está certo pois estava sem acento agudo na palavra ‘está’ e quando questionada sobre o assunto ela disse que se tratava do novo acordo ortográfico…Tá certo isso?

A palavra área, continua com acento?

- ✓ **Assunto: oração, ponto outra oração**

Legal essa dica.

Dá vontade de estudar. Ler. Pensar. Escrever.

1 abraço,

só hopje, depois de conhecer esse site, é que eu fui compreender o que é e como é uma oração subordinada assindética. Vou para por hoj (já são 00:18hs), vou dormir; mas antes, vou colocar este site em favorios para poder acessá-lo amanhã.

Oi1 que maravilha este site. Gente estou tentando estudar portugues, sempre fui péssima nesta matéria. Vou tentar fazer concurso público ano que vem, para o Banco do Nordeste. Tenho muita difuculdade, nesta matéria. Espero que isto seja a salvação da minha vida. Obrigado!!!! que Deus abençoe VÇS.

Beijos

Super legal tava pressisandu muitu dissu

Jeitu facil e ráridu de aprender

OBRIGADU!!!!!!

VALEU MESMU =)

preciso de 5 exemplos sobre Orações Coordenadas

Oiee… eu estava fazendo um trabalho sobre essas orações e naum estava entendendo… vc utilizou de bons exemplos e otima explicação…

mto obrigada msm!!!!!!!!

nossa!gostei mt do site!vcs brincam com as palavras…

é uma maneira mt + fácil de aprender!é mt dinâmico…

parabéns!

me ajudou mt esse site!

realmente assim aprender português fica muito mais fácil!

valeu!

Oii! adoreii a maneira como foi colocada a explicação! TODOS os professores deveriam explicar asssim,se torna divertido e bem mais fácil d entender!

Vllw (: ajudou pakas ;)

Pow…

muito legal morro de dificuldade em portugues mas acho q vou desenrolar as provas que eu vou fazer

vlw mesmo em…

fiquei a saber muito.Thank you very much,now im smart…

muito bom esse post e o site inteiro o português descomplicado assim é óyimo parabéns

muito bom…desse jeito dá vontade de aprender…

Gostei da dica, simplifica muito a vida dos estudantes!

Valeu, Professor

Eu não acredito que é só isso não? Nunca aprendi isso, porque os meus professores me fizeram tanto terror que acabei vendo oração coordenada assindética como um bicho de sete cabeça.¬¬

Vlw pelo maçete! =]

nossa cara vlew ajudou muito

vc deve ser um otimo professor

muito obrigado vlew

aprendi tudin aheuaheuhauheahe

Muito interessante… Confesso que fingia entender a matéria quando o professor me pedia se havia entendido tudo. hehe grande burrice da minha parte nao encher o saco dele, até aprender tudo. Mas era muito chato que mais pensava na hora da saída! E hoje, estou em plenas férias aclamando por aulas quando resolvi estudar em alguns sites educativos… Bom, concluindo.. Hoje enfim eu aprendi o que são de verdade essas orações e blá blá blá. Adorei!

Nossa !! gostei muito, não esperava q vosse tão facil entender uma oração coordenada assindéticas; vc esta de parabéns me indeique alguns livros..

grato !!

Tá muito boa a explicaçao

gostei! muitouuuuuuuuuuu! vai me ajudar muito prova!

Assim fica facil mesmo, “português é facil”.

PORTUGUÊS É FACIL, e agora tambem divertido!

preciso saber oração subordinada(subst, adj, e adverbial) Oo

Preciso De 10 Exenplos De Oração De Cada Classisficação Das Coordenadas ..

Meer Ajuudaa Geeentiii BeiiijO ….

muito bom amei essas esplicacoes

Odiava português mais do que matemática, até conhecer esse site. Parabéns pois eu estudo sozinha para concursos, tenho mais de 40 anos, e só agora estou entendendo português de verdade, e o melhor, amando a nossa língua.

Obrigado.

Muito bom, muito bom, estava lendo na wikipedia e la é muito complicado, aqui achei claramente o que queria, vou salvar esse site nos favoritos.

Sempre ODIEI portugues mas depois de ler esse artigo, vejo que é mais facil do que parece. estou amando! :D

PARA FALAR A VERDADE NEM SEI QUEM ESTA ESCREVENDO ESTES ARTIGO PORQUE COMECEI LER AGORA, MAS, POSSO DIZER QUE É MUITO BOM ,POIS A LINGUAGEM É LIMPA E MODERNA . TENHO MUITO QUE APRENDER, PORÉM, ESTE É UM BOM COMEÇO.

nossa muito bom mesmo aprendi rapidamente , poq essa foi uma forma bem fácil de ser explicada …;]

Obrigada, mesmo me ajudou bastante á entender éstá coisinha complicada….

BjoOs

Pela primeira vez ,consegui entender!

Muito obrigado por essa dica, vai me ser muito util, porque tudo que o professor falava eu não entendia coisa com coisa. Muito obrigado, estou muito grato por isso. Quem sabe depois se eu tiver dúvida eu não dê uma passada aqui !

muito bom adorei o melhor site q eu ja vi

olha eu estou estudando para passa no cefet e esse site esta mim ajudando muitoOO

obrigada bj :*

e também estou em recuperação em port. e não sei como eu conseguir entender esse assunto ALELUIA

Olá,

Sou Professora de Língua Portuguesa, mas aparece umas dúvidas, taé porque não somos sabedores de tudo, vivemos aprendendo. Portanto, quero dizer que gostei muito dessa explicação.

Obrigada.

só retificando, esse é meu email

cara vc e muito bom deveria ser meu prof de portugues valeu por me ajudar !!!! dicas otimas

preciso de 5 exemplos de orações coordenadas affs!!!

Muito bom esse site. Até que umm dia consegui entender o que é oração coordenada assindetica.

Muito BOM.

Oi gostei sim desse dite… dei uma fuçada aqui e achei algumas coisas que estava precisando!!! as explicaçoes são otimas

desde já agradeço pela ajuda!!!

otimas dicas !!! ♥

Nossa! gostei muito… consegui entender com facilidade

otima explicação

caraca veio tu e o bixoooooooooooooooooooooooooooooo esse seu site e muito porreta mesmo tava presisando disso o cara vlw awe mesmo adoreiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii

Somente uma observação: Sinto em constatar que meu professor está na “era do gelo” e não no século passado. Infelizmente!

Você deve ser ótimo professor, realmente. Boa sorte com o seu salário porque você merece de verdade uma boa remuneração.

Estou fazendo uma pesquisa que meu professor mandou e finalmente achei e compreendi o que são orações coordenada assindéticas.

muito bacana essas dicas agora q mais me complica e as subordinadas tem muita subdivisao

gostaria de estagiar rmas como fazer se não a regra ortográfia em figor ainda o que fazer nesta quetão

gostei muito minha mae ja ia manda eu estudar 6 horas sem parar vlw muito facil este assunto

Legal a explicação, mas a oração coordenada assindética não tem nenhuma outra classificação, portanto não precisamos decorar outros nomes. As coordenadas sindéticas é que possuem classificações. Não encontrei a explicação delas para saber como você trata desse assunto. Essas sim, gostaria de aprender de maneira mais fácil.

Interessante a maneira como você aborda a matéria. Muita gente deveria ler mais explicações assim. O triste é ver tantos comentários escritos em idiomas ininteligíveis.No comentário 4, por exemplo, parece que a pessoa fala na língua do "u", e no 44 (deve ser um número amaldiçoado) não pude entender nada !

ai obrigada , adorei a explicação .

Ótimo.Muito obrigado.

Infelismente minha professora é do século passado ¬¬

olhaa, adorei esse site, bem facil de intender, ele descomplica ;)

Exelente , gostei muito .

Um jeito bem mas facil de enterder esse assunto .

Muito Obrigado !!!!

Olá adorei sua explicação. Comecei entender a coisa.

Muito obrigada!!!!!

Blog da Profª Karina

- ✓ **Assunto: uma vírgula muda tudo**

abr 05, 2013 @ 23:18:16

KKKK’ só vc dona , kkkk’ posta ai o como vc ta?

abr 05, 2013 @ 23:27:50

Kkkk’ só vc mesmo kkkkk’

abr 01, 2014 @ 21:53:02

Nossa dona suas aula são otimas.

jul 19, 2014 @ 09:44:02

não entendi essa pergunta oi como vc, tá?

abr 07, 2016 @ 02:38:03

Como, de foder. Entendeu? Se ainda não entendeu, troque “como” por “fodo”.

nov 01, 2014 @ 23:11:00

Amei esse site. Principalmente sobre as vírgulas.

mar 23, 2015 @ 13:23:28

Fantástico

maio 02, 2015 @ 08:34:52

Adorei mto importsnte msm parabensu

fev 25, 2016 @ 02:16:44

Quem não sabe, uma vírgula pode botar tudo a perder…e quem não sabe uma vírgula, também.

abr 23, 2016 @ 09:40:52

A vírgula muda até sentença do juiz.

jun 21, 2016 @ 21:23:01

Kkkkkkkkk. Fato! 👋👋👋

set 01, 2016 @ 14:29:16

Muito legal !!

- ✓ **Assunto: questões do ENEM**

mar 02, 2011 @ 12:49:13

muito legal esse blog tipo pode da uma espiadinha na materia fora de aula aida mais na internet , q é onde os jovems mais navegam muito massa… continua assim prof

mar 08, 2012 @ 11:03:14

valeu muito obrigada estava com duvidas em algumas e era pra entregar valendo nota !!!! valeu msmo ajudou muito

mar 12, 2012 @ 17:11:04

olha eu amei o seu blog

abr 04, 2013 @ 16:44:48

Parabéns! Seu blog me ajudou, pois este ano pela primeira vez estou lecionando no ensino médio e estou em busca de atividades e outros materiasi que possam me auxiliar. Abraços

abr 23, 2013 @ 12:51:15

Não concordo com a resposta da questão 4. Isso é uma pegadinha, porque no texto pode ser considerada a variação geográfica também, já que o mesmo cita falares de cariocas e capixabas.

maio 07, 2013 @ 14:45:49

Parabéns! Adorei o blog e me ajudou muito!!! Obrigada (:

jul 31, 2013 @ 21:04:03

Realmente me ajudou bastante na questão de agilizar o meu trabalho…

set 24, 2013 @ 21:20:33

gostei muito. parabéns!

nov 25, 2013 @ 14:31:21

Muito bom trabalho, professora Karina. Parabéns!!!

mar 07, 2014 @ 20:54:49

Obrigada!!! Gostei!

abr 10, 2014 @ 00:12:26

Faca uma releitura da segunda estrofe e traduza com suas palavras, nao intendi pode mi ajudar??

jul 02, 2014 @ 09:07:29

Parabéns! Mas, por favor, poderia postar questões de Vestibular e Enem sobre Funções da Linguagem? Agradeço… Biejos…

out 24, 2014 @ 20:38:41

Muito bom!!!! Valeu!

fev 05, 2015 @ 09:14:10

Karina,Também sou professor de Português e fiquei muito feliz por encontrar alguém que leva realmente a sério o estudo da nossa língua. Ficarei "freguês" do seu blog, inclusive para usá-lo em minhas aulas. Parabéns.

jun 16, 2015 @ 18:44:56

Obrigada, vc me ajudou bastante e parabens pelo blog

jul 14, 2016 @ 13:59:41

Não me convenci com a questão quatro,pois em minha opinião a correta deve ser a letra D.

- ✓ **Assunto: como elaborar uma tese**

ago 06, 2012 @ 00:04:10

Ajudou bastante (:

ago 18, 2012 @ 22:51:01

Minha Nossa Fessorinha!!!!!! Estou estudando desde fev/12 para tentar a aprovação do ENEM e tinha uma dificuldade incrível de criar "essa tal de tese" e a Senhora em uma página me ensinou facim facim…rs…

Detalhe: já possuo formação técnica e exerço a profissão mas estou sentindo necessidade de voltar a estudar nos meus plenos 44…

Muito obrigado.

ago 19, 2012 @ 21:46:21

Pôxa!, fico muito agradecido… No momento estou redigindo (tentando rs.) uma redação pedida pela professora do curso… Mas a tese… Essa nasceu….

Saúde e sorte!.

out 18, 2012 @ 23:17:26

Muito boa essa página, eu estou fazendo só uma revisão pro Enem, mas ainda não tinha entendido sobre a tese! Está tudo mais claro agora!! Muito obrigada!!!

maio 03, 2013 @ 18:14:38

Ótima ajuda! Tenho muita dificuldade em redigir redações, principalmente a estrutura inicial

out 17, 2013 @ 09:33:19

ILMO professora

meu nome e joao abreu e tenho 50 anos no momento com a vida estabilizada voltei ao meu ideal que sempre foi a medicina ano pasado ja havia tentado e cheguei perto e estou cursando o 2 periodo de enfermagem aqui na UNIRIO

esse site e uma proposta de intervençao social linguagem clara objetiva e executavel

valeu mesmo

nov 02, 2013 @ 14:12:13

este site tem as msm coisa que estou estudando sobre a tese melhor dissertação argumentativo.ñ ajudou muito ñ.parabens pelo site.queeria outra coisa

nov 24, 2013 @ 18:09:30

valeu professora ajudou um pouco.

nov 29, 2013 @ 10:52:05

Ajudou muito! Obrigado!

fev 01, 2014 @ 19:36:09

nossa, excelente !

maio 08, 2014 @ 09:16:41

gostei muito dessa maneira simples de criar tese. obrigado pelas dicas

set 23, 2015 @ 17:44:00

Tinha dificuldades em entender o que de fato é a ¨tal¨ tese mas, com sua explicação ficou mais fácil. Obrigada!

Blog Estudando Língua Portuguesa com a Profª Gabriela Pimenta

(Este *blog* teve poucas ocorrências de comentários por cada postagem, entre 0 a 5 em muitos casos, então houve a necessidade de selecionar comentários de variados posts)

- ✓ **Assunto: variados**

Oi Gabi, muito bom seu blog. Parabéns, volte a postar com mais frequência. Beijos

11 de outubro de 2009 12:08
Kd vc professora???
22 de outubro de 2009 09:44

Melhoras então!!!
Saudades de vc.
Professora mais linda do mundo.
João
24 de outubro de 2009 16:46

Hey, sweetie! =) Aqui é o professor Daniel Araujo, de História. Tenho lido seu blog na minha busca por um cargo público e gostaria de pedir um artigo acerca dos usos do cujo.
Ah! Você também poderia me indicar uma gramática bacana? Tenho ido bem nas provas de português 90% de acertos em média), mas sei que posso melhorar.
Beijos!
26 de outubro de 2009 03:09

Professora saudades de você
tive aula com você no alub de Taguá norte. Como você está?
ainda tá dando aula em alguma unidade do alub?

um grande abraço dona pimenta ;]
29 de outubro de 2009 21:10

Oi!!! Ficou lindo o blog. Visitarei com frequencia para "atualizar" o meu portugues, antes que essa lingua de pedra (o dinamarques) me distancie mais ainda....rsrsrs. Bom que vc voltou...
Beijossss
1 de novembro de 2009 17:27

Olá! professora Gabriela. Gostaria de lhe perguntar qual é o plural correto com relação palavra "gol".

A PRONÚCIA CORRETA É "GOLS", "GOUS" OU EXISTE OUTRA PRONÚNCIA?

OBRIGADO!

28 de março de 2010 15:01

Oi,

Explique sobre a palavra "Bastante", por favor.

Um abraço
27 de abril de 2009 16:47

"Não se acentuam as palavras paroxítonas que são homógrafas."
ou seja, o têm no plural não se acentua mais, certo? porque se eu estiver certa eu vou arrebentar meu professor que tirou pontos de mim por isso (à tempo: nós temos um "acordo" no curso de que enquanto o novo acordo não estiver valendo nós estaremos em fase de testes, então quem escrever da maneira antiga não perde pontos mas recebe a correção; quem escreve da maneira nova está correto. vai entender...)
ah, me dá uma ajudinha com a crase aí Gabi! =x meus maiores problemas atualmente são com crase e vírgula (maldita vírgula!)
Beijos
27 de abril de 2009 17:52

Olá Gabi! Só o ouro seu Blog, gostei muito! Tudo de bom pra você!
BJ
27 de abril de 2009 18:07

Olá Gabriela,
Adorei o seu blog.
A turma de engenharia está com saudades e torcendo por você e seu filhinho.

Bjusss

1 de outubro de 2009 12:27

intiresno muito, obrigado

Ola, vc tem facebook? Ou email pra eu poder falar com voce sobre redacao? Obrigada
15 de novembro de 2013 19:44

Anônimo Anônimo disse...
ainda está corrigindo?

24 de dezembro de 2013 10:05
vc corrigi redaçoes?? se sim, você pode me ajudar?

24 de junho de 2014 19:52

acho muito interessante a existencia de uma academia de letras para o Brasil. Porque a língua do Brasil é diferente da linguagem do Português. Então você não tem que chamar mais Português ao nosso idioma. Eu não sou um especialista, eu trabalho em ums hotéis em sp. Mas eu acho que é uma maneira de defender a nossa cultura. Uma cultura que foi modificada ao longo dos anos.

24 de janeiro de 2013 11:57

- ✓ **Comentários sem data**

O pronome relativo CUjo indica posse da DIREITA para a esquerda. ENTRE DOIS SUBSTANTIVOS.

Tem a função de adjunto adnominal.

Nunca se usa artigos nem antes nem depois.

O CUJO refere-se ao termo da esquerda, mas concorda com o termo da direita.

Obs. Ele é anafórico.

Professora estou certo.

Oi Gabriela....obrigada pela explicação....

Sim, tenho mais algumas dúvidas.

É possível perceber que a frase abaixo expressa a ideia de desejo?

"Carmem sempre permite que tua mente..."

E também gostaria de saber se o texto abaixo está coeso, coerente, e correto para ficar em 2ª pessoa do singular.

" Carmem, que tu sempre permitas que tua mente esteja disponível para adquirir o aprendizado e o conhecimento.

E que sempre tenhas Tempo para os Sonhos, pois quando tu menos esperares os teus sonhos terão se tornado realidade!

E não te esqueças de que tudo no final dá certo, se ainda, não deu, é porque não chegou ao final.

Por isso, acredite sempre no Tempo, na Amizade e na Sabedoria.

Então, com certeza um dia a Felicidade baterá à tua porta!"

E a frase abaixo está correta?

"Lembra-te de que tudo no final..."

Obrigada!

Estive por aqui em visita ao seu blog para me inteirar do seu trabalho! Abraço!!

Oi profª Gabriela!

Muito obrigada pela ajuda, pelas explicações e correções acima!

E parabéns pelo seu trabalho!

Um abraço e boa noite!

Oi,

"No presente, a mente, o corpo, é diferente", o termo destacado é adjunto adverbial de modo antecipado. certo ou errado?

Oiii professora,na verdade não é bem um comentário,é somente pra mandar um oii!!!srsrsr hoje temos aula!!Uhuu...

Abraços viu e até daqui a pouco...

oi...sou eu de novo,acho que escrevi errado né?Aquele termo hoje temos aula está errado,acho que é assim:Hoje teremos aula...né?

Beijos....

Blog Língua Portuguesa no dia a dia

- ✓ **Assunto: Helipondo ou heliponto**

Os dois existem e são coisas diferentes, a difrença é que o Heliporto tem estrutura de embarque/desembarque/manutenção/reabastecimento enquanto o heliponto é um local plano reservado para helicopteros, sem as estruturas anteriores como gramados, predios etc...

19 de julho de 2011 11:09

Vi sua dúvida em relação ao uso das definições "Heliponto" e "Heliporto".

Bom, o Regulamento Brasileiro de Aviação Civil, diz que:

Heliponto significa uma área delimitada em terra, na água ou em uma estrutura destinada para uso, no todo ou em parte, para pouso, decolagem e movimentação em superfície de helicópteros. Os helipontos podem ser públicos ou privados.

Heliporto significa um heliponto público, dotado de instalações e facilidades para apoio às operações de helicópteros e de processamento de passageiros e/ou cargas.

Espero ter ajudado.

5 de abril de 2013 15:25

Agradeço muitíssimo a contribuição!
Os dicionários deveriam explicar assim também :)
Vale um post no blog Erros no Houaiss ;)
10 de abril de 2013 20:19

- ✓ **Assunto: De mais ou demais**?

Nossa! Quanto erro, tentando explicar a coisa certa!
Errou de mais dizendo que demais é demasiado.
14 de abril de 2011 15:53

bom.. pela explicação acabou que os dois casos sao iguais.. demasiado e "a mais" é a mesma coisa..
o certo seria:

de mais: demasiado, a mais e

demais: o restante - "os demais"
21 de julho de 2011 21:46

PARA A DONA ANNA, QUE COM TODA SUA PREPOTÊNCIA E IRONIA, NÃO TEVE O TRABALHO DE SE INFORMAR E, CONSEQUENTEMENTE, SE DAR CONTA DA SUA PROFUNDA IGNORÂNCIA NO ASSUNTO.

Não há dúvida em relação a uma situação: escreve-se numa só palavra quando “demais” funciona como advérbio ou pronome indefinido.
Neste último caso, é precedido de artigo no plural e tem o valor de os restantes, os outros: “Fale com os demais (companheiros) antes de tomar a decisão”.
Como advérbio de intensidade, significando excessivamente, demasiadamente, em demasia, o termo qualifica um adjetivo ou um verbo.
Exemplos com adjetivo:

Não vá embora, é cedo demais!
Não posso passear com Ivan pela Beira-Mar pois seu passo é rápido demais.
Aos mais afoitos entre os partidários de Lula, que considerariam sua postura conciliadora demais, o drama na Venezuela serve de alerta.
Com verbo: Não estudes demais; tua mãe se preocupa demais com isso.
Que cara legal, ele é demais!
Que tem demais nisso?
Advérbio não modifica substantivo, função que cabe ao adjetivo, certo?
Por isso se diz que, ao acompanhar um substantivo, “demais“ deve ser escrito “de mais”, o que configuraria uma locução adjetiva, tendo como sinônimos “demasiado, excessivo, de resto, de sobra, a mais” e como antônimo “de menos”:
Miséria galopante: gente de mais, trabalho de menos.
Dinheiro de mais estraga.
Como há candidatos de mais e empregos de menos, o processo de seleção é longo.
Vírgulas de mais atrapalham.
30 de agosto de 2011 08:43

Li várias vezes os posts e ainda fiquei na dúvida! Após o verbo, seria junto ou separado?
Ex: Amo de mais ou Amo demais?
1 de setembro de 2011 10:32

Tudo errado!
"De mais" significa demasia (ou seja, muito). Por exemplo: "Ela é inteligente DE MAIS"; "Ele é bonito DE MAIS". Nos dois casos dá pra substituir por muito (Ela é muito inteligente).
E "Demais" significa "o restante". Tipo, "Comunique aos DEMAIS o motivo de sua falta"; "Chegou a hora de falar aos demais". Também pode significar "além disso", mas não é tão usado.

10 de setembro de 2011 18:52

Se houve polêmica, meu texto não estava esclarecedor. Agora está reformulado, com base no dicionário Houaiss e no Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo. Por favor, vejam.
Anna, Israel Victor, Pasquale (que explicou corretamente), Ana Cristina e Marina Koerner, obrigada pelos comentários.
29 de novembro de 2011 17:38

Amo o professor Pasquale... ele é de mais ou demais ? rsrs me confundi agora toda rs...
É dito que pessoas bem informadas dão um show em pessoas atrapalhadas, que enrolam o português.
Professor, eu tive o prazer de conhecer em uma loja que trabalhei, e para a minha felicidade, passou em meu caixa.
Simplesmente um encanto e simpatia em pessoa.
Bjus, continue com esta garra e sabedoria.
2 de novembro de 2012 13:18

Comprei livros de mais ou comi demais é praticamente a mesma coisa... Eu sou de mais ou demais?
19 de novembro de 2012 14:55

"Coloquei sal de mais"
"Está salgado demais"
"Tem muito sal, coloquei demais"
É assim? Compreendi certinho?
3 de fevereiro de 2013 17:01

Excelente explicação!
11 de março de 2016 08:38

- ✓ **Assunto: Oque ou o que?**

Parabéns pelo texto, imensamente criativo.
17 de abril de 2013 10:00

Criativa, inteligente, didática e além de tudo isso, também é muito bonita, com todo respeito é claro. Obrigado pela elicidação.
7 de maio de 2013 01:33

Muito bom, ajudou bastante!! só não sei O QUE faço pra seguir o seus passos!!!
20 de agosto de 2013 10:11

K legal!
O que ?
Eu sei que é que Legal,viu?
O que ? Vc sabia?
O!
Obrigada viu!
O que ? Não imaginava que eu ia agradecer?
Poxa Hein rsrs
18 de abril de 2014 18:19

meu, essa frase é de+:
"Será que a gente fala e escreve tanto o que vem na cabeça, que soa como uma palavra só?"...
6 de setembro de 2014 01:19

Existencialismo? Ainda bem que venceu o egoísmo e resolveu ensinar sobre isso...hehehe
26 de outubro de 2016 10:56

- ✓ **Assunto: Incipiente ou insipiente?**

Tão bom visitar o blog!
=)

Parabéns pelo trabalho!

Grande abraço!

26 de junho de 2011 12:31

adoreiii o blog altas dicas... continueeee...

3 de julho de 2011 18:07

Gostei do blog mas faltou alguns exemplos!!

18 de julho de 2013 14:52

Blog Língua à Portuguesa

- ✓ **Assunto: pôr do sol ou pôr-do-sol**

"não percebo qual o critério para determinar quais são os compostos que mantêm o hífen"

Mas que mania esta de querer perceber tudo, a desta gente que pensa! É como eles dizem ou, então, tanto-faz.

Uma liçãozinha de marxismo cultural para quem, talvez, ainda não soubesse como funciona.

1 de agosto de 2014 às 15:36

Ohoto SphereSe é uma questão de conformidade com o uso... esbarra já aí. Eu próprio, tive oportunidade de ver, num restaurante, a titular o seu nome, Pôr do Sol... Contudo eu mesmo escrevi, e escrevo pôr-do-sol (com os tais 'hífenes'... como dizem para aí!). Apetece-me, todavia, acrescentar o que ouvia a meu velho professor de Português... sabedor, como poucos... O que conta, além do estabelecido gramatical e linguisticamente, é o "'ouvido"'... Mas, aqui, há outro problema! Soa sempre do mesmo modo - escreva-se como se escrever!!! Logo, a cada qual. o seu alvitre, me parece o mais justo... E esqueçam diferenças, sem importância !!!

3 de agosto de 2014 às 18:14

A mudança ocorreu apenas porque NASCER DO SOL não era separado por hífen, portanto PÔR DO SOL também não o deve ser. É mais prático pensar assim e não errar. Beijos.

5 de janeiro de 2015 às 18:55

Atenção!

Na frase do enunciado "Não me perguntem porquê..." há uma incorreção quanto ao uso do "porquê"! O correto seria "por quê", separado e com acento, com a ideia de por que (motivo), recebendo aqui o acento em razão da vírgula... "Porquê", junto e com o acento necessita de um

artigo ou de um pronome, uma vez que estaria sustantivado. Então: "Não me perguntem o porquê..." Essa é a regra usada no Brasil.

16 de fevereiro de 2015 às 15:24

Blogger Francisco Santos disse...

O uso do hífen é, de facto, difícil de perceber em muitos casos. A regra por "consagração pelo uso" pode revelar-se arbitrária. Pelo meu uso, escrevo pôr-do-sol como sinónimo de ocaso. Provavelmente o melhor seria deixar as duas opções como válidas.

Mas se quisermos ser mais rigorosos podemos usar as duas formas com sentidos ligeiramente distintos. Por exemplo: "hoje o pôr do sol permitiu-nos ver um belo pôr-do-sol". Neste exemplo "pôr do sol" seria o movimento (aparente) do sol no caso específico do dia de hoje; "pôr-do-sol" seria, naquela frase, um acontecimento genérico.

Provavelmente estou a inventar demais. :)

22 de fevereiro de 2015 às 00:21

Amigos, à princípio, acredito que na questão do emprego do hífen, deveria não existir em hipótese alguma. Já no que se refere aos porquês, resume -se assim:

- porque = explicação;
- por que = causa, motivo ou pergunta no começo de frase;
- porquê = depois de artigo;
- por quê =pergunta no final de frase.

21 de abril de 2015 às 05:17

Por gentileza, se o plural de "pôr do sol" é pores do sol, como é o plural de "nascer do sol". Grato.

10 de dezembro de 2015 às 08:11

Caro Eduardo, tanto quanto sei e pude apurar, "nascer do sol" não é um termo composto (como pôr do sol). Em todo o caso, "nascer" está atestado como nome, pelo que o seu plural será (os) nasceres - do Sol, neste caso. Cumprimentos.

10 de dezembro de 2015 às 11:04

Eu sempre usava por-do-sol. Agora já não sei mais. Confundiram tudo. Se há exceções consagradas pelo uso, por que não "por-do-sol"?

Complicaram muito. Vou escrever sem hífen, atendendo à regra nova, embora não concorde, pois, no meu entendimento, "por-do-sol" é uma expressão consagrada.

Se alguém tem uma visão melhor, peço a gentileza de informar.

23 de março de 2016 às 16:09

Exatamente, muito bem colocado.

Beijos na alma e noite de paz.

24 de março de 2016 às 01:54

O professor Marcelo pôs o desacordo no baú.

Felizmente.

20 de julho de 2016 às 20:53

a regra ficou ambígua, pois nenhuma deve ter hífen, mas as consagradas sim. RS qual não seria? a locução pôr-do-sol é mais do que consagrada para mim. entendi a explicação da Delcinda, mas tá difícil de usar. pela regra, vale tudo.

15 de agosto de 2016 às 00:59

Apetece-me brincar com estas minúcias que a idiotice do novo acordo proporciona, fazendo-nos perder tempo precioso para, por exemplo, olharmos a eterna beleza do pôr-do-sol. Lembram-se? O Petit Prince confessa: "Un jour, j'ai vu le soleil se coucher quarante-trois fois!" E era com a "douceur des couchers de soleil" que ele curava a sua "petite vie mélancolique". Lembremo-nos também que Virgílio Ferreira declarou que nunca escreveria

com as regras (?) do novo acordo e Vasco Graça Moura idem. E tantos outros. Isto era fácil, mas não se fez: os professores em bloco negavam-se a ensinar estes desconchavos.

20 de novembro de 2016 às 08:11

- ✓ **Assunto: Verbo haver**

Oioi, parabéns pelo blog! Andei pesquisando, pois queria dar uma melhorada no meu português, além de me atualizar no acordo ortográfico. Queria saber se você recomenda algum livro.

27 de março de 2011 às 22:14

Não é nada nada confusa. É clara sobre o mau uso corrente de "há" por "havia" e deixa uma bóia atrás para quem nisso se afoga.

Cumpts.

6 de abril de 2011 às 18:05

À Lígia, se procura melhorar o português, melhor é fugir de construções como dar uma melhorada. E já agora fuja do próprio acordo (orto)gráfico para não agravar ainda mais.

Cumpts.

6 de abril de 2011 às 18:10

Parabéns!

Tirei muitas dúvidas!

11 de novembro de 2011 às 00:39

Alguém me podia dizer uma frase com a expressão 'há não'?

Não pode haver nenhuma vírgula entre as palavras, e têm se ser utilizadas as duas juntas numa frase coerente...

Obrigada.

7 de dezembro de 2011 às 20:22

Serve sim, muito obrigada.

8 de dezembro de 2011 às 14:41

É das melhores distinções que ainda li sobre o emprego do verbo «haver». Absolutamente correcta.

- Montexto

24 de fevereiro de 2012 às 14:24

Muito bom! Parabéns!

Estou usando esse seu "post" para exemplificar para outras pessoas que escrevem isso de forma errada...

Abraços!

6 de setembro de 2013 às 13:29

Entao na musica de Raul Seixas:

"Eu nasci, ha 10.000 anos atras"

Podemos dizer que atras tbm foi desnecessario, certo?

Adorei!!!

15 de dezembro de 2013 às 13:43

Oi autoras!!!

Gostei muito do post, mas continuo com uma dúvida. Observo em muitos textos, que a expressão "Alguns anos atrás" tem aparecido como alternativa ao uso do "Há (tempo)".

Eu também até já usei esse artifício, mas me julgaram como erro. Eu entendo que não é e expliquei meus motivos. Mas penso: será mesmo um erro? Será que é um vício de linguagem, uma importação da expressão inglesa: "Long time ago"?

Obrigada,

12 de junho de 2014 às 15:45

Obrigada!!! Fiquei mais tranquila em usá-la depois da explicação.

13 de junho de 2014 às 19:29

Muito bom...Venham mais esclarecimentos por favor!

18 de agosto de 2015 às 15:38

Texto pedante, professoril, auto-referente. Vanguarda do retrocesso.

3 de outubro de 2015 às 01:55

- ✓ **Assunto: contra ou a favor do acordo ortográfico**

Não posso concordar com o ponto 6 a favor do A.O. Isso parece saído da boca do Sócrates (o ex-PM)!
Se há dificuldades na grafia, então tem de se investir mais no estudo dos alunos nesse campo. Facilitar raramente dá bons resultados.
22 de junho de 2011 às 15:20

"Como a ortografia vai ficar muito semelhante à forma como falamos, os nossos alunos vão dar muito menos erros."
22 de junho de 2011 às 20:18

O meu comentário é que antieconómico se escreve sem hífen tanto antes quanto depois do Acordo.
23 de junho de 2011 às 00:38

Em relação ao critério fonético, já se escreveu "çapato" (e "pharmácia") e hoje em dia ninguém questiona essas alterações.
25 de junho de 2011 às 03:43

Em relação ao critério fonético também já se escreveu "çapato" e hoje em dia ninguém questiona a "nova" grafia.
25 de junho de 2011 às 03:45

E o concerto num "placard" de um sapateiro?
E o "á" mto tempo? Escrito por mtos, até educadores prof?
E os fins- de-semanas?
E o por causa que?
E o Hífen? Que tem que ser traduzido como "tracinho" na n/ TV?
E o circunflexo q é um chapéu?
E... e...
Mto + que os ditos drs dizem sem saber como o dizer.
A aderência do público foi mta. Só a super cola 3. :-)

Custa-ma aderir ao novo AO. E vai ser difícil. Mas, antes disto e agora, já há, não "hádem" muitos erros que os estudantes nunca vão corrigir, porque nunca vão ser corrigidos.
16 de dezembro de 2012 às 02:24

Olá,

Para me apresentar corretamente, eu sou o Sr. BRUSAVANTER credor privado i
dar empréstimo a taxa de juros de 3%. Esta é uma oportunidade financeira à sua porta passo, aplicar hoje e ganhe o seu empréstimo rápido. Há muitos por lá à procura de oportunidade financeira ou de assistência em todo o lugares e ainda ainda são incapazes de obter um. Mas esta é uma oportunidade financeira à sua porta passo e, como tal, você não pode pagar perder esta oportunidade. Este serviço é tornar a ambos indivíduos, empresas, homens e mulheres de negócios. O montante do empréstimo faixas disponíveis a partir de qualquer quantidade de sua escolha Para mais informações entre em contato conosco através do email:
22 de junho de 2013 às 17:21

O argumento 5 a favor do AO é completamente imbecil ! "O A.O. tem contribuído amplamente para a criação e o aperfeiçoamento de uma série de recursos fundamentais da língua portuguesa que até agora eram inexistentes." Recursos fundamentais ? Quais ? Parece linguagem de político, que fala, fala e não diz nada !
4 de novembro de 2013 às 22:05

"Unificação" da escrita??? Mas ainda não repararam que o AO veio criar uma séria de novas diferenças, duplas grafias e as incríveis "facultatividades", que fazem que praticamente deixe de haver uma norma ortográfica. É a lei do "vale tudo", das confusões, e mais desunificação que unificação. Este AO só foi útil

para dar lucros chorudos a algumas editoras e a quem a elas estiver ligado. Vantagens para o público = 0.

8 de dezembro de 2014 às 18:56

- ✓ **Assunto: "Deixá-los falá-los, que eles calalão-se hão-se!!"**

Eles os dão à biblioteca.

b) Fi-las ontem.

c) A professora as quer a azul.

d) A minha avó lha faz todos os dias.

e) Come-la tão depressa, que nem a aprecias!

f) O chefe de mesa lho aconselhou.

g) Devolve-lhas já!

h) Recomendei-lhos.

i) Daria-lhas, se comessem a sopa.

j) Obrigada por os teres trazido.

l) É melhor a deixares sossegada.

m) Trá-la lá!

13 de maio de 2010 às 05:10

a) Eles dão-nos à biblioteca.

b) Fi-las ontem.

c) A professora quere-as a azul.

d) A minha avó faz-lha todos os dias.

e) Come-la tão depressa, que nem a aprecias!

f) O chefe de mesa aconselhou-lho.

g) Devolve-lhas já!

h) Recomendei-lho.

i) Dar-lha-ia se comessem a sopa.

j) Obrigada por os teres trazido.

l) É melhor deixare-la sossegada.

m) Trá-la/Traze-a lá!

13 de maio de 2010 às 14:52

a) dá-los-ão

b) fi-las

c) quere-las

d) fá-la

e) come-la

f) aconselhou-lhe-o

g) devolve-lhe-las

h) recomendei-lhes-lo

i) dar-vos-ia

j) tê-los trazido

l) deixá-la (?)

m) trá-la

16 de julho de 2010 às 18:03

a)dão-os

b)fi-las

c)quer-las

d)faz-lha

e)come-la

f)aconselhou-lho

g)devolve-lhas

h)recomendei-lho

i)dar-vo-la-ia

j)trazer-los

l)deixar-la

m)trá-la

8 de dezembro de 2010 às 05:52

Posso dizer que não sei utilizar corretamente a colocação pronominal no futuro do indicativo e do condicional.

Reflita: quantos brasileiros adotam a norma culta? Quantos se quer a conhecem?

Anotei algumas palavras, entre elas "dir-vo-lo-ão" porque, sinceramente, nunca a li/ ouvi em lugar algum. O que é vergonhoso para alguém que ama a língua portuguesa.

26 de abril de 2011 às 20:25

Vergonhoso por quê? Você mesma disse que desconhece essas formas, isso só pode ser porque não se utilizam. Tens vergonha de não utilizar ou desconhecer o latim? A língua é viva, portanto, algumas formas devem cair em desuso sim.

21 de fevereiro de 2013 às 05:06

Usando como exemplo o verbo 'cortar':

'Eles cortá-lo-ão'

"Eles irão cortá-lo'

A segunda forma também está correcta.?

25 de novembro de 2013 às 02:03

Muito obrigado S.Leite.

Adoro o vosso blog! Realmente a língua portuguesa a sua complexa gramática são verdadeiros desafios.

Em relação ao 1º exemplo 'dir-vo-lo-ão'. se o 'a vocês' fosse substituido pelo 'a ti' como ficaria esta conjugação?

26 de novembro de 2013 às 00:11

Na norma culta das variantes europeia e brasileira da língua portuguesa, "vos" não retoma "vocês", mas apenas "vós": em ambas, portanto, a resposta correta à letra "i" seria "dar-lho-ia", não "dar-vo-lo-ia".

É claro que, ao menos no Brasil, isso só vale para a escrita, pois os brasileiros diriam, independentemente do nível de escolaridade, "eu daria ela [a guloseima] pra vocês", ou, dependendo da região e do nível sociocultural, "eu daria ela pr'ocês" ou "eu daria ela pra ti".

No último exemplo, "ti" poderia, dependendo também da região, associar-se a "você", exatamente da mesma forma que, em Portugal, "vos" se relaciona a "vocês".

Os gramáticos brasileiros tradicionalistas vivem corrigindo os alunos quando dizem algo como "VOCÊ leu o livro que eu TE dei?", mas poucos, se é que algum, lembram que se poderia dizer, em Portugal,"VOCÊS leram o livro que VOS dei?", sem que quase ninguém acusasse o erro.

A propósito, causa-me certo espanto que o AO seja visto, em Portugal, como uma imposição das editoras brasileiras, porque, como o exemplo supracitado demonstra, a variante

europeia é tida pelos tradicionalistas como norma padrão, mujo embora nenhum dos 200 milhões de brasileiros a use ao falar ou ao escrever, independentemente do nível educacional; eu mesmo não consigo iniciar uma frase escrita com pronome oblíquo, porque estudei por gramáticas ortodoxas, que tomam por referência autores portugueses e brasileiros do século XIX, embora jamais me ocorresse dizer "Dê-me um café" em vez de "Me dá um café".

18 de janeiro de 2014 às 02:31

- ✓ **Assunto "Pode haver mais casos" ou "podem haver mais casos"?**

Pode haver mais casos.

5 de novembro de 2010 às 13:22

pode haver?
5 de novembro de 2010 às 19:35

"Pode haver mais casos" :)
5 de novembro de 2010 às 21:43

"Pode haver mais casos" :)
5 de novembro de 2010 às 21:44

"Pode haver mais casos" :)
5 de novembro de 2010 às 21:44

podem haver d1
7 de novembro de 2010 às 17:35

Pode haver mais casos.
7 de novembro de 2010 às 23:38

Pode haver mais casos.

Na locução verbal, a conjugação do verbo auxiliar deve obedecer a forma de conjugação do verbo principal. Como verbo haver é impessoal, nessa locução o verbo poder assume essa impessoalidade.

Diferentemente, seria:

"Podem arquivar os casos".

9 de novembro de 2010 às 14:17

pode haver mias casos. Tem que ver com o verbo haver, que está como auxiliar, logo o principal não se conjuga. digo eu, não sei, mas a professora vai esclarecer com certeza :)

13 de novembro de 2010 às 02:53

pode haver mais casos

21 de novembro de 2010 às 12:23

- ✓ **Assunto: Vale a pena ou vale à pena?**

  "Língua portuguesa no dia a dia" está errado!
  O correto seria "Língua portuguesa no dia-a-dia"!
  Com hífen, pois neste caso é NO dia-a-dia e não dia a dia!
  20 de maio de 2011 12:29

  Colega, pelas novas regras gramaticais, agora o hífen nessa palavra é desnecessário, assim como cana de açúcar, porquinho da índia...
  7 de junho de 2011 11:12

  Esse link pode lhe ajudar http://educacao.uol.com.br/portugues/reforma-ortografica/2009/01/30/hifen-palavras-compostas.jhtm procure o ítem LOCUÇÕES e veja como é bom querer tirar onda falando das coisas que não sabe HAHAHA!
  7 de junho de 2011 11:20

  kkkkkkkkkkkkk
  9 de janeiro de 2012 23:12

Muito obrigado por essa explicação, Telma. Me tirou uma dúvida de eras!!!
18 de janeiro de 2012 17:39

dudaplay, desnecessário em "agora o hífen nessa palavra é desnecessário" está errado porque "desnecessário" significa que pode mas não precisa.
E reveja as tuas regras para "porquinho-da-índia"! Corrigiu a mulher errando duas vezes.
28 de outubro de 2012 14:29

Dudaplay gosta de corrigir os outros e erra duas vezes ao responder. Desnecessário significa que pode mas não precisa, logo errou já que dia a dia não tem mais hífen e pronto. E porquinho-da-índia continua com hífen. hahaha, kkkk, rsrsrsrs. Ridículo.
28 de outubro de 2012 14:32
A Língua Portuguesa é fascinante porque complexa. Por isso, é sempre arriscado corrigir o outro. Sempre podemos incorrer em novos erros. Aqui todos estão corrigindo os outros e errando também. É divertido, porque prova o quanto é complexa nossa esplendorosa e bela sepultura. O ideal é construir - como vejo que é o que pretende este blog - ajudar, trocar. Não corrigir, mas perguntar, pesquisar, apontar.
17 de novembro de 2012 18:12

Mais fascinante ainda é o fato de eu entrar neste blog por acaso e me esbarrar com um comentário da Marisa Telo... rs!
29 de novembro de 2012 23:19

Será que um simples mortal também poderia participar... Uma discussão aberta de alto nível...
Marisa Telo
João Paulo Hergesel
3 de janeiro de 2013 21:18

Cara, esta discussão está profundamente fecunda. Ainda bem que não sei escrever o português!
7 de janeiro de 2013 13:34

Amo seu blog,e sempre venho aqui tirar minhas dúvidas pois ele é um blog que VALE A PENA!
Bjus
http://blogluminoso.blogspot.com.br/
21 de junho de 2013 10:39

Relativa a explicação. Ela faz sentido se "a pena valer" ou se a "pena vale". Contudo, por ser uma expressão provavelmente antiga, pode se referir ao ato de registrar algo notável com uma pena. Assim, vale à pena. E agora?
28 de setembro de 2013 18:47

Meus caros, dei uma surfada na rede e encontrei esse post num blog, que assim como esse, é muito bom. Olhem só o que diz lá: "Deixei uma mensagem mais cedo no meu twitter perguntando se o seriado THE BIG BANG THEORY valia a pena. Daí, parei pra refletir em qual a origem da expressão "vale a pena", adoro saber essas coisas. Bom, uma das versões eu conhecia da revista Aventuras na História que leio desde seu lançamento e diz:

"Pena" vem do grego poiné, como era chamado o dinheiro dado por um matador aos parentes de sua vítima – um tipo de indenização da época. Na mitologia grega, Poiné era ainda a deusa responsável por impor o castigo, ou seja, a pena. Alguns historiadores usam "poinas", assim mesmo, no plural, para descrever os espíritos que se vingavam de quem matasse pessoas. O equivalente em latim, poena, virou sinônimo de dor, sofrimento e tipos de punição aplicados por juizados civis. O termo originou dezenas de palavras em diferentes idiomas. Antigamente, na França, usava-se a expressão para se referir a alguém bem remunerado – fulano valia o trabalho, o sacrifício. Ou seja, valia a pena.

Outra vem da mitologia egípcia e é mais a minha cara…hehe.

Segundo O Livro dos Mortos, uma vez preparado o cadáver e depositado no sarcófago, fazia-se uma procissão rumo ao túmulo e chegando lá o sacerdote realizava o ritual de abrir a boca da múmia, para que ela (múmia) voltasse à vida. Todo o material funerário, juntamente com o sarcófago e as oferendas, era depositado no túmulo, que, a seguir, era selado para que nada perturbasse o eterno repouso do defunto. Assim, o morto iniciava um longo percurso pelo mundo Além-Túmulo.

Anúbis, levava-o perante Osíris, o qual juntamente com outros deuses, realizava a chamada psicostasia, em que o coração do defunto era pesado. Se as más ações fossem mais pesadas que uma pena de avestruz, o morto iria para o Inferno Egípcio. Se passasse satisfatoriamente por essa prova, podia percorrer o mundo subterrâneo, cheio de perigos, até o paraíso (Campos de Iaru).

Assim, sua vida tinha que ser vivida de forma a valer a pena na hora do jugamento final."

Fonte:http://www.meunomenaoekerol.com/2009/10/como-surgiu-a-expressao-vale-a-pena/

24 de outubro de 2013 00:26

Muito interessante a história, Bia Nogueira!

Obrigada por compartilhar aqui :)

O Dicionário Etimológico do Antônio G. da Cunha (Ed. Lexikon) explica que a palavra "pena", com o sentido de castigo, punição, sofrimento, vem do latim poena -ae, que por sua vez veio do grego póinē.

Entendo que o sentido seja o de valer o sacrifício, pois foi com esse significado que a palavra entrou no português e que a expressão "valer a pena" passou a ser usada.

Ainda que considerássemos a pena como o instrumento antigo usado para escrever, seria possível dizer "escrever à pena", "escrevi à pena", mas o verbo "valer" não faria muito sentido nesse contexto, não é?

Um vale (de quê?) escrito à pena é possível de se imaginar, mas ele não seria chamado de "vale à pena", seria um vale de alguma coisa (e não de como foi escrito).

Até vale a pena imaginar situações mirabolantes como essa, para se divertir um pouco... rs.
19 de janeiro de 2014 20:19

Lembrete: As pessoas valem a pena pelo seu caráter, não por ter conhecimento em gramática!
18 de abril de 2014 23:28

Eu só tenho uma dúvida com relação a explicação de "vale a pena", eu aprendi que o uso da crase em locuções femininas se deve apenas para diferenciar tais expressões, exemplo:
"Paguei a vista." Sem crase pode ficar entendido que me sentei à mesa do restaurante, onde existia uma bela vista do Cristo e paguei pela vista que foi oferecida. Quando eu "pago à vista" o contexto já muda, trata-se da forma como eu paguei, ok? Então se eu falar assim: Sei o quanto vale a pena, na verdade ela custa R$2,00. Olha o que gerei quando retirei a crase dessa expressão, eu acho que mudei totalmente o sentido, não? Acho que a sua explicação para "vale a pena" e "vale à pena" está bem estranha... Leia o livro "Crase + fácil" das autoras Margarida Ottoni e Norma C. Brault e você perceberá que o caso de crase em locuções não têm nada a ver com a regência dos verbos.
27 de agosto de 2015 10:55